



Universidade de Brasília- UnB

Faculdade de Ceilândia

Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde

Ana Carolina Oliveira Costa

**Putas mulheres: Compartilhando saberes, construindo o cuidado**

Ceilândia- DF

2018

Ana Carolina Oliveira Costa

**Putas mulheres: Compartilhando saberes, construindo o cuidado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Mestre em Ciências e Tecnologias da Saúde. **Área de concentração:** Promoção, prevenção e intervenção em saúde. **Linha de pesquisa:** Ciências Sociais e Saúde Coletiva.

**Orientadora:** Profa. Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães

Ceilândia- DF

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Op Oliveira Costa , Ana Carolina  
Putas Mulheres: compartilhando saberes e construindo o  
cuidado / Ana Carolina Oliveira Costa ; orientador Sílvia  
Maria Ferreira Guimarães. -- Brasília, 2018.  
217 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciências e  
Tecnologias em Saúde) -- Universidade de Brasília, 2018.

1. Saúde. 2. Prostituição. 3. Cuidado de si. 4. Cuidado  
em rede. 5. Profissionais do sexo. I. Ferreira Guimarães,  
Sílvia Maria , orient. II. Título.

Ana Carolina Oliveira Costa

**Putas mulheres: Compartilhando saberes, construindo o cuidado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Mestre em Ciências e Tecnologias da Saúde.

15 de junho de 2018

---

**Orientadora:** Profa. Dra. Sílvia Maria F. Guimarães- PPGCTS FCE-UnB

---

**Examinadora:** Profa. Dra. Elisiane Pasini

---

**Examinadora:** Profa. Dra. Ximena Pamela Diaz Bermúdez- DSC-UnB

---

**Suplente:** Profa. Dra. Érica Quinágua Silva- PPGCTS FCE- UnB

## DEDICATÓRIA

À todas aquelas que me agraciaram com ensinamentos e histórias de vida no processo desta pesquisa.

Em especial, à Íris, Hortênsia, Amarílis, Juma, Rosa, Lis, Jasmim, Dália, Maria Padilha, Violeta e Camélia. A elas, todo o meu apreço e admiração.

## AGRADECIMENTOS

É sempre muito nostálgico quando chegamos aos agradecimentos de um trabalho. Aqui, refazemos todo o caminho trilhado. As dificuldades, momentos de alegria, sorrisos e emoções. Aqui lembramos também o quão árduo foi esse caminho. E, no meu caso, a trajetória foi um misto de sorrisos e choros. Lembro-me das inúmeras tentativas de me conectar às participantes da pesquisa, dos vários “nãos”, daqueles dias em que a conversa não fluía. Lembro-me também dos medos que sentia quando estava em campo. Ali não existia orientadora, não existiam amigos, familiares ou livros para me auxiliar. Eu estava sozinha, com meus pensamentos e incertezas, esperando ansiosamente pela chegada do ônibus e torcendo para que aquelas vivências não se perdessem em minha memória antes que eu pudesse registrá-las. O ônibus chegou, caderno na mão. Agora era o momento de escrever. Eu tentava repassar àquelas folhas amarelas um pouco daquilo que tinha apreendido. Mas eram tantas coisas! Aquilo me afetava tanto!

Nestes momentos, eu sabia que teria de encontrar o caminho próprio. A minha maneira de estar no mundo como estudante, como pesquisadora e, sobretudo, como alguém que queria fazer algo que afetasse positivamente a realidade das pessoas.

Este foi um período de amadurecimento, tanto enquanto pessoa quanto como pesquisadora. Por muitos momentos eu me perguntei se estava realmente sendo uma acadêmica, pois o envolvimento com o campo era tão grande que aquilo me causava certa estranheza. Levava-me a questionamentos se o que eu estava fazendo era de fato uma pesquisa. Poderia eu estar tão presente? E a qualidades dos dados? Será que eu estava fazendo tudo corretamente? Eram muitas perguntas que me movimentavam e davam o tom daquilo que prometia ser um longo processo.

Eu estava certa, foi mesmo um longo processo. Nele, encontrei figuras que foram de suma importância para o meu aprendizado e que se apresentaram como suporte para os momentos abstratos que vivenciei durante estes meses. Naqueles momentos em que eu não entendia nada, em que eu achava que tudo que tinha construído havia se perdido, lá estava ele: Júlio. Ele foi aquela figura fundamental para a manutenção da minha saúde mental. De maneira objetiva, mostrava-me o quanto a vida poderia ser tocada com leveza. Repetia, repetia e repetia até cansar que eu daria conta e que este seria o melhor trabalho daquela faculdade! Palavras certeiras para quem, às vezes, sentia-se desanimada e descrente com a própria produção. Melina também ocupou um papel especial neste processo. Um dos presentes que ganhei com o

mestrado. Com ela dividi o espaço da sala de aula, as mensagens da madrugada, os desabafos, dificuldades e, sobretudo, muito afeto.

Agradeço imensamente à minha família que suportou por tantas semanas a minha ausência, mesmo quando em “corpo presente”. Ao meu pai agradeço por sempre me incentivar a estudar. Ele dizia: “E aí minha filha, quando é que vai terminar aquele negócio lá? Tem que terminar, hein!”, ainda quando eu estava nos primeiros meses do primeiro semestre. Ele, com as poucas palavras mostrava-me a importância de seguir sempre em frente e de terminar o que eu havia começado. Já minha mãe, pedia enfaticamente para eu desacelerar, me fazendo lembrar que, além do estudo, também tinha de vivenciar e experienciar a vida. Estas palavras me faziam repensar que não poderia abraçar o mundo e que precisava, de alguma maneira, colocar em prática o “cuidado de si”.

Ao longo do caminho foram muitas as pessoas que facilitaram a jornada de um mestrado. Agradeço ao Marcos Valarini pela disponibilidade em ajudar, por todos os jantares e cervejas oferecidos e por ter sido o ponta pé inicial na concretização desta pesquisa. Ainda nos primeiros meses de trabalho entrei em contato com o GENPOSS, na UnB. Este grupo de pesquisa apresentou-me reflexões e pessoas importantes ao longo deste período. Agradeço especialmente à professora Marlene, por ter acolhido uma estudante a qual nem conhecia e por ter compartilhado referências bibliográficas, experiências e saberes sobre o universo do trabalho sexual.

Agradeço especialmente ao grande Daniel, por ter presenteado este trabalho com a sua arte. Os seus desenhos ofereceram uma outra forma de acessar o conhecimento.

Agradeço ainda à Sílvia Guimarães por ter me apoiado nos momentos de ansiedade e por ter acreditado em minha proposta. Obrigada por ter respondido perguntas acadêmicas que enviava pelo celular, mesmo em horários não-comerciais. Por ter sido tão acolhedora quando conversávamos e, é claro, por sempre enfatizar o potencial que tinha.

Agradeço à Íris por ter me acolhido com tanta disponibilidade em sua casa, compartilhado comigo um pouco de sua intimidade e por ter apoiado meu trabalho. Agradeço também à Juma, por todas as conversas e ensinamentos ao longo deste processo.

Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.  
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

*A flor e a Náusea- Carlos Drummond de Andrade*



## SUMÁRIO

1. Esboçando o caminho: notas iniciais .....	15
2. Por entre campos e afetos: A etnografia como possibilidade.....	23
2.1. <i>O começo de um caminhar: desafios e escolhas de pesquisa</i> .....	28
2.2. <i>Circulando por entre dois cenários</i> .....	36
2.2.1. Os primeiros passos: Núcleo Planaltina .....	38
2.2.2. Observando outros discursos: Núcleo Asa Norte .....	48
2.3. <i>“Esses caras prometem o mundo”</i> : percebendo os clientes .....	55
2.4. <i>“Mãe, filha, avó e puta”</i> : percebendo as mulheres .....	63
3. Em meio a histórias e afagos: As mãos que construíram este trabalho .....	72
3.1. <i>Juma (núcleo Asa Norte)</i> .....	74
3.2. <i>Violeta (núcleo Planaltina)</i> .....	78
3.3. <i>Rosa (núcleo Planaltina)</i> .....	80
3.4. <i>Lis (núcleo Planaltina)</i> .....	83
3.5. <i>Jasmim (núcleo Asa Norte)</i> .....	86
3.6. <i>Dália (núcleo Asa Norte)</i> .....	88
3.7. <i>Hortênsia (núcleo Planaltina)</i> .....	91
3.8. <i>Iris (núcleo Planaltina)</i> .....	94
3.9. <i>Amarílis (núcleo Planaltina)</i> .....	95
3.10. <i>Camélia (reduzora de danos)</i> .....	97
4. (Des) Construindo Ideias: pensando a prostituição e a saúde.....	101
4.1. <i>Adentrando o universo da prostituição</i> .....	101
4.2. <i>Refletindo um pouco mais sobre aspectos históricos</i> .....	109
4.3. <i>Existe agência na prostituição?</i> .....	116
4.4. <i>Aí foi um rebu. A prostituta falou: As movimentações políticas. O ser político</i> ...	123
4.4.1. As vozes brasileiras.....	124
4.5. <i>Caminhando por entre o cuidado e a saúde</i> .....	129
5. “Quero entrar um pouco nessa saúde”: dimensões do processo saúde – adoecimento.....	132
5.1. <i>Os terrenos que possibilitam ressignificar saúde, adoecimento e cuidado</i> .....	135
5.2. <i>“Não adianta, a pessoa já te olha com outros olhos”</i> : a violência e sua relação com a saúde.. ..	154
6. Protagonizando e socializando o cuidado.....	166

7. Considerações finais.....	179
9. Referências Bibliográficas .....	182
10. Anexos.....	190
10.1. Anexo A- Manuscrito submetido à revista <i>Ciência e Saúde Coletiva</i> .....	190
10.2. Anexo B – Normas de publicação da revista.....	210
10.2.1. A revista.....	210
10.2.2. Seções da revista .....	210
10.2.3. Recomendações para apresentação de manuscritos.....	211
10.3. Anexo C – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa .....	213



**Figura 1-** "O divã" (antessala do bordel) Toulouse-Lautrec, 1893

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> "O divã" (antessala do bordel) Toulouse-Lautrec, 1893 .....	9
<b>Figura 2-</b> "Salon de la Rue des Moulins" - Toulouse-Lautrec, 1894 .....	22
<b>Figura 3-</b> "Baile no Moulin Rouge" - Henri de Toulouse-Lautrec.....	27
<b>Figura 4-</b> "O conselho e o afeto"- Daniel Passos, 2018. ....	47
<b>Figura 5-</b> "A W3 Norte" - Daniel Passos, 2018.....	54
<b>Figura 6-</b> "Mulheres na entrada". Passos, 2018. ....	64
<b>Figura 7-</b> "As senhoritas de Avignon" - Pablo Picasso. ....	99
<b>Figura 8-</b> "L' Inspection médicale" Toulouse-Lautrec, 1894. ....	115
<b>Figura 9-</b> "Muriel". Laerte Coutinho, 2016 .....	122
<b>Figura 10-</b> "Vozes brasileiras". Passos, 2018.....	127

## **LISTA DE ANEXOS**

<b>Anexo A-</b> Manuscrito submetido à revista Ciência e Saúde Coletiva .....	191
<b>Anexo B-</b> Normas de publicação da revista. ....	211
<b>Anexo C-</b> Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa .....	214

## LISTA DE SIGLAS

<b>AA</b>	Alcoólico Anônimos
<b>B. O</b>	Boletim de Ocorrência
<b>CAAE</b>	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
<b>CTA</b>	Centros de Testagens e Aconselhamento
<b>CAPS</b>	Centros de Atenção Psicossocial
<b>CREAS</b>	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
<b>CRAS</b>	Centro de referência de assistência social
<b>CUTS</b>	Central Única de Trabalhadoras Sexuais
<b>DF</b>	Distrito Federal
<b>FCE</b>	Faculdade de Ceilândia
<b>GENPOSS</b>	Gênero, Política Social e Serviços Sociais
<b>IST</b>	Infecções Sexualmente Transmissíveis
<b>IT</b>	Itinerários Terapêuticos
<b>LGBT</b>	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais.
<b>NA</b>	Narcóticos Anônimos
<b>OMS</b>	Organização Mundial de Saúde
<b>ONG</b>	Organização Não Governamental
<b>ONU</b>	Organização das nações Unidas
<b>PRD</b>	Programa de Redução de Danos
<b>RBP</b>	Rede Brasileira de Prostitutas
<b>RD</b>	Redução de Danos
<b>SUS</b>	Sistema Único de Saúde
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília

## RESUMO

O debate sobre a prostituição é complexo e traz consigo diversas concepções construídas pela sociedade. Deste modo, cada grupo social tem uma forma própria de olhar para este fenômeno, podendo ancorar-se em fundamentos religiosos, médicos, éticos, jurídicos e de gênero, os quais conferem maneiras subjetivas, oscilantes e conflitantes de compreensão. Por atravessar o campo da moralidade, o trato com a temática gera tensões e visões dicotômicas. Entretanto, qualquer pretensão de radicalização da discussão correrá o risco de não captar as singularidades das situações de vida dos sujeitos que estão inseridos no trabalho sexual. Indo além deste radicalismo, que muitas vezes tem a prostituta ou como total vítima ou como ser subversivo, busco compreender o protagonismo das mulheres que exercem esta atividade, como agenciam o cuidado de si, como entendem os conceitos de saúde, adoecimento e cuidado e, sobretudo, os desafios vivenciados no acesso aos serviços de saúde. Por meio de um estudo etnográfico observei dois cenários de prostituição no Distrito Federal, localizados na Asa Norte e Planaltina, onde entrevistei dez mulheres. Estas mulheres, em seus contextos por vezes de precariedade e abandono, se reinventaram e desenvolveram estratégias de cuidado, com destaque para a espiritualidade e o engajamento político. Notavelmente eram mulheres dotadas de voz, de agência e cotidianamente resistiam, ressignificavam e muitas vezes positivavam suas experiências no trabalho sexual. A reflexão detalhada acerca do contexto social e a escuta sensível daquelas que estão no trabalho sexual é necessária para a compreensão do pano de fundo das situações vivenciadas pelas prostitutas no que diz respeito à sua saúde e vislumbrar políticas públicas mais adequadas. Formas de intervenção devem transcender às abordagens exclusivamente biomédicas numa direção a ações baseadas na promoção de direitos sociais.

**Palavras chaves:** saúde, prostituição, cuidado de si, cuidado em rede, profissionais do sexo.

## ABSTRACT

The debate on prostitution is complex and brings with it diverse conceptions built by society. In this way, each social group has its own way of looking at this phenomenon, and can be anchored in religious, medical, ethical, legal and gender foundations, which give subjective, oscillating and conflicting ways of understanding. By going through the field of morality, dealing with the thematic generates tensions and dichotomous visions. However, any pretension of radicalization of the discussion will run the risk of not grasping the singularities of the life situations of the subjects that are inserted in the sex work. Going beyond this radicalism, which often has the prostitute either as a total victim or as a subversive, I try to understand the protagonism of women who carry out this activity, how they care for themselves, understand the concepts of health, illness and care and, above all, the challenges faced in access to health services. Through an ethnographic study I observed two scenarios of prostitution in the Federal District, located in Asa Norte and Planaltina, where I interviewed ten women. These women, in their sometimes precarious and neglected contexts, reinvented themselves and developed care strategies, with emphasis on spirituality and political engagement. Notably they were women with voice, agency and daily resisted, resigned and often positivized their experiences in sex work. The detailed reflection on the social context and the sensitive listening of those who are in the sexual work is necessary for the understanding of the background of the situations experienced by the prostitutes regarding their health and to envisage more appropriate public policies. Forms of intervention must transcend exclusively biomedical approaches towards actions based on the promotion of social rights.

**Key words:** health, prostitution, self-care, network care, sex workers.

## 1. Esboçando o caminho: notas iniciais

“Caminhante, não há caminho  
Se faz caminho ao caminhar

*Antônio Machado.*

Esta dissertação de mestrado é resultado de um caminho trilhado por mim não só em dois anos de pós-graduação, mas em toda minha história acadêmica e profissional. Digo isso porque esta trajetória foi e ainda é marcada pela constante tentativa de reflexão e apreensão do “outro”, aquele que por vezes é visto como “refugio” e por tantas outras é privado dos mais básicos direitos. Mas que se reinventa, resiste e cria as mais diversas estratégias para ser-no-mundo. Este trabalho fala destas pessoas que mesmo na adversidade se fazem protagonistas. Mas, fala de mim também, pois foi impossível não trazer, em pouco mais de duzentas páginas de dissertação, elementos de cunho pessoal.

Estudei Terapia Ocupacional na Universidade de Brasília- Faculdade de Ceilândia (UnB-FCE) e acredito que as reflexões sobre interesses e caminhos que hoje me movimentam, tanto profissionalmente quanto pessoalmente, tenham sido construídos e moldados nesse período. A saúde mental e a área social foram campos que chamaram minha atenção logo no início da formação e que me acompanharam ao longo de cinco anos na Universidade. Ainda na graduação, me aproximei do Programa de Redução de Danos (PRD) com a proposta de escrever meu trabalho de conclusão de curso. Na ocasião, a investigação procurou compreender a Redução de Danos no olhar do usuário de droga que estava em situação de rua. O envolvimento com a pesquisa foi tanto que me tornei uma Redutora de Danos e comecei a trabalhar neste mesmo Programa. Nele, caminhei durante quase dois anos e experimentei o contato com os mais diversos sujeitos, inclusive com as prostitutas. Todas as semanas, repetia os mesmos trajetos e conversava com as pessoas que ali estavam; percurso de certa forma semelhante ao realizado nesta pesquisa. Esta experiência serviu como preparação para minha vivência como pesquisadora inserida no mestrado, que veio a ocorrer três anos depois. As práticas se interconectaram e subsidiaram os decursos atuais em campo, preparando-me para os desafios que pudessem chegar. Tais desafios chegaram, e não foram poucos! Desta maneira, a passos lentos e com reflexões agitadas, segui com a construção desta investigação.

Pensando nisto, o pequeno trecho da poesia de Antônio Machado, que iniciou esta conversa, reflete bem a arte deste caminhar. É no mover-se que as possibilidades de construção



dessa pesquisa se criaram. Não existiram roteiros prontos e muito menos atalhos, principalmente para aquela que começava, mesmo que timidamente, adentrar novos percursos. O “fazer campo” refletia também um pouco sobre o trecho da poesia de Machado. Não havia um ensinamento concreto de como começar ou terminar este decurso. Bonetti e Fleischer (p. 20) traduziram o meu sentimento quando escreveram:

Lembro dos ensinamentos de um professor de graduação que dizia que não há como ensinar a fazer campo; a gente aprende fazendo. Na época fiquei muito perturbada com essa ideia. Para uma neófito, recém ingressa na antropologia, aquele conselho parecia tirar todo o meu chão (1)

Assim como as autoras, também fiquei confusa quando, em um momento de conversa com minha orientadora, fui alertada sobre a existência de diversas formas de entrar em campo e que eu aprenderia a seguir o meu próprio caminho. Em poucas palavras, ela me informava que não conseguiria responder aos muitos questionamentos sobre o campo, pelo menos não da forma que eu gostaria. Aquelas palavras causaram certa estranheza no momento, entretanto, hoje, voltando meu olhar sobre o diário de campo e todas as experiências aqui contidas, compreendo esse processo e a importância do meu protagonismo nele.

Retomando os pensamentos e caminhos trilhados na pesquisa, percebi que durante muitos anos a temática da prostituição se fez distante de minha realidade. Todas as aproximações se davam por meio do que a mídia propagava em novelas, programas de televisão ou também nos caminhos e BRs que costumava passar no retorno para a casa, onde havia mulheres à espera de clientes. O contato mais estreito com o assunto só veio acontecer em 2013, quando da já mencionada oportunidade de trabalhar no Programa de Redução de Danos do Distrito Federal. Como redutora de danos me aproximei de mulheres que se prostituíam e pude acompanhar um pouco de suas vivências. Ali conheci companheiras de trabalho que possuíam esta ocupação e que me convidavam, mesmo que irrefletidamente, a quebrar o silêncio do assunto aos poucos. Notei que muitos sujeitos positivavam suas experiências, outros sentiam-se envergonhados, muitos utilizavam drogas, outros sustentavam a família ou financiavam seus estudos por meio da atividade, ou tudo isso junto. Comecei a perceber o quão grande é o universo da prostituição e que algumas verdades previamente construídas como, por exemplo, as ideias de vitimização da prostituta, da imagem que a atrelava à “vida fácil”, à concupiscência ou à contaminação, soavam extremamente limitantes.

Como Redutora de Danos, conversei bastante sobre saúde, cidadania e uso de drogas. Reparei que, apesar da singularidade das histórias de mulheres, homens, travestis e transexuais que faziam parte do mercado do sexo, uma questão era gritante e repetitiva: a lacuna do atendimento à saúde. Tal lacuna se dava por alguns motivos: atendimento precário por parte dos profissionais e serviços de saúde e o receio que muitas prostitutas tinham de sofrer preconceito ao buscarem os serviços. Existiam também outras questões, mas aquelas me chamaram atenção. Tais demandas eram muito conhecidas pelos outros redutores de danos e a maioria deles socializavam experiências que confirmavam esta reflexão.

Indagações começavam a aparecer: afinal, como estes sujeitos se cuidavam? Quais estratégias utilizadas para tal em um cenário de precariedade que, de certa forma, era perpetuada pelo Estado e sociedade? Quais mecanismos e caminhos utilizados em seu cotidiano revelavam este cuidado com a saúde?

A partir destas inquietações, o “instinto etnográfico” foi despertado (2). O contato com a literatura se fez mais presente e com ele os diversos questionamentos sobre lógicas postas e “verdades” que descobria serem absolutamente frágeis. Para lidar com isso, busquei contribuições de diversos autores, entre eles Margareth Rago, Foucault, Magali Engel, Piscitelli, Elisiane Pasini, José Miguel Nieto Olivar, Gabriela Leite, entre tantos outros que cito neste trabalho. O meu olhar em campo, que se misturava às leituras dos escritos dos autores supracitados, tinha pretensões de compreensão; compreensão do grupo que se apresentava a mim. Eu queria entender, sobretudo, como estas mulheres criavam tecnologias de cuidado no campo da promoção e prevenção à saúde no momento em que cuidavam de si. Quais as histórias e o cotidiano delas? Como significavam os conceitos de saúde, adoecimento e cuidado? Como protagonizavam o cuidado de si? E por fim, quais os desafios vivenciados quanto ao acesso aos serviços de saúde? Tais indagações se apresentavam a mim como objetivos e foram utilizadas para guiar a entrada em campo e a realização das entrevistas e me fizeram lembrar um pouco sobre o que Bonetti e Fleischer colocam a respeito da pesquisa etnográfica: “Fazer etnografia é, sobretudo, formular perguntas. E é a partir dessas perguntas, claudicantes e criativas, que se vão ensaiando caminhos” (1).

A ideia que nascia em minha mente era também de conciliar questões que transpassavam a saúde, o entendimento do papel e protagonismo da mulher nesse processo, aliando uma vontade antiga de trabalhar com a temática do gênero. Dessa maneira, vale mencionar que, apesar da existência de outros atores envolvidos na prostituição, optei, assim como Araújo em sua pesquisa, por focalizar as minhas reflexões sobre a prostituição feminina (3). Este trabalho, portanto, falará da mulher prostituta e citará ao longo dos textos “a prostituta”, “a trabalhadora

sexual” ou “a profissional do sexo”, mesmo que nessas nomenclaturas caibam outros participantes, como por exemplo, os homens que exercem a prostituição.

Em meio a este processo de pensamento, algo que ficou claro durante o decurso de realização da presente pesquisa e diante de todas situações que vivenciei ao longo desses dois anos de pós-graduação, é que pensar a prostituição envolve sempre uma infinidade de representações, posturas, opiniões e sentimentos. O contato com todos esses elementos se fez presente a cada ida a campo, cada conversa, aula, leitura. Era perceptível que a compreensão de tal fenômeno requeria mais que a pura e simples descrição de emoções e visões de mundo, mas um esforço para a desconstrução dos estigmas e preconceitos arraigados. Para tal, qualquer pretensão que eu tinha de entender minimamente a temática seria em vão se não fossem analisados os diversos contextos, as relações de poder existentes, as questões que perpassavam o gênero, raça, classe, cuidado, sexualidade, sociabilidades entre outros elementos que compõem a trama densa do trabalho sexual (4). Importante mencionar que a análise isolada do assunto, e não a imersão até suas raízes, apresenta o risco de avaliações, como diria Simmel, a partir de uma “moral absoluta”, além de compreensões incompletas sobre o tema (5). Eis aí o grande desafio sobre o qual o pesquisador se depara durante a escrita. Comigo não foi diferente.

Tentando trazer um primeiro contato com a temática, é válido pontuar que o senso comum estabelece um entendimento imediatista e simplista da prostituição como a troca cristalizada de sexo por dinheiro. Porém, tal prática abarca trocas que vão além das financeiras e não se reduzem à relação sexual, que algumas vezes nem se faz presente. A prostituição segundo Olivar estabelece um tipo de relação que desemboca numa heterogeneidade de relações, que a todo momento muda de conformação, estrutura e tom (4). Além disso, abrange uma diversidade de locais de trabalho, espaços, serviços, regras e pessoas (6) (4).

Contudo, acho importante também conceituá-la para que se tenha o campo teórico e conceitual de onde se parte. Desta forma, elegendo um núcleo mínimo de entendimento para este trabalho, prostituição aqui é qualquer atividade que envolva primária e explicitamente, mas não de forma restrita, a troca consciente e negociada de atividades de cunho sexual por interesses materiais ou outros tipos de favorecimentos (7). É um espaço no qual acontecem encontros, conversas, sociabilidades, negociações e transformações (4). Relevante notar que é uma atividade exercida por pessoas a partir dos dezoito anos e que consentem em praticá-la, para que sejam evitadas associações com a exploração sexual infantil.

Há muitas maneiras de entender a prostituição. Cada país, cultura e pessoas a percebem de maneira singular. É possível observar que existem diferentes categorias e modelos que

colaboram para a classificação e abordagem do assunto. Falaremos disso com mais atenção ao longo do trabalho.

Aqui, compreendo a prostituição como uma atividade que deve ser considerada um trabalho. Apesar de existirem grupos feministas e ONGs<sup>1</sup> que discordem veementemente desta afirmativa, sob o argumento desta atividade ser um elemento degradante e de objetificação do ser humano assumo este posicionamento porque, observando a estrutura de desigualdade em que se encontra o Brasil e a situação de vulnerabilidades das prostitutas, a regulamentação da atividade se torna um caminho real para proteger os direitos humanos destes sujeitos (8) (9). O contato com as mulheres desta pesquisa também foi extremamente importante para este posicionamento. As falas de todas elas demonstravam o interesse pela regulamentação como uma forma de ampliação da segurança ao indivíduo inserido no trabalho sexual e como forma de minimizar as violações dos seus direitos. Estas vozes não puderam ser ignoradas.

Importante mencionar que até agora, nesta pincelada inicial, tenho utilizado o nome “prostituta”, mas ao longo do trabalho refiro-me a “trabalhadora sexual”, “profissional do sexo”, “garota de programa”, respeitando a diversidade de categorias encontradas em campo. Esta pleora de termos despertou-me certa confusão no momento da escrita da dissertação no sentido de “qual deles eu iria optar, afinal?”. Os seus diferenciados usos expressam também as diferenciadas posições políticas que se encontram atreladas a cada um deles. A Rede Brasileira de Prostitutas (RBP) fala sobre ressignificação do termo “prostituta” e “puta”, já o Ministério da saúde usa “profissionais do sexo” (10). Eu optei aqui pelos três últimos e por “trabalhadora sexual” e “garota de programa”, em consonância com as denominações das próprias mulheres da pesquisa. Tais termos eram utilizados de diferentes maneiras e em diferentes tons ao longo das conversas. Entretanto, assim como a RBP, acredito que os termos prostituta e puta possam ser sim ressignificados, no sentido de transcender o sentido pejorativo em direção a uma ideia de empoderamento e protagonismo. Sendo assim, o nome que dei ao trabalho “putas mulheres” vem como uma provocação, na tentativa de mostrar não um xingamento, como comumente é utilizado, mas sim no sentido de intensidade, o qual enfatiza o termo mulher. Putas mulheres são as grandes mulheres, e neste trabalho eu me deparei com putas mulheres, putas mães, putas trabalhadoras, etc., etc.

A ideia aqui é apresentar um trabalho construído por muitas mãos. Digo isso no intuito de explicitar que as mulheres ocuparam um lugar de protagonismo, ajudando-me a entender aspectos de suas vidas e do universo da prostituição. Este é um trabalho realizado com elas e

---

<sup>1</sup> Como por exemplo, a Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM).

não sobre elas. Cabe ressaltar que, em alguns momentos, partes do texto foram lidos e corrigidos pelos sujeitos entrevistados. Algumas delas, como por exemplo, Hortênsia, Rosa e Juma, fizeram questão de participar ativamente da construção do escrito sobre suas vidas. Elas palpitavam, pediam para que eu retirasse ou rescrevesse determinados fragmentos, afinal, quem melhor que elas para falarem de si mesmas? A pretensão não é falar por elas, mas sim juntar nossas vozes na construção de um trabalho que sirva efetivamente para este segmento da população. Entretanto, apesar da importância das narrativas das mulheres, não se pretende aqui unificar tais falas produzindo, desta maneira, um discurso ou conhecimento único acerca dos sujeitos e muito menos produzir generalizações dos diversos grupos que se assemelham ao mencionado pelo trabalho. Sobre isso, vale ressaltar que a etnografia não produz verdades absolutas acerca de uma realidade, pois tem capacidade apenas de alcançar partes de uma situação e determinados momentos. Não tem, portanto, a intenção de cristalização de um saber percebido por ela.

Ainda nestas palavras iniciais, reconhecer o meu privilégio enquanto pesquisadora branca, acadêmica e cisgênera foi fundamental. Isto se fez importante para que uma relação de sinceridade fosse estabelecida tanto com as participantes da pesquisa quanto com os possíveis leitores do trabalho. Desse grupo predominante que se encontra na academia e que tem pretensões de produzir conhecimentos sobre as prostitutas, eu também faço parte. Refletir essa condição serviu para que as diferenças fossem devidamente trabalhadas e utilizadas de forma positiva na escrita e idas a campo. Tive a oportunidade de acompanhar e vivenciar um pouco de um universo que antes era tão silenciado para mim e que provavelmente eu nunca poderei apreender por completo, justamente por não vivenciá-lo cotidianamente em sua integridade. Partir desse pressuposto é uma tentativa de reflexão e, sobretudo, problematização das situações vistas e experienciadas por mim. Nem mais, nem menos.

Esta é uma escrita situada. Posiciono-me aqui como uma mulher que se colocou diante de outras mulheres e diante de suas experiências. Inegável dizer que meu olhar, encharcado pelo feminismo, percebeu e se incomodou com diversas situações que eu entendia como opressoras. Mas que também vibrava naqueles momentos em que eu enxergava a resistência feminina diante de frases ou atitudes, interpretadas por mim como, sexistas. Qualquer pretensão de uma escrita neutra e totalmente objetiva seria impossível. Pelo contrário, aqui se fez importante o recurso da “sinceridade metodológica”, termo cunhado por Malinowski, que ressalta a grande necessidade de um relato honesto e claro por parte do pesquisador (11).

Apresentar minha experiência, entrelaçá-la aos fragmentos do dia a dia das prostitutas, e sobretudo, trazer para o meio acadêmico as percepções, vozes e vivências destas mulheres,

justifica-se pelas possibilidades que tais elementos abrem no que tange à reflexão de políticas públicas no campo da saúde direcionadas às necessidades específicas desta população. De acordo com Aquino, Nicolau e Pinheiro ainda é um desafio, em nosso país, pesquisas que explicitem aspectos de vida e de saúde dessas mulheres e que demonstrem, de forma integral, suas necessidades (12). Há uma carência de trabalhos voltados para este grupo social que estejam preocupados em observar como essas mulheres criam estratégias de cuidado. Esta pesquisa tem o potencial para fomentar a discussão e reflexão de propostas e estratégias de promoção e prevenção à saúde das mulheres prostitutas. Mas ele também pretende que a ideia de saúde seja ampliada e que nela os outros aspectos da vida social (como educação, lazer, espiritualidade, direitos humanos, projetos de vida, entre outros) sejam encontrados e igualmente considerados.

\*

No **capítulo 01**, “Por entre campos e afetos: a etnografia como possibilidade”, discorro sobre os caminhos metodológicos percorridos para a concretização desta dissertação. Falo sobre os desafios encontrados em campo, as escolhas realizadas, os locais de pesquisa e os grupos de mulheres e clientes com os quais tive contato. Expresso também sobre a construção das relações com as participantes, os estranhamentos observados, reflexões e o desenvolvimento do campo.

No **capítulo 02**, “Em meio a histórias e afagos: as mãos que construíram este trabalho”, apresento as mulheres com quem conversei. Além de trabalhadoras sexuais essas mulheres eram filhas, mães, avós, estudantes e tantas outras coisas. Essa dimensão da vida das prostitutas é pouco mostrada e percebi em campo a grande necessidade que muitas delas tinham de me contar sobre suas histórias. Isso, claro, não poderia ser ignorado ou deixado fora do trabalho. Dessa maneira, conto suas histórias mescladas à minhas observações sobre cada uma.

No **capítulo 03**, “(Des) Construindo Ideias: Prostituição e Saúde”, trago reflexões, ideias, perspectivas teóricas e autores que serviram como base deste trabalho. Analiso e apresento aspectos históricos acerca da temática, além de enfatizar pontos sobre a sexualidade, prostituição, poder e instituição médica. Vale ressaltar que no último tópico caminho pelos conceitos de cuidado de si e saúde. Este capítulo é separado em seis subtemas que abrangem os aspectos citados acima.

O **capítulo 04**, “Quero entrar um pouco nessa saúde: as dimensões do processo saúde-adoecimento”, é subdividido em dois tópicos. No primeiro deles, chamado “Os terrenos que possibilitam ressignificar saúde, adoecimento e cuidado”, discorro sobre a saúde e cuidado

através de uma perspectiva espiritual e política”. O segundo é intitulado “Não adianta, a pessoa já te olha com outros olhos”: a violência e sua relação com a saúde, abordou a interface entre violência, desigualdades e saúde.

No **capítulo 05**, “Protagonizando o cuidado”, trouxe uma discussão acerca das estratégias de cuidado de si e, sobretudo, das trocas e redes criadas por mulheres prostitutas. É um capítulo marcado pelas mais diversas e singulares estratégias de cuidado utilizadas pelas mulheres desta pesquisa. O cuidado de si acontece em diferentes situações e carrega elementos tanto da medicina científica quanto da medicina popular.

\*

Para finalizar, importante mencionar que ao longo da dissertação apresentei imagens de obras de arte, charges e desenhos<sup>2</sup> que se relacionam com o universo da prostituição e com o que foi vivenciado ao longo da pesquisa. Quero, com isso, acionar a reflexão também por meio da arte, fazendo um convite à sensibilidade.



**Figura 2-** "Salon de la Rue des Moulins" - Toulouse-Lautrec, 1894

---

<sup>2</sup> Os desenhos foram pensados de acordo com as situações vivenciadas em campo.

## 2. Por entre campos e afetos: A etnografia como possibilidade

“Tô iluminado pra poder cegar  
Tô ficando cego pra poder guiar”

*Tom Zé*

Por se tratar de uma pesquisa com mulheres que são cotidianamente vulnerabilizadas e postas à margem da sociedade, foi de suma importância a busca constante por caminhos que me possibilitassem o mergulho na realidade desses sujeitos. Para isso, o percurso deste trabalho foi trilhado sob a luz da etnografia. A partir dela pude me aventurar em uma estratégia nova de pesquisa, bem diferente daquelas que havia estudado na graduação, tão cheias de métodos quantitativos e protocolos a seguir. Essa exploração por novos referenciais teórico-metodológicos demonstrou a grande necessidade que tive durante a graduação e como profissional de saúde em lidar com as pessoas de forma menos objetiva e reducionista. Entretanto, esse meu desejo também faz parte de uma movimentação corrente no campo da saúde, tendência que explicita a imprescindibilidade em metodologias que possibilitem abarcar a grande subjetividade presente na área (13).

Apesar da crescente incorporação de pesquisas qualitativas no campo saúde, nem sempre esses estudos foram bem vistos por periódicos médicos sob o argumento de não-cientificidade. Felizmente, esse cenário está mudando e os profissionais de saúde reconhecem cada vez mais o papel da investigação qualitativa para a compreensão de fenômenos e níveis de realidade que não são quantificáveis (14).

A metodologia qualitativa mostrou-se como uma estratégia apropriada para o alcance dos meus objetivos por apreender as representações, significados, crenças, valores e ideias de uma pessoa, aspectos os quais eu estava interessada em perceber e enfatizar (14) (15). Uma vez escolhida a metodologia qualitativa, a etnografia foi a ferramenta para observação e descrição aprofundada dos fenômenos e, ainda, reflexão do universo das mulheres da pesquisa. Essa opção deve-se ao fato de a etnografia se caracterizar pela busca constante da compreensão do outro, de sua subjetividade e do grupo social no qual está inserido.

A etnografia constitui-se a ideia mãe da antropologia e, recentemente, sobretudo nos anos 2000, viu-se sua crescente inserção no campo da saúde (2) (13). No entanto, Nakamura alerta para a grande necessidade de uma análise crítica do fazer etnográfico (13). Nesse sentido, é necessária uma observação pormenorizada onde haja o questionamento não somente do



“olhar, ouvir e escrever” ou das “faculdades do pensamento” ou ainda dos conceitos de “cultura”, “etnocentrismo” e “relativização”, mas também da própria ideia de “método” que envolve a etnografia (16) (13).

Muitos pesquisadores enxergam a etnografia como método, no entanto Peirano entende que esta concepção é um tanto simplista (2). Para a autora, a etnografia ultrapassa a noção de método, sobretudo pela recusa de uma orientação previamente definida e por não se enquadrar em uma maneira fechada de realização. Não é um simples elemento ou “detalhe metodológico” prévio à teoria, mas figura como formulações que contêm em si um caráter teórico, que nos fazem questionar pressupostos correntes a partir da elaboração de novas perguntas e associações com o vivido. A teoria apresenta-se como par inseparável da etnografia e encontra-se entranhada nos dados colhidos em campo (2) (17).

Os percursos para se fazer uma etnografia são demasiado amplos e a investigação em campo, como relembra Peirano, não tem um momento certo para começar ou acabar (2). Simões corrobora com esse pensamento ao observar que o trabalho em campo não tem portas, ou seja, não possui a “entrada certa” (18). Tais momentos são, de certa forma, arbitrários e vinculam-se a necessidade de investigação do porquê determinados fenômenos nos instigam e nos causam estranheza. Este “instinto etnográfico” é despertado por tudo que surpreende, intriga, tudo que nos leva a refletir e a nos conectar com outras situações semelhantes que conhecemos ou experimentamos (2).

Segundo Geertz a etnografia é colocada por Gilbert Ryle como uma “descrição densa” do fenômeno social, buscando não somente a apreensão de dados por parte do pesquisador, mas a interpretação da realidade vivida (19). Essa interpretação é caracterizada pelo estabelecimento de relações, pela capacidade da escuta, do olhar, e por um “esforço intelectual” no momento da elaboração da escrita. No momento em que se escreve é que o pesquisador organiza e textualiza os fenômenos vivenciados enquanto “estava lá” (16). Geertz denomina essa fase da escrita como o “estar aqui” da pesquisa, ou seja, a fase em que se tem o necessário distanciamento do campo (20). Neste ponto é muito importante colocar-se em perspectiva e mostrar quem é a pessoa que está falando e de que ponto ela parte (20). Mesmo tomando todos os cuidados no trato com os dados colhidos em campo, Geertz nos lembra que os escritos etnográficos são interpretações das interpretações dos sujeitos, ou seja, versões da realidade que não podem ser tomadas como verdades absolutas (19).

A escolha da etnografia mostrou-se adequada na construção desta pesquisa uma vez que os elementos contidos em sua estrutura (mapear e permanecer nos campos em um período de tempo, manter o diário, construir relações, transcrever textos, observação participante, entre

outros elementos) me permitiram engrandecer o contato e o entendimento das subjetividades, dos percursos de cuidado trilhado pelas mulheres e das teias de significados em que estão inseridas e que são tecidas por elas e pessoas ao seu redor, ou seja, me aprimoraram no entendimento de suas culturas (19).

O levantamento de dados para essa dissertação deu-se em grande parte através da observação direta. Durante os meses de novembro de 2016 a janeiro de 2018, realizei pesquisa em dois espaços distintos de prostituição: Planaltina e Asa Norte. Nesse período frequentei os campos e mantive contato com as mulheres semanalmente, tanto presencialmente como por redes sociais, como *Facebook* e *WhatsApp*. Nesse período participei de eventos e discussões, como rodas de conversas e debates na UnB, em que algumas destas mulheres estiveram presentes. Todas estas observações e experiências foram descritas no diário de campo, assim como as entrevistas realizadas.

Segundo Silva, o observar adquire um sentido todo especial e ativo já que diz respeito a estar em campo, interagir, situar-se e conquistar naquele contexto um papel que seja dotado de sentido (21). Este sentido deve ser compartilhado entre pesquisador e sujeitos de pesquisa. O aprendizado é elemento presente a cada momento e é também atributo permanente do fazer etnográfico. Na realização deste trabalho, nos momentos em que “estava lá”, eu era modificada, mas eu também modificava cada experiência; o que Silva descreve como “ser o autor daquilo que se vê” (21). Todos esses registros que conseguia captar e que eram decorrentes daquilo que Oliveira coloca como “faculdades ou atos cognitivos” eram averbados por mim em um diário de campo (16). Neste diário pude anexar todas as percepções, sentimentos, afetos, questionamentos, falas e cenários explorados, elementos que serão demonstrados neste capítulo e ao logo de todo o trabalho. Importante observar que optei por não fazer nenhum tipo de anotação nos momentos em que estive nos locais de pesquisa, mas em casa, no meu “estar aqui”, fazendo registros detalhados em computador.

Logo quando entrei em campo, uma das minhas estratégias dizia respeito a não entrevistar as mulheres em seu ambiente de trabalho, para que assim pudéssemos ter maior liberdade de fala. Porém, ao longo dos dias percebi a dificuldade que elas tinham de sair destes locais, até porque todas trabalhavam a maior parte do dia nos períodos da tarde e noite, restando o período matutino para descansar ou resolver assuntos pessoais.

Com a maioria das mulheres realizei entrevistas não diretivas, garantindo maior liberdade na condução da conversa. Norteada pelos objetivos do trabalho, refleti previamente sobre as temáticas que seriam relevantes para a pesquisa, mas não fiquei presa somente a elas, já que essa técnica permite que os sujeitos discorram sobre os assuntos de forma não protocolar

(15). O registro foi feito por meio de gravação de áudio que posteriormente foram transcritas para a análise de dados.

É importante ressaltar que esta pesquisa faz parte de um amplo projeto intitulado “Terapeutas populares e tecnologias em saúde no DF e região do entorno”, coordenado pela professora Silvia Maria Ferreira Guimarães, e que agrupa vários outros trabalhos. O projeto possui aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília pelo número do parecer 783.155 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 34150214.9.0000.5540, datado no dia 08 de setembro de 2014.

A todas as pessoas com quem conversei, em todas as localidades em que fiz campo, expliquei os objetivos da pesquisa e entreguei um pequeno projeto escrito (de duas páginas) informando de maneira resumida do que se tratava a pesquisa. Após o consentimento de cada pessoa, marquei a entrevista em local de sua escolha. A maioria das entrevistas foi realizada nos horários de trabalho das mulheres, em momentos em que não estavam com clientes e em lugares mais reservados dentro do próprio ambiente onde acontecia o trabalho sexual, como quartos ou cozinha, como mais uma das formas de garantir o anonimato de cada uma. A participação de todas obedeceu a critérios éticos, como a voluntariedade e a autonomia. Além disso, informei diversas vezes que a qualquer momento poderiam interromper a participação na pesquisa.

Além do consentimento oral, as participantes assinaram um termo de compromisso livre e esclarecido em duas vias, ficando uma cópia comigo e outra com elas. Todos esses procedimentos estão de acordo com a Resolução CNS Nº 466 de 12 de dezembro de 2012 que dispõe sobre Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, ainda que tal resolução não se adeque a normativas acerca de pesquisas biomédicas para pesquisas qualitativas.

\*

A partir dessas reflexões, começo nos tópicos seguintes a descrever e refletir, com detalhes, as experiências e percepções que tive nos locais que frequentei. Antes de tudo, a etnografia diz respeito a apreensão de saberes e práticas dos sujeitos, e uma de suas grandes virtudes se encontra nesse “despertar de realidades e agências desconhecidas no senso comum, especialmente no senso comum acadêmico” (2). Partindo desse pressuposto, falarei um pouco sobre os diferentes modos de existir e a diversidade de protagonismos dos sujeitos.

Todos estes fatos etnográficos servem como pano de fundo no qual estão inseridas as práticas e estratégias de cuidados desenvolvidas, à sua maneira, por cada prostituta.



**Figura 3-**"Baile no Moulin Rouge"- Henri de Toulouse-Lautrec.

## 2.1. *O começo de um caminhar: desafios e escolhas de pesquisa*

A pesquisa concentrou-se em duas Regiões Administrativas do Distrito Federal: Planaltina e Asa Norte. A escolha dos locais de trabalho se deu, *a priori*, devido ao contato que eu tinha com o Programa de Redução de Danos. Durante muitos anos este serviço atuou nestas cidades e realizou diversos atendimentos a profissionais do sexo, pessoas em situação de rua e usuários de drogas, e acompanhou o modo peculiar como estes sujeitos realizavam o cuidado em saúde nos contextos em que estavam inseridos.

A ideia inicial era acompanhar os redutores de danos em suas atividades e através do seu conhecimento e boa entrada em campo, penetrar no cenário da prostituição na cidade de Planaltina. Porém, pouco antes de começar a pesquisa o Programa findou e os atendimentos cessaram. Ainda assim permaneci com a ideia de fazer pesquisa na Região Administrativa de Planaltina, porém agora com um desafio pela frente: entrar em campo sozinha.

Nunes comenta em sua dissertação de mestrado que acessar zonas de prostituição e os atores deste universo é uma tarefa complexa (22). Muitos pesquisadores se valeram de ajudas externas como amigos, clientes ou até mesmo associações de prostitutas (4) (23). Comigo não foi diferente. Meu primeiro contato com campo se deu através de um facilitador, amigo de infância de uma das mulheres que trabalhava com profissionais do sexo há anos em um dos tantos bares-cabarés<sup>3</sup> da região. Ao comentar sobre minha pesquisa e dificuldade que até então estava enfrentando, ele se prontificou a me apresentar para sua amiga, Hortênsia<sup>4</sup>. Antes de mais nada, certificou-se de que poderia me fornecer o número de telefone de Hortênsia e, após uma resposta positiva, tive acesso ao seu contato. O breve gesto proporcionado por esse amigo foi de grande ajuda para a pesquisa, pois a partir disso consegui estabelecer uma relação inicial com esta mulher e marcar um encontro para explicitar minha proposta. Esse primeiro contato foi em novembro de 2017 e desembocou em quatorze meses de pesquisa, levando-me a conhecer também outras pessoas que trabalhavam no mesmo bar. Mais do que isto, me permitiu analisar o espaço, as possibilidades e minha postura enquanto pesquisadora. Pensei e repensei os objetivos da pesquisa, as minhas vestimentas, o modo de falar e em como deveria direcionar meu olhar através das conversas informais que tinha com as mulheres.

---

<sup>3</sup> Juntei as duas palavras propositadamente. Em Planaltina existem diversos “bares”. Tais locais, porém, possuem pequenos quartos os quais servem para a realização dos programas.

<sup>4</sup> Hortênsia é uma das entrevistadas deste trabalho e sua história de vida será relatada no capítulo 2. Seu nome é fictício, assim como o de todas as outras participantes citadas nesta dissertação.

Essa enxurrada de reflexões se deu quando observei e participei da dinâmica do local. Era um bar onde eu teria contato direto e contínuo tanto com clientes como com as profissionais do sexo. Logo no primeiro dia, sentei-me à mesa com todos. Percebi os olhares e as palavras que os clientes direcionavam a mim, logo uma das primeiras preocupações se materializava na possibilidade de ser vista como uma concorrente em potencial das trabalhadoras. Essa foi uma reflexão também presente na entrada em campo de Ribeiro e Nunes e, da mesma forma que elas, lancei mão de algumas estratégias, como por exemplo, a utilização de vestimentas que me parecessem mais neutras e que se diferenciavam daquelas utilizadas pelas prostitutas (24) (22). Queria demonstrar através da roupa que eu estava ali para outra finalidade e não como uma concorrente. Embora especificamente naquele local as participantes da pesquisa não se preocupassem com essa questão e de fato não demonstrassem nenhuma reação com as investidas que muitos clientes direcionavam a mim, percebi olhares diferenciados de trabalhadoras sexuais em outros locais que frequentei para fazer o campo.

Essa questão de se diferenciar em campo foi um elemento que causou diversas angustias no momento da pesquisa. Ao mesmo tempo que não queria ser vista como uma concorrente e a diferenciação parecesse ser uma boa opção, percebia que muitas vezes o meu modo de vestir chamava a atenção, suscitando, principalmente em alguns clientes que frequentavam o bar no campo de Planaltina, indagações exageradas acerca do meu papel naquele local. Numa ocasião, um cliente questionou uma das trabalhadoras sexuais, a Amarílis, que usava vestido decotado, curto e colado ao corpo, sobre o porquê ela tinha de se vestir daquele jeito e que daquela maneira ela “não estava se valorizando”. Neste momento ele me usava como referência para demonstrar como uma mulher deveria se portar e vestir. No dia em questão eu usava calça preta, camisa folgada, tênis no pé e, para completar, estava calada e recusava todas as suas investidas. Tais generalizações, como a contida na fala do cliente, revelam uma derivação clara de uma oposição tradicional e rígida acerca da ideia de “santa” *versus* “puta”, expondo e reforçando o imaginário social de uma distinção entre as mulheres que “prestam” e as que “não prestam”. Este contraponto configura-se um exemplo sobre as relações, limites, possibilidades e posições que a sociedade nos permite, enquanto mulheres, assumir.

Ideias sexistas como esta circularam durante todos os meses que fiquei em campo e geravam incômodos tremendos, pois como feminista tenho um discurso crítico acerca dos apontamentos e rotulações direcionadas às mulheres.

As primeiras visitas ao bar em Planaltina foram fundamentais para meu amadurecimento enquanto pesquisadora já que precisei constantemente colocar minhas pré-noções e crenças

entre parênteses para que o fenômeno<sup>5</sup> que eu experienciava a cada semana pudesse se apresentar com mais clareza. Sobre isso a fenomenologia tem muito a acrescentar, já que diz respeito ao esforço do pesquisador para apreensão do mundo através de um “olhar ingênuo”. Fala da necessidade de se buscar continuamente “perceber o mundo naquilo que ele se apresenta enquanto tal e não enquanto uma determinada representação que já existe em nós. Significa olhar e ver e não simplesmente olhar e achar algo a respeito de” ou, nos termos de Saada, significa “deixar-se afetar, sem procurar pesquisar, nem mesmo compreender ou reter” (25) (26). Não quero dizer, com isso, que precisamos ignorar nossos conceitos, valores ou cultura, até porque estes se entrelaçam ao cotidiano dos sujeitos e de nós mesmos, mas sim ter a capacidade de permitir o “encontro com a novidade” ou com o “ainda não sabido ou conhecido” (25). A novidade se fazia presente ali naquele contexto e diversos pensamentos eram despertados. Como olhar de modo diferenciado situações que percebia como machistas? Como me portar diante de uma situação em considero opressora enquanto pesquisadora? Ou ainda, como conseguir apreender e refletir estas relações de forma científica? Este era o desafio que se colocava a minha frente todos os momentos em que fazia campo. Em Planaltina essas situações emergiram com maior intensidade.

\*

Para entender melhor esse universo do trabalho sexual, temática de estudo nova para mim até então, resolvi procurar pessoas na Universidade que discutissem o assunto. Nesta busca entrei em contato com um grupo de pesquisa chamado “Gênero, Política Social e Serviços Sociais” (GENPOSS)<sup>6</sup>, que promovia algumas reuniões e rodas de conversas para debater ideias sobre prostituição. Em uma dessas rodas tive a oportunidade de conhecer um grupo de mulheres chamado Tulipas do Cerrado, movimento social, ainda iniciante, de trabalhadoras sexuais do Distrito Federal.

O Tulipas do Cerrado é um coletivo pensado e formado por mulheres. É o nome fantasia utilizado para “Rede de Redução de Danos e Profissionais do Sexo do Distrito Federal e Entorno”. Atua no Distrito Federal desde o ano de 2014 e desenvolve ações de Redução de Danos direcionadas as pessoas que fazem uso de drogas e à profissionais do sexo. As atividades deste coletivo são pautadas em ações de prevenção e promoção à saúde, encaminhamentos às unidades de saúde e assistência social como, por exemplo, aos centros de testagens e

---

<sup>5</sup> Segundo Holanda (2014) fenômeno é aquilo que se mostra, que vem à luz, que se manifesta.

<sup>6</sup> Coordenado pela professora doutora Marlene Rodrigues.

aconselhamento (CTA), centros de atenção psicossocial (CAPS), hospitais, centros de saúde, centro de referência especializado de assistência social (CREAS), centro de referência de assistência social (CRAS), consultório na rua, centro pop, entre outros serviços. Junto a isto, são realizados o acolhimento e escuta destes usuários e profissionais do sexo.

O grupo foi idealizado por Juma que, a partir da ideia inicial, foi convidando pessoas a participarem. Atualmente é composto por uma assistente social, uma psicóloga, quatro redutoras de danos e quatro profissionais do sexo, todas atuando voluntariamente. Atuam em diversas áreas do Distrito Federal. Na área central de Brasília atuam no setor comercial sul e rodoviária do plano piloto, onde atendem cerca de 130 pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas e profissionais do sexo. Ainda no plano piloto, atuam na via W3 norte prestando atendimento a aproximadamente 120 profissionais do sexo. Nas cidades satélites atuam na Ceilândia, atendendo em torno de 150 usuários de múltiplas drogas, e Taguatinga, com cerca de 100 pessoas assistidas dentre profissionais do sexo e usuários de drogas<sup>7</sup>.

Segundo a coordenadora geral (Juma<sup>8</sup>) o grupo tenta visitar as áreas de atuação quinzenalmente, entretanto, relatou que, muitas vezes, “não tem pernas” para “cobrir” todos aqueles locais nesse curto espaço de tempo. Juma também conta que não tem como exigir que as componentes do grupo apareçam sempre às reuniões e realizem o campo, já que ninguém ali recebe um salário e muitas vezes precisam deixar o trabalho ou seus afazeres para atuar como Tulipas do Cerrado. Ainda de acordo com a coordenadora, cada ida ao território é guiada pelos princípios do grupo: 1- promover a discussão sobre os direitos ao trabalho, à cidadania, à cidade, à fala e promover orientações sobre as redes de assistência disponíveis no DF, empoderamento e autonomia; 2- lutar pelos direitos de cidadania das pessoas que usam drogas e de profissionais do sexo, no seu mais amplo conceito; 3- promover a educação em saúde, incluindo prevenção de HIV/AIDS, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e consumo de substâncias psicoativas; 4- implantar e programar ações de Redução de Danos estando estas ações ligadas ao uso de drogas ou não; 5- formar agentes multiplicadores capacitados a gerar soluções criativas, empreendedoras e sustentáveis para problemas locais; 6- refletir e discutir sobre a regulamentação da atividade de profissionais do sexo, assim como o direito à previdência social e reconhecimento do direito ao trabalho; 7- combater a discriminação dos profissionais do sexo e pessoas em situação de rua <sup>9</sup> (Diário de campo, 25/07/17).

---

<sup>7</sup> Estes números foram passados por Juma com base em observações e experiências empíricas de seus próprios atendimentos.

<sup>8</sup> Juma é uma das entrevistadas deste trabalho e sua história de vida será relatada no capítulo 2.

<sup>9</sup> Os conceitos e ideias do grupo foram relatados por Juma no dia 21 de março de 2018, em conversa informal.



Tomei conhecimento desse grupo na roda de conversa promovida pelo GENPOSS, no dia dezenove de abril de 2017. Ali mesmo, em uma sala abafada, com alguns estudantes sentados e participando de um debate sobre prostituição e racismo, entrei em contato com a coordenadora do coletivo e conheci, a partir de sua fala, a proposta do grupo. A coordenadora, era redutora de danos, profissional do sexo e uma antiga conhecida minha. Também ali percebi que outra possibilidade se abria, e foi a partir desse primeiro contato que o campo da Asa Norte entrou para a pesquisa. A Asa Norte, mais especificamente a W3 norte, conforme mencionado anteriormente, integra a rota de atuação do coletivo Tulipas do Cerrado pela grande concentração de trabalhadoras sexuais. Dessa maneira, acompanhei algumas das ações e intervenções neste local. Existiam desafios também neste campo que resultavam em algumas situações de tensão. Muitas vezes quando eu chegava à comercial, local onde as mulheres se concentravam para fazer o *trottoir*<sup>10</sup>, ou quando fazia companhia a Jasmim<sup>11</sup>, uma das participantes desta pesquisa, em seu local de trabalho, outras mulheres direcionavam olhares um tanto desconfiados para mim. Olhavam-me de cima a baixo e viravam o rosto. Muitas se aproximavam e cumprimentavam Jasmim, ignorando minha presença ou as minhas tentativas de aproximação. Novamente a questão da vestimenta se colocava à minha frente e neste campo também procurei demonstrar que não era uma concorrente delas. Estas e tantas outras situações mostravam-me que o campo também me observava e que eu deveria, a todo o momento, procurar a melhor forma de me colocar, impressão compartilhada por Losso em sua dissertação (27).

Importante destacar que houve certa dificuldade no contato inicial com a coordenadora do coletivo que, num primeiro momento, mostrou pouca disponibilidade. Fui me inserindo aos poucos na dinâmica do grupo, ajudando naquilo que precisavam, como por exemplo, tirar fotos dos eventos sociais que os membros do Tulipas do Cerrado participavam ou atualizar a página do *Facebook* do grupo, e participando também das ações de Redução de Danos (RD) que realizavam com as prostitutas.

A pouca disponibilidade demonstrada por Juma suscitou diversas interpelações da minha parte. Suas falas dentro da Universidade, nos momentos de participação das rodas de conversas proporcionadas pelo GENPOSS, eram recheadas de questionamentos acerca do retorno que a pesquisa dos estudantes daria ao público alvo. Em uma dessas colocações ela expressou: “Eles chegam na gente e sugam tudo que tem pra sugar e depois vão embora!”. Essa

---

<sup>10</sup> *Trottoir* é o caminhar das prostitutas quando estão à espera de clientes.

<sup>11</sup> Uma das entrevistadas. Ela fazia programas na W3 norte e de vez em quando ficávamos juntas na calçada enquanto ela fumava seu cigarro.

é uma preocupação não só demonstrada por ela, mas por outras profissionais do sexo. Nunes explicita que essa reflexão apareceu em sua pesquisa no momento em que a presidente da Associação Pernambucana das Profissionais do Sexo disse: “Abro sempre as portas da casa [para os estudantes] e não dão nenhum retorno, continuam usando a gente da mesma forma, a partir de agora vou começar a cobrar visita, tem que ser agendado e com tempo porque a gente sempre ajuda e ninguém dá nada em troca” (22). Outro momento em que me deparei com esse tipo de colocação foi em uma roda de conversa em que a presidenta da CUTS (Central Única de Trabalhadoras Sexuais) dizia alto e em bom tom “Eles só usam a gente e vão embora e nem atender bem as prostitutas depois atendem quando estão nos serviços”.

Aos poucos tornei-me integrante do grupo Tulipas do Cerrado e comecei a participar dos eventos e reuniões administrativas com as outras mulheres do coletivo. A inserção neste espaço foi construída e negociada aos poucos e ao longo de muitas conversas. Foram meses para que uma relação de confiança fosse estabelecida. Entrei neste campo em abril de 2017 e lá permaneci, concomitantemente ao campo de Planaltina.

\*

A partir dos contatos iniciais pude conhecer muitas mulheres que trabalhavam como profissionais do sexo e perceber que estava posto o desafio de interpretação dos sentidos da alteridade e de um desnudar-se diante do outro, conforme citado por Silva (28). Aos poucos fui entendendo o sentido do “ser afetada” em campo, como bem explicita Saada, explorando e transitando por entre as rígidas barreiras que são reservadas de maneira diferente para “a mesma identidade de gênero” (26) (21). A identificação com as mulheres da pesquisa estava presente o tempo todo, assim como a noção de estar situada em uma realidade diferenciada, fazendo-me questionar qual a validade da investigação e qual a propriedade que eu tinha de pesquisar tal assunto. O que eu queria observar, afinal? Que “outro” era esse que a etnografia queria compreender/atingir e que eu apresentaria? O processo em campo e as visitas que fazia aos locais revelavam que o “outro” não era distinto de mim e que nessa “diferença”, que se colocava de forma inicial em campo, eu conseguia enxergar também semelhanças. E muitas! Assim como Simões em sua etnografia eu também comecei a “enxergar a possibilidade de nós onde sempre existiu o outro” (18). Essa identificação, segundo Silva advém da compreensão que não se trata de somente observar o grupo, mas de se colocar em cena numa meta-observação (21).

A etnografia demonstra não apenas esse “colocar-se em cena”, mas ter um caráter particular que Silva menciona como sendo a possibilidade de questionamentos que o grupo

pesquisado impõe à observação do investigador (21). Tal elemento esteve presente em todo momento; por exemplo, nas indagações de Juma que praticamente trazia, como um tapa na cara, que os pesquisadores deveriam de fato se preocupar com sujeitos, não somente com as respectivas pesquisas. Que tipo de retorno minha pesquisa daria a estas mulheres? Percebia que a cada encontro este questionamento tornava-se maior. Via que no processo de vinculação uma série de pequenas requisições era feita. Uma das mulheres pediu que eu a ajudasse na escrita de texto acadêmico, outra que eu tirasse fotos em um evento, outra que eu realizasse uma inscrição em um concurso público que gostaria de executar, outra que eu a auxiliasse a criar os slides que levaria para um encontro nacional, dentre tantos outros pedidos. Em alguns momentos realizei visitas, dormi no local de pesquisa, participei de festas pessoais e troquei mensagens através de redes sociais. Todas essas solicitações e situações foram palco de certas angústias ao longo da pesquisa já que não sabia até que ponto uma pesquisadora poderia se envolver em questões de cunho pessoal do grupo observado. Como falado logo na introdução deste trabalho, me graduei em terapia ocupacional e este curso tem estreita articulação com o paradigma científico biomédico. Neste sentido, fui apresentada às pesquisas quantitativas e fui treinada a entender que o envolvimento com sujeitos e objetos de nossas investigações pode ser um tanto problemático. O questionamento deste saber científico que utopicamente deve ser neutro, era resquício do caminhar pelas disciplinas de pesquisa científica ofertadas na Universidade. Percebi, entretanto, que todo o envolvimento vivido naqueles meses foi fundamental para não simplesmente observar, mas de fato participar daquela realidade e que os pedidos realizados pelas mulheres eram, de alguma forma, possibilidades de retorno que a pesquisa dava a elas, como uma troca imediata em campo (26).

Dos tantos desafios postos, um deles era encontrar o momento para a realização das entrevistas. Apesar da boa relação com as participantes percebi que algumas delas, embora concordassem em conversar, se esquivavam no momento em que eu tentava marcar a entrevista. Houve algumas que aceitaram marcar, mas não compareceram no momento da entrevista e não deram satisfação, outras disseram ter esquecido e, ainda, algumas sutilmente se esquivaram para que não fossem entrevistadas. Por vezes percebi a dificuldade que tinham de falar “não” às minhas investidas. Atrelado a isto, existia também a grande dificuldade em me desvincular da ideia de “entrevista formal”, resquícios da já citada formação na área de biológicas que não contemplou as tantas facetas da pesquisa qualitativa. Com o passar do tempo, entretanto, muitos aspectos da vida daquele grupo eram revelados através de contatos livres de formalidades e sem a utilização de gravadores. Cordovil coloca que muitas vezes esta é a única via de acesso a tais informações (29).

Em muitos desses momentos informais as mulheres tentavam entender os porquês do meu interesse com a temática, além de averiguarem meus gostos, vontades e, de maneira geral, minha vida, lembrando-me um questionamento feito por Fleischer e Bonetti logo no começo de seu livro: “Será que o entrevistador também desperta a curiosidade de seus interlocutores?” (1). A resposta claramente era sim. Aos poucos sondavam as minhas reais intenções questionando, inclusive, se eu faria programas. Amarílis, em um desses momentos, colocou: “Ah Carol, duvido você [recusar um programa] com duzentos conto [à mão]! Nem precisa olhar para o rosto do cara, nem beijar na boca. Só é traição<sup>12</sup> se beijar na boca. É só ficar de quatro ali e é rapidinho. Esses homens nem fazem nada” (diário de campo, 31/03/2017, p. 15). Ficou claro no início da pesquisa que ao mesmo tempo em que observavam meus passos e respostas ao que elas questionavam, as interlocutoras faziam uma espécie de “iniciação” comigo, mostrando-me as melhores formas de se portar, falar ou agir quando os clientes chegavam. Hortênsia, por exemplo, explicava-me alguns truques de como não ficar embriagada e maneiras de estar mais segura na presença de um cliente<sup>13</sup>.

Um tema que envolva a sexualidade desperta grandes desconfiças acerca dos interesses que mobilizam o pesquisador em questão, tanto por parte dos sujeitos de pesquisa, quanto dos próprios pares acadêmicos, como menciona Ribeiro (24). Em meu caso, além das mulheres desta pesquisa, também alguns amigos de curso e da universidade insistiam em entender o porquê do meu envolvimento com este tema, ficando inclusive, estupefatos pelo fato de que eu fazia campo em áreas de prostituição.

Em outras situações percebi que algumas participantes falavam para outrem que eu era prostituta ou não respondiam de forma clara quando clientes ou outras pessoas perguntavam sobre minha ocupação. Isso me fazia pensar no que Saada falava em seu artigo sobre a exigência que os sujeitos de sua pesquisa faziam para que ela experimentasse pessoalmente o fenômeno que estudava (a feitiçaria) (26). Da mesma forma, estas situações, muitas vezes, proporcionadas pelas próprias mulheres me possibilitavam, consciente ou inconscientemente, a vivência real (ou pelo menos bem aproximada disto) de determinados fenômenos presentes neste universo. Um exemplo disso aconteceu em uma das idas a campo quando Juma falou em alto e maliciosamente para um homem que nós éramos prostitutas (diário de campo, 11/01/2018). Vi a surpresa em seu olhar e a fala diferenciada comigo a partir daquele momento.

---

<sup>12</sup> Ela fala em “traição” em resposta ao meu questionamento sobre fazer programas e ter um namorado.

<sup>13</sup> Tais elementos serão demonstrados ao longo do trabalho.

\*

Finalizando as palavras iniciais e em consonância com tudo já dito, é válido pontuar que meu campo foi dividido em dois núcleos que possuíam pontos em comum e outros bastantes diferenciados. Embora todas as prostitutas exercessem a mesma atividade, são demonstrados aqui, marcadores sociais muito bem definidos que ofertam a cada situação uma grande singularidade.

De um lado, temos um conjunto de trabalhadoras sexuais em Planaltina, localizadas na periferia de Brasília, geograficamente distantes da maioria dos serviços públicos (saúde, assistência social, entre outros) e com uma dimensão espiritual fortemente presente em seu cotidiano, fato que será explorado mais adiante. De outro, mulheres localizadas no centro da capital, com mais possibilidades de acessarem os serviços públicos e marcadas de maneira peculiar por uma dimensão política. **Periferia** e **centro**, locais onde a diversidade de desigualdades se estruturam; **religiosidade** e **política**, operacionalizando-se no entrelaçar, passaram a ser pontos chaves que encontrei ao estar nesses dois locais distintos e que serão esmiuçados nos tópicos do trabalho.

Pensando nestas duas situações, o próximo tópico será destinado à apresentação mais detalhada dos dois cenários e as mais variadas histórias que compõem a tessitura desta dissertação.

## **2.2. *Circulando por entre dois cenários***

Lembro-me dos locais em que fazia campo enquanto ainda estava no programa de redução de danos. Em cada um deles percebia a existência de um espaço destinado à prática da prostituição. Eram bares, casas, praças, hotéis, pistas, entre tantos outros ambientes que concentravam mulheres, homens e clientes. Entre os meses da pesquisa me desloquei por entre dois cenários diferentes, visualizei com mais atenção a dinâmica desses ambientes e como esta dinâmica e as relações entre seus sujeitos influenciavam no cuidado de si das prostitutas, seja como fator de proteção ou vulnerabilidade.

Quando falamos em cidades ou espaços urbanos indicamos, como bem lembra Park, mais que um amontoado de pessoas, casas, prédios, carros ou luzes (30). Estes espaços transcendem a ideia puramente física ou material e trazem à luz a imagem das significações, tensões e poderes. O autor nos lembra que a cidade possui uma organização tanto física quanto

moral e que estas duas interagem de modo a se modificarem. É esse espaço que tem sentido para esta pesquisa, aquele que possui uma carga simbólica a qual é captada através da vivência dos indivíduos.

Notemos que a cidade é dotada de instabilidade, o que significa que as populações urbanas estão em constante dinâmica e mobilidade. Os sujeitos são agentes e produtos da mudança social, e conseqüentemente, espacial (31). Ao mesmo tempo em que essa mobilidade facilita a comunicação entre as pessoas locais, estes contatos podem ser transitórios, sectários e provocadores de “distanciamentos morais” (30). Desse modo, a concentração da prostituição em determinados espaços ou áreas, como as que foram exploradas na presente pesquisa, demonstram claramente a conformação de regiões diferenciadas, ou nos termos de Park, “regiões morais” (30). Muitas destas regiões são resultado também de estratégias que visam segregar a prostituição na cidade sob a justificativa da prevenção de “toda ofensa à moral” e em favor dos “bons costumes” (32). As construções destes espaços como centro e periferia trazem essa carga moral que reproduz contextos de desigualdade racial, de gênero, classe e de ocupações.

Um dos grandes exemplos desta segregação da prostituição aconteceu no Rio de Janeiro, com a desocupação da área do Mangue realizada pelo Estado na tentativa de remodelamento da cidade com vistas à modernização e maior controle sanitário. O Mangue era uma área onde concentrava uma viva atividade de prostituição, com a circulação diária de clientes e prostitutas em suas várias casas que serviam de palco para o trabalho sexual. Simões nos lembra que o plano de reconstrução da área foi pensado com a intenção de uma profilaxia social (18). Houve, conseqüentemente a isto, a ocupação e criação da área popularmente conhecida como Vila Mimosa, ou segundo Simões “cidade cenográfica da prostituição carioca”, a qual passou, agora, a reunir a atividade da prostituição e tudo que dela é relacionado (18).

Aqui no Distrito Federal também existem regiões morais usadas como pontos de encontro ou reunião e são bastantes conhecidas. Além das duas áreas que apresentadas nesse trabalho, existem muitas outras no DF, como a Praça do Relógio e a “Coca Cola”, ambas em Taguatinga, as ruas próximas ao setor comerciais Sul e a via S2, no plano piloto, a Fercal, entre tantas outras. Em muitas delas as mulheres fazem o *trottoir*, porém, há lugares em que elas se concentram em locais fechados, como bares ou “casas de massagem”.

Em Planaltina fiz campo somente em um local. Tratava-se de um local fechado e, para fins desse trabalho e respeitando os termos das próprias mulheres, chamarei de “bar”, “casa” ou “salão”. Frequentei por quatorze meses este ambiente e lá mantive contato com seis mulheres, **Rosa, Violeta, Lis, Hortênsia, Amarílis e Íris**, sendo que esta última não fazia programas. Normalmente frequentava o ambiente no período da tarde, porém em algumas situações esporádicas estendi-me até o período noturno ou mesmo até o dia seguinte, ocasiões em que dormi no local.

Já na Asa Norte estive em contato com três mulheres, **Juma, Jasmim e Dália**, e vivenciei o campo no período noturno, momento ápice do trabalho sexual. Neste local a prostituição era “de rua” e o programa acontecia nas quitinetes próximas aos pontos em que as mulheres se reuniam. Em decorrência das ações de Redução de Danos que o grupo Tulipas do Cerrado fez em algumas noites e por já ter trabalhado no próprio PRD, tive a oportunidade de conhecer toda a extensão da W3 norte. Entretanto, concentrei-me apenas em um ponto desta via onde uma das entrevistadas morava e trabalhava. Tive também a oportunidade de entrevistar **Camélia**, uma antiga companheira de trabalho da época em que trabalhava no PRD. Camélia colaborou com o trabalho a partir de suas visões e experiências nas áreas dessa pesquisa.

Abaixo detalharei tais ambientes e tudo que foi vivenciado em cada um.

### **2.2.1. Os primeiros passos: Núcleo Planaltina**

Primeiro dia que fui ao bar, “acordei preocupada e com um leve frio na barriga” (diário de campo, 01/03/2017). Havia marcado para o período da tarde uma conversa com Hortênsia, porém não conhecia Planaltina e não sabia como chegar ao endereço que ela havia me passado pelo aplicativo *WhatsApp*. Pesquisei as melhores rotas, transportes públicos, horários, inclusive as paradas de ônibus mais próximas ao local. Estava mobilizada desde o dia anterior.

Com um mapa em mãos, entrei no transporte público e finalmente segui em direção ao local de pesquisa. O ônibus estava cheio de pessoas e não havia mais cadeiras disponíveis. O motorista dirigia rapidamente e fazia curvas em grande velocidade. Nós que estávamos em pé, eramos jogados de um lado para o outro, durante os noventa minutos em que durava o trajeto. Esta mesma situação se repetiu durante todas as idas à Planaltina. Ao longo do caminho, observava prédios e casas, mas o cenário se modificava conforme a proximidade com o destino se estreitava. Já nas proximidades do destino havia muitas árvores e o cenário ficava mais

vermelho, em decorrência da grande quantidade de terra batida às margens da pista. Também à beira da estrada, era possível observar alguns bares solitários, com mulheres bem maquiadas e arrumadas sentadas à porta. Meu olhar já buscava e identificava prontamente situações que o trabalho sexual aparecia.

Chegando à parada, percebo a cena: uma rodovia, rota de muitos caminhões e carros. Tempos depois, as mulheres me contariam que em determinados períodos do mês os caminhões passavam mais frequentemente e que havia, inclusive, clientes conhecidos e assíduos frequentadores do bar que faziam tais rotas. Elas reconheciam seus veículos de longe, demonstrando o olhar treinado.

Ao descer do ônibus, ainda meio perdida, dei alguns passos na direção contrária do meu destino. Neste curto trajeto mais árvores apareciam e o mato tornava-se alto em determinados pontos. Enxerguei algumas casas e um bar-cabaré que me chamou a atenção. Estava vazio. Me aproximei, mas não encontrei uma só pessoa para pedir informação. Esta solidão naquele cabaré foi observada constantemente em minhas passagens seguintes pelo local, até que certo dia passei de carro à noite e visualizei a intensa circulação de homens e mulheres. Ao longo dos meses, percebi que os horários de funcionamento dos bares-cabarés variavam de local para local.

Naquele primeiro dia poucas pessoas circulavam nos arredores do bar. Avistei um homem, que caminhava carregando sua bicicleta ao lado de seu corpo. Obtive dele informações sobre o local que procurava. Havia também alguns moradores que alimentavam suas galinhas em seus terrenos e uma ou outra pessoa andando com passos apressados às margens da pista. Com a ida semanal notei que por ali também era comum encontrar homens montados a cavalos.

Já mais orientada, iniciei minha caminhada ao meu destino. No trajeto encontrei outro bar-cabaré bem ao lado do meu local de pesquisa. Esse tinha um grande portão e funcionava durante o dia e a noite. Lá existiam trabalhadoras sexuais e um vai-e-vem de clientes. De início, interessei-me em entrar, mas fui alertada por Hortênsia e as outras mulheres que o ambiente seria “barra pesada”. Não só este me foi contraindicado pelas participantes, mas também os outros cabarés que se situavam próximos ao local de pesquisa, porque, segundo Hortênsia: “As meninas <sup>14</sup>são ariscas [...] e existe uma disputa muito grande por clientes<sup>15</sup>”, detalhes que fui captando e que rascunhavam o cenário do trabalho sexual naquela cidade.

A parada de ônibus que utilizava para ir embora ficava a alguns metros do bar. O transporte geralmente demorava muito para passar e foram incontáveis as vezes que fiquei

---

<sup>14</sup> Categoria utilizada pelas mulheres de Planaltina. Fazia referência às mulheres prostitutas.

<sup>15</sup> Diário de campo, 31/03/2017.



sozinha no local. Para chegar até essa parada, descia por um caminho de chão batido e coberto de poeira que ao se suspenderem circulavam pelo ar. Uma grande árvore ficava ao seu lado e, mais abaixo, um outro bar-cabaré. Aquele local tão ermo e afastado me suscitava certo medo, ainda mais com as frequentes notícias de assalto pela região.

Naquele primeiro encontro tive o contato com Hortênsia, Amarílis e Íris, as únicas pessoas presentes no local. Elas foram, durante os três meses iniciais, as únicas com quem conversei. Neste dia todas escutaram atentas a explicação do porquê da minha presença no local e dos motivos que me levariam a passar alguns meses com elas. Íris, atenta, me interrompia nos momentos que julgava pertinente falar. Observei o respeito e carinho que eram destinados a ela. Percebi já naquela ocasião a centralidade de seu papel, não só como dona do bar, mas também com relação ao cuidado do local e das pessoas que ali estavam presentes.

O bar não era diferente de outros. Paredes brancas, um grande balcão, várias mesas e cadeiras espalhadas, mesa de sinuca, um pequeno palco, uma *jukebox*<sup>16</sup>. Ao longo da pesquisa presenciei várias mudanças na disposição desses elementos, como, por exemplo, as mudanças nas posições do palco, a retirada da *jukebox* e da mesa de sinuca, a troca de algumas lâmpadas brancas por outras de cores mais quentes, a chegada de novas cadeiras e bancos acolchoados e a colocação de grades contornando a entrada do bar. Presenciei também a rotatividade de trabalhadoras sexuais no local. Tudo era muito dinâmico.

O único elemento que se manteve inalterado foi o ato de sentarem em frente a porta do bar. Essa necessidade advinha não somente como anúncio das intenções do bar ou na busca por clientes, mas principalmente por questões de segurança. Os olhares atentos das mulheres percebiam todos os movimentos e os classificavam como suspeitos ou não. A partir disso, decidiam quem entraria no bar e faziam a verificação rápida das intenções da pessoa.

Mesmo com essa tensão presente no ambiente, as pessoas comentavam que o local era tranquilo, mas, ao mesmo tempo, que era “preciso ficar de olho”. Essas técnicas tinham suas falhas, obviamente, como relatou Hortênsia no dia que foram assaltadas: “Carol, você tinha que ver. Eu vi o cara de longe. Ele estava com uma calça jeans, bota e uma camiseta quadriculada. Andando certinho. Parecia trabalhador. Veio em direção da gente como se quisesse pedir uma informação, mas já foi apontando a arma”. Por vezes, elas me comunicaram sobre carros suspeitos que paravam em frente ao bar, barulhos de tiros que escutavam e assaltos que ocorriam na parada de ônibus mais próxima dali.

---

<sup>16</sup> Jukebox é um aparelho eletrônico normalmente encontrados em estabelecimentos comerciais como bares e lanchonetes que tem por função tocar músicas escolhidas pelo cliente a partir de um catálogo.

A preocupação também se justificava pela tensão constante que as participantes da pesquisa tinham com as pessoas do cabaré ao lado. As provocações eram bastantes presentes. Alegavam que o local era ponto de tráfico de drogas e que as outras mulheres procuravam confusão. Por vezes, enquanto estávamos sentadas em frente ao bar, notava uma espécie de disputa entre elas. No diário de campo registrei uma dessas ocasiões:

Certo dia, duas mulheres do outro cabaré foram para a frente portão do local em que trabalhavam. Como este outro bar era tão próximo do local da pesquisa, foi possível ver os detalhes do que acontecia. As duas mulheres eram magras, usavam roupas curtas, decotadas e coladas ao corpo. Uma delas, olhando para todas nós [havia seis pessoas sentadas ao meu lado no local em que eu estava], comentava com sua amiga e as duas riam. Começaram, logo em seguida, a rebolar como se estivessem em plena pista de dança e a acenar para os carros, sempre olhando para o local em que estávamos. Do meu lado, as mulheres riam até que Rosa levantou e começou a caminhar de um lado para o outro falando alto que não se responsabilizaria pelas provocações. Íris, sempre tentando manter a calma falava para todas ignorarem tal hostilidade (diário de campo, 01/12/17).

As participantes da pesquisa reparavam os movimentos que aconteciam próximo ao cabaré vizinho. Observavam os homens e os carros que entravam e muitas vezes, percebendo que eram clientes da casa<sup>17</sup>, reclamavam com eles cobrando a presença em seu bar. Reparavam também nas mulheres que passavam ou chegavam para trabalhar naquele local. Em certos momentos citavam que eram “feias” ou usuárias de drogas, fazendo menção ao uso de crack por algumas prostitutas naquele cabaré.

Elas acreditavam que práticas espirituais eram realizadas no cabaré vizinho, conduzidas pela dona daquele espaço. Algumas mulheres com quem conversei afirmaram que algumas destas práticas já foram direcionadas à casa. Eu percebia, aos poucos, que a espiritualidade dava os ares da graça, conforme registrado em diário de campo:

Estava finalizando mais um dia de campo. Levantei para ir embora e no momento em que estava me despedindo da dona do bar [Íris], visualizei uma mulher com um punhado de pó branco à mão, assemelhava-se a sal. Esta mulher, parecia estar um tanto desconfiada neste momento. Ela jogava o material branco no caminho em que dava acesso tanto à casa quanto a este outro cabaré, do qual era dona. Não sabíamos sua real intenção, mas as outras pessoas que estavam com Íris olharam com feição de deboche e expressaram “Nossa, agora pronto! E ela tá toda

---

<sup>17</sup> “Casa” se refere ao local de pesquisa.

encolhida fazendo isso”, como que questionando a falta de postura da mulher na realização da ação (diário de campo, 03/11/17).

Além dos desentendimentos com as prostitutas do cabaré ao lado, entre as próprias companheiras de trabalho também havia problema, como elas mesmas relataram. As relações eram hostis em muitos momentos. Por várias semanas percebia a boa convivência de algumas, mas logo depois o estranhamento entre elas. Durante as entrevistas houve comentários sobre a amizade e o companheirismo que tinham no local de trabalho, mas ao longo do dia observava a tensão constante. Hortênsia comentou que não se podia confiar em ninguém, Violeta falou que existia muito “olho gordo” nestes locais e, ainda nessa linha de pensamento, Lis mencionou: “Tem muita inveja. Aquela pessoa que você mais ajuda é a que te apunhala pelas costas”.

Percebia que elas conversavam entre si, trocavam sorrisos e, em alguns momentos, afetos. Existia também uma ajuda mútua visando a proteção coletiva que, dentro do ambiente de trabalho, se materializava através de estratégias e códigos de proteção. Elas prestavam atenção a todos os movimentos dos clientes e protegiam umas às outras no aparecimento de qualquer problema na relação entre clientes e prostitutas. Sobre esses códigos, Rosa contou:

Aqui tem sempre uma ajudando a outra. Nós conversamos com códigos, eu nunca tinha visto isso nos lugares que eu trabalhei. Por exemplo, tem o São Daniel e São Miguel. São Daniel é pra identificar alguém que é traficante. Se tiver [uma pessoa] na casa e for São Miguel é que tá armado. Então a gente já chega pra uma [das companheiras de trabalho] e fala “olha, o Miguel tá chegando ali”, e logo alguma sai lá pra dentro e já liga pra polícia. Isso é bom que é pra proteger a gente mesma, né? (diário de campo, 07/08/2017).

Não havia uma disputa acirrada por clientes entre as participantes como Hortênsia e Íris mencionaram acontecer em outros locais. Elas formavam uma rede de sociabilidades e cuidado de si, trocando informações sobre saúde e outras questões referentes ao cotidiano do trabalho, como registrado em diário de campo:

Teve um momento em que estávamos sentadas perto da porta principal do bar. Íris, eu, Rosa, Hortênsia e Violeta conversávamos sobre amenidades. Falávamos sobre comprar coisas e sobre contas. Hortênsia disse para Violeta em um desses momentos: “Você tem que fazer que nem a Rosa, aprender com a amiguinha. Ao invés de você comprar um sabonete líquido de 15 reais, você compra cinco Palmolive em barra”. Nós sorrimos e concordamos e Rosa disse: “Buceta tem que ser lavada é com sabão em barra. Essa coisa de sabonetinho cheirosinho não tá certa não. Isso dá alergia na gente. Buceta tem que cheirar igual buceta,

não é cheirinho de sabonete não. Vai lá e passa um sabão neutro, de glicerina... isso que é bom. Nunca tive um corrimento, uma coisa dessa. Nada” (diário de campo, 01/12/2017).

Entretanto, um nível de intimidade mais profundo não era comum entre todas as mulheres que trabalhavam naquele local. Hortênsia e Violeta comentaram, certo dia, sobre a dificuldade de se confiar informações pessoais com as companheiras e o receio constante de que tais informações, quando compartilhadas, pudessem ser usadas contra elas em determinados momentos.

A confiança era destinada a pessoas específicas e, sem dúvida, a dona do bar emergia como uma figura que inspirava esse tipo de relação. Há alguns anos ela acolhia prostitutas em sua casa e tinha contato com as mais diversas histórias de vida. As mulheres trabalhavam em seu bar e muitas delas dormiam em quartos específicos, os mesmos utilizados para a realização do programa. Cabe ressaltar que o bar-cabaré é um espaço grande e em seus fundos existe uma casa onde a dona do local mora com sua companheira.

A relação estabelecida naquele local se diferenciava das que ocorrem em muitos outros bares-cabarés. Muitas vezes os donos dos estabelecimentos ou, como cita Simões em sua etnografia, “os donos da casa”, delimitavam elos de exploração e violência com as mulheres que trabalhavam em seus espaços (18). Rosa relatou a vivência de uma situação semelhante ao comentar que, em um dos locais que havia trabalhado, a dona distribuía pedras de crack para as mulheres fumarem. Para ela, o bar não era igual a “estes por aí” ao não aceitar determinadas condutas como o uso de drogas e por ter a preocupação com a saúde de quem lá trabalhava.

Íris é chamada por grande parte das mulheres da casa de “mãe”. Segundo Hortênsia, isso se explica pelo trabalho<sup>18</sup> de Íris com uma entidade espiritual. É comum que as mulheres peçam a benção quando vão a algum lugar, peçam permissão para fazer determinadas ações, ofereçam comida ou água, sempre demonstrando respeito e preocupação com suas reações e opiniões.

Em algumas ocasiões Íris me falou que gostaria que estas “meninas” conseguissem “vencer na vida e calar a boca das pessoas que as julgam”. Por entender que as mulheres que se prostituem são abandonadas pelas famílias, sociedade e pelo Estado, tenta, consciente ou inconscientemente, fazer com que a passagem delas em seu estabelecimento seja significativa na conquista de seus objetos e se disponibiliza como uma referência, ou rede de apoio para elas.

---

<sup>18</sup> Neste contexto, o espírito (alguém que desencarnou) assume o corpo de Íris para prestar caridade e ajudar as outras pessoas.

É uma líder, no sentido que reúne estas mulheres ao seu redor e as acolhe, tem a voz firme e potente e é respeitada por muitos naquela área. Tem sua própria rede de ajuda, incluindo clientes e alguns policiais. É demasiado espiritualizada e isto é percebido na relação que estabelece com as pessoas e nas palavras que usa. Mesclado ao ambiente do bar havia elementos de cunho religioso. Presenciei algumas orações, realizadas no próprio ambiente do bar, com pedidos de proteção do local e das mulheres, conforme registrado em diário de campo:

Estou sentada como de costume em frente à porta do bar. Entretanto, especificamente naquele momento, me encontrava sozinha, porque, por algum motivo, todas tiveram coisas a resolver dentro do ambiente. Neste interim para um carro. Mas durante algum tempo ninguém desceu. Eu não conseguia identificar quem estava no interior do veículo, já que os vidros eram pouco escuros. A expectativa que saísse alguém de dentro aumentava cada minuto que passava. Levantei e chamei Hortênsia para contar. Ela saiu do bar e reconheceu a pessoa que estava dentro do veículo. Era um cliente. Ele, porém, não respondia as indagações dela. Ela perguntava: “E aí, tudo bem? Você vai entrar?” Ele não respondia, não saía do carro, não entrava na casa e somente olhava fixamente para ela. Começo a sentir uma certa tensão no ar e o medo já tomava conta dos meus pensamentos. Aquela atitude dele era diferente. As outras mulheres já sabiam o que estava acontecendo e estavam igualmente apreensivas. Muitos minutos depois ele foi embora, ainda sem dizer nenhuma palavra. Íris chegou perto da porta. Amarílis veio logo em seguida com um balde branco contendo água em seu interior. Nesse momento, Íris pegou uma cumbuca, retirou aos poucos e delicadamente a água de dentro do balde maior e jogou na entrada do bar. Enquanto esparramava o líquido no chão fazia orações fervorosas. Ela pedia para que Deus livrasse todas as mulheres, que ali trabalhavam, da perseguição de homens e de outras pessoas que, porventura, tivessem maldade em seu coração. Hortênsia começou a orar também e as outras falavam “amém”. Pedi mais proteção e falou o nome de cada mulher. O clima era de tensão, pois não sabíamos se o homem voltaria ou se ele vigiava alguém dali. Eu estava completamente envolvida por aquele momento e a única coisa que conseguia fazer era também pedir proteção para o local e para as pessoas que lá estavam (diário de campo 20/11/017).

Proteção era elemento muito solicitado nos momentos de oração e elas me contavam que Deus e as entidades concretizavam estes pedidos. Certa vez, após saber da notícia de um assalto próximo ao bar, perguntei como elas faziam para proteger a casa nas madrugadas em que estavam trabalhando. Havia um segurança contratado, porém Íris falou: “É só alguém apontar uma arma que ele tá rendido. Então, minha filha, a segurança aqui é mais espiritual mesmo”.

A espiritualidade se apresentava como elemento de suma importância para o bom funcionamento do ambiente, das relações e das vidas daquelas mulheres. Ao longo das tardes fui apresentada a diversos conceitos da religião seguida por elas. Embora Íris não tenha dito precisamente qual era esta religião, Hortênsia afirmara ser o candomblé. Por este motivo, utilizei no trabalho exemplos desta religião para abordar alguns temas. Íris, em alguns momentos, mencionou que sua religião tinha elementos do espiritismo e em cada conversa ela me explicava um pouco mais sobre isso, como registrado em diário de campo:

Íris comentou que gosta sempre de fazer o bem para as pessoas, mas que sempre é passada para trás. Contou vários casos. Em todos eles, mencionou sobre sua religião. Contou “que incorporava” e que a entidade lhe alertava sobre as pessoas. Falou sobre um trabalho que fizeram contra ela, mas que a maldade retornou para quem a praticou e que o ‘mal’ retorna para quem o deseja. Relatou também que nunca usou o espiritismo para fazer mal a ninguém (diário de campo, 19/05/17).

Violeta, que também trabalhou no bar, ao tentar me explicar sobre alguns conceitos desta religião me questionou: “Você sabe dos termos do espiritismo?”. Perguntou isso, pois sua fala estava entremeada com as questões vivenciadas e sobre papel que tinha nos rituais espirituais que aconteciam naquele espaço. Ela havia se tornado *Eke*<sup>19</sup> de uma entidade espiritual a pouco tempo, assim como Amarílis também era. As *Eke*s comumente não são incorporadas pela entidade espiritual e têm a importante missão de dar o suporte necessário no momento da incorporação, atendendo os pedidos do orixá.

Apesar de somente Hortênsia ter mencionado o candomblé como sua religião eu percebia seus elementos na prática das outras mulheres, como registrei em diário de campo:

Certa vez, fui ajudar Íris a pegar uns objetos que estavam no “quarto de santo”. Antes de entrar no local Íris falou: “Carol, esse quarto aqui tem um cheiro forte, mas não repara, são ervas. Esse é o quarto de santo! Entramos. Lá dentro tinha alguns brinquedos que ela disse que eram de seus erês. Tirei o brinquedo de cima da cadeira e perguntei se poderia colocar em cima da mesa que estava próxima a mim. Era uma mesa pequena que só tinha uma imagem de uma mulher ao centro. E ela disse: “Não, aí não. Essa é a minha mãe de cabeça”. Lá era o local em que eram preparadas as oferendas para os orixás (diário de campo, 19/05/17).

---

<sup>19</sup> *Eke*, *Ekede* ou *Ajoie* são denominações presentes no candomblé e diz respeito a um cargo feminino bastante respeitado: a zeladora do orixá.

A religiosidade tomava o cotidiano e servia de amparo às adversidades de cada pessoa. Ali, a religiosidade tinha não somente elementos do candomblé, mas também da umbanda e do espiritismo.

Íris trabalhava com uma entidade espiritual chamada Maria Padilha ou, carinhosamente, Velha. Durante rituais de sua religião, Íris era incorporada por ela. Padilha era monitora espiritual das mulheres e da própria Íris e ocupava um posto central no cuidado de todos naquele ambiente. Elas colocavam Padilha em um lugar muito significativo em suas vidas e afirmavam serem “fiéis” a ela. Amarilis, por exemplo, mencionava: “a Velha é tudo para mim”. Hortênsia, a quem julgo como uma das figuras centrais deste trabalho, certa vez rebateu esse posicionamento, dizendo: “Eu, particularmente, não me vejo como figura mais importante deste trabalho, Carol. Ele não poderia ter acontecido se não fosse Padilha. Ela sim permitiu.”

A entidade fornecia um apoio afetivo e um acolhimento espiritual. Incorporada em Íris, conversava com as mulheres, dava conselhos, sugeria como agir em determinadas situações. Eram feitos pedidos a Padilha e, como resposta, não existia algo mágico ou imediato, mas a pronta recomendação de um caminho de muito trabalho e empenho. Sobre isso Lis comentou: “A velha disse para eu estudar e fazer todos os concursos que aparecerem e, uma hora, quando eu menos esperar, terei o meu emprego. É isso que eu vou fazer”. O apoio também dizia respeito a circunstâncias que afetavam a saúde física e mental das mulheres. Ela dava suporte emocional comentando sobre situações íntimas referentes a relações amorosas e familiares.

Íris, a todo o momento, mencionava Maria Padilha e sua tão próxima relação com a entidade. Nessas conversas explicava e citava as inúmeras vezes em que ela a guiou para enfrentar as adversidades da vida e a ajudou na reflexão de assunto cotidianos. Íris me apresentou o universo da espiritualidade e os elementos que este envolvia. Segue um trecho desses momentos registrado em meu diário de campo:

Certo dia, me apresentou ao seu zelador espiritual. Vendo que eu não sabia o significado de tal termo, me explicou pacientemente (diário de campo, 06/06/17). Estes termos presentes em sua religião eram desnudados para mim a cada encontro. Íris compartilhou também a vez em que Padilha falou sobre o cenário político e a alertou na dificuldade que o Brasil e a população LGBT enfrentaria se o Bolsonaro ganhasse as eleições (diário de campo, 26/05/17).

Aos poucos fui conhecendo o significado e o valor que elas destinavam a dimensão espiritual e observando o fato de que concordavam em compartilhar comigo um assunto tão íntimo, mas ao mesmo tempo tão comum em suas falas. Isso me chamava atenção e me afetou

de maneira intensa, principalmente quando observei que Maria Padilha também, de forma indireta, se comunicava comigo. Um desses dias aconteceu quando Amarílis informou no momento da minha chegada ao bar: “A velha pediu que você ficasse à vontade aqui fora que Hortênsia já vai chegar para conversar com você”. Neste dia, ela estava incorporada em Íris e conversava com algumas mulheres. Outra vez aconteceu no momento em que Hortênsia relatou por mensagem de *WhatsApp* que Maria Padilha havia me alertado sobre o risco de uma situação específica. Em todas essas situações percebia que a compreensão de cuidado ficava mais clara na medida em que me sentia, de alguma forma, cuidada naquele local. O olhar do campo sobre mim era cada vez mais perceptível, eu participava da cena e era alterada por ela. Eu observava, mas também era observada por todos.

\*

Aqui a espiritualidade é trazida à luz e revela nas entranhas de uma entidade o simbolismo de uma mãe cuidando do filho. Aquelas mulheres eram também filhas de Maria Padilha e assim se definiam. Elas valorizavam esta relação e reconheciam neste acolhimento o significado de um lar. A espiritualidade aparecia misturada com a ideia de saúde e cuidado que elas tinham e se apresentava a mim como importante dimensão de análise.

O próximo tópico será destinado a mostrar um pouco das minhas experiências e observações no campo da Asa Norte. Nele, outro aspecto relacionado à saúde e cuidado ficará evidente.



**Figura 4-** "O conselho e o afeto"- Daniel Passos, 2018.



### **2.2.2. Observando outros discursos: Núcleo Asa Norte**

Eram dois de junho, data em que se celebra o dia internacional da profissional do sexo. Este momento não poderia passar despercebido por um movimento social formado por mulheres que lutam em defesa da categoria. Nessa noite algumas participantes do coletivo Tulipas do Cerrado iriam fazer uma ação comemorativa com as profissionais do sexo da Asa Norte e eu, pela primeira vez, iria acompanhar. Era um cenário bastante diferente daquele que eu vinha presenciando em Planaltina. Eu estava com grandes expectativas para conhecer novos discursos e vivências.

Nos deslocamos, eu e mais quatro mulheres, para a W3 norte por volta das oito horas da noite. Munidas com caixas de preservativos, panfletos explicativos e muitas rosas vermelhas, caminhávamos pelas comerciais. A maioria das lojas já estava fechada, restando apenas alguns poucos bares e restaurantes que se enchiam de luzes e pessoas visivelmente animadas e falantes. Por entre uma loja e outra avistava profissionais do sexo. A maioria se concentrava em pequenos grupos. Conversavam entre si, sorriam e não tiravam os olhos do ambiente e de todo carro que porventura passasse lentamente. A cada prostituta que encontrávamos, Juma tomava logo a frente para felicitá-la e informá-la sobre a data comemorativa. Aproximava-se falando alto, com uma voz imponente, e fazia nesta interação a leitura da receptividade da mulher. Entre suas principais falas estava a ideia de empoderamento. Para ela, a mulher precisava se informar, ser conhecedora de seus direitos, denunciar os abusos sofridos por clientes, prestar minuciosa atenção à saúde e, sobretudo, rebater o preconceito diário. Muitas delas olhavam surpresas no momento em que escutavam aquelas palavras.

Apesar das várias conversas, o campo estava vazio. Segundo Juma, não havia nem metade da quantidade de mulheres que comumente executavam a atividade naquele horário. Em contrapartida, observei várias viaturas policiais passando com suas fortes luzes vermelhas ligadas e agentes segurando suas armas para fora do carro. O clima era de desconfiança em alguns pontos. Os policiais tinham a feição séria. Uma das integrantes do Tulipas comentou que na semana anterior havia acontecido batidas policiais em algumas quitinetes e cogitou a hipótese que essa fosse a explicação para tamanho esvaziamento em plena noite de sexta feira. Juma concordou justificando que, nas semanas anteriores, “atendeu”, em uma única noite, mais de noventa mulheres. O fluxo, obviamente, era diferenciado em cada dia da semana, mas aquela situação era de fato atípica. A cada caminhada que fazíamos a procura de outras profissionais do sexo, Juma me apresentava o cenário. Chamou a atenção para as janelas das pequenas

quitinetes: “Olha Carol, tá vendo aquelas sacadas e janelas mais bonitas? Geralmente são quartos de garotas de programa, porque essa coisa bem arrumadinha chama cliente”.

Após algum tempo caminhando pela via, paramos em um determinado ponto, que viria a visitar tantas outras vezes. Juma começou a falar sobre uma pessoa. Era Jasmim. Nessa rápida apresentação comentou sobre a exploração que a mulher havia sofrido por parte de um cafetão e toda a violência presente naquela relação. Apontando a mão para a janela localizada no primeiro andar, chamou todas nós para o pequeno apartamento.

Avistei uma escada branca. Começamos a subir. Um corredor estreito, escuro devido a lâmpada queimada e com um forte cheiro de perfume doce misturado ao de cigarro. As piteiras ao chão não negavam os tantos fumantes que frequentavam o local. Entramos em um apartamento pequeno onde havia um sofá rosa combinando com uma cortina da mesma cor, tonalidade que se destacava no ambiente branco. Dois quartos, um banheiro pequeno e uma sala que se aglutinava à cozinha. Dentro do quarto estava uma mulher. Magra, branca, de calcinha e sutiã, no processo de embelezamento para começar o trabalho. Logo após nos acomodarmos na quitinete, fomos recebidas por Jasmim, que usava um roupão roxo e tinha um grande sorriso acolhedor.

Juma fez questão de elogiar o apartamento e comentou cheia de orgulho para todas as pessoas lá estavam o quão importante era aquele espaço. Essa fala estava baseada em todos os momentos em que incentivou Jasmim na procura de um local que pudesse ficar por conta própria, sem depender de cafetão ou cafetina. Aquele era um ambiente em que Jasmim poderia se proteger das explorações e ajudar outras profissionais do sexo. Meses depois, Juma me contou que alertou a jovem sobre as precauções que deveria ter com relação a batidas policiais: “Falei pra ela que era só não ter muita camisinha dentro de casa e não deixar a vista... Diz pro policial que mora com uma amiga e pronto, ou então já assume logo e vai ficar um dia na DP e acabou” (diário de campo, 12/02/18, p. 151). Tal situação, no momento em que me foi exposta, causou uma série de questionamentos. Como um local destinado primariamente ao trabalho sexual não deveria ter preservativos à vista ou ter em pouca quantidade? Tais preocupações faziam parte do cotidiano destas mulheres, pois mesmo o trabalho sexual não sendo crime no Brasil, qualquer local que seja destinado e “gerido” por alguém e que seja utilizado para fins de prostituição pode ser alvo de autoridades policiais e de sanções da justiça (33). Importante ressaltar que esta preocupação afetava diretamente com a saúde destas mulheres e influenciavam de maneira cabal como elas cuidavam de si.

A partir desta primeira situação e das inquietações que me foram despertadas, surgia diante de meus olhos um universo novo e visivelmente invadido pela reflexão política. Por meio do

coletivo Tulipas do Cerrado, comecei a trilhar um caminho pelos movimentos sociais de prostitutas e a entender um pouco mais sobre suas pautas, o que me revelava um outro trajeto tomado por essas mulheres, de diálogo e de confronto mais intenso com uma diversidade de agentes estatais.

Juma exercia visivelmente uma liderança entre as mulheres, não somente, mas principalmente no centro de Brasília. Devido a sua trajetória de vida como pessoa em situação de rua, usuária de drogas, profissional do sexo e, mais tarde, redutora de danos, ela conhecia os contornos do território e as redes de pessoas presentes nas mais diversas localidades da capital. Toda essa vivência prévia e atual constitui um grande arcabouço e a legítima para lidar com pessoas em situação de vulnerabilidade. Esta experiência pessoal a autorizava a conversar com as profissionais do sexo e muitas vezes a solicitar delas certos posicionamentos políticos.

O trabalho do coletivo no momento das ações em campo, especificamente na Asa Norte, consistia em fazer o trajeto pelas quadras 700 e estabelecer uma aproximação com as mulheres que por lá trabalhavam. A cada ida percebíamos a dinâmica do ambiente. O olhar atento pairava não somente sobre as prostitutas, mas também sobre as localidades em que elas estavam. Por lá observávamos se havia policiais, cafetões, tráfico de drogas e o fluxo de clientes e pessoas.

As mulheres ocupavam a avenida W3 norte e o trabalho sexual era ativo por todo o dia, porém no período diurno elas pactuavam o programa com o interessado por meio do telefone, a partir de anúncios em sites de acompanhantes. Com o cair da noite e o encerramento das atividades da maior parte das lojas comerciais, elas começavam a se concentrar nos respectivos “pontos” e esperavam os clientes<sup>20</sup>.

A avenida mudava de configuração a cada período do dia e isso se tornou um ponto de destaque em minhas observações. Assim como Silva, tive a oportunidade de frequentar o campo nos mais diversos horários (manhã, tarde e noite/madrugada), cada um desses períodos expressava uma forma diferente de organização (34). Durante as tardes o que se via era a grande movimentação de pessoas e as várias lojas abertas. Muitas colocavam suas mercadorias expostas na passarela da comercial que, mais tarde, serviriam de palco para o *trottoir* das prostitutas. À noite, saltos altos, roupas decotadas e coladas compunham as vestimentas de trabalho destas trabalhadoras sexuais. As mulheres costumavam ficar em espaços mais ou menos delimitados, se concentrando, em sua maioria, em pequenos grupos, mas também existiam aquelas que se encontravam sozinhas na “pista”. Permaneciam debaixo das marquises dos prédios, encostadas nas pilastras em frente ao pequeno estacionamento ou sentadas nas

---

<sup>20</sup> Informação observada nos contatos com Jasmim e reforçada por Juma, grande conhecedora da área.

calçadas, sempre atentas aos transeuntes que lhes despejavam olhares de desejo ou de reprovação. Pela manhã, o cheiro de tabaco ainda estava presente em alguns pontos, assim como diversas piteiras de cigarro e outros materiais descartáveis, rastros da longa noite de trabalho.

Ao conversar com Jasmim percebi que o programa tinha em média vinte e cinco minutos de duração e geralmente a rotatividade de clientes era grande, já que muitos se utilizavam de menos tempo<sup>21</sup>. Em sua maioria chegavam até o local em seus veículos e dentro destes negociavam o valor do programa. Segundo Silva, o fato de estarem motorizados é de grande ajuda na preservação de seu anonimato, permitindo que eles percorram os muitos quilômetros da avenida W3 para poderem escolher uma mulher que lhe instigue interesse (34). A maioria dos programas acontecia dentro das quitinetes que, conforme observei, eram compartilhadas por mais de uma mulher para realização do trabalho.

Algumas vezes percebi olhares demasiadamente curiosos nos momentos em que subia ou descia as escadas da quitinete de Jasmim, como se aquele ambiente, em qualquer período do dia, demarcasse fronteiras e denunciasses quem exercia ou não o trabalho sexual.

O ponto em que Jasmim trabalhava se tornou uma importante referência para o coletivo Tulipas do Cerrado. Por vezes, encontros ou reuniões entre as mulheres foram marcados naquela localidade. Não somente o ponto, mas a própria figura de Jasmim foi bastante mencionada por Juma no momento de conversa com outras prostitutas na W3 norte, tanto como exemplo de determinação e foco, quanto como uma possível rede de apoio para mulheres que por ventura precisassem. O coletivo Tulipas também se utilizava das redes sociais como *Facebook* e *WhatsApp* para divulgar o trabalho e para manter o contato mais próximo com as mulheres. Através dessas redes, assuntos correlatos ao trabalho sexual eram conversados e eram, também, decididas as melhores datas dos encontros presenciais das integrantes do grupo.

A figura de Juma mostrou sua importância a cada encontro. Em algumas ocasiões presenciei outras prostitutas com falas cheias de gratidão ao se referirem a ela, apontando-a como essencial em suas trajetórias. Em meu diário de campo relatei:

No grupo do WhatsApp da Tulipas do Cerrado era possível observar várias profissionais do sexo, das mais variadas localidades do DF, chamarem Juma para uma conversa. Uma delas, certa vez, fez um apelo alegando que precisava muito de sua ajuda. Outra comentou que Juma precisava visitar sua casa porque estava com saudades dos papos que tinham. Ela, claramente, representava um ponto de apoio para essas mulheres e se utilizava da relação de proximidade e das reuniões e

---

<sup>21</sup> Diário de campo, 23/08/2017.

encontros feitos pelo coletivo para dividir informações sobre empoderamento e cidadania. (diário de campo, 07/10/17)

O coletivo Tulipas do Cerrado lutava pela regulamentação da atividade da prostituição e falava sobre isso nos trabalhos que fazia, demarcando o início de uma luta mais vivaz pelo direito legal àquilo que considerava como um trabalho. O reconhecimento social da profissão era igualmente desejado, como percebi nas narrativas das mulheres. Notas em diário de campo explicitam isso:

Hoje, eu e Juma fomos a uma solenidade de entrega de diploma. Dália estava se formando em um curso técnico e seria a oradora da turma. Ela havia feito uma poesia que constava as lutas diárias de todas as mulheres. Nesta, contava enfaticamente que era prostituta e exigia direitos para esse segmento da população. Estávamos muito felizes pela conquista de Dália. Juma estava alegre, falava alto, gritava, sorria e conversava com todos ao seu redor. Em um dado momento, o homem que estava apresentando os convidados e que dava o tom do evento, mencionou que Juma estava presente e era parte de um grupo que fazia um trabalho com PROFSSIONAIS. Ele não mencionou “profissionais do sexo”. A feição de Juma logo mudou, ela ficou calada e disse, em algum momento, estar muito chateada por isso. Afinal, ele tinha claramente evitado a palavra prostituta ou profissional do SEXO. Ela solicitou que ele corrigisse o erro e novamente outro erro foi cometido. Agora ninguém mais havia entendido que tipo de trabalho a Tulipas fazia. Juma então levanta de sua cadeira no meio da solenidade, interrompe o apresentador com sua voz estridente, sem microfone e diz “pelo amor de Deus, gato. Deixa que eu falo! Eu sou da Tulipas do Cerrado, ONG que faz um trabalho com profissionais do SEXO [ela enfatiza com a voz essa palavra]. Um trabalho de empoderamento das mulheres”. Sentou visivelmente alterada e disse “táááááááááá querida, tá achando mesmo que eu ia deixar essa passar?” Neste momento, ela disse que as prostitutas deveriam ocupar todos os espaços e serem reconhecidas. Após isso, fomos embora com um sentimento de tristeza misturado ao da raiva (diário de campo, 11/01/18).

Praticamente toda as mulheres do grupo com quem conversei mencionaram que concordavam com a pauta da regulamentação da atividade, alegando que dessa forma poderiam ter um acesso digno à saúde, segurança e direitos trabalhistas. Reforçando esse posicionamento, Juma citou o caso de Dália: “Olha aí a Dália, trabalhou a vida toda como prostituta e agora nem consegue se aposentar com dignidade. E as tantas profissionais do sexo mais velhas que não podem para de trabalhar por causa dessa situação?”

Além da regulamentação, a denominação “profissionais do sexo” aparece como categoria e oferece um status de formalidade à atividade. Sobre isso Juma expõe: “Os nomes prostituta e

puta, são muito pejorativos. E não adianta, ninguém vai tirar esse estigma. Eles vêm de muitos anos”. Segundo ela, só se utiliza da denominação “prostituta” quando se quer “causar”, referindo-se à grande carga sensacionalista que tem esta denominação.

As mulheres do núcleo da Asa Norte também faziam menção aos atendimentos dos profissionais dos serviços públicos. Por estarem no centro de Brasília, elas possuíam acesso a alguns recursos, como a proximidade do transporte público, dos serviços de saúde, assistência social, de segurança entre outros elementos. Porém, os seus discursos demonstravam os expressivos déficits do atendimento e o preconceito direcionado a elas no momento da procura desses serviços e identificação como prostitutas. Percebemos que a barreira não é somente física e não diz respeito unicamente a estar perto ou não de tais serviços. Existe uma barreira moral que ainda não foi superada; racista, no caso das mulheres negras, e preconceituosa, que se estrutura sobre o estigma que viola e faz adoecer.

Visualiza-se também em seus discursos que, apesar das dificuldades, a área de saúde é aquela que de alguma forma possui um diálogo mais próximo com essa população. Entretanto, tal diálogo ainda é pautado na ideia biomédica de saúde *versus* doença e não contempla outras esferas da vida dessas mulheres. Com relação à área de segurança pública esse diálogo praticamente inexistente, haja vista confrontos históricos entre prostitutas e policiais. Discorro mais sobre a relação entre prostituição e saúde no capítulo 3.

Por essas e por outras razões que Juma falava enfaticamente nas rodas de conversa que participava na Universidade de Brasília: “Prostituição não é só saúde e precisamos repensar o acesso dessas mulheres nos demais serviços. Elas precisam se empoderar de seus direitos.<sup>22</sup>”

\*

Encerro o tópico enfatizando a profundidade que o campo da Asa Norte trouxe para a pesquisa e enfatizando também o despertar da ideia de saúde e cuidado totalmente vinculadas a aspectos ligados a cidadania dessas mulheres. Aqui, elas gritavam e exigiam uma postura diferenciada do Estado e de segmentos da sociedade com relação a essa população específica.

---

<sup>22</sup> Diário de campo, 14/06/2017, p. 64.



**Figura 5-** Figura 2- "A W3 Norte" - Daniel Passos, 2018.

\*

As profissionais do sexo de Planaltina e da W3 norte apresentaram pontos de divergência e convergência sobre a atividade, a relação com a sociedade e com o Estado. Devo enfatizar que gênero e ocupação, aos poucos, demonstraram sua centralidade. Em alguns casos, raça/cor da pele foi outro marcador, mas devo enfatizar que não foi estruturante neste trabalho, no sentido de não ter sido pensado como uma variável previamente determinada para que a conversa com as interlocutoras acontecesse. Desta maneira, a raça/cor da pele esteve presente e somou-se a discussão sobre o tema, mas não foi elemento trazido diretamente pela fala destes sujeitos.

A questão racial não é comumente trazida à discussão nas produções acadêmicas sobre prostituição (35). Segundo Nunes, isto é resultado de um tipo de racismo que não permite enxergá-lo como estruturante de outras opressões que existem (35). Banuth e Santos colocam que a experiência da vida de uma mulher negra, por exemplo, não pode ser percebida somente sob o prisma do “ser mulher” ou somente “do ser negra”, como se fossem esferas independentes, mas sim deve-se incluir a interação entre estas duas condições (36).

O que Banuth e Santos falam tem afinidade com a ideia de interseccionalidade, concepção que pode emergir como elemento de análise, já que se define como “o estudo das intersecções

de formas ou sistemas de opressão, dominação ou discriminação” (p.765) (36). Além de ajudar a entender as dinâmicas das desigualdades, o conceito de interseccionalidade é um elemento potente para compreensão de como os processos de privilégio são construídos.

Entender que mulheres são expostas a opressões estruturantes, não só as de gênero, mas também as de classe e raça, é compreender que elas podem ter caminhos e escolhas menos privilegiadas de sobrevivência, e a prostituição pode, para algumas, representar um destes caminhos.

O próximo tópico trata da minha percepção com relação ao cliente durante os campos e como as interações deste com o ambiente me afetaram enquanto pesquisadora.

### 2.3. *“Esses caras prometem o mundo”*: percebendo os clientes

Um dos assuntos mais recorrentes entre as prostitutas era os clientes. Eles eram alvo de muitos comentários, risadas e despertavam sentimentos ambíguos nas mulheres com quem conversei. Ao mesmo tempo em que muitos figuravam como “ótario”<sup>23</sup> para algumas delas, outros assumiam um papel divertido e agradável e outros ainda eram classificados como violentos. Todos, sem exceção, inspiravam desconfianças. Figura dúbia, o cliente destacava-se como elemento importante e se inseria ora como fator de proteção, ora como fator de vulnerabilidade ou risco. Alguns ofereciam auxílio às mulheres no processo de cuidado, seja no ato de levar um “remédio” quando precisavam, seja se tornando alguém presente nos momentos de necessidade, ao passo que outros as expunham a riscos no momento em que faziam ofertas de práticas sexuais inseguras, ou quando usavam a violência no momento do programa.

\*

Uma hora da tarde em Planaltina, chego em campo. Com um tom de voz de empolgação e gestos eufóricos, Rosa começa explicando-me sobre os homens que frequentam espaços de prostituição. Ela faz questão de mostrar que é conhecedora do assunto, afinal, nos vinte e cinco anos de trabalho sexual já havia vivenciado as mais diversas situações. Gesticulando bastante e apontando para a entrada da casa, mostra elementos que se repetem a cada chegada de clientes.

---

<sup>23</sup> Termo encontrado no campo de Planaltina e falado especificamente por duas mulheres.



Em sua observação, cada homem que se aproxima de espaços de prostituição rapidamente faz a leitura das mulheres do local e logo “mira” uma delas de modo diferenciado. Mesmo que ele fale com todas, o que comumente acontece, existe certo ar sedutor direcionado a quem provavelmente será a escolhida para o programa. A partir daí começariam as conversas, insinuações e finalmente o convite para o quarto. Estas breves palavras de Rosa descreveriam o que, dois dias depois, eu iria de fato entender. Em outra tarde na casa, sentada ao lado de outras mulheres que costumeiramente conversavam, vejo um carro lentamente se aproximar da entrada do bar. Havia dois homens em seu interior. De longe percebo a tal “fixação do olhar” falada por Rosa, entretanto, agora o olhar era direcionado a mim. Ele sai do carro, pede uma cerveja e senta próximo de onde eu estava. Olhava-me profundamente mesmo quando estava falando com o amigo ou com outras pessoas. Por um momento seus olhares me cobriram de cima a baixo. Mordia os lábios. Eis o processo de sedução. Conversava, questionava, insistia para saber se eu era casada e onde estava minha aliança. Tentava me convencer a acompanhá-lo na cerveja. O tempo todo movia a mão em direção à minha perna.

Seja entrando no bar em Planaltina ou caminhando lentamente por entre as concentrações de mulheres na via comercial da Asa Norte, o modo como o cliente olha para a prostituta chamou minha atenção. Os olhares eram certos, cheios de desejo e não deixavam escapar cada parte do corpo da mulher. A partir do olhar, buscavam ansiosa e maliciosamente aquela que preenchesse os “quesitos para o gozo ideal”, nos termos de Simões (18).

O local que mais tive convívio com clientes foi, sem dúvida, em Planaltina. Eles chegavam, em sua maioria, de carro e com seus respectivos amigos. Muitos eram conhecidos pelas trabalhadoras sexuais por serem assíduos frequentadores tanto do bar quanto de outros estabelecimentos nas proximidades. Alguns chegavam ao local sob o efeito de álcool, cambaleando. Outros passavam rapidamente no intervalo entre um trabalho e outro para tomarem uma cerveja e conversar com as mulheres da casa. Quase todos pediam bebidas no momento em que sentavam à mesa. A maioria eram homens de meia idade, entre quarenta e cinquenta e cinco anos, e casados.

Na Asa Norte, por entre a avenida W3, é vê-se homens andando e olhando para as mulheres. Muitos dentro de seus carros, passando lentamente como se estivessem à procura da pessoa ideal para o programa. Neste ambiente tudo era mais rápido, normalmente não havia nem tempo nem cerveja para abrir a conversa entre as partes envolvidas.

O uso de drogas é bastante presente no segmento das prostitutas e muitas mulheres relataram o início do consumo de substâncias psicoativas motivadas pelos clientes. Por vezes, estes ofertavam mais dinheiro para que a trabalhadora sexual o acompanhasse durante o uso.

As mulheres relataram que a cocaína e o álcool estavam entre as drogas mais utilizadas por eles. Além de substâncias psicoativas, todas as entrevistadas mencionaram que os seus clientes ofereciam mais dinheiro para fazerem o programa sem o uso do preservativo. Amarílis comentou ainda que era preciso ficar atenta no momento da relação sexual, já que eles tentavam muitas vezes retirar a camisinha sem que elas se dessem conta<sup>24</sup>. Juma em seu trabalho com as trabalhadoras sexuais na Asa Norte informava às mulheres que era preciso se “empoderar acerca destas táticas usadas pelos clientes” e enfatizava que “a retirada do preservativo sem consentimento é estupro e merece ser denunciado” (diário de campo, 15/12/17).

No momento em que estava em campo, eles associavam automaticamente que eu trabalhava no local. Em Planaltina, muitos conversavam comigo, sentavam ao meu lado e falavam sobre suas vidas. Quase nunca perguntavam diretamente se eu fazia programas, direcionando tal questionamento as mulheres mais antigas do local. Ao saberem que não era prostituta, mas estudante universitária, alguns me pediam desculpas, outros continuavam as investidas. Existia ali algo que eu denominava como “jogo de sedução”. O difícil parecia tornar-se mais atraente. Alguns clientes tentavam falar de forma diferenciada comigo. Dentre algumas dessas situações que vivenciei, destaco:

O cliente já estava sob efeito de álcool e visivelmente queria me impressionar. Tentava falar de maneira rebuscada, usando palavras difíceis e um pouco fora do contexto. Em todas as frases ele dizia “academicamente falando” e “institucionalmente falando”. Dizia ainda para as mulheres que estava batendo um papo intelectual comigo [...] O tempo todo me fazia elogios e dizia me amava e que eu era a mulher perfeita (diário de campo, 21/04/17, p. 34).

Existe um jogo de palavras, gestos, elogios e desejos que são destinadas as novatas do local. Em geral, são as mais procuradas. Pude entender isso também com Juma, no momento em que estávamos na avenida W3 norte à espera de Jasmim para conversar. Os homens nos olhavam fixamente. Segundo ela, porque além de estarmos paradas em um local destinado ao *trottoir*, éramos “cara nova” naquele contexto (37). Talvez esta fosse a explicação para investidas recebidas no período que fiquei no campo.

Ainda em Planaltina, alguns clientes tocavam meu corpo, queriam abraços, beijos e insistiam nisso, por mais que eu me afastasse ou recusasse uma aproximação. Foram incontáveis os olhares de desejo direcionados a mim e as ofertas de dinheiro para que eu

---

<sup>24</sup> Diário de campo, 07/04/2017, p. 20.

realizasse o programa. Certo dia um cliente chegou ao bar, olhou para mim de cima abaixo, e perguntou para Hortênsia: “E essa vitela<sup>25</sup> aí, hein?” (diário de campo, 21/04/18). Em outro momento, alguns homens chegaram à casa, foram a minha direção, e um deles pegou bruscamente em minha cintura, aproximando-me do seu corpo no intuito de me cumprimentar (diário de campo, 28/04/17). Entretanto, a situação que mais se destacou sobre este assunto foi a seguinte:

Chega um carro com dois homens e uma mulher. Um deles saiu. Vestia uma roupa suja e os pelos de seu peito saíam pela gola da camisa. Usava uma corrente no pescoço. Era um homem alto, forte, possuía as mãos grossas. Barba crescida e rala. Cabelo bagunçado. Chegou falando alto e me olhando profundamente, da cabeça aos pés. Falou com Íris e olhando para minhas pernas dirigiu a palavra a mim: “E aê galegona, vamos transar?” [...]. O outro homem saiu do carro. Ele era mais novo, magro, olhos azuis. Começou a conversar comigo. Depois de alguns momentos, começou a falar alto que gostaria de casar e que estava procurando uma mulher que aceitasse. Seus olhos não saíam de mim. Tempos depois perguntou se eu fazia programa. Respondi que não. Após isso, disse que queria casar comigo, que me queria e que me pagava. Eu sempre respondendo “não.” Ele fala: “Então vai pra porra. Também não vou ficar insistindo.” E fechou a cara. Esse cliente fazia gestos com a mão para ficarmos juntos, insistia que gostaria de pegar em minha mão e beijar na boca. Ele ria, gesticulava, fazia caras e bocas. E eu, desconfortável [...]. No momento em que eu estava indo embora, um cliente me ofereceu 500 reais para que eu aceitasse fazer o programa, o outro olhava para os meus seios, salivando e dizendo: “Nossa, e esses peitinhos? Já vai embora? Vamos transar.” Eu negava e eles insistiam em me tocar de qualquer forma. Estendi a mão para ele e me despedi.

Após esse episódio, senti na pele a “densidade” do fazer etnográfico (diário de campo, 31/03/17).

Desde o início do campo em Planaltina enfrentei situações desconfortáveis como as que foram descritas acima, principalmente nos momentos em que não havia tantas trabalhadoras sexuais no bar<sup>26</sup>. Na presença de algumas mulheres estas situações eram menos habituais, já algumas delas avisavam aos homens “Vira teu olho pra lá que Carolzinha não faz essas coisas não!”, como mencionou Rosa em um dos dias que estive no bar.

Alguns clientes, principalmente os mais antigos, chegavam no bar demonstrando certa intimidade com as mulheres que lá trabalhavam. Às vezes tentavam abraços mais duradouros

---

<sup>25</sup> Denominação que se dá à vaca com menos de um ano.

<sup>26</sup> Mais especificamente nos primeiros meses da pesquisa.

ou tentavam beijar em suas bocas. Muitos tentavam passar a mão no corpo das mulheres pelo simples fato de terem chegado ao local. Um desses cliente chamava Amarílis de vagabunda<sup>27</sup>, nos momentos de “descontração”, em que todos riam. Outro, no momento em que Amarílis foi cumprimentá-lo, puxou-a pela cabeça e forçou um beijo. Com Hortênsia não foi diferente: o cliente passou a mão em suas nádegas, seios e levantou sua camisa, sempre em clima de “brincadeira” (diário de campo, 07/03/2017, p.21). O toque sem autorização era frequente naquele ambiente e os clientes se valiam de qualquer brecha ou desatenção da profissional do sexo para estabelecer um contato corporal, mesmo sem ter havido pagamento ou acordo prévio com a mulher para a prestação do serviço sexual. Certa vez perguntei à Hortênsia o que ela pensava com relação a estes toques sem permissão e a resposta foi: “Acho nojento, mas é sempre assim. Sabe quando você vai para a boticário<sup>28</sup> e quer pegar uma amostra grátis de perfume? É isso que eles fazem. Querem uma provinha. E a gente vai levando, né?”. Era notável a violência direcionada a estas mulheres.

Durante o campo eu também era vista e entendida como prostituta e, por vezes, observei olhares e senti o peso do estigma da ocupação e da maneira como se relacionavam com essa trabalhadora e com seu corpo. Estar no cabaré parecia atrelar-se a “estar disponível”, não importando quantos “nãos” a mulher falasse. Íris, dona do bar, também já foi vítima dessa insistência quando “um policial foi à casa e se interessou em ‘ficar’ com ela. Mesmo com a resposta negativa de sua parte, houve tão grande insistência que Íris se sentiu coagida. Desta forma, foi direto à delegacia e abriu um B.O contra ele” (diário de campo, 16/11/2017, p. 131).

Em determinadas circunstâncias essas formas de agressões se agravavam, fazendo com que alguns clientes estivessem presentes na memória das mulheres pela violência. Juma, em conversa sobre os melhores e piores dias para fazer programa, citou o fato das quartas-feiras serem os dias mais conturbado da semana. De acordo com ela, nesses dias os homens “fazem maldade” com a profissional do sexo: “Quarta feira tem futebol. Eles bebem todas e já chegam para fazer programa bêbados. Eles então fazem o programa e as vezes não querem pagar, ou querem estuprar as meninas, ou batem nelas”. Ainda sobre o assunto, outras mulheres que estavam no bar-cabaré, em Planaltina, e trabalhavam também em Taguatinga explicaram que lá<sup>29</sup> o sábado ocupava o posto de pior dia. A razão novamente atrelava-se ao fato de os clientes chegarem sob o efeito de álcool e não respeitarem o espaço delas. É perceptível que cada

---

<sup>27</sup> Diário de campo, 31/03/2017, p.16

<sup>28</sup> Uma loja de cosméticos.

<sup>29</sup> Em Taguatinga, em um lugar conhecido como “Coca Cola”. Este nome é referente à fábrica da Coca Cola que existe naquela área.

localidade tem sua própria dinâmica e isso influencia diretamente no mundo do trabalho sexual. Contudo, existe um padrão que chama atenção: a violência que o homem direciona à profissional do sexo é sempre um ponto de destaque em suas falas. O trecho abaixo, retirado do diário de campo, exemplifica mais uma situação de violência vivida pelas mulheres:

Juma disse que já sofreu muita violência. Conta que uma vez foi fazer programa com um homem, no carro dele. Depois de fazer sexo oral nele, percebe uma arma apontada para sua cabeça. O homem quis pegar sua bolsa e puxou com muita força. O carro estava em movimento. Juma abriu a porta e se jogou para fora do carro. Essa história me lembrou a de outras duas mulheres trans profissionais do sexo que também foram jogadas do carro em movimento (diário de campo, 25/08/17).

Histórias sobre as várias tentativas de roubo, ou de clientes que se recusavam a pagar pelo serviço sexual, eram frequentes. Por vezes, as prostitutas eram ameaçadas inclusive pelo homem não ter conseguido atingir um orgasmo.

Todos esses pontos merecem reflexão uma vez que explicitam hierarquias de gênero e opressões. Situações como as relatadas causam movimentação e debates entre os diversos grupos sociais, como os grupos feministas e grupos dentro do movimento de prostitutas. A maioria das correntes feministas, como por exemplo o feminismo marxista, reconhece negativamente a prostituição como prática, justamente por conta das violências - de gênero, física, psicológica e etc.- que recaem sobre o sujeito no cotidiano da atividade. Os toques sem permissão ou a insistência de um cliente mesmo diante de um “não” são utilizados como exemplos por esses grupos contrários ao trabalho sexual para justificar a objetificação e dominação do corpo feminino pelo patriarcado e para selar seus posicionamentos políticos (38) (39). Não obstante, esta posição é confrontada por outros coletivos, como a Rede Brasileira de Prostitutas que acredita que a prostituição deve ser entendida como um trabalho. O cliente, neste contexto, aparece como alguém que ora deve ser punido, ora deve ser monitorado e fiscalizado. Este assunto será abordado com mais profundidade no capítulo 3.

Algo que também me chamou atenção durante o campo foi a ideia de desconfiança que rondava a figura do homem que se utilizava do trabalho sexual. Eles faziam promessas, galanteios e tentavam seduzir a mulher em seu espaço de trabalho. Certa vez Hortênsia comentou: “Um dia o cara chegou aqui querendo fazer programa, dizendo que eu era a mulher da vida dele”. Segundo ela, os clientes faziam promessas somente na primeira semana e depois nem apareciam no bar. Disse ainda que eles não eram iguais aos “homens aí de fora”. Íris e

Amarílis também fizeram menção às mentiras ditas por homens de cabaré: “Ih, todo homem de cabaré é rico, dizem que vão pagar tudo [risos]”. Nessa linha, Rosa também colocou: “Todo mundo que vem aqui ou é rico, ou bandidão ou policial. E eles contam tanta mentira que eles mesmos devem acreditar nisso. E a gente fica: Aham. É mesmo? Nossa, que bom, hein [risos]”. Por conta destas experiências com os clientes, todas as palavras proferidas por eles eram, antes de mais nada, entendidas como inverdades que necessitavam ser comprovadas em outro momento.

Outro fato observado, tanto em Planaltina como na Asa Norte, foi a grande quantidade de vezes em que os policiais eram mencionados. Muitas mulheres relatavam os contatos que tinham com eles. Logo em meu primeiro campo, Íris narrou o que chamou de “hipocrisia” no tratamento do Estado com seu estabelecimento: “Às vezes tem batida policial aqui na casa, os policiais mandam todos ficarem com as mãos para cima, fazem toda aquela cena, falam que não é certo o que existe aqui. Depois de um tempo, sem nem tirar a farda, passam no bar, querem programa, muitas vezes nem pagam e se utilizam do poder policial” (diário de campo, 17/03/2017). Em outro momento Amarílis comentou sobre um cliente que era policial: “Podre de bêbado, mijou no meu pé. Vomitou o quarto inteiro. Deixou a arma dele no chão. Fiquei com tanta raiva que quis pegar a arma e meter um tiro na cara dele, mas não tenho coragem. Além do cara estar muito bêbado ainda saiu reclamando que não gozou, que eu não sabia fazer direito. Ele ainda se sentiu no direito de pegar a arma, sair do quarto reclamando e xingando e ainda por cima dar tiros para o alto” (diário de campo, 31/03/2017). Em Planaltina, muitos policiais frequentavam o bar e, segundo Hortênsia, chegavam com certo “ar de superioridade”. No campo da Asa Norte, Jasmim mencionou que já atendeu muitos policiais que faziam uso de cocaína, mas que na maioria das vezes se sentia mais segura com eles, pelo fato de figurarem como um agente de segurança e proteção. Rosa, como Jasmim, também mencionou esse sentimento de segurança na presença de clientes policiais.

Existem também aqueles clientes “desenganados”, termo utilizado por Amarílis e Hortênsia para se referir a antigos frequentadores dos cabarés e ambientes de prostituição em geral (diário de campo, 07/04/2017, p.24). Eles conheciam os papos das mulheres e o funcionamento do mercado do sexo. Amarílis comentou que “quando está na cama com este tipo de cliente, fazendo programa, e geme ou grita, ele manda calar a boca e diz ‘para de mentir que eu sei que você não tá gozando coisa nenhuma’”. Continua falando que “fica puta, vira o rosto e se cala” (diário de campo, 07/04/2017, p.24). Hortênsia lembrou de um cliente de setenta anos “raparigueiro”, como ela o classifica. Tive a oportunidade de conhecê-lo em duas ocasiões e minhas impressões foram de um senhor cheio de histórias e bastante divertido. Hortênsia

complementa: “Ele é um senhor que tem setenta e poucos anos [...] e quando eu ligo dizendo que tô com muita saudade ele retruca dizendo: não precisa mentir. Tá precisando de grana, é? [risos]” (diário de campo, 13/04/2017, p. 26).

Vale mencionar que alguns clientes eram marcantes para estas mulheres. Figuras divertidas, que as faziam sorrir, as ajudavam muitas vezes e que eram até mesmo gentis. O senhor de setenta anos lembrado por Hortêncina, por exemplo, algumas vezes presenteava as mulheres com garrafas de leite, abacates, bolos, canjica, créditos no celular e tornava o ambiente mais leve no momento de sua visita. Hortêncina recordou de outro cliente e conta que o denomina de “minha putinha”. Prossegue afirmando: “A companhia é boa. Me divirto demais. A gente ri bastante.” Em seguida Amarílis comentou também sobre um cliente que pagou um curso caríssimo para ela e que estava agora sondando a possibilidade de também a presentear com os materiais que precisaria para trabalhar.

As mulheres contaram, e pude presenciar no bar em Planaltina, que a profissional do sexo, em geral, servia como uma boa ouvinte dos problemas dos clientes. Segue um relato em diário de campo que demonstra este aspecto:

Minutos depois de sentar em frente à porta do bar, papo com Amarílis e ficar ali observando os carros passarem, vejo se aproximar uma caminhonete. O homem desce do carro perguntando se eles vendem latinha “piriguete” de Antártica. Ele entra para pegar a bebida e sai logo depois com ela em mãos. Pergunta se eu o acompanho com a cerveja e se ele pode sentar-se ao meu lado. Já puxando a cadeira, antes mesmo de eu responder, ele começou falando sobre sua vida. Citou cada aspecto sobre seu trabalho e sobre sua casa. Citou também que gostava de plantar, puxando logo de seu bolso um celular com as dezenas flores que cuidava. Fez questão de mostrar todo seu conhecimento sobre literatura e, neste momento, questões existenciais também se misturavam à ficção dos livros. Amarílis estava ao nosso lado, escutando atentamente. Ele não parava de falar um só segundo. Papo vai, papo vem, ele comenta sobre os relacionamentos, sobre sua esposa e a vontade que estava de divorciar-se. Amarílis logo trata de dar dicas para salvar o casamento. Nesse momento ele estava calado, olhando para o horizonte como se estivesse captando todas as informações e analisando. Claramente percebemos que ele precisava desabafar (diário de campo, 06/05/17).

Eles contavam sobre suas famílias, suas experiências, trabalho, festas e tudo mais que aconteciam em suas vidas. Gabriela Leite afirma que escutar e conversar com os homens que buscam o programa é um diferencial e que essas estratégias são aprendidas com a vivência da profissão (40). Ela comenta em seu livro que um homem pagava seu programa apenas para

papear e o acompanhar numa cerveja gelada. Juma falava que, além da conversa, os clientes queriam companhia para usar drogas. Alertando acerca dos perigos deste uso ela colocou: “A puta quando dá o primeiro teco, ela se sente estudada, fala difícil, fica desinibida, tem todo um jogo. E o homem ainda por cima nem te come. Aí a puta se sente importante” (diário de campo, 28/06/2017, p. 71).

\*

As relações com os clientes têm muitas nuances e figuram como um fator importante no cotidiano destas mulheres. Mas, e elas? Como lidam com essa relação e como se dá o dia a dia nos cenários de prostituição?

O próximo tópico, dessa maneira, será destinado a falar sobre os meus olhares e experiências em campo com elas, enquanto sujeitos em sua totalidade, para além do ofício da prostituição.

#### **2.4. “Mãe, filha, avó e puta”: percebendo as mulheres**

Quengas, prostitutas, mulheres de vida fácil, putas, primas, vítimas da sociedade, sem-vergonhas, garotas de programa, trabalhadoras do sexo, mulheres da vida, mensalinas, meretrizes. Estas, entre outras nomenclaturas, são destinadas às mulheres que exercem o trabalho sexual e refletem as tantas ideias presentes no imaginário social acerca destes sujeitos. Muitas destas ideias são carregadas de estigmas e preconceitos, outras são reforçadas como corretas por entidades e grupos. Todas falam sobre pessoas. E quem são estas pessoas, afinal?

No processo da pesquisa desmistifiquei e refleti acerca de muitas narrativas com relação as profissionais do sexo. Elas fizeram questão de mostrar as outras dimensões existentes em suas vidas para além da prostituição.

\*

Uma tarde de trabalho como outra qualquer no campo de Planaltina. O suor que descia de minha testa não negava o intenso calor que fazia. A grande quantidade de terra vermelha,



presente no caminho até o bar, se concentrava nas solas do tênis e me fazia rememorar os tantos dias em que realizei aquele percurso. Há pelo menos oito meses frequentava a casa. Mas era a primeira vez que encontrava tantas mulheres trabalhando lá. Todas ali, sentadas, mexendo em seus celulares. Destacavam-se naquele cenário por seus figurinos chamativos: decotes, maquiagens, roupas coladas ao corpo. Cabelos sempre arrumados e brilhantes. Ao fundo ouvia-se um funk carioca. Sentadas em frente a porta, esperavam os clientes. A casa estava vazia (de



**Figura 6-** Mulheres na entrada. Passos, 2018.

clientes), era pouco mais de meio dia. Elas ficavam atentas aos automóveis que circulavam no local e levantavam de suas cadeiras nos momentos em que os carros passavam lentamente trazendo em seu interior os olhares demorados dos possíveis clientes. Eles observavam o ambiente, colocavam a cabeça para fora da janela na tentativa de enxerga-las melhor. Por sua vez, elas os chamavam com doçura e sedução em suas vozes. Essa cena, de tão rotineira, acabou por atrair minha atenção. Independentemente da quantidade de mulheres no local, que por vezes não passavam de duas, elas sempre estavam ali, sentadas. Conversavam, sorriam, se desentendiam e tudo isso acontecia enquanto esperavam os clientes.

Certas vezes as encontrei também em seus “horários de folga”. Estes momentos serviam para descanso, limpeza da casa e dos respectivos quartos. Cheguei a ajuda-las nesta limpeza: pés descalços, pano de chão, rodos e vassouras à mão, rostos sem maquiagens, gritos e conversas sobre as divisões de tarefas. Estas ocasiões desfamiliarizavam a imagem construída por mim sobre a mulher prostituta e, nestes átimos, eu descobria um pouco mais sobre o seu cotidiano.

Nestes tantos momentos, elas falavam tranquilamente sobre questões de seu universo. Mencionavam sobre as violências, algumas vezes sorrindo. Falavam também sobre “pinto”, “pau”, “gozar”, “dar”, “enfiar”, “cu”, entre tantos outros termos. Palavras tão impregnadas de tabus eram faladas sem nenhum receio em nossas conversas. Tal espontaneidade despudorada chamava minha atenção e aparecia em sua forma mais vibrante nas rodas em que fazíamos enquanto o bar estava vazio. Falavam sobre os órgãos genitais dos clientes, sobre aqueles que as faziam ter orgasmos, das artimanhas deles para não usarem preservativos, além de seus pedidos incomuns realizados no ato sexual. Nas rodas de conversa, que surgiam

despretensiosamente, se divertiam com as histórias desnudadas pelos clientes nos pequenos quartos em que faziam o programa. Maculavam, dessa forma, os íntimos segredos que sustentavam a ideia de “machão” que eles levavam consigo. Os comentários realizados nos bastidores eram sempre regados a sorrisos, ares esnobes e estranhamentos com algumas atitudes dos clientes. As conversas se repetiam em outros grupos. Comentários de mesma natureza também foram ouvidos em campos noturnos realizados junto a Juma, na Asa Norte.

Todas deixavam claro que deveriam tratar os clientes de forma carinhosa e com muita simpatia para “fidelizá-lo”<sup>30</sup>. Na frente deles, muitas vezes se submetiam a algumas situações que não lhes agradavam; não podiam “dispensar os caras e situações que não queriam” (diário de campo, 31/03/2017). Em outros momentos, fora da presença dos clientes, contavam vantagem sobre eles. Neste trecho, registrado em diário de campo, Amarílis ilustra a situação:

Estávamos sentadas ao redor de uma mesa, conversando sobre os acontecimentos da noite anterior [no bar em Planaltina]. Amarílis comentou para todas que estavam ali, inclusive para mim, que foi para o quarto com um policial, para um programa. Contava em alto e bom tom que “comeu ele com a mão.” Os detalhes iam surgindo junto aos sorrisos, que não conseguiam se segurar no canto de sua boca. Violeta também estava empenhada em me falar os detalhes da história que, com certeza, ela já havia escutado algumas vezes. Amarílis comentou que “colocou os cinco dedos no ânus do policial” e gesticulando meticulosamente contava que batia em seus glúteos dizendo “vai minha putinha! Goza minha putinha!” Todas riam, e os risos se deviam principalmente pelo fato do policial ser aquele que “queria ser o machão” e por sustentar uma postura que, aparentemente, não as agradava e não condizia com aquela no momento do programa. Interessante notar que a ideia de ter que lidar com as diferentes expressões de sexualidades claramente era algo que ainda lhes causava estranhamento e era, conseqüentemente, alvo de piadas (Diário de campo, 18/10/2017).

Era notável haver entre as participantes da pesquisa certa ideia de “entrar no personagem”, como denominou Jasmim. A expressão dizia respeito a uma modificação de comportamento diante dos clientes ou o uso de um mecanismo de sedução. Eu percebia que no momento em que os homens chegavam, as mulheres mudavam a postura. Tornavam-se falantes, gesticulavam mais, mexiam o cabelo de um lado para o outro, sorriam e os chamavam de “amor”, “lindo”, entre outros adjetivos que lhes inflavam o ego. No bar, por exemplo, pediam

---

<sup>30</sup> Termo utilizado por Hortênsia. Diário de campo, 13/04/2017.

de maneira um tanto sedutora para que se sentassem à mesa e pagassem bebidas. Dentre as muitas situações que vivenciei destaco a seguinte:

Desceu do carro um homem, branco, queimado do sol. Camisa social branca com listras azuis, botões abertos até a altura dos mamilos que mostrava de maneira sutil um cordão de prata e os tufo de pelos de seu peito. As meninas <sup>31</sup> levantaram rapidamente para receberem o cliente. Abraçaram-no e logo falaram que estavam com sede. Pediram carinhosamente para que ele pagasse bebidas para cada uma de nós. O tom de voz era diferente daquele quando estávamos conversando, minutos atrás. Fomos para o interior do bar. Ele sentou, abriu os braços na cadeira. Amarílis estava ao seu lado e ele colocou o braço sobre seu ombro [...]. Na mesa, Amarílis e Hortênsia estavam articuladas. Tinham uma maneira própria de conversarem, papos que atraíam. Erem gestos, sorrisos. Já eu, me sentia completamente deslocada. O cliente pediu para Hortênsia colocar música árabe para ele. Hortênsia me chama para acompanhá-la até a máquina de som e falou em baixo volume que ele sempre fazia aquilo e que estava querendo impressionar. Sorriu de maneira esnobe. Logo depois ela me chamou para “resolver” algo lá fora e pediu sutilmente para que eu pegasse minha bebida. Fomos até o lado de fora do bar e Hortênsia disse que me ensinaria uma coisinha. Se afastou da porta e jogou metade da bebida no chão e falou: “Agora joga a sua também”. Obedeci. Ela completou “puta só fica doida se ela quiser”, agora vamos sentar lá de novo. Olhou para o cliente novamente e falou “amor, paga mais uma bebida pra gente?” (diário de campo, 24/03/2017)

Uma das estratégias utilizadas para saber se o cliente é promissor é justamente visualizar se eles pagam bebidas, avaliando o tipo e o valor. Hortênsia, ao receber uma oferta de bebida de algum cliente fala que prefere um licor italiano, a bebida mais cara da casa. Quando um cliente prontamente atende ao pedido significa que “esse cara tem dinheiro” (diário de campo, 13/04/2017, p. 25). Entretanto, quando os clientes negam as bebidas às mulheres elas interpretam que suas investidas podem ser em vão.

Diferentemente, do campo da Asa Norte onde era o cigarro que dominava a cena, a bebida alcoólica, junto ao cigarro, eram elementos sempre presentes no bar de Planaltina. As madrugadas eram embaladas pela música alta e por conversas regadas a cerveja e bebidas destiladas. Por se tratar de um bar, a venda de bebidas era desejada, vista como uma das fontes de sustento, portanto a ideia de “entrar no personagem” para dotar-se do poder de barganhar

---

<sup>31</sup> Importante observar que o termo “menina” foi utilizado na maior parte das vezes, pelas próprias mulheres, para designar aquelas que fazem programa. Muito embora criticado pelo movimento social e por Juma, uma das entrevistadas, também é possível escutá-lo por elas, como um tipo de vício de linguagem.

era estratégica. Vender bebidas e “fidelizar” o cliente eram metas do negócio. A partir de um cliente “fidelizado”, era possível ter seus desejos atendidos. Amarílis, por exemplo, mencionou que não comprava medicamentos. No momento em que precisava recorria a um cliente dizendo “meu amor, minha cabeça tá doendo, traz um remedinho pra mim, vai?” (diário de campo, 07/04/2017, p. 19). Quando precisavam de dinheiro ou de algum favor, algumas possuíam seus truques como a utilização de mensagens no celular para chamar a atenção dos homens. Hortênsia certo dia contou sobre isso:

Ela começou falando sobre as estratégias que utilizava com os clientes. Dizia que variava entre o extremo amor ao drama, com mensagens do tipo “Bom dia, meu amorzinho!” e “Boa tarde, meu bem”, a mensagens como “Você não me quer mais? Ahhhhhh, não vou mais te incomodar, pode ficar tranquilo”, quando não obtinha respostas. Ela dizia ainda que essa técnica era infalível e que eles respondiam rápido. Durante esta conversa, comentei de um amigo que havia ficado com o ego inflado após o recebimento de uma ligação da profissional do sexo que ele havia saído um dia. No dia em questão ela havia falado palavras como “estou apaixonada por você” ou “você é diferente”. Hortênsia sorriu, virou o rosto com malícia e disse “com certeza ela queria pagar uma conta”. Ela me explicou que as “meninas” fazem isso mesmo, ligam, chamam de “meu amor”, tratam extremamente bem. Entretanto deu a entender que tudo não passa de um negócio para fazer com que o cliente volte e faça o programa com ela. Hortênsia diz ainda que eles adoram. Com isso elas conseguem realizar suas vontades e com “jeitinho” conseguem tudo que querem<sup>32</sup>. Outro dia ela disse: “O trabalho sexual é igual a uma plantinha, se você não regar, morre!”. Falava isso no momento em que ligava para um cliente falando que estava com saudades (diário de campo, 21/04/2017, p. 35).

Mesmo inseridas em contextos tidos por muitas feministas como de dominação masculina, as mulheres demonstravam a agência em gestos e palavras. À sua maneira e dentro das possibilidades conseguiam fazer valer suas vontades. Conheciam as artimanhas utilizadas pelos clientes na tentativa de conquistá-las. Dessa maneira, faziam-nos gastar dinheiro “sem dó alguma”, como dizia Hortênsia. Ela e Íris, explicitavam-me que a intenção da maioria dos homens era usar os corpos das mulheres e que, por essa razão, não sentia remorso de fazê-los gastar dinheiro na mesa do bar ou na satisfação de todas as suas vontades (diário de campo, data 13.04.2017, p. 24).

---

<sup>32</sup> Diário de campo, 13/04/2017, p.27.

A percepção delas acerca do “homem usar o corpo da mulher” despertava um posicionamento crítico sobre a condição de mulher e a condição machista das situações vivenciadas em suas atividades. Ou também, demonstrava a fragilidade de como essa relação trabalhista se estrutura, como se tais mulheres estivessem à disposição de sofrerem violência de ações sem consentimento ou ainda, como se estivessem à mercê dos desrespeitos às regras estabelecidas por elas. Destaco uma destas situações narradas por Hortênsia:

Hortênsia comenta que dias atrás brigou com os homens de um grupo de clientes que frequentavam o bar. Ela começou falando que alguém postou um texto em apoio ao ator José Mayer<sup>33</sup> e que outro homem mandou um áudio no *WhatsApp* mencionando que as mulheres não deveriam se posicionar contra o ator e que “aquelas putas mereciam tudo dedo no priquito<sup>34</sup>”. Falou ainda que essas “putas” deveriam trabalhar. Tina, visivelmente incomodada e com a coloração avermelhada em sua face disse que ficou “possessa”. Mandou um áudio de muitos minutos falando sobre o machismo daquelas palavras proferidas pelo cliente e sobre os direitos das mulheres. Falou em voz alta e visivelmente irritada que nenhum homem tem direito de passar a mão no corpo da mulher, estuprar ou força-la a fazer a fazer algo que não queira. Disse ainda que no bar não aceitariam violências de nenhum tipo (Diário de campo, data 13.04.2017. p. 30).

Não somente Hortênsia comentava sobre essas questões. Neste mesmo dia, Amarílis também mencionou sobre não aceitar ser tratada daquela forma. Íris compartilhava desta visão e até mesmo se intitulava ativista dos direitos das mulheres negras e ativista LGBT. Juma e Dália denunciavam também atitudes sexistas e tentavam fazer um trabalho de empoderamento com as outras profissionais do sexo.

Juma falava em alto e enfaticamente em meio a uma roda de mulheres, em sua maioria profissionais do sexo, numa manhã de sábado o porquê precisava do feminismo. Por ter sido moradora de rua sentiu na pele o que era ser espancada pelos seus companheiros homens e pelas várias tentativas de estupro que sofreu. “Isso é um absurdo, gente. É por isso que eu preciso do feminismo. Ele tá aí pra empoderar essas mulheres” (diário de campo, 19/08/17).

As mulheres demonstravam visões críticas e tinham que lidar o tempo todo com o machismo imbricado no cotidiano do trabalho, como na situação abaixo:

---

<sup>33</sup> O ator José Mayer foi acusado de assédio a uma funcionária da Rede Globo.

<sup>34</sup> Palavra utilizada pelo próprio cliente. Faz menção ao órgão sexual feminino.

Num dado momento o cliente comenta que o homem vai mais longe que a mulher, insinuando que nós não tínhamos capacidade para pensar. Hortênsia fica revoltada e Amarílis olha pra mim claramente incomodada. Logo depois Amarílis fala: “Moço, você tá falando aqui com três feministas, melhor você ter cuidado” (diário de campo, 06/05/17).

Quando deparadas com algumas formas de violência e sexismo, como estupro, xingamentos e destratos explícitos, as mulheres se posicionavam explicitamente contra. Contudo, carícias, rápidas passadas de mão sem permissões, olhares lancinantes sobre as partes íntimas e palavras objetificantes, pareciam ser “aturados”<sup>35</sup>. Tudo dependia do espaço de permissão, como um acordo no qual elas ditavam as regras e os clientes deveriam respeitar. Deparava-me ali com um dos tantos “paradoxos cotidianos” encontrados no fazer etnográfico (21). Questões como estas causaram um tremendo incomodo durante o trabalho em campo porque faziam parte de uma reflexão da minha própria condição enquanto mulher que cotidianamente vivencia opressões.

A ideia de “não se envolver com o cliente” foi uma constante entre as prostitutas dos dois campos. Leite, ao longo de seus mais de vinte anos na prostituição, aponta essa afirmativa como um dos “dez mandamentos da puta” (40). Sobre isso, Hortênsia expressou que “aqui ninguém casa, não. Até porque tem aquela coisa do cara que joga na cara que tirou a menina do bordel.”; Amarílis complementou: “Homem de cabaré não presta” (diário de campo, 07/04/17). Motivadas por essas ideias, elas procuravam os muitos métodos anticoncepcionais. Afirmam ter certeza que os homens que engravidam prostitutas duvidavam a todo custo da palavra da mulher. Amarílis continuou: “Ou ele pega o filho ou ele nega e deixa a mulher sozinha” (diário de campo, 07/04/17).

Além da descrença nos homens que frequentavam o cabaré havia a desconfiança em todos que por ali passavam. Em Planaltina, pela proximidade da casa à rodovia, elas conheciam os carros que circulavam, conheciam os clientes que passavam rotineiramente por aquele trecho e reconheciam os sinais de possíveis clientes que ali trafegavam. Não somente os carros eram observados, mas também todas as pessoas que se aproximavam do local. Observavam o jeito de andar, as roupas, o modo como falavam e a conversa. A partir dessa leitura distinguiam um cliente de um possível ladrão. Segunda Lis, “uma menina safa sabe quem o cliente é só de conversar com ele”.

---

<sup>35</sup> Diário de campo, 13/04/2017, p. 32.

Na Asa Norte o clima de desconfiança não era diferente. Juma mantinha seus olhares sempre atentos, fitando todos os ambientes. Percebia se alguém estava incomodado com a sua presença ou se podíamos entrar em determinados locais.

Na totalidade das situações que tomei conhecimento havia forte sinalização para o alto risco contido na profissão. Sem exceção, cada uma já havia passado por alguma violência e vivia em constante tensão. Sobre isso, Amarílis comentava com uma naturalidade perturbadora: “Vixi, já passei por coisa demais, se for contar tudo aqui pra você. Um dia um cliente que era traficante chegou no bar com dois moleques. Tudo isso porque eu me afastei dele. Ele [me] mostrava a arma, apontava, limpava, rodava” (diário de campo, 31/03/17). Não apenas dos clientes emergiam essas situações de violência. Amarílis também me contou histórias sobre agressões e ameaças vindas de pessoas vinculadas a eles, como esposas ou filhos.

As mulheres eram como minhas guias neste universo que estava conhecendo. Amarílis, em um momento de descontração, disse que seria minha professora. Com elas, descobri como deveria ocorrer a aproximação com um cliente. Rosa, na tentativa de demonstrar para uma profissional do sexo recém-chegada no bar como seria, falava com humor: “Primeiro você tem que sentar perto dele. De vez em quando mexe no cabelo e joga para o lado. Se ele corresponder, só passar a mão suavemente em sua perna e se ele aceitar já coloca uma perna em cima da dele”. Todas que estavam presentes riam bastante. Elas comentaram também as diferenças entre a denominação prostituta e puta:

Rosa começou relatando que ontem havia chegado um cara no bar e falado que prostituta era suja e que por isso, elas eram sujas. Rosa respondeu desafortada: “Suja é esse bando de mulher que você sai, essas putas de cabaré, que são sujas mesmo. Eu, meu bem, eu saio com homens mais jovens, mais bonitos que você!”. Falou isso gesticulando muito, mexendo em seu cabelo. Ela reafirmou que era acompanhante executiva, para mostrar o alto nível em que estava. Disse que a ‘casa’ era boa e que ali não era qualquer lugar e por isso elas não eram qualquer coisa. Ela começou me explicando que existiam 3 categorias de prostitutas: a acompanhante executiva, que é a de alto nível; a profissional do sexo ou prostituta [que trabalha na rua ou não] e uma última categoria, a “raleba” ou verdadeira puta. Nesta última categoria, colocou no mesmo patamar mulheres que roubam marido de outras, mulheres que trocam sexo por outros favorecimentos como pagar uma conta ou comprar um sapato. Neste momento, Lírio [uma mulher presente na conversa que não foi entrevistada] [...] disse que as prostitutas não se misturavam com as “ralebais” e colocou mais uma mulher nesta categoria “a drogada”. Ela disse que não gosta desse tipo de gente perto de onde está trabalhando, disse também que não gosta daquelas mulheres que não se assumem como prostituta, mas que fazem

o cara pagar tudo que elas querem. Disse que as prostitutas não se misturam com elas. Rosa disse, observando a situação, que “essa é a verdadeira puta”, que “não assumia as coisas com verdade”. A mulher de olhos azuis, que estava sentada ao meu lado [presente nesta conversa, mas que não fez parte das entrevistadas] disse que fazia isso. Falou sorrindo e sem o menor problema. As outras riram. Continuou, então, dizendo que ela já trabalhou em casa de massagem e que o ritmo lá era totalmente diferente de um bar. Falou que neste primeiro as relações eram mais objetivas. O cliente pede uma massagem, se ele se interessar pela mulher já fica certo o programa, as mulheres realizam o trabalho e acabou! Relatou também um pouco de sua dificuldade de chegar nos clientes ali no bar e da sua extrema vergonha em fazer isto. Ela disse também, retomando o papo sobre a conceituação de “puta”, que ia para balada “toda arrumadona, bem vestida” e que lá encontrava um cara que sempre pagava bebidas e outras coisas. Lírio reafirmou que as prostitutas não gostavam desse tipo de pessoa.

É como se tivesse colocando, em outras palavras, que mulheres que agiam daquela forma, como a moça de olhos azuis, eram mais aceitas na sociedade. Elas eram aquelas que não se assumiam, e Lírio e as outras que estavam na “pista”, ou como ela mesma mencionou “aquelas que estavam dando a cara a tapa”, eram discriminadas por fazerem a mesma coisa que as primeiras faziam. A mulher de olhos azuis sorria de forma contida (diário de campo, 04/08/17).

Nesse contexto, a mulher prostituta ou profissional do sexo era aquela que levava a sério o trabalho sexual, encarava a atividade como profissão. Já as denominações “puta” ou “raleba”, como mencionou Rosa, não falava sobre a mulher que fazia programas, mas sobre qualquer mulher que usasse da desonestidade ou “malandragem” para conseguir dinheiro ou obter outras vantagens, como aquela que “roubava o marido da outra”, que era interesseira ou que enganasse pessoas próximas. Estes termos eram utilizados como xingamento entre algumas profissionais do sexo que não se conheciam, mas em situações específicas e de intimidade adquiria um tom de brincadeira. Juma também mencionou essa diferença ao falar de um conhecido: “Ele deve tá comendo alguma puta! Porque prostituta não faz isso não, agora puta sim, toma teu marido e o teu dinheiro”.

\*

As longas conversas com as mulheres que encontrei explicitavam o modo como vivenciavam a prostituição e como a prostituição afetava suas histórias. Estas mulheres enfrentavam o estigma e, à sua maneira, resistiam diariamente às situações de adversidade. O capítulo seguinte será destinado a apresentação de cada uma delas.



### 3. Em meio a histórias e afagos: As mãos que construíram este trabalho

“Eu não sei dizer nada por dizer  
 Então eu escuto (...)  
 Se eu não entender, não vou responder  
 Então eu escuto.  
 Eu só vou falar, na hora de falar  
 Então eu escuto.  
 Fala”

*Secos e Molhados*

Este capítulo é destinado a apresentação das histórias de vida das mulheres que construíram este trabalho comigo. Suas lembranças, emoções, experiências e até mesmo um pouco de seus tempos foram compartilhados comigo ao longo desses quatorze meses de pesquisa em campo. Estabeleci um vínculo com cada uma delas e, a partir das inúmeras conversas, narro aqui suas trajetórias.

A música eternizada por “secos e molhados”, a qual abro este capítulo, diz muito sobre o respeito ao conhecimento do outro e a importância do ato de ouvir, elementos que julgo essenciais à pesquisa qualitativa. O trabalho em campo foi o momento em pude praticá-los. Nele, minha escuta se aguçou e fui capaz observar não só aquilo que as participantes queriam compartilhar, mas também o que não diziam: os olhares, o tom das vozes e tantos outros aspectos que vão muito além da fala.

O “ouvir” e o “olhar/observar” são algumas das grandes técnicas utilizadas pela pesquisa etnográfica na apreensão do fenômeno social. Oliveira, entretanto, alerta que é necessário ter uma atenção especial com estas técnicas e que devemos também saber utilizá-las (16).

No ato de ouvir o participante é importante ter em mente que o investigador pode exercer um tipo de poder que invade implicitamente o elo pesquisador-sujeito. Na tentativa de superar essa relação de autoridade que o acompanha é necessária a elaboração de novas formas de relacionamentos, buscando horizontalizar o contato com o sujeito de pesquisa. Esta horizontalização diz respeito à transformação destes mesmos sujeitos em interlocutores e na promoção de espaços dialógicos que possibilitem o “ouvir” e o “falar” entre iguais (16).

Ao longo da pesquisa, fiz entrevistas com auxílio de um gravador. Esta abordagem mostrou-se não ser uma boa opção, pois muitas mulheres sentiam-se inibidas quando as perguntas “formais” eram realizadas. Muitos dos fatos que elas relatavam em momentos de descontração, enquanto estávamos sentadas lado a lado e na presença de outras pessoas, eram silenciados quando aquele aparelho ficava à vista. Desta maneira, todas as conversas “informais” foram registradas e acabaram por recheiar as dezenas páginas de meu diário de campo e ilustrar as diversas ideias trazidas ao longo de toda essa dissertação.

O processo de busca por uma interação mais efetiva e “verdadeira” e, ainda, que ultrapassasse o simples ‘perguntar-responder’ se configurou em um dos grandes desafios que tive durante a experiência do “estar lá” (20). Outro desafio ocorreu durante o momento da escrita, quando da tomada de consciência de que eu, no papel de pesquisadora, fornecia apenas interpretações da vida dessas mulheres. Interpretações estas que, conforme Murillo, não representam de forma única nem fidedigna a realidade, mas sim trazem à luz uma relação que carrega também as subjetividades e os posicionamentos daquele que escreve. Portanto, a autoridade do investigador também aparece neste momento (41).

A opção por detalhar parte da vida de cada mulher neste capítulo justifica-se na crença de que estas histórias possibilitem maior compreensão de como elas próprias se reconhecem e se relacionam com a sociedade (41). Ainda que, a partir destas histórias, tornem-se perceptíveis as vinculações que estabeleceram com outras pessoas, os desafios e experiências que tiveram, seus deslocamentos e, sobretudo, forneçam uma chance de compreensão dos caminhos tomados por elas (41).

No início desse trabalho, minha intenção era de entrevistar somente prostitutas. Contudo, ao longo dos dias em campo, percebi a importância de conversar também com pessoas que de alguma forma participavam de seus cotidianos, pessoas que não realizavam programas, mas que se apresentavam próximas a elas e constituíam uma rede de apoio. Além de apresentarem perspectivas diferentes sobre a prostituição, estas pessoas colaboraram com a reflexão sobre diversas questões relacionadas aos objetivos da presente pesquisa, auxiliaram na entrada em campo e na construção deste trabalho com sua vívida experiência. A riqueza de detalhes de suas falas não poderia ser deixada de fora.

Ressalto que escolhi somente pessoas do gênero feminino para comporem esta dissertação, afinal a tentativa aqui é de produzir um trabalho tecido e pensado por mulheres, com o objetivo de valorizar suas vozes e reflexões tão minadas no campo da ciência (42). Com relação à cor da pele, não tomei qualquer direcionamento. Ocasionalmente houve contato com uma ampla diversidade de tons da pele, fato típico da região do Distrito Federal onde há pessoas

oriundas das mais diversas localidades do Brasil. Encontrei tanto mulheres que se autodefiniram negras como mulheres que se autodefiniram brancas. Cabe ressaltar que a maioria das entrevistadas se autodefiniram brancas tendo três que se reconheciam como negras.

Como uma maneira de garantir o anonimato das mulheres, seus nomes foram preservados e trocados por nomes de flores. Essa ideia partiu de uma das mulheres entrevistadas ao final de uma de nossas longas conversas. Ao ser questionada como ela gostaria de ser chamada no trabalho, prontamente relatou: “Ah, pode ser Rosa. Porque as flores nascem perto do asfalto, no meio do concreto e são que nem as putas. Resistentes.” Acatei e resolvi replicar a todas as outras participantes. Uma delas (Juma, a primeira história que mostrarei neste capítulo) resolveu não aderir ao nome de flores e preferiu utilizar seu próprio nome pois ele “tinha um peso muito grande” em sua história e em sua militância.

As histórias de cada uma delas contadas neste capítulo serão agraciadas com um trecho da fala que tenha chamado minha atenção durante cada conversa. Servirá como ponto de reflexão ao longo de todo o trabalho.

Por fim, importante mencionar que cada texto apresentado neste capítulo foi moldado também pelas próprias mulheres. Muitas pediram para ler previamente aquilo que eu iria escrever antes da publicação final. Levei, então, para cada uma um esboço de sua parte para que pudessem colaborar na construção da redação final e consentir com as informações ali presentes.

Apresento abaixo cada uma das participantes.

### **3.1. *Juma (núcleo Asa Norte)***

Na hora que entrei na sala ninguém acreditava “a Juma?”. Porque na rua eu era ruim também, era porra louca. Eu doidona de Merla, pinga... O pessoal da Redução de Danos que ia entregar preservativo praticamente tinha que me pedir licença mesmo. Rapaz, eu era o pânico ali dentro. Então quando entrei naquela sala, eu estava sendo ovacionada. Menina, eu me senti muito bem! E hoje eu entendo aquela expressão deles ‘Caralho, a gente pegou uma líder de opinião e trouxemos pro nosso lado, agora as portas de Brasília vai se abrir pra gente’. Naquele momento eu tava me sentindo uma pessoa tão importante. Porque você imagina, uma pessoa até a quinta série normal... Porra! Nunca trabalhei... Ex presidiária. Pá e tudo. Eu ia trabalhar de que? Empregada doméstica não, minha amiga! Eu não nasci para limpar chão dos outros! Eu não nasci para receber ordem das pessoas! (diário de campo, 12/09/17)

Lembro-me até hoje de meu primeiro encontro com Juma. O ano era 2013. Eu, recém-chegada no Programa de Redução de Danos, ainda em processo de entendimento de questões que hoje me parecem mais naturais, adentrava o universo do “fenômeno das drogas”, sem propriedade alguma! Ela, cabelos muito bem escovados com uma cor loira que podia ser vista de longe, voz penetrante, alta e uma vida inteira de experiência e conhecimentos sobre o assunto. Ela chegou para ser ouvida. Entrou na sala de reuniões repleta de pessoas e iniciou sua fala sobre uso de drogas, sobre as “profissionais do sexo”, sobre cidadania e direitos humanos, assuntos que, anos depois, eu descobriria ser parte de sua história pessoal e tão importantes quanto sua respiração. Fiquei curiosa. Escutava uma pessoa com vasta experiência em campo, que naturalmente falava em tom de briga e era transparente como água quando algo não que agradava. Foi no mínimo desnorteador.

Após alguns bons anos eis que nos reencontramos. Era outra situação: ambiente acadêmico, roda de conversa. Agora ela falava enfaticamente sobre os direitos das profissionais do sexo. Assumia mais explicitamente esta identidade ponderando algo que marcou desde o primeiro momento: “Desculpa aí viu doutora, mas eu não sou vítima, não!”. Ponto recorrente em suas falas.

Quando conversei com ela no dia de nosso reencontro e contei sobre minha pesquisa, logo percebi certa recusa: “Beleza Carol, depois a gente se fala e eu te ajudo, agora tenho estado muito ocupada”; como sempre, estampando um sorriso no rosto. Naquele momento, para ela eu era uma representação da academia. Rapidamente percebi que isto seria um empecilho para uma aproximação. Explorando essa questão, concluí que o ponto central desse receio recaía sobre a falta da contrapartida por parte dos pesquisadores aos interesses práticos dos participantes de determinado trabalho acadêmico. Era também o que Juma pensava e viria a me falar meses depois, em alguma de nossas conversas sobre Universidades, pesquisas e estudantes.

Consegui uma aproximação, por meio do contato com uma psicóloga, amiga dela, que abriu espaço para que eu pudesse acompanhar uma ação com as trabalhadoras sexuais em comemoração ao dia internacional da profissional do sexo. Logo fui fazer campo. Era noite, estávamos na Asa Norte. Ela foi me mostrando os locais onde muitas mulheres trabalhavam, me explicando tudo o que acontecia na noite e misturando estas informações a fragmentos de sua própria vida. A relação começou ali.

Tempos depois, quando já estávamos mais próximas, ela me contou sua história de vida, que é marcada por dificuldades e, sobretudo, por resistências e ressignificações sem tamanho. A entrevista aconteceu no período da manhã numa sala de reuniões a qual ela tinha acesso.

\*

Como qualquer criança, Juma também tinha seus sonhos e fantasias. Mas muito cedo, precisamente aos dez anos de idade, teve de lidar com situações bastantes complexas para o mundo infantil. O falecimento de sua mãe e a ida solitária e fugida de sua cidade natal à Brasília, que ainda é seu lar. Ainda cedo teve de aprender a cuidar de si mesma e por mais nova que fosse já tinha como meta continuar os estudos e casar, pois, como ela mesma falara, seu “intuito era realmente estudar, ter uma família e ser dona de casa”. “Aquela mulher bem Amélia mesmo, né? Minha cara, né?”, completou ela com seu típico sorriso no rosto e rindo sarcasticamente.

Teve a rua como lar durante muitos anos; frequentou a escola regularmente até sexta série neste período. Relatou a negligência do Estado: “Uma menina de dez anos, estudando na escola, morando na rua, que a diretora e as pessoas do colégio não investigavam a vida... não sabiam se a história que eu contava era verdadeira.” Achava inadmissível a falta de interesse desses profissionais. Ela passava o dia na instituição, com sua pequena bolsa onde guardava seus cadernos, livros, lápis e objetos pessoais, seu verdadeiro estojo de identidades.

“Morar sozinha na rua não foi nada fácil”, ela repetia cada vez que conversávamos. A ela foram negados os direitos fundamentais: direito à moradia, direito à uma boa alimentação, ao lazer, à infância, à segurança, à saúde. E foi na rua, que entendeu porque o uso de droga era tão presente e todas as dores que esse uso adormecia. Certa vez, explicitou: “O dia que eu usei cola a primeira vez, eu saí da dor que eu estava sentindo e fui pra Disneylândia.”

Neste contexto de violações teve sua filha que, como ela mesma colocou, teve sete pais. Numa noite chuvosa sete homens, sete policiais(!), acharam que tinham o livre acesso ao seu corpo, um corpo de treze anos. Pessoas que, teoricamente deveriam lhe proteger, eram os seus algozes.

Após contar o episódio de estupro, Juma disse: “[depois] Dessa violência, muitos dos meus sonhos foi-se embora. Aí eu fui entender porque eu virei moradora de rua, né? [...] aí eu fui entender pra que servia boca, buceta e bunda, né?”. “Mais uma negligência do Estado”, disse ela. Entre drogas, violências e negligências, sua barriga crescera. Sua primeira e única filha estava a caminho. E ali mesmo, naquele cenário, ela nasceu.

No ímpeto de querer propiciar um melhor ambiente para o desenvolvimento de sua filha, deixou-a com uma conhecida, alguém que ela sabia que poderia oferecer uma realidade

diferente para seu crescimento. Uma entre tantas decisões difíceis que tomou em seu caminho. Mas disse enfaticamente no momento da entrevista: “Não dei minha filha para essa mulher. Deixei ela criando minha filha”.

Conheceu o trabalho sexual com 16 anos e com ele todo o glamour de se sentir conhecida e bem remunerada. Nessa época experimentou cocaína. Sobre o efeito da substância contou: “A gente ficava inteligente, falava mais que tudo. Parecia que tinha engolido um (dicionário) Aurélio inteiro.” Acabou por conhecer a merla que, segundo ela, “era uma droga que levava [...] pra rua”.

Já estava estabelecendo uma relação problemática com esse consumo e a violência invadia seu cotidiano; até que foi presa. Esse fato foi o despertar para uma efetiva de mudança. “Eu não sou uma pessoa de má índole [...] e ali dentro eu não me identificava com nada. Ali dentro não tinha nada que me dava prazer, nada que me empoderava”. Percebeu que, definitivamente, tinha que sair dali.

Saindo do sistema prisional, passados alguns meses se descobriu redutora de danos, profissão que leva consigo até hoje, dezesseis anos depois. Na Redução de Danos, sua história de vida, experiência, liderança e, sobretudo, a sua vivência com as drogas se tornaram instrumentos de trabalho. A partir daí começou a se dedicar ao trabalho com pessoas que fazem uso de drogas e profissionais do sexo. Contou-me que a motivação era não querer que as pessoas passassem por aquilo que ela passou em sua vida.

Juma vem exercendo uma grande liderança e está presente no apoio a muitas pessoas. Tal liderança desembocou na construção cotidiana dos movimentos de profissionais do sexo e de RD no Distrito Federal. Durante meu campo, ela estava sempre cheia de afazeres e fazia questão de estar presente em todos os debates e eventos que envolvessem essas duas temáticas. Ela se desdobrava e amava o que fazia, como sempre mencionava.

Logo da descoberta da RD, percebeu que precisava continuar os estudos, que havia interrompido quando engravidou. De acordo com Juma: “A redução de danos foi me empoderando e eu fui sentindo necessidade de voltar a estudar, e terminei.” Diante desta necessidade, demonstrou seu grande sonho de entrar no curso de serviço social. Juma enxergou que a realização deste sonho pudesse abrir oportunidades para um mundo que julgava ainda ser muito fechado e preconceituoso, o mundo acadêmico.

Ex-moradora de rua, mãe, usuária de drogas e profissional do sexo até o presente momento. É o retrato da resistência e da ressignificação de vida. Diante de tudo que aconteceu em sua história, percebeu o quão difícil tinha sido chegar até ali, mas não se vitimizou em qualquer momento. Ela bradava que se negava a ocupar o espaço marginalizado que a sociedade

cotidianamente a colocava e buscava construir um mundo melhor para si, sua família e, sobretudo, para todos seus companheiros de rua, tão silenciados pela precariedade das políticas públicas e estigmas da sociedade.

### 3.2. *Violeta (núcleo Planaltina)*

Ô rapaz, minha pressão até baixou agora. Não falo assim com ninguém da minha vida inteira [...]. Eu sou mais de ficar no meu canto mesmo, mais de ficar pensando. Eu gosto de fazer uma coisa errada ou uma coisa certa e pensar pelo menos duas vezes [...] E quando tá sofrendo? Nós bebe... só quem sofre é que não tem dinheiro [risos] (diário de campo, 21/08/17).

Numa de minhas idas a campo, em meio a rostos conhecidos percebi um que se diferenciava. Era a primeira vez que encontrava Violeta. Ela havia acabado de chegar ao local que havia meses eu frequentava. No momento que a encontrei, eu estava em uma mesa redonda com duas mulheres e dois clientes da casa. Eles conversavam sem parar e gesticulavam bastante em uma das tantas tentativas de nos conquistar. Aquele “jogo de sedução” por parte dos homens já estava mais claro para mim após alguns meses de pesquisa.

Violeta chegou calada ao local em que estávamos, usava óculos escuros, calça legging e uma camiseta apertada. Sua expressão era séria. Sentou. Olhei para seu rosto numa tentativa de aproximação. Sem retorno. Logo percebi o que ela viria a confirmar mais tarde em uma de nossas conversas: “Não gosto de conversar, eu sou mais de observar do que falar”. De fato, Violeta era observadora e prestava muita atenção no que as pessoas falavam e como se portavam. Aos poucos estreitamos o contato, tivemos várias conversas informais nos momentos que não havia cliente no local e, em algumas ocasiões, trocamos mensagens pelo aplicativo *WhatsApp*. Fui percebendo quão focada era Violeta e descobrindo um pouco de suas vontades. Ela não só falava sobre os sonhos que possuía, como também, procurava meios concretos para realizá-los.

Sua primeira resposta para a minha investida de entrevista foi um “não”. Sem rodeios. Ficava clara a dificuldade que tinha de falar sobre sua vida. Mas após algumas semanas, ainda com certa resistência e muita timidez, consegui entrevistá-la. Pela primeira vez notei como a presença do gravador poderia inibir uma pessoa. Nossas conversas antes e após a entrevista “formal” foram muito mais leves e livres. A entrevista aconteceu em seu local de trabalho,

numa terça feira. Ela gentilmente disponibilizou um pouco do seu tempo no momento em que não havia clientes na casa.

\*

Com apenas vinte e três anos, Violeta visualizava muitas das possibilidades que a vida podia lhe oferecer. Talvez por ter vivido uma grande variedade de situações e relações, tinha bem delimitado seus objetivos de curto e médio prazos. Segundo ela: “Tenho um sonho, né? Como toda pessoa tem um sonho a realizar. Quero ser uma grande doutora, uma médica cardiologista [...], mas primeiro vou fazer um curso de enfermagem, com fé em Deus. Quero entrar um pouco nessa [área da] saúde. É muito bom cuidar das pessoas.” Seu interesse e afinidade com a área ficaram claros desde os primeiros contatos. Violeta tinha sempre uma resposta sobre o funcionamento do corpo, sobre o que se devia ou não comer, sobre as vitaminas presentes nos alimentos, sais, açúcares, exames médicos e sobre o corpo físico. Apresentava um vocabulário bem próximo ao saber biomédico ao tratar destas questões.

É uma Maranhense que morou em Tocantins e se aventurou em terras brasilienses na tentativa de melhores oportunidades e de mudança de vida. Tinha dois filhos e os citava sempre com ternura. Um deles morava com a ex-sogra e o outro com o avô, pai de Violeta. A relação com a figura paterna era carregada de afetividade e desentendimentos: “A gente não se entende muito bem [...], mas eu tô aqui. Tô buscando, correndo atrás [...] e ele vai se orgulhar de mim. Vou dar o melhor para ele e pros meus filhos.”

Antenada nas redes sociais, postava comentários, fotos e piadas em mídias virtuais. Era magra, tinha cabelos claros como o sol, se autodefinia como parda. Atividades físicas já fizeram parte da sua vida por um período e seu corpo guardava evidências dessa época. Falava que “malhar” a ajudava na integração do corpo com a mente. Certa vez mencionou: “Eu amo malhação, e é até bom pro corpo, né? Aí fica com o corpo bem definido e a mente também. Você para de pensar um pouquinho.” Outra de suas características marcantes era a voz rouca e firme, evidentes nas noites em que cantava no bar-cabaré. Mais uma das descobertas da vida. Ela fazia shows no local que eram aprovadíssimos tanto por Íris, a dona do bar, quanto pelas suas companheiras de trabalho.

Certa vez disse que encontrou na figura de Íris uma segunda mãe, com a qual podia contar tanto emocionalmente quanto espiritualmente. Sobre esse apoio falou: “E com Iris também eu posso contar. É ela que cuida da gente, é ela que tá ali sempre por perto falando o



que deve ser errado e o que não deve ser. E é bom assim, tá em família.” Contou que por meio dela se aproximou da espiritualidade e aprendeu que existiam outros elementos que cooperavam para seu bem-estar. Se referindo ao contato e crença nos elementos rituais da nova religião colocou: “Eu antes não ligava pra isso, não acreditava, hoje eu já acredito.” Tanto ela quanto sua família tinham raízes fortes no catolicismo e mesmo quando mais nova já percebia a importância do contato espiritual em sua vida. Certa vez me contou: “Quando eu frequentava a igreja era outra vida. [...] A gente quando tá no lugar de Deus, falando com Deus, orando e tudo, parece que quando a gente sai, a gente se sente aliviada. Livre. Mais calma.” Durante toda sua entrevista reforçou a importância do cuidado com a saúde e com a espiritualidade.

Quanto ao temperamento, identificou-se como alguém “de boa”, que ficava “quieta no seu canto”, alegando evitar confusão nos ambientes de trabalho. Entretanto, contraditoriamente narrou sobre frequentes brigas com as companheiras em alguns locais em que trabalhou. Pontuou também que nos espaços em que o trabalho sexual ocorria existia certa rivalidade e tensão: “Inveja e olho gordo é só o que tem nesses lugares”.

No dia da entrevista Violeta disse dividir seu tempo entre o trabalho e o estudo. Entrou para o supletivo e já pensava em fazer um curso superior. Dedicava-se também ao estudo para concursos. Queria entrar para a polícia civil e se deu conta disso depois de algumas reflexões numa mesa de bar. Na ocasião expressou: “Bati a mão na mesa, já tava meio bêbada e disse: eu vou ser é polícia! (risos)”. Esta vontade ganhou força após receber uma confirmação por parte da entidade (espiritual) que a guiava. Violeta queria ser policial e estava determinada a isso. Comprou uma apostila de muitas páginas cujo tempo para leitura era dividido entre conversas com clientes e cantorias durante a madrugada.

No auge de sua juventude Violeta tentava dar conta de seu futuro e do futuro de seus filhos e, de acordo com suas possibilidades, estava levando a vida. Seguiu em frente alternando momentos de felicidades e tristeza. Entre o gosto e o desgosto de estar no trabalho sexual, ela caminhava com esperanças de se tornar uma pessoa melhor.

### 3.3. *Rosa (núcleo Planaltina)*

Eu posso fumar, pelo amor de Deus? É que eu fico nervosa quando lembro do meu passado. Vou contar tudo! Tudo! Vou até fazer um livro. Tô fazendo até um livro por causa disso aí [a entrevista]. Mas tem muita coisa pesada, não vou ter vergonha de falar nada. Eu quero é que se foda, meus filhos já estão grandes, minha família não gosta de mim. Eu tô nem aí. Meus filhos são cabeça aberta. Eu falo “tua

mãe tá na zona’ e meu filho fala: ‘Mãe, para de ser puta e vem pra cá. Eu te dou dinheiro se quiser.’ E eu: ‘Filho, eu gosto de ficar na zona [risos].’ Mentira, não gosto, né? Eu precisei. Mas eu falo assim, brincando. [...] aquilo é um inferno, você tem que suportar, maaaaas... Você tenta tá bem, dentro do que cabe pra você enfrentar aquilo, porque aquilo é uma guerra. Que nem fala uma amiga minha: “Vitória na guerra, amiga.”, sabe? Ela fala isso e eu uso muito pra mim: vitória na guerra! (diário de campo, 07/08/17)

Selecionei este fragmento de uma das longas conversas que tive com Rosa porque ele explicita um pouco do que ela demonstrava ser. Mostra seu jeito extrovertido, desbocado e esse leve tom de comédia que sempre a acompanhava. Ela foi umas das mulheres com quem mais me comuniquei durante o processo de pesquisa. Minhas tardes semanais em campo eram cheias de histórias e sorrisos que desembocavam em sinuosos contos apresentados por ela de maneira nada tradicional.

Quando a conheci, o dia estava ensolarado. De longe, enquanto andava em direção ao bar, conseguia avistar mulheres sentadas perto do portão. Rosa era uma delas. Não as conhecia, pois fazia pouco tempo que estavam trabalhando no local. Ela me recebeu com um grande sorriso, apontando a direção que a dona do bar estava. Rosa era branca de doer os olhos, alta, cabelos avermelhados e presos. Trajava um vestido tomara que caia, óculos escuros que escondiam seus olhos azuis. Seu sotaque não escondia a região a qual nascera. Era sulista.

Logo quando cheguei ela me fez muitas perguntas. Teve curiosidade em saber o tema da minha pesquisa e um pouco do que aquilo se tratava. Mesmo antes de formalizado o pedido, quis fazer parte disso e falar sobre suas vivências. Sem resistência ou desconfiança alguma. Ela marcou o dia, o horário e o local. Encontrei-a como combinado. Fomos até a cozinha do bar e ali mesmo conversamos. Não se intimidou com o gravador, alertando, inclusive, os momentos e falas que eu poderia enfatizar ou deveria retirar do trabalho: “Tá gravando aí, né? Então vamos lá, começar a história!”. Ou ainda, ao contar a história de um relacionamento com alguém do serviço público: “Tira o nome do órgão público, coloca outra coisa!”. Vi que ela de fato estava construindo o trabalho comigo. Ao final da conversa perguntou: “Que dia você vai escrever? Traz para eu ver, quero ver porque qualquer coisa eu te falo o que tá bom ou o que não tá.” Ela queria um feedback, queria ver a concretização de sua história nos papéis que viriam a ser de livre acesso.

Espalhafatosa, Rosa falava alto e gesticulava bastante. Mexia no cabelo, olhava para todos os lados, andava pelo ambiente. Fumava um cigarro atrás do outro. Ao mesmo tempo em

que destilava comentários maliciosos sobre as companheiras, era solícita e cuidadosa. Rosa era cativante e tinha sempre uma história na ponta da língua.

Ficamos quase duas horas conversando no dia da entrevista e tantas outras mais após esta ocasião. E mesmo na hora de ir embora, mais conversas aconteciam porque Rosa sempre me acompanhava até a parada de ônibus, demonstrando nesse pequeno e significativo gesto o cuidado comigo.

\*

Rosa tinha quarenta e dois anos e mais de vinte e cinco de trabalho sexual. Já vivenciou situações singulares, conheceu muitas pessoas e teve diversas idas e vindas nessa ocupação. Em suas palavras: “Fiquei um tempo fora, voltei por necessidade. Voltei agora por necessidade, inclusive. Minhas amigas daquela época, praticamente tudo morreu de AIDS, porque elas não se cuidavam e usavam muita droga também.”

Já morou em muitos locais do Brasil, entre eles, Santos e Balneário Camboriú, que eram os mais citados em suas falas. Passou alguns anos na Europa e lá casou-se pela quarta vez. Tem três filhos e sempre que os mencionava com muito amor e carinho. Eles eram os grandes motivos dessa vida agitada, da qual tirava seu sustento e o deles. Ela queria oferecer aos filhos aquilo de melhor. Todo o resto de sua família também já foi sustentada por Rosa em algum momento. Ela fazia questão de explicitar que esse fato era comum a muitas outras profissionais do sexo também: “Tem famílias que são sustentadas por putas! Famílias! Eu sustentava meu pai, minha mãe, meus filhos. Cada um com uma babá, com tudo... Tudo. Eu sustentava sobrinho. Todo mundo sabia do meu trabalho.”

A relação com a família era de amor e ódio. Ao mesmo tempo em que tinha diversos atritos com seus pais e irmã (“Eles não gostam de mim mesmo.”, dizia) era para eles também que ela voltava quando nada e ninguém a acolhia.

Ainda muito nova, “de menor”, foi expulsa de casa pela sua mãe e foi trabalhar em uma boate, após passar frio e fome na rua. A vida noturna a recebeu: uma ex-dona de cabaré, que lhe ofereceu moradia e comida, e uma travesti, que ensinou todos os truques das performances e shows nos palcos das boates. “Eu tinha dezesseis quando comecei, né [...] e assim foi indo... foi indo... em várias boates para fazer shows. Eu ganhava muito bem, não precisava fazer programa”.

Teve quatro casamentos ao longo de sua vida e como fruto deles um menino e duas meninas. Sofreu com a agressão física e psicológica de dois de seus ex-maridos e suas famílias.

Apanhou enquanto esteve grávida, suportou injúrias e difamações de todos os lados. Para criar seus filhos, teve de enfrentar as dificuldades de ser mãe solteira. Nesta tarefa pôde contar com a ajuda de algumas figuras que apareceram pelo seu caminho. Ela trabalhava fazendo programas e “bicos” como cozinheira: “Me vi trabalhando numa casa de shows, fazendo comida. De noite fazia coquetéis, canapés e tudo. Saía daquele restaurante e ia para rua, me montava que nem travesti e descia o morro. As travestis diziam que eu não podia ficar porque era mulher e eu falava ‘foda-se, eu tenho dois filhos pra criar, dois filhos que precisam de mim’”.

As drogas estiveram presentes em sua vida. Rosa relatou já ter sobrevivido a quatro overdoses. Contou sobre o preconceito sofrido ao buscar os serviços do SUS nas ocasiões em que abusou de substâncias psicoativas. Acredita que sua ocupação, além da condição de usuária de drogas, tenha contribuído para este preconceito. Ela denunciou o descaso dos profissionais de saúde e contou as muitas situações em que vivenciou o “estigma da puta”. Rosa alega não ver mudanças efetivas na situação das prostitutas em todos esses anos que esteve no mercado do sexo. O preconceito e as vulnerabilidades continuam: “E para puta hoje em dia não mudou grande coisa não. Fica sempre na mesma.” Essa consciência a levou a participações, lá no passado, em reuniões com diversas prostitutas, que mais tarde culminaria em um movimento social/político na cidade em que esteve numa dessas andanças pelo Brasil.

Rosa teve alguns problemas de saúde e no ano de 2016 lutou contra um câncer de mama. Orgulhava-se de ter saído de uma situação de alto risco. Passou por tudo isso sozinha. Após ter superado a doença, de volta à casa da família, foi novamente expulsa. Fez suas malas, que se resumiam em uma mochila com um “saltinho” e “dois vestidinhos” e dois reais no bolso. Já sabia que caminharia novamente para o trabalho sexual.

De carona em carona chegou a Brasília. Aqui foi acolhida por Iris, que ofereceu moradia. Entre brigas e sorrisos executava com maestria seu trabalho. Ela, como a mais experiente da casa, conhecia todos os papos, truques e o perfil de cada cliente. A sua leitura das pessoas era aguçada. Ela era hiperbólica. Vivia, falava e percebia intensamente. Esse turbilhão de emoções e experiências fazia parte da essência de Rosa, como ela mesma falava.

### **3.4. *Lis (núcleo Planaltina)***

Então assim, tem horas que a gente se abala, né? Em certas situações... ‘nossa, eu queria ser assim, eu queria ser assado’. Mas ao mesmo tempo você tem que colocar o pé no chão e falar que se

Deus te colocou ali é porque você vai dar conta! Às vezes eu tenho que dar uma levantada e um jeito na vida, se não enlouqueço (diário de campo, 03/10/17).

Como de costume, numa sexta feira fui a campo. Era começo de tarde, o sol estava forte. Havia sete mulheres sentadas em cadeiras, fora do salão, dispostas em semicírculo. A dona do bar estava lá também, com os cabelos molhados. Lis apareceu com um potinho de óleo de coco em uma das mãos e um pincel na outra. Estava pronta para começar seu trabalho. Fazia com muita habilidade o tratamento dos cabelos de Iris. Mais tarde eu entenderia que essa era uma das atividades que mais lhe dava prazer: mexer, cortar, escovar, tratar de cabelos. Ser cabeleireira era também sua profissão.

Neste dia não trocamos nenhuma palavra, nem mesmo um “oi”. No momento que Iris me apresentou para as mulheres e explicou um pouco sobre o que eu estava fazendo ali, Lis escutou, mas rapidamente saiu do local. Imaginei que não quisesse contato. Meses após esta primeira aproximação, ela perguntou se eu já havia terminado a pesquisa e, inesperadamente, disse que aceitaria ser entrevistada. Fiquei surpresa e feliz. Percebi como a pesquisa em campo nos surpreende a cada momento. Desde então, nosso contato foi se estreitando. Dia após dia sua maneira espiritualizada de enxergar a vida foi chamando minha atenção.

No dia da entrevista, sentamos em cadeiras dentro do bar e ali mesmo, em seu local de trabalho, demos início. Ficamos por volta de uma hora conversando. Dividia sua atenção entre nossa conversa e o celular; mesmo assim demonstrava emoção a cada palavra dita.

\*

Lis tinha pele branca, cabelos escuros e sempre bem escovados. Dona de um olhar profundo, que se intensificava com as cores negras de suas íris. Demonstrava grande vaidade na escolha dos brincos e maquiagens, que sempre estavam embelezando seu rosto. Um short jeans, camisa decotada, batom vermelho e olhos bem marcados com lápis preto, eram elementos que compunham seu visual de trabalho.

Tinha a voz calma e suave, sempre no mesmo tom. Ela falava baixo e de uma forma doce, mesmo quando alguém a tratava de maneira ríspida. Na entrevista proferiu logo em sua primeira frase aquilo que seria um de seus atributos mais marcantes: “Ah, eu sou muito tranquila, né?” De fato, tranquilidade era uma boa definição para Lis.

Morava na casa de Iris, assim como as outras companheiras de trabalho. Estava a todo o momento atendida no *WhatsApp*, respondendo mensagens, tirando fotos, escutando e mandando áudios. Além disso, também estava sempre atualizando o *Facebook* com fotos e mensagens de afeto direcionadas à sua família e amigos.

Lis demonstrava o amor que sentia pelo seu filho e não perdeu a oportunidade de mostrar fotos dele no dia da entrevista. Nessa mesma conversa relatou que ele era o amor de sua vida, “a coisa mais preciosa que Deus deu”. O mesmo afeto dirigido ao filho era também dividido com sua mãe. O respeito com que falava dela era singular: “Eu tenho muita preocupação com a minha mãe. Queria ter algo fixo para dar conta de comprar os remédios dela.” Situava-a como prioridade de sua vida.

Era uma mais espiritualizadas entre as mulheres. Falava com muita fé sobre Deus e sobre as entidades (espirituais) que a ajudavam. Tinha convicção de que podia contar com eles e que era dessa relação que saía a força para atingir seus objetivos. Lis enfatizava que sua potência estava no espiritual e que dele vinha a motivação para dar conta de todas as outras esferas de sua vida.

Sabia reconhecer as pessoas que a ajudaram. Lembrou da importância que Íris teve em sua vida, valorizando cada ato. Liz honrava as amigas e as figuras que foram importantes em toda sua trajetória.

Não era incomum encontrá-la com um livro na mão, estudando, mesmo com toda a dificuldade e com o turbilhão de situações presentes em sua realidade. Ela, como qualquer outra pessoa, tinha planos e objetivos. Pretendia se formar e se estabilizar financeiramente para continuar sustentando sua mãe: “Eu tô estudando e creio que eu vou passar. E não vou mentir para você... vou continuar nas noites. Quando eu arrumar um emprego.... que eu quero entrar na área da saúde, eu quero ser enfermeira... e eu vou entrar e vou conseguir. E vou continuar fazendo programa, vou continuar dançando na noite. É também um complemento, né?” Na ocasião da entrevista, ela estudava para um concurso público. Dizia que queria se inscrever em tudo aquilo que pudesse e afirmava que quando menos se esperasse estaria num emprego fixo.

Defendia a profissão que a acolheu e achava que as trabalhadoras sexuais deveriam ser mais respeitadas pela sociedade. Também na figura de Lis pude constatar a grande violência e vulnerabilidade que as profissionais do sexo estavam expostas. Em suas falas, dentro e fora da entrevista, havia repetidas menções às situações de tensão e risco enfrentadas não só por ela, mas também pelas outras.

A realização de programas auxiliava em seu sustento e evitou que sua família passasse dificuldades e até mesmo fome. Por isso, valorizava a atividade, independente do que

pensassem sobre ela: “[...] alguém pode falar que não é a melhor forma, mas agora no momento o que eu posso fazer para correr atrás das coisas para minha mãe é tá fazendo isso. E eu acho que não tô agindo errado.” Conhecida os desafios oriundos do trabalho e se posicionava politicamente: “Dou meu apoio, se for preciso eu dou meu voto lá. Sim, tem que ser reconhecida e tamos aí pro que der e vier”.

Lis passou por situações difíceis na profissão e fora dela, mas nunca perdeu as esperanças de alcançar seus objetivos. Com muita cautela e planejamento, tenta não repetir situações passadas. Conta que já ganhou bastante dinheiro fazendo programas, mas perde, e completa: “Eu não estava com a cabeça que eu tinha hoje”. Hoje, com “outra cabeça”, segue sem pressa e pensando em seu recomeço.

### 3.5. *Jasmim (núcleo Asa Norte)*

Tipo assim, eu não gosto de fazer. Eu levo isso daqui como um trabalho qualquer. Eu sei dividir as coisas, não misturo sentimento, entendeu? Só penso no dinheiro mesmo. Não misturo. Quando eu vejo que uma pessoa tá gostando de mim eu já não atendo mais e é isso. [...] tem muitas mulheres que eu vejo que não tem objetivo nenhum! Tem que ter meta, né? [...] isso aqui é um pesadelo. Tem que ter sangue no olho, minha amiguinha! Eu falo para mim mesma que todo sacrifício que eu tiver vai ser recompensado mais para frente (diário de campo, 23/08/17).

Por intermédio de Juma, minha pesquisa foi apresentada à Jasmim. No dia em questão, fui ao seu apartamento para participar de uma rápida conversa que Juma teria com ela e com outras mulheres profissionais do sexo. No prédio, a primeira porta que se enxergava era a de Jasmim, mas existiam outros quartos no local em que ela morava e trabalhava. Entrei na casa e percebi as várias mulheres se maquiando, vendo as melhores combinações de roupa e batons para começar o *trottoir*. Falavam alto e riam. De uma maneira geral, usavam shorts curtos, camisas decotadas, batons com cores gritantes na boca, prontas para mais uma noite. Eram sete horas da noite, horário que a movimentação de profissionais do sexo começava a ficar visível na via w3 norte. Logo iriam ocupar os espaços em frentes às lojas e calçadas. Um comentário de Jasmim caracterizou o cenário: “Minha filha, essa w3 aqui é grande. Não tem só esse ponto aqui, tem muita puta (risos)”.

Quando a encontrei, ela não se sentia bem e permaneceu deitada em sua cama. Juma entrou em seu pequeno quarto, sentou-se à cama e contou um pouco sobre minha pesquisa. Depois disso pediu para que eu entrasse. Ao entrar, tive a impressão de cansaço e preocupação em suas feições. Expliquei a ela minhas intenções com a pesquisa, que me compreendeu e aceitou em colaborar. Trocamos telefones. Após este dia, fui muitas vezes ao apartamento de Jasmim e nos comunicamos bastante pelo *WhatsApp*. Sempre fui muito bem acolhida e, com muita presteza, Jasmim esforçava-se para me encaixar em sua rotina agitada para algumas conversas. Nossa entrevista aconteceu à noite, depois de muitas tentativas e tantas datas desmarcadas, nos intervalos entre um e outro cliente. Devorávamos uma barra de chocolate, presente de um cliente, enquanto perguntas e histórias iam surgindo.

\*

A delicadeza foi a características que mais me chamou atenção ao vê-la pela primeira vez. Sua voz era suave, os gestos amáveis e cheios de polidez. Jasmim possuía cabelos longos, loiros, e pele branca. Era magra. Repleta de sonhos e desejos de uma vida melhor. Sozinha sustentava seus dois filhos pequenos, além de prover um suporte financeiro para sua família: “Preciso ajudar minha mãe e meu pai que eles estão desempregados. E agora que meu irmão morreu é que minha mãe ficou ruim mesmo... e ela que cuida dos meus filhos, né?”

Jasmim trabalhou durante alguns anos em um salão de beleza de sua irmã, porém, o negócio não se sustentou. Já foi casada, mas os problemas financeiros e o uso de drogas do marido a fizeram abandonar o matrimônio. Em suas palavras: “Aí teve um dia que ele chegou e disse que não tinha o dinheiro de comprar as coisas para dentro de casa. Aí vi faltando as coisas e falei que não ia ficar com ele, porque aí ele começou a se drogar, essas coisas”. A dificuldade financeira e a preocupação em suprir as necessidades dos filhos, colaboraram para a escolha da atividade sexual.

Todo encontro que tínhamos ela falava sobre sua vontade de ter um emprego estável. Pensava em abrir um negócio próprio e estava correndo atrás para fazer um curso de massoterapia. Falava sempre no sonho de ter sua casa devidamente quitada e de passar mais tempo com seus filhos. Mostrou várias fotos deles e com muita afetividade me contou como os ama: “A única coisa que pesa muito em mim é tá longe dos meus filhos, entendeu? De eu não tá o dia todo com eles, fazendo meu papel de mãe, né? Isso aí é foda para mim, porque era o que eu mais queria, tá o dia todo com eles, fazendo comida pra eles.”



Jasmim não fazia uso de drogas e convenceu-se que o consumo de substâncias psicoativas era um fator que atrapalhava o andamento da profissão. Abriu exceção para o cigarro. Embora admitisse que tinha de parar, fumava quando estava muito ansiosa. Na prostituição, já conheceu muitas mulheres nas mais diversas situações. Tentava não cometer seus erros e espelhava-se em seus acertos. Tinha um planejamento e metas muito bem delimitadas, pretendia não precisar ficar muito mais tempo no mercado do sexo. Era precisa: “Isso aqui tem data de validade, amiga. É no máximo cinco anos isso daqui”. Apesar de reconhecer que esta era uma atividade que lhe ajudava “a pagar as contas e ajeitar a vida”, repetia a todo momento que queria sair dela e denunciava as vulnerabilidades a que as prostitutas estavam expostas. Afirmou ter presenciado várias situações de violência de outras trabalhadoras sexuais e vivenciado suas próprias.

Apesar da pouca idade, apenas vinte e seis anos, Jasmim era madura. De longe, a mais focada que eu conheci na construção desta pesquisa. A cada conversa, falava sobre sua vontade de mudar de vida e sobre seus filhos. Tinha planos e metas; sabia os caminhos para atingi-las. Ela não parava de trabalhar um minuto sequer, dormia poucas horas por noite e acreditava que todo o sacrifício de agora seria recompensado em algum momento. Tinha muita fé no Deus que cultuava, nos momentos de maior dificuldade acreditava ser Ele o seu esteio. Contava que sua crença a ajudava e lhe dava força: “Peço pra ele me ajudar nos planos que eu faço, peço sabedoria pra Deus me tirar disso aqui logo”.

Aos poucos vinha conquistando seus objetivos. Já havia conseguido fazer a mudança para sua nova casa, tinha dois empregos, carro e sustentava sozinha seus dois filhos. Acreditava que daqui uns anos conseguiria atingir o que almejava, e enquanto este dia não chegava em sua totalidade, ela corria atrás, dava seus jeitos e seguia a agitação da vida.

### **3.6. *Dália (núcleo Asa Norte)***

Eu sempre fui da rua, da prostituição, do crime... Mas quando eu chegava em casa eu gostava de cuidar dos meus filhos [...]. E lá na internação eu me percebi sendo muito cuidadora, até das outras residentes [...] lá na sauna que trabalhava eu acordava as meninas e levava elas pra fazer exame. Falava ‘Bora, bora! A gente não pode ter essa doença, a gente tem que se cuidar. Vocês têm que usar camisinha!’. Eu já fazia essas... já tava ali revolucionando, fazendo o papel de cuidadora, entendeu? (diário de campo, 28/07/17)

Era quarta feira, horário de almoço. Neste momento, me preparava para participar de uma roda de conversa sobre o trabalho sexual que aconteceria na UnB. O evento contou com a presença de muitas estudantes, profissionais do sexo e professoras, todas com o objetivo único de discutir a prostituição. Era a primeira vez que encontrava tantas pessoas que se propunham a refletir sobre a temática na Universidade, logo soube que aquela seria uma ótima oportunidade. Uma doutoranda levava, como disparador da conversa, os resultados de sua pesquisa de mestrado que envolvia a prostituição de mulheres negras. Após a exposição dos resultados e durante o momento de conversa, Dália se levantou. Todos olharam para ela. Sem se abalar, falou um pouco de sua história de vida e em como a trajetória daquelas mulheres apresentadas na pesquisa da doutoranda se parecia com a sua própria. Aqueles quatro minutos foram cheios de emoção e as pessoas da sala não sabiam o que fazer ou falar no momento em que sua voz ficava embargada e seus olhos se enchiam de lágrimas. A pesquisadora se levantou e a abraçou.

Aquele momento chamou a minha atenção, principalmente porque Dália referia a si mesma como alguém forte e resistente, que havia passado por muitas situações difíceis, mas que “estava lá”. Ao término da roda de conversa, rapidamente a procurei para me apresentar. Trocamos os números de telefone e assim começamos um contato que, até o momento em que escrevo essas linhas, é bastante próximo. Dália mostrou-se uma pessoa incrível e muito amorosa. Vejo isso nas mensagens que trocamos no *WhatsApp* e pela importância que atribui à minha presença em tantos momentos de sua vida. Construímos um vínculo de bastante proximidade.

A entrevista que fiz com ela foi uma das maiores, ficamos quase três horas conversando, sem contar com as tantas horas não registradas pelo gravador. Uma parte da entrevista aconteceu na praça de alimentação de um shopping, enquanto fazíamos um lanche; outra parte em sua própria casa. Ela me apresentou sua residência, suas obras de artesanato, bichos de estimação e aqueles que eram as figuras mais importantes de sua vida: seus filhos.

\*

Dália era branca, possuía cabelos loiros e levemente encaracolados. Tinha cinquenta anos e já vivenciou toda sorte de situações. Foi prostituta muito tempo de sua vida. Trabalhou em cabarés, saunas, na rua, nos bares, no tráfico. Em uma de suas lembranças falou: “A gente [ela e sua companheira] construiu muita coisa como dona de bar, prostituta e como traficante. Em matéria de dinheiro conseguimos muito. Mas tudo foi embora fácil”. Hoje restou somente

as lembranças desses tempos. Nascida no Maranhão, fez de vários estados brasileiros seu lar. Já morou no Rio de Janeiro, Recife, Pará e tantos outros lugares, mas se firmou em Brasília.

Enquanto criança, Dália foi muito maltratada pela esposa de seu tio-avô. Alega ter vivenciando situações de crueldade: “Ela me batia demais [...] me maltratava, me xingava todinha”. Nunca foi acolhida por algumas pessoas de sua família, embora fosse querida por alguns, como seu tio-avô e sua bisavó. Fugiu da casa de seus parentes, veio para Brasília e aqui começou a trabalhar ainda adolescente. Dália teve muitos empregos e patrões, chegando a manter relacionamentos com muitos deles. Sobre isso, comentou: “Eu era... puta de fachada. Não era explícita, mas arrumava as coisas para mim e já transava por dinheiro, entendeu? Isso com quinze, dezesseis anos... já para dezessete.”

Em Brasília também teve seus sete filhos e os criou como mãe solteira. Teve ajuda de algumas pessoas ao longo do caminho e encontrou aquela que seria uma das figuras mais importantes de sua vida, Zínia. Com ela experimentou o amor de irmã, amiga e amante. Falou que foi “a primeira mulher de sua vida” e que elas eram “almas gêmeas.” Nesse momento completou: “O que ela sentia, eu sentia! Se ela tava com dor, eu sentia!”. Com ela dividiu as dores, os afetos e até a criação dos filhos. Juntas foram donas de bar, prostitutas e traficantes.

A morte de Zínia, há onze anos, marcou sua história. Na tentativa de amenizar suas dores e dificuldades, ela, que já fazia uso de drogas, começou a potencializar esse consumo: “Aí depois disso foi muito sofrimento pra mim. Eu só me afundei. Eu não tinha estrutura. Traficante quase me matou porque eu pegava 1kg/2kg de cocaína e cheirava tudo [...] eu só fui caindo, caindo, até chegar no crack”.

Conseguiu se reestabelecer a partir de uma internação em comunidade terapêutica e neste longo processo de recuperação se descobriu cuidadora. Tinha grande atenção e responsabilidade com as residentes, suas companheiras. Num momento de reflexão, Dália disse que sempre teve forte esse papel em si e que mesmo em contextos extremos já estava “revolucionando” em seu meio. Eram mulheres que comumente não buscavam os serviços de saúde e tinham poucas estratégias de cuidados consigo.

Nos últimos tempos, vinha trabalhando na perspectiva de redução de danos, atendendo pessoas que faziam uso de álcool e outras drogas e profissionais do sexo. Ela tentava mostrar a estas pessoas, através de sua própria história, que era possível e necessário ter planejamento e metas, o que, segundo ela, faltou em sua trajetória. Apesar de não estar ativa no trabalho sexual, não descartava tal possibilidade em “situações limites” e não se permitiu ficar de fora do movimento político brasileiro. Ela viajou a congressos, participou de rodas de conversas, mesas de debates e cooperava com a construção do movimento brasileiro de profissionais do sexo.

Dália era o retrato da resistência e perspicácia. Mesmo com todas as dificuldades fazia de tudo para garantir uma vida melhor para si e sua família. Ela acreditava em um mundo melhor e cotidianamente tentava fazer a diferença e construir dias melhores.

### 3.7. *Hortênsia (núcleo Planaltina)*

Um dia um cara veio aqui, pagou 500 reais, e a gente nem fez nada, só uns amassos, passou a mão, ele já era velho, nem subiu. Depois fui lá no mercado com ele, peguei uns 500 reais de compras também, paguei de namorada do velho, todo mundo olhou e deve ter se perguntado, nossa, essa mulher bem mais nova com ele. E pronto. Dei a ré no carro e tirei tudo de lá e no fim do dia ele ainda agradeceu, falou que foi um dia inesquecível. Otário. Eu não tenho pena, não. Esses homens são tudo filho da puta, chega aqui achando que vai usar alguém, então tudo que eu puder tirar eu tiro sem dó. Se a gente soubesse o tesouro que a gente tem no meio das pernas, ihhhhhh!!! [risos] (diário de campo, 17/03/17).

Hortênsia foi a primeira pessoa que conversei nesta pesquisa e foi figura importante para o desenvolvimento do trabalho. Usando suas próprias palavras, atuou como “uma ponte de ligação” a partir da qual fui apresentada à dona do bar, às outras mulheres e à “velha”, entidade espiritual a quem tem muito respeito e que, para ela, era a “figura mais importante deste trabalho”.

Nosso contato inicial foi em novembro de 2016, mediado por um amigo em comum. Logo na primeira vez em que conversamos por mensagens de *WhatsApp* explicitarei não só as minhas intenções, mas um pouco da pesquisa que iria realizar e ela logo se disponibilizou em ajudar. Depois de alguns meses de tentativas e de encontros marcados e remarcados, finalmente conseguimos o dia ideal.

Cheguei até o endereço que ela havia passado. Eu estava cheia de ansiedade porque era o primeiro dia oficial do campo. Segui o caminho que ela me ensinara até o bar, sem saber que aquele percurso se repetiria semana após semana, por mais de um ano. De longe avistei o local e uma pessoa à porta. Era Hortênsia. Ela logo abriu um grande sorriso e me recebeu com um abraço. Ali mesmo já começamos a conversar.

Ela mediou minha conversa com a dona do bar, com as outras mulheres que trabalhavam por ali e com muitos clientes que passaram pela casa durante os meses em que estive presente. Me explicou sobre os cabarés, bares e sobre os atores presentes no mercado do

sexo. As muitas conversas que tivemos ao longo destes meses não foram registradas em gravador, “resolvemos deixar nossa conversa fluir, de uma forma informal e tranquila sem seguir metodologia”, como ela mesma disse. Hortênsia construiu este texto comigo e gentilmente compartilhou fatos demasiados íntimos para este trabalho. Segundo ela, fez questão de ser parte de uma pesquisa a qual podia contribuir verdadeiramente sendo quem é, “sem personagens, sem fantasias ou fantoches”. Sendo simplesmente ela.

\*

“Eu vim para esse mundo para experimentar!” Disse-me esta frase, que me soou um tanto enigmática, logo no primeiro dia que nos encontramos. Mas pouco a pouco foi sendo destrinchada, conforme evoluíam nossas interações e conversas. Em sua trajetória de vida saboreou e “experimentou” toda sorte de situações: já dormiu na rua, fez malabares no sinal, viajou para alguns lugares conhecendo pessoas de todos os jeitos, já usou drogas, entre tantos outros acontecimentos que pareciam não caber em seus trinta e poucos anos. Ainda mais que há oito anos morava no bar de Íris.

Lá encontrou o sentido de família. Sobre sua chegada à casa colocou:

Quando cheguei na casa eu era extremamente drogada, eu não era garota de programa, mas eu me prostituía sem remuneração. Eu me deitava com mais de trinta homens em uma noite por prazer, e nem sentia prazer assim. Era por bagaceira. Quando cheguei na casa, cheguei muito drogada e passei por um processo de ressocialização. Fui assistida por uma ONG que até hoje me acompanha, inclusive a Íris faz parte e é presidente. Essa ONG tem um projeto de ressocialização para mulheres em situação de risco. Então, eu passei por esse processo de reabilitação. Tem oito anos que eu tô aqui, tem oito anos sem drogas, tem oito anos que eu não fico nessa bagaceira, que era mais uma mutilação sexual, entende? Há oito anos eu não permito que essas coisas aconteçam e que antigamente eu permitia (diário de campo, 05/01/18).

Hortênsia julga estes fatos como essenciais para demonstrar quem de fato ela era e, sobretudo, para honrar sua história de superação. Um marco crucial dessa guinada foi o cabaré, que ocupava um importante espaço em sua vida: “Quando eu cheguei aqui a sociedade não me queria mais, eu era um lixo. E quando todo mundo me virou as costas o cabaré me abriu as portas.” Essa frase foi de encontro com o que Íris já havia me falado em outro momento quando colocou que muitas vezes o cabaré era o único local que acolhia algumas mulheres. Hortênsia

mencionou ainda que não somente o cabaré como um local físico a acolheu, mas este foi também um acolhimento emocional pelas figuras de Íris e, sobretudo, da entidade espiritual Maria Padilha, a “velha”. Hortência reforçou: “O cabaré foi uma benção da minha vida. Para mim foi uma clínica de reabilitação. O cabaré é onde eu vivo, onde eu tenho suporte, onde tenho teto, caminho, portas abertas e onde me fez ser uma pessoa verdadeira.”

Embora reconhecesse o cabaré como um local especial em sua história, me contou que, assim como em qualquer outro ambiente, existiam algumas dificuldades a serem enfrentadas, em especial as relações com algumas mulheres que chegavam para trabalhar na casa. Acreditava que, com muitas delas, não podia estabelecer relações de amizade verdadeira: “Não adianta. Aqui não dá para conversar com ninguém sobre coisas íntimas, de vida. Porque, se precisar, essa pessoa vai usar isso contra você. Acontece com ela, acontece comigo. É assim.” Entretanto, apesar de reconhecer essas desavenças, amenizou: “Mas isso acontece, não [...] somente com as meninas que trabalham aqui, ou porque é no cabaré. Acontece porque o ser humano é assim. Pode acontecer em qualquer local de trabalho.” Entre altos e baixos, no cabaré ela se divertia, vivenciara muitas situações engraçadas com os clientes e companheiras de trabalho, mas foi por lá também que sofreu e presenciou situações de violência.

Hortência tinha um jeito peculiar. Era observadora. Rapidamente conseguia fazer a leitura dos clientes que chegavam ao bar. Tinha uma voz forte e uma maneira muito própria de falar. Pele branca, cabelos pretos e curtos. Era engraçada e nunca perdia o tempo de uma piada. Mas também sabia ser introspectiva e demasiado fechada para as relações sociais. Hortência era a dinamicidade em pessoa e enquanto estive em campo percebia suas grandes flutuações de humor.

Era apaixonada por artes e, inclusive, se formou nesta área. Estava sempre falando de teatro, espetáculos e shows. Gostava de participar de produção de eventos, isso a alimentava, fazendo sentir-se potente e capaz. Contou-me sobre sua ideia de escrever um livro, que via como uma tentativa de entender as relações sociais que aconteciam dentro do local que a acolheu. Tentou até mesmo produzir um filme, porém perdeu seu material ao ter seu computador roubado, o que a fez “pausar” a ideia momentaneamente.

Ao longo dos meses que convivemos, explicou-me as muitas situações vivenciadas pelas profissionais do sexo, o que se devia ou não fazer quando se estava na companhia de um cliente e os muitos truques e estratégias de cuidado usadas pelas garotas de programa. Ela me mostrou sua visão de espiritualidade e a importância que a religião tinha em sua vida.

Hortência me conduziu a muitas reflexões acerca do trabalho sexual e das relações sociais. Despertou-me para a importância do papel da espiritualidade não só em sua vida, mas

na vida de muitas de suas companheiras de trabalho. Tinha sempre um assunto diferente que lentamente, no seu tempo, foi me apresentando.

### 3.8. *Iris (núcleo Planaltina)*

A prostituta sofre muito preconceito. O Estado é hipócrita porque diz que esse segmento [das profissionais do sexo] não existe, mas elas existem sim e merecem ser cuidadas! (diário de campo, 17/03/18).

No dia em que conheci Iris ela me abraçou longamente e logo de início fez com que eu me sentisse em casa. Eu usava uma mochila nas costas e tinha à mão papéis contendo meu projeto de pesquisa. Sentamos à mesa e comecei a explicação. Ela rapidamente aceitou a proposta do trabalho e abriu as portas de sua casa para que eu pudesse permanecer o tempo que precisasse. Foram quatorze meses, tempos em que, mesmo com toda dinamicidade presente em sua vida, fui acolhida de maneira muito gentil e conheci sua visão política, de militância LGBT, de cuidado às profissionais do sexo e seu grande contato com a dimensão espiritual.

\*

Iris não era trabalhadora sexual e nunca teve essa atividade como profissão, mas durante muitos anos de sua vida conheceu e ajudou pessoas que se utilizavam da prostituição para viver/sobreviver. Em tom enfático e voz firme, se definiu como “[...] ativista, negra e lésbica”. Fazia parte do movimento social LGBT e organizava diversos eventos públicos. O objetivo era sempre dar visibilidade à causa e convidar a sociedade a refletir sobre os direitos específicos desta população. Em uma de suas falas públicas enfatizava: “Sou lésbica sim e amo minha companheira. Milito pela causa da mulher e da mulher negra, mais especificamente.”, mostrando que questões de gênero e raça também entravam como prioridade.

Ligada ao trabalho espiritual, sempre falava de Deus e da entidade que incorporava e a guiava. Era junto a esta entidade que acolhia e dava o suporte emocional e afetivo para as mais diversas pessoas. Amparava muitas profissionais do sexo em sua própria casa e representava para cada uma delas a figura materna. Aquela que oferecia amor, mas que também ensinava e exigia. O bar que semanalmente frequentei e a partir dela conheci Rosa, Lis, Amarílis e Violeta,

tomava a parte da frente de seu terreno, onde nos fundos ela morava e na lateral moravam as mulheres que Íris abrigava. Ela tinha algo de místico, um olhar penetrante e acolhedor. Sempre que podia demonstrava sua ligação com o divino e a certeza protetora que a envolvia.

Pelo contato próximo com o trabalho sexual, conhecia as dificuldades enfrentadas pelas prostitutas e denunciava o grande preconceito e desamparo da categoria, como “a ausência completa do estado” e a “privação de direitos” presentes no cotidiano deste segmento. Denunciava também o machismo, que por vezes era explicitado de maneira cruel nas relações entre garotas de programa e clientes. Talvez por ter presenciado tantos momentos deste tipo, criara certa descrença nos homens por achar que eles “não se importavam com as mulheres” e pela vontade constante que tinham em “usar seus corpos”.

Íris me explicou um pouco sobre diversos elementos de sua religiosidade, como por exemplo o significado do termo “axé”, o sentido do ritual de “defumação” de ambientes com vistas a limpeza energética, entre outros. Por vezes cheguei em seu bar e presenciei orações realizadas por ela, o que demonstrava o contato cotidiano com a espiritualidade.

É uma líder e se porta como tal. Em minhas idas ao bar, ela comentou que ajudava quem necessitava o máximo que podia. Para isso, segundo ela, oferecia sua casa, alimento e afeto. Comentou ainda que muitas vezes não fora retribuída ou sequer agradecida por quem acolheu. Apesar disto, ainda assim diz acreditar em um mundo justo e solidário. Sabia que não estava só e que era protegida espiritualmente onde quer que fosse.

### **3.9. Amarílis (núcleo Planaltina)**

Mas você faria programa, Carol? [...] esses caras não fazem nada mesmo. Nem sente nada. Quando vê já acabou! (diário de campo, 31/03/17)

Juntamente com Hortênsia, Amarílis foi uma das primeiras pessoas que conheci nessa pesquisa. A primeira vez que a encontrei ela parecia ser de pouca conversa, não sabia se tímida ou desconfiada. Mas a minha ideia logo mudou. Na terceira vez que a vi estava animada e falava bastante, até me explicou um pouco sobre sua visão acerca dos homens que frequentavam cabaré.

Sua história cheia de intervalos, peripécias e discontinuidades não foi registrada em gravadores como das muitas participantes. Ela se esquivou o quanto pode em responder as



minhas investidas de entrevista formal e demorei um pouco para entender que as longas conversas que tínhamos espontaneamente, na presença ou não de clientes, poderiam ser tão ricas quanto aqueles modelos fechados de entrevista. O meu diário de campo estava recheado de fatos relacionados e compartilhados por Amarílis. Somente ao fazer uma releitura que dimensionei a riqueza que tinha em mãos.

\*

Amarílis tinha menos de vinte e cinco anos, se autodefinia negra de pele clara, cabelos encaracolados, fartos, com comprimento pouco abaixo do ombro. Estava sempre com roupas decotadas e shorts curtos, que reforçavam as formas de seu corpo. Cores vibrantes e bem marcadas transformavam os olhos observadores em mais um artifício de vaidade e sedução. O celular à mão era elemento que não faltava em seu dia a dia. Estava sempre atendida nas redes sociais.

Nasceu em uma pequena cidade do Goiás e passou toda sua infância por lá na companhia de seus avós. Mudou-se para Brasília ainda na adolescência, mas por circunstâncias outras voltou para a terra Natal. Entretanto, em uma decisão inesperada da mãe, veio com toda a família para o Planalto Central, local que nunca mais deixou. Foi, de fato, criada por seus avós, a quem lembrava com carinho. Um certo tom de nostalgia costumava invadir nossas conversas quando rememorava seu passado e suas aventuras de criança. Contou-me, por exemplo, quando andava a cavalo com sua amiga e quando subia em árvores para colher mexerica. Terminava muitas dessas memórias falando “criança é bicho atentado”, e ria.

Amarílis era de sorriso fácil e a língua afiada. Tinha sempre uma resposta para tudo. Era articulada. Suas palavras eram bem colocadas e demonstrava um ar amigável e agradável quando conversa com os clientes que frequentam o bar. Ela gesticulava, sorria, gritava, fazia caras e bocas. Sabia envolver. Os clientes retribuía com bebidas e, por vezes, fazendo o que ela pedisse.

Contou que não gostava de realizar o trabalho sexual, mas que continuava porque precisava do dinheiro. Seu primeiro dia de trabalho no cabaré foi traumático e ela relembra com feição de nojo: “Cheguei no quarto e vi aquele cara. Feio. Tinha cheiro de bosta. Aí fui lá, né? Foi rápido, mas parecia uma eternidade. Quando terminei fui tomar banho, mas o cheiro de bosta não saía por nada. Esfreguei, esfreguei, esfreguei.” Depois deste episódio, passou a querer

dispensar muitos clientes, mas não podia fazê-lo. Entretanto enfatizou que não aceita qualquer um: “Não, não vou com você.”

Desde o começo fez questão de demonstrar que não abaixava a cabeça para ninguém. Ela briga, fala mais alto e até bate se for preciso. Sobre isso coloca: “Eu sou louca, moço. Eu bebo mesmo e, quando bebo, fico bruta. Já empurrei e bati foi na cara de cliente. [...] um dia bati tanto num cliente que ele chamou pela mãe [Íris]. No outro dia ele foi trabalhar todo roxo.”

Amarílis tem uma espiritualidade afluada e fala com muito amor e respeito da entidade que a guia: “Hoje em dia ela é tudo pra mim.” Veio de família evangélica mas se encontrou na religiosidade cultuada na casa.

Foi na figura de Amarílis que aprendi sobre a lábria dos homens que frequentam cabaré. Segundo ela, muitos deles contavam mentiras homéricas. Dizia que nem todos, somente aqueles que não eram “desenganados”. Sabia de cor todas as frases comumente proferidas por eles e os imitava com ar de deboche, como quem já soubesse de tudo aquilo que viria. A história sempre se repetia.

As histórias de violências às prostitutas também eram narradas por ela. Durante os meses em que conversamos tive conhecimento de diversas situações que ela e suas companheiras passaram. Esses acontecimentos eram contados e recontados sem alterações na voz, às vezes com leveza e sorrisos, me levando a questionamentos sobre o porquê daqueles fatos serem, de certa forma, naturalizados.

Amarílis me apresentou gentilmente seu universo e eu absorvi cada informação. Com seu temperamento oscilante, foi me apresentando meus os limites. Deixou claro que em alguns momentos que eu não era bem-vinda, mas em tanto outros demonstrou a proximidade e vínculos que construíamos a cada encontro. Amarílis é o superlativo em pessoa. Em suas palavras, é uma pessoa que “[...] sente demais, gosta demais. Tem gênio forte.” “Se o santo não bater”, não adianta, ela não se aproxima. Ela vai vivendo intensamente seus dias e experimentando o que a vida lhe oferta.

### **3.10. *Camélia (reduzora de danos)***

Eu sei de uma coisa. Você tem que ter propriedade, comprometimento e amor [...]. Perfil e amor, minha querida. Se não for isso, não rola trabalho! Não flui! Não adianta você ter teoria [...] No trabalho do dia a dia, se você não tiver comprometimento não acontece (diário de campo, 02/10/17).

Embora não fosse prostituta, Camélia, como redutora de danos, tinha vasto conhecimento sobre a vida dessas mulheres. A primeira vez que encontrei Camélia estava em uma reunião do Programa de Redução de Danos (PRD), onde apresentei meu projeto de pesquisa da graduação. Tinha a intenção de fazer meu trabalho de conclusão de curso naquele serviço. Camélia prestava atenção a cada palavra minha e dava suas opiniões sobre a situação exposta. Neste dia, falou sobre o amor pelo trabalho, o qual já desenvolvia havia pelo menos dez anos.

Tornei a encontrar Camélia enquanto ela trabalhava em um evento de um serviço de saúde mental. Correia de um lado para o outro, fazia atendimentos e falava sobre saúde. Aceitou na hora quando falei que pretendia entrevista-la.

\*

Camélia tinha mais de cinquenta anos e um jeito peculiar de agir. Sempre trajava um tênis no pé, calça jeans, camisa longa por baixo de uma camiseta qualquer e uma bolsa nas costas, na qual ela carrega vários instrumentos de prevenção (camisinhas, piteiras, folders e cartilhas de saúde). Este era o seu uniforme de trabalho. Era reconhecida por seu cabelo vermelho, como uma marca registrada, e por seu trabalho nos locais em que o serviço sexual é realizado.

Camélia é uma redutora de danos apaixonada pela profissão. No PRD esteve muito próxima às profissionais do sexo e passou cerca de cinco anos atendendo este público. Frequentava todos os cabarés, bares e pontos em que as mulheres estavam situadas. Reunia não só trabalhadoras sexuais, mas também clientes e donos de bar na intenção de atingir o maior número de pessoas com a sua fala sobre saúde e prevenção.

Planaltina era uma das regiões que visitava semanalmente e lá fez um vínculo muito forte com a rede de saúde e de assistência social. E o mais importante, com as próprias pessoas que estavam na prostituição. Visitava os postos de saúde e hospitais para pactuar ações e, ainda, dias de consultas específicas para as prostitutas. Participava de reuniões de redes e de equipe para sensibilizar os médicos e demais profissionais de saúde às demandas daquelas mulheres, frisando, sobretudo, a necessidade de um atendimento livre de preconceitos. Ela se definiu como “mãezona” e cobrava bastante as pessoas que atendia. Relatou que na época em que trabalhava com as profissionais do sexo em Planaltina conversava, “dava bronca”, ficava

irritada, levava cartilhas e não cansava de repetir as informações sobre saúde para essas mulheres.

À época da entrevista havia trocado de emprego e, por isso, não mais atendia exclusivamente profissionais do sexo, embora ainda se deparasse com algumas. Nesses anos em que manteve contato com esta população viveu as mais diversas situações, riu de algumas, mas também sofreu por ver a vulnerabilidade em que muitas mulheres ainda estão expostas. Explicitou que para realizar este tipo de trabalho tinha que ter “amor” e que devia se ter paciência, pois era “um trabalho de formiguinha”.



**Figura 7-** "As senhoritas de Avignon" - Pablo Picasso.

\*

Essas foram as principais mulheres que me acolheram e, algumas, tornaram-se minhas anfitriãs em campo. Suas histórias de vida levantam temáticas que se entrelaçam com a saúde e o cuidado de si, assim como com temas relativos a redes de apoio, violência, uso de drogas,

cotidiano e dinâmica do trabalho, entre tantos outros. Em seguida, apresento algumas digressões acerca do tema “prostituição e saúde” na expectativa de que esta discussão oferte um suporte para entendermos melhor tanto os aspectos da prostituição aqui no Brasil quanto às construções sociais acerca da atividade. Veremos que, normalmente, esta discussão está quase que confinada ao campo da saúde (Lenz, 2011) e pautada no modelo biomédico. A medicina, enquanto instituição produtora de um conhecimento tanto do processo saúde-adoecimento quanto do cuidado a saúde, tem um importante papel na construção de um saber e de uma imagem sobre a prostituição. Veremos este assunto com mais detalhes no próximo capítulo.

## **4. (Des) Construindo Ideias: pensando a prostituição e a saúde**

Pretende-se neste capítulo descortinar brevemente o panorama da prostituição no Brasil e mostrar como as noções de saúde e adoecimento perpassaram toda sua história. A partir deste ponto, os capítulos começam a responder algumas perguntas: Quais os aspectos históricos e panorama da prostituição brasileira? Como o processo de higienização social se conecta à ideia de prostituição no país? Porque as noções reducionistas de saúde-adoecimento aparecem com tamanha força e tantas vezes minam as discussões neste campo? Tais perguntas de algum modo ajudam na construção de um entendimento e servem como gatilhos para reflexão dos objetivos do presente trabalho.

### ***4.1. Adentrando o universo da prostituição***

É sabido que a prostituição atravessa o campo da moralidade e “grassa como se fosse uma espécie de pecado original” (p.14) (7) (9). Cada grupo social, porém, tem sua forma própria de olhar para este fenômeno, podendo ancorar-se em fundamentos religiosos, médicos, éticos, jurídicos e de gênero, os quais conferem maneiras subjetivas, oscilantes e, porque não, conflitantes de compreensão. Nesse misto de interpretações e de posicionamentos que se situam nos pares de opostos aceitação-proibição, ou em seu ínterim, a prostituição se faz presente no curso da história e se constitui no mundo contemporâneo uma das principais atividades do mercado do sexo, além de se estabelecer também como umas das economias mais rentáveis, ao lado do comércio de armas, órgãos humanos e drogas (7).

Definida num jargão, obsessivamente repetido e quase eternizado pelo senso comum, como a profissão mais antiga do mundo, a prostituição carrega significados e significantes complexos e que são dotados de historicidade. Tal assertiva tão difundida transpassa os tempos e endossa alguma familiaridade e, em certos casos, “aceitação mecânica” que se atualizam nos extensos debates realizados pela sociedade ao longo dos tempos (p.15) (7). Esta percepção acaba por deixar nas entrelinhas um pensamento que situa a prostituição como objeto natural invariante ou mesmo como fato inerente à história.

A percepção de “profissão que sempre existiu” pode servir como elemento nebuloso que justifica a ideia de uma “aceitação” marginalizada da atividade. Essa espécie de “aceitação” é

marginalizada uma vez que existe um limite invisível que separa radicalmente universos distintos, que Santos coloca como “o deste lado da linha e o outro lado da linha” (43). A prostituição que pode existir deve ser concentrada em pontos específicos, “no outro lado da linha”, ou como coloca Olivar nas “zonas de tolerância simbólicas”, locais reconhecidos e, de certa forma, aprovados pela “boa sociedade” (4) (5). Essa lógica de organização da cidade provoca distanciamentos e a conformação de regiões diferenciadas, ou nos termos de Park, “regiões morais” (30). Tais regiões morais também são de controle, onde se exercem o poder do Estado e ações da sociedade como um todo.

A naturalização da prostituição, resultado do suposto discutível que a enquadra como a profissão mais antiga, relaciona-se com a naturalização do contexto desproporcional e de injustiça em que muitos sujeitos que exercem o trabalho sexual se encontram. Diz respeito também em como grande parte da sociedade se comporta com relação a estes mesmos sujeitos. Essa ideia colabora, sobretudo, para a manutenção de um quadro de desigualdade que se atualiza e se recicla de tempos em tempos.

Apesar do status de profissão presente no senso comum, em nosso país, não se reconhece a prostituição como uma atividade laboral em lei (44). É tida como uma ocupação pelo Ministério do Trabalho e Emprego desde 2002, porém as atividades correlatas a ela são consideradas ilícitas. Isto, muitas vezes, mina as possibilidades da profissional do sexo de exercer seu trabalho, culminando na precariedade do acesso aos direitos e influenciando a maneira que Estado intervém nas questões relacionadas ao trabalho sexual. Esta intervenção em um primeiro momento se dá através da instituição policial, que, por vezes não respeita a mulher que está exercendo a atividade (45).

O descaso por parte dos serviços públicos pode ser observado não só na área de segurança pública, mas também nas áreas de saúde, justiça, assistência social e educação, justamente aquelas que deveriam ser locais de refúgio e garantia de direitos. Para Juma, essas mulheres são “literalmente vulnerabilizadas pelo Estado”.

O Brasil, no que diz respeito à legislação, adota uma postura que se aproxima do modelo abolicionista. Neste modelo, além de se pensar na criminalização do “entorno” da prostituição, pensa-se também a trabalhadora sexual como vítima, ou seja, explicitando a irrelevância de seu consentimento e desconsiderando a autonomia destas mulheres (46).

A Rede Brasileira de Prostitutas defende que as mulheres que exercem o trabalho sexual são dotadas de autonomia e que muitas delas, de fato, escolheram exercer esta atividade (40). Entretanto, é inegável que existem também aquelas que, por motivos outros (extrema pobreza, desestruturação de vida, etc.), tiveram suas escolhas alienadas. Mais próximos a esta linha

posicionam-se muitos grupos feministas (47). Blanchette, Silva e Camargo explicitam uma tendência corrente entre certos estudiosos da prostituição de afirmarem que não há liberdade na decisão de se prostituir (39). Sobre isto, os autores citam Julia O'Connell-Davison, a qual demonstra enfaticamente tal posicionamento quando coloca que mulheres “decidem” engajar-se no trabalho sexual diante de um repertório limitado de possibilidades que lhes são oferecidas (39).

Qualquer pretensão de radicalização do debate em torno dessas vertentes de pensamento correrá o risco de não captar as singularidades das situações de vida destes sujeitos. Seja qual for o motivo, é preciso explicitar que existem mulheres que exercem esta atividade regularmente e que precisam de suporte, informações e cuidado por parte do Estado. Além de tudo, elas são dotadas de voz, de agência e estão cotidianamente resistindo, ressignificando e muitas vezes positivando suas experiências no trabalho sexual, como demonstrado na fala de muitas das entrevistadas desta pesquisa. Isto não pode ser ignorado (4).

Outro aspecto comumente presente quando se fala de prostituição é o seu enfoque quase que total na prática realizada por mulheres cisgêneras, obliterando-se de outras categorias presentes no trabalho sexual, como por exemplo a dos homens (michês), mulheres travestis e transexuais (3). Apesar da atividade ser majoritariamente exercida por mulheres (cis e trans), Nucci explicita, a título de exemplo, que a figura do gênero masculino na prostituição é tão antiga quanto a do feminino e é possível pensar que esse enfoque esteja ancorado em erros fundamentais que demonstram em si características homofóbicas e machistas (44). Um desses erros é a negação e não aceitação de que homens possam buscar os serviços sexuais de outros homens e que a gratificação econômica é uma possibilidade também para o gênero masculino. Outro aspecto citado no trabalho de Nucci que diz respeito a esta focalização da prostituição como inteiramente feminina é a ideia errônea de que os homens possuem impulsos sexuais incontroláveis e uma atitude naturalmente ativa de busca por sexo em oposição à característica apática da sexualidade feminina mais voltada para a satisfação dos prazeres do “gênero oposto” (44).

É visível que o debate acerca da prostituição vem sendo marcado por considerável refinamento. Os diferentes atores presentes no trabalho sexual alcançam cada vez mais visibilidade (48). De acordo com Piscitelli, logo nos anos 2000 as discussões sobre a inserção destes diferentes atores e da categoria “gênero” adquiriam maior complexidade, distanciando-se das posições tradicionais na prostituição, que tinham a mulher como quem presta o serviço e homem como quem recebe ou busca a prostituição (49). Nestas pesquisas, como relata a



autora, eram mostrados os homens que ofertavam o serviço, as mulheres como “empreendedoras” ou “empresárias” e a visibilidade do trabalho das travestis e transexuais.

Naturalmente o debate sobre prostituição carrega em si diversas narrativas e ideias muitas vezes carregadas de (pré)conceitos e (pré)noções que se movimentam nas ondas do conservadorismo e dão tom às discussões. As avaliações ideológicas também encontram seus lugares nesse debate. Nucci relata que muitas correntes do movimento feminista, por exemplo, afirmam que “não se deveria suportar a ideia de uma empresa global, a indústria global, (no caso, a indústria do sexo) condenando milhões de mulheres e crianças à morte social” (44). Nessa vertente, as feministas Faria, Coelho e Moreno afirmam que existe uma naturalização desta prática, a qual permite que ela não seja vista como opressão ou como uma forma de exploração, trazendo à luz a crítica acerca da já comentada ideia de “profissão mais antiga do mundo” (50).

Por comportar distintas maneiras de percepção, ser uma temática que tem aproximações com o campo da moral e, sobretudo, por estar na fronteira entre o legal e ilegal, cada país tem seu modo de lidar com a prostituição, tanto subjetiva quanto juridicamente. Existem diferentes modelos, ou sistemas, que abordam o assunto: proibicionista, abolicionista e regulamentarista; e mais recentemente o laboral ou trabalhista (51).

O sistema proibicionista é o mais repressivo e parte do pressuposto de que a prostituição é uma infração penal e uma grave ofensa aos direitos humanos. Nele, toda a conduta relacionada à atividade é proibida e há, inclusive, a punição das pessoas envolvidas, desde a prostituta podendo se estender ao cliente (51) (44). Estados Unidos, China e Camboja se utilizam deste sistema. Nucci pontua que nos Estados Unidos, por exemplo, apesar da prostituição ser uma atividade ilegal, ela se espalha em zonas mais pobres dos grandes centros (44). O autor ainda comenta que a indústria do sexo deste país é uma das mais dinâmicas e movimentadas do mundo.

Já no modelo abolicionista não há a sanção individual da prostituta, contudo, tudo que envolve a prática é criminalizado. Isto inclui todas as pessoas que exploram, favorecem e auxiliam a atividade. Nesta perspectiva a prostituição é incompatível com a dignidade humana e é tida como a pior forma de exploração, dominação e opressão do regime patriarcal. Quem a pratica é vítima e não alguém que deve ser penalizado (52) (51). Segundo Nucci esta visão emerge entre o final do século XIX e início do XX e é o resultado do movimento pelos direitos civis (44). Tal ideologia, bastante ligada aos primeiros movimentos feministas europeus, tinha como pauta o fim da regulamentação da prostituição. Nesse período, a regulamentação estava presente em diversos países e era organizada controlando-se os sujeitos que estavam no trabalho

sexual. Havia um controle pessoal, local, sanitário e policial, exercido de forma arbitrária por instituições policiais, médicas e religiosas. Neste contexto, as abolicionistas lutavam contra tal medida e centravam-se na proteção destes sujeitos (49). Piscitelli pontua que este modelo possui grande relevância na discussão nacional sobre o tema (49). Segundo ela, tanto a lei brasileira quanto parte significativa do movimento feminista, quando o assunto é prostituição, possuem relações estreitas com ele.

O regulamentarismo, por sua vez, reconhece a existência da prostituição enquanto um mal social que não pode ser combatido. É considerada um desvio e um “mal necessário” que serve de “proteção” a castidade de mulheres de família e de válvula de escape para as “insaciáveis” e “incontroláveis” vontades masculinas. Numa relação quase esquizofrênica de aceitação-não aceitação, a sociedade “abre mão” de certas pessoas em nome de um “bem” maior (5). Juma, uma das entrevistadas, pontua muito bem esse contrassenso: “O cara está pagando, procurou por um serviço e ao mesmo tempo sente raiva daquela mulher que está efetuando o serviço, não dá pra entender!” (diário de campo, 25/08/17). Dessa maneira, é um modelo que se utiliza da aplicação de medidas que controlam sua existência social com o objetivo de disciplinar as práticas, espaços e as pessoas envolvidas com a atividade. De uma perspectiva normalizadora, é tolerada pelo fato da mulher ocupar um espaço de satisfação nas luxúrias masculinas (51) (52) (32).

Por último, temos o sistema laboral, ou trabalhista. Neste modelo a prostituição é observada como um trabalho e é afirmada a autonomia do trabalhador sexual na decisão pela atividade. Segundo Piscitelli, no sistema laboral o foco recai sobre os direitos laborais e as condições de trabalho (49). Os defensores desta linha querem legitimar o reconhecimento do trabalho sexual, além da despenalização dos diversos elementos vinculados à prostituição. Exige-se que tal atividade seja regulada “por leis civis e laborais, não por leis penais” (p.35). É possível visualizar neste segmento um discurso de empoderamento das mulheres no que diz respeito às formas de vivenciar sua sexualidade e seu protagonismo na luta pelo reconhecimento da prostituição como um trabalho (51). Ao dizer isto, as pessoas adeptas a esta forma de pensamento não negam a existência de violência no cotidiano do trabalho ou romantizam a prostituição como trabalho perfeito, mas reafirmam a agência e ressignificação que as mulheres fazem da sua atividade neste contexto e apontam para a necessidade de construção de propostas que potencializem um processo de humanização daquela condição. Algumas figuras dessa pesquisa (Juma, Dália, Lis, Íris e Jasmim) se utilizavam deste discurso como uma forma de autoafirmação e um ato político. Juma, desde o começo desta pesquisa, mostrou-se engajada e

a favor da regulamentação. Em uma de suas falas mencionou para justificar seu posicionamento:

As profissionais do sexo merecem respeito. Essa é uma ocupação que não vai acabar, vamos colocar o pezinho no chão, galera! O trabalho sexual não vai acabar! Enquanto isso, mulheres são espancadas, estupradas e desrespeitadas. Não podemos deixar essas mulheres à mercê. Temos que ter sim a regulamentação da nossa profissão. Eu não tô vendendo o corpo, não, gente. Eu tô prestando um serviço e tenho que ser respeitada por isso (diário de campo, 15/11/17).

Ela se intitulava feminista. O feminismo de Juma se enquadrava naquele em que Fonseca mencionou como feminismo com uma “concepção mais plural”, onde a prostituição é refletida “em termos de direitos humanos ou justiça social” (53). Segundo a autora, tais feministas problematizam no trabalho sexual o desrespeito, desumanidade e péssimas condições de trabalho que, por vezes, são vistos no ato da prática. Tal visão é diferente daquela tida pelas feministas abolicionistas, as quais entendem a atividade como uma exploração ou escravidão sexual.

Wijers coloca que com exceção do eixo que considera a prostituição como um trabalho, todos os outros compartilham um ponto de vista comum: a condenação dessa prática, o que acaba por trazer reflexos e consequências para as pessoas que a exerce (51).

O estigma que recai sobre essas mulheres é construído numa sucessão de fatos históricos de uma sociedade que não aceita nem tolera expressões diversas de sexualidade e que relega esses indivíduos à marginalidade (54). Não se pode deixar de destacar os preconceitos determinados por uma cultura burguesa que adotou e impôs modelos de mulher, de trabalhador e de família (55). Desse modo, considera como imoral e subversivo todos aqueles que não seguem o mesmo padrão. A seguir, refletiremos um pouco mais sobre esses modelos construídos socialmente.

\*

O corpo da mulher e as representações acerca de seus papéis sociais estão claramente emaranhados em operações de poder que produzem códigos e regulam condutas. Pensando nisso, os modelos idealizados pela sociedade que regem os caminhos que homens e mulheres devem seguir são historicamente construídos e apresentam-se como imperativos da atuação

social de cada gênero. Acabam por delimitar os modos de ser de cada um e ditar o “certo” e o “errado” em cada grupo social.

No Brasil do século XIX um novo modelo de feminilidade foi concebido. O núcleo familiar tornava-se peça chave para a transformação do tecido social e a sua normalização relacionava-se à fortificação do Estado brasileiro (32). O desejo da eliminação da alteridade e disciplinarização do outro, sob a justificativa da modernização e desenvolvimento do país, respingava, por sua vez, nas práticas populares, nos trabalhadores fabris, crianças, prostitutas, entre outras figuras que precisavam, de alguma maneira, ser docilizadas pelo Estado. Nesse processo de intimização e estatização dos indivíduos, a produção da “esposa -dona de casa- mãe de família” (p. 62) (32) era uma realidade e fez parte dessa administração intrafamiliar na qual houve a formação da nova figura de mulher, que agora era domesticada e, sobretudo, ligada exclusivamente à maternidade e ao cuidado da família (p. 62) (56).

Rago complementa que esse modelo docilizado de mulher dizia respeito a novas formas de comportamento que este sujeito<sup>36</sup> deveria ter (32). Fragilidade, dedicação, vigilância, sacrifício, maternidade e castidade eram algumas das virtudes burguesas que lhes eram exigidas e que implicavam em sua desvalorização nos campos intelectual, político e profissional. Segundo esta visão, a realização e papel social da mulher estavam diretamente relacionados ao marido e filhos e não a questões propriamente pessoais. O homem, no extremo oposto, era dotado de racionalidade, virilidade, força, poder, coragem, capacidade intelectual e profissional.

Conscientemente ou inconscientemente, os homens, de qualquer classe social, colaboravam na disseminação e construção da imagem da mulher como um “sexo frágil”. A instituição médica, conforme explicita Lenz através do modelo biomédico também teve um papel importante na difusão desta crença acerca do gênero feminino, pois a partir da promoção de uma visão naturalizada da mulher entremeada com sua percepção de “suposta inferioridade biológica” (p.17) enfatizavam e justificavam a necessidade de submissão deste grupo (10).

As prostitutas, entretanto, não se encaixavam dentro dos padrões sociais hegemônicos exigidos para as mulheres da sociedade, mas estavam incluídas em outro, como demonstrou Lenz: “Ao contrário, insubmissas, exerciam a sexualidade para além das funções reprodutoras, ousando ademais associar o sexo à atividade produtiva, e, finalmente, ocupando o espaço público, também essencialmente masculino (p.17)” (10). Esse comportamento que se

---

<sup>36</sup> À princípio mulheres de classes mais altas.

distanciava dos demais, é claro, não passou despercebido e a recriminação deste segmento, por uma narrativa hegemônica, ainda hoje é uma realidade.

Vale ressaltar que em meio à ideia de condenação moral que resulta no grande silêncio e abafamento da fala e desejos da prostituta, é observado também a sua penalização pela subversão da ordem social consolidada e fundada pela moral familiar, religiosa, pela docilização dos corpos e disciplinarização dos desejos (57). A estas mulheres, são veiculadas imagens e representações construídas nos mais diversos períodos da história, entre elas podem ser destacadas visões como: “Lixo, desvio moral, esgoto, impura, fria, inimiga do trabalho, louca, vítima, ameaça social, dessexualizada”, entre outras (10). Nesse sentido, a prostituta é uma mulher desviante, aquela que afronta a ordem e os acordos informais estabelecidos pela “boa sociedade”. Ela é uma “outsider” (58). Mas, também, podemos afirmar que tem o seu local definido nas margens.

Refletindo sobre o “desviante” e seu comportamento Becker pontua que as realizações desta pessoa, para serem consideradas desviantes dependem muito mais de uma reação dos outros a este ato do que a uma infração propriamente dita (58). Sendo assim, um indivíduo pode ser considerado desviante sem nem mesmo terem quebrado uma regra, e sim por outros motivos, como por exemplo o modo como vive a vida.

Isso permite enxergar o “sucesso” da rotulação da prostituta. A imposição deste rótulo, feita por instituições detentoras do poder, como a igreja e a medicina, implica em uma série de características atreladas a essa mulher, como a de pecadora, doente, perigosa, suja e inferior (59). Ao longo da pesquisa, o estigma da “puta” perpassou cada história e por cada experiência que tive em campo. Os olhares, os modos de falar, as “brincadeiras”, tudo fazia menção a atividade praticada por estas mulheres.

\*

Como exposto, o processo de disciplinarização das cidades afetou de maneira direta o segmento das prostitutas e a partir disso, as construções da sociedade acabaram por tomá-las como uma espécie de antinorma que, ainda hoje, inspiram e auxiliam as mulheres consideradas “normais” a não desviarem o caminho predestinado a elas. A medicina exerceu um papel fundamental neste processo, pois elaborou uma gama de teorias que serviram para a perpetuação do estigma de mulheres prostitutas e que também recaem sobre aquelas que não o eram. A seguir, veremos um pouco mais sobre estas relações de poder que envolvem

prostituição, sexualidade e instituição médica e visitaremos os pontos da história os quais auxiliarão no entendimento de como estes mesmos elementos se desenvolveram aqui no Brasil.

#### ***4.2. Refletindo um pouco mais sobre aspectos históricos***

Desde meados do século XIX a prostituição tem sido discutida com alguma regularidade por acadêmicos que, interessados em questões relacionadas à realidade das cidades, a entendiam como um objeto a ser explorado (60) (61). Ao final daquele século esta temática se constituiu como um elemento de destaque no cenário brasileiro. Nessa época o país dava os primeiros passos do processo de urbanização e modernização. No Rio de Janeiro, a partir de 1840 a atividade começa a ser tratada de fato nos textos médicos. Neste período (1840-1890) as produções acadêmicas sobre o assunto importavam ideias estrangeiras como as do médico francês Parent-Duchâtelet e seguiam uma lógica implícita que tinha como objetivo “normatizar, de acordo com os padrões burgueses, os comportamentos sexuais, afetivos e sociais dos indivíduos que habitavam a cidade” (p.11) (61).

Contudo, apesar do interesse pelo tema naquele período, este não é um fenômeno surgindo naquela época. Muito antes do século XIX a prostituição esteve presente por aqui e se constituiu como elemento participante na formação do nosso país. Tal atividade já se manifestava na realidade das mulheres indígenas a datar, pelo menos, da colonização. Carmo explicita que o assédio, violência e rapto eram frequentes na relação entre nativas e os primeiros colonizadores (62). Nestes contatos, muitas vezes, eram ofertados a elas todo tipo de materiais, que iam do dinheiro ao caco de vidro, para que a relação sexual se consumasse. A partir desta aproximação, muitos colonos acabavam por induzirem-nas ao trabalho sexual e aliciavam-nas em troca de objetos ínfimos.

Um segundo grupo esteve presente nesse contexto. Eram mulheres brancas as quais chegavam juntamente com as embarcações vindas de Portugal. Estes grupos desembarcavam em todas as regiões do país e lá mesmo executavam o trabalho sexual (62). Entretanto, Souza nos fala que a vinda de prostitutas europeias, em grande quantidade, se deu somente a partir do

fim do século XIX, com a chegada de mulheres francesas, chamadas de cocotes, e as “polacas<sup>37</sup>” (63).

Juntamente com as indígenas e estrangeiras, havia um terceiro grupo: das mulheres negras, que se utilizavam da prostituição tanto para sobrevivência, na condição de forras, quanto por serem obrigadas por seus “donos”, enquanto escravas de ganho. Nesse contexto, a prostituta negra sofria (e ainda sofre) uma dupla marginalização que dizia respeito a atividade que exercia e à sua condição racial (62) (63). Segundo Carmo a enorme quantidade destas mulheres que se dedicavam ao trabalho sexual era traço marcante da prostituição feminina em terras brasileiras (p.74) (62). Esta atividade estava marcada por uma violência de gênero, racial e étnica, tendo em vista que essas mulheres eram raptadas de suas casas e inseridas em um sistema escravagista que estruturou a colonização pelo mundo. Para Nunes a condição da mulher negra naquela época teve desdobramentos em uma série de violências que impactam a este segmento ainda nos dias atuais (35). Cabe ressaltar que esta situação se atualiza e fortalece o processo de desumanização e subalternização das mulheres negras.

Diante de todo esse cenário de violência, o meretrício tornava-se, aos poucos, figura corrente no país que se formava. As prostitutas, por sua vez, eram numerosas e atuavam nos mais diversos ambientes, como as “vendas” ou “casinhas”, pequenas vilas, aglomerados urbanos entre outros. A miséria estava atrelada àquele contexto, podendo ser compreendido como fundamento da prostituição daquelas mulheres, que geralmente tinham de sustentar a si e a família. Esta atividade, segundo Engel serviu, em alguns casos, como possibilidade de complementar a renda e como uma alternativa para ganhos financeiros mais expressivos, o que também é visto nos dias atuais (61). Mas a autora atenta ainda que era também uma atividade exercida por um conjunto de mulheres diversificadas social e economicamente, e que compunham tanto o chamado baixo meretrício como também a prostituição tida como mais luxuosa.

A movimentação e organização do trabalho sexual nas cidades não passavam despercebidos pelos olhares de algumas instituições que detinham o poder. No Brasil Colonial esta situação era vista como um ato pecaminoso e escandaloso, que despertava reações de intolerância por parte das autoridades e da Igreja (62).

A igreja católica demonstrava um poder que delineava a normatização da sexualidade e condenava toda e qualquer transgressão, classificando como pecado relações que objetivassem

---

<sup>37</sup> Souza (2015, p. 140) explicita que o termo “polaca” era usado de forma pejorativa para designar mulheres polonesas ou judias. Segundo ele, tal denominação foi utilizada para definir as prostitutas que vinham da Europa Oriental.

o prazer (64) (62). O apóstolo Paulo, um dos primeiros membros a tratarem do tema, condenava a prostituição e conseqüentemente as mulheres que praticavam o trabalho sexual, defendendo a sacralidade do corpo. Para ele, tais mulheres “resumiam a natureza basicamente sexual da humanidade”. Já Santo Agostinho vinculava a mulher que se prostituía à imundice e era também a favor da supressão desta atividade (62) (59). Porém, Roberts explicita que embora a visão da prostituta por parte da instituição católica fosse intimamente relacionada à ideia de “luxúria miserável da carne” e pecado, muitos religiosos acabavam por compartilhar e ter uma espécie de aceitação à corrente tolerante, percebendo a atividade como um mal necessário (59). Nesta linha de pensamento, a prostituição funcionava como uma espécie de proteção à “boa sociedade” e às mulheres virgens e era trazida como um tipo de exemplo, ou mal exemplo, a não ser seguido por estas mulheres (62).

Todo esse cenário diz respeito a demasiada influência que a igreja católica tinha (e ainda tem) sobre a conduta e a sexualidade, sobretudo a feminina. Mary Del Priore exemplifica isto em sua obra intitulada “Histórias Íntimas”, na qual cita que no Brasil Colonial a mulher inspirava preocupações por parte dos pregadores católicos devido a sua beleza e sexualidade. Era vista ainda como perigosa, associada ao pecado e às forças diabólicas (65). Entre os séculos XII e XVIII essa instituição religiosa a identificava como sendo “uma das formas do mal sobre a terra” e a relacionava à impureza. Importante ressaltar que o ato sexual também era censurado pela instituição e este deveria ter como finalidade somente a procriação, sendo condenado qualquer elemento diferente deste. Del Priore fala que “as regras da Igreja Católica pareciam esconder-se sob a cama dos casados”, já que carregavam uma série de recomendações e proibiam diversas práticas consideradas não-naturais (65). A sexualidade era, assim, cerceada e regulada com vistas a proibições bem delimitadas.

Foucault nos mostra que a partir do século XVIII (tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo) houve uma erupção discursiva sobre o sexo, que se caracterizou por uma perspectiva que não era unicamente a da moral, mas que trazia também a necessidade da racionalidade (66). Desta forma, a “vontade de saber” da ciência tomava o corpo e o prazer como objetos do conhecimento de uma “ciência sexual” que se desenvolveria e investigaria não somente o sexo em si, mas elementos do comportamento sexual em várias áreas do conhecimento (61). Dentre estas, podemos citar a medicina, pedagogia, justiça penal, psiquiatria entre outras que, de alguma maneira, miravam a sexualidade dos casais, filhos, alunos, pacientes, homossexuais e prostitutas (os). Esses novos atores que, na verdade, se comportavam como espécies de “controles sociais” e, a partir da intensificação da consciência de um perigo constante que representava este tema, incitavam (consciente ou



inconscientemente) o discurso sobre o sexo se utilizando de “dispositivos discursivos diversos” (66).

Esse “falar” sobre o sexo se caracterizou pelo redirecionamento da atenção, que antes se concentrava à monogamia heterossexual, a outras sexualidades, denominadas “sexualidades periféricas”. As interrogações, agora, se debruçavam sobre criminosos, pessoas em sofrimento mental, crianças, prostitutas entre outras figuras. Tais “sexualidades periféricas” foram trazidas como personagens que mereciam atenção e a caça a estas suscitou a “implantação de perversões” e “novas especificações do indivíduo” que as realizavam (66).

Neste contexto, a igreja, que antes ocupava um lugar sacro na intimidade dos diversos grupos de pessoas e ditava as regras da sexualidade, perdia o protagonismo, abrindo espaço para novos personagens entrarem em cena. Inicialmente, o sexo não seria mais colocado exclusivamente sob o signo da culpa ou do pecado, mas iria adquirir outra configuração, o do normal e do patológico (p.66) (66). O aburguesamento da sociedade ajudou este processo aqui no Brasil e a aliança entre sexo, amor e matrimônio surgia como um ideal humano da sexualidade saudável. Tudo aquilo que estivesse fora desta ideia era tido como ilícito, haja vista a sexualidade sem amor (a qual cita-se a prostituição), sexualidade fora do casamento (relação extraconjugal) e sexualidade sem procriação (por exemplo, a homossexualidade) (64).

A medicina surgia como um novo elemento (mas não o único) neste cenário. À sua maneira, imprimiu as marcas de seu poder tanto no espaço urbano quanto no social utilizando-se de estratégias higienistas, penetrando o espaço familiar (mas não somente este) e disciplinando as pessoas. A higiene surgia com um ideal de proteção aos indivíduos e instrumentalizava a família com vistas ao controle demográfico e político da população (66) (64). Este tipo de poder, figura não como interdição ou lei, mas sim como forma de disciplina dos corpos a partir de uma norma. As relações “poder-prazer”, desta forma, se diversificam, se multiplicam, “interpenetram nas condutas” e, sobretudo, interagem (p.43-48) (66). Observa-se novamente a necessidade de regulação e delimitação de uma sexualidade sadia e socialmente aceitável.

Segundo Rodrigues, (56) no ímpeto e por entre a construção de um saber sobre o sexo, o prazer considerado perverso, ou seja, aquele não relacionado aos tão desejados fins reprodutivos, matrimoniais ou relacionado ao espaço conjugal, tornou-se um alvo. Dessa maneira, tanto a pessoa (considerada anormal) quanto suas práticas (também vistas como anormais) demandavam intervenção ou correção. A medicina figurava na elaboração e concepção de um discurso acerca das sexualidades no século XIX. A produção de dispositivos específicos de poder-saber a respeito da sexualidade e essa “vontade de saber” advinda tanto

do médico quanto da ciência transpassou até mesmo as barreiras da proibição moral contidas em alguns temas relacionados à sexualidade, dentre eles, a prostituição (61) (66).

A importância de se falar de medicina nesse processo se justifica por ter se tornado importante referência no que diz respeito à saúde e ao cuidado, temas fortemente presentes nessa dissertação. A seguir, mostro brevemente as representações e discursos construídos por esta instituição num passado recente.

\*

Segundo Engel a medicina ao longo do século XIX surgiu como peça chave na ordenação das cidades brasileiras, com o objetivo de acabar com o que se entendia por “caos social” e “desordem” deixadas pelo período colonial (61). Os médicos passaram a se interessar pelas mais diversas temáticas, como a sexualidade da criança e da mulher, o casamento, a relação sexual dos mais diversos grupos, higiene e saúde pública, habitação, nutrição, costumes entre outros assuntos que compunham e protagonizavam o suposto desarranjo das cidades. Este projeto normalizador da medicina foi inspirado, sobretudo, em valores burgueses de civilidade e “evolução” e passou a tratar do espaço citadino numa relação bastante próxima ao que se entendia por “doença” (64) (61). A ideia que Engel nos fala sobre a “cidade doente” (p.48) aparece como uma construção promovida por esta instituição que trazia o médico como peça fundamental para a resolução do tal “problema” e se apoiavam no conhecimento da medicina francesa, tida como modelo a ser seguido (61).

A prostituição suscitava atenção por parte dos médicos (e os juristas) e compunha uma das faces da desordem, a qual se acreditava colaborar para o status da já mencionada “cidade doente”. A partir do século XIX esta temática foi frequentemente estudada, inicialmente por médicos europeus e em seguida por brasileiros, tornando-se, aos poucos, um objeto tomado pelo campo do saber científico. Engel aponta que desde o século XVIII uma ideia em comum se destacava acerca da representação da prostituta: a relação de proximidade desta figura com lixo e sujeira (61). Tal visão também contribuiu para o olhar científico e construção de um saber da medicina naquela época que, inclusive, tem seus efeitos ainda na atualidade.

Carmo comenta que desde o século XIX os cientistas dissecam o corpo da mulher que se prostitui e encontram na “doença” uma definição para sua atividade, sendo que esta ideia de patologia enfoca não somente o aspecto físico, mas também os aspectos moral e social (62) (61). Segundo Roberts, além de “doente” a prostituta também figurava como imatura, instável,

como alguém que não possuía inteligência, que era ligada aos impulsos selvagens, além de ser considerada como uma ameaça à moral e aos bons costumes. Enfim, um indivíduo “desviante” (59). Essa ideia de desvio guarda forte relação com a percepção de sexualidade disseminada pela ciência naquela época.

Engel cita que no Rio de Janeiro os escritos médicos que datavam de meados do século XIX explicitavam a função exclusivamente orgânica da sexualidade e a vinculava à reprodução e perpetuação da espécie humana (61). Tal visão era não muito distinta daquela ditada pela Igreja, a diferença estava somente na exaltação que a medicina (por meio da ordem higiênica) fazia da sexualidade conjugal. Neste contexto, o desejo sexual se tornava um dado presente na biologia do sujeito, algo natural, que funcionava tanto como um fator de proteção, quanto de destruição do organismo, a depender da maneira como ele se mostrava. Se esse desejo, atrelado ao comportamento e ao prazer, fosse em excesso ou se a finalidade reprodutiva estivesse ausente nas relações, o comportamento sexual seria necessariamente vinculado à perversão e situado no terreno da anormalidade. Dados estes dois critérios que definiam o que estava ou não presente no âmbito do aceitável e normal, a prostituição era inserida, pelos médicos, no campo das sexualidades pervertidas (61).

Engel explicita que nos textos médicos do Rio de Janeiro de meados do século XIX, a prostituição era vinculada a ideia de contaminação. Do ponto de vista biomédico, a prostituta era tida como potencial foco de doenças infecciosas, como por exemplo a sífilis. De uma ótica moral, ela poderia, a partir do seu modo de vida, corromper outras mulheres da “boa sociedade” (61).

Conforme dito anteriormente, algumas percepções acerca da mulher que se prostituía foram importadas de médicos estrangeiros como o francês Parent-Duchâtelet. Ele era defensor da corrente regulamentarista e escreveu que “as prostitutas são tão inevitáveis em uma grande cidade quanto os esgotos, as fossas e os depósitos de lixo”, mostrando um pouco a visão da prostituição como mal necessário. Cria-se um paradoxo em que coloca a prostituta ao mesmo tempo em uma posição de defensora da família e da moral, porque canaliza a sexualidade masculina protegendo esta sexualidade que era permitida ao homem, e como alguém vinculada a ideia de sujeira, degradação e ao resto. Cesare Lombroso, médico do século XIX, afirmou por meio de achados supostamente científicos que todas as mulheres que se prostituíam possuíam algumas características em comum. Dentre estas características podiam se destacar: “fronte recuada ou estreita, ossos nasais anormais e enormes mandíbulas”, na tentativa de demonstrar o seu desenvolvimento anormal. Tarnowsky, médico Russo, anunciou que “os crânios das prostitutas eram menores que os das outras pessoas” (p. 271-272) (59).

Já no Brasil, Engel explicita que a imagem da prostituta como ameaça social foi disseminada nos termos que sobressaiam o discurso médico: ela era o “perigo disfarçado”,



**Figura 8-** "L'Inspection médicale"  
Toulouse-Lautrec, 1894.

“mensageira do vício”, “vendedora de sífilis” e sua imagem atrelada à “chaga, cancro, úlcera e vírus” (p. 75-92) (61). Representava uma enfermidade do corpo e, para além da ameaça social, uma ameaça a vida.

Sousa menciona que a chegada das doenças venéreas, em especial a sífilis, fez com que sobre as prostitutas recaísse o foco do discurso médico-higienista (67). O enfrentamento à disseminação destas patologias legitimava as condutas (geralmente violentas) direcionadas aos profissionais do sexo e, segundo Hamman-Merchan e Guimarães “norteavam a política sanitária implementada no Brasil para o combate à prostituição”

(p. 526) (68). Tal visão volta a ganhar notoriedade mais recentemente, na década de 1980, com o advento da epidemia de HIV/AIDS, trazendo à tona esta população como parte dos chamados grupos “de risco”.

Entretanto, neste período há também o surgimento de organizações coletivas dispostas a lutarem por seus direitos e contra as autoimagens estereotipadas que foram propagadas nos séculos passados, inclusive a imagem da prostituta como um agente “disseminador de doenças”.

Todas essas ideias que foram relacionadas à prostituição e perpetuadas dizem respeito a uma construção social sexista e marcada por estigmas, violências e estereótipos culturais. Anos depois, as prostitutas confrontariam tais percepções e ocupariam um espaço de resistência ao discurso hegemônico. Surgem assim, movimentos sociais em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, que lutam contra as violências, a favor de uma atenção integral à mulher que se prostitui e, sobretudo, a favor da cidadania. Era um confronto direto aos discursos biomédicos e aos outros que se direcionavam a estas mulheres e impactavam (e ainda impactam) seus cotidianos.

### 4.3. *Existe agência na prostituição?*

Até agora falamos sobre a visão da medicina e da igreja católica sobre a prostituição, instituições que ditaram os pilares da visão atual e ainda possuem influência na discussão sobre a temática. Entretanto, outros setores da sociedade também se mostram relevantes e apresentam importantes pontos de vista. O feminismo é um destes setores que lançam perspectivas que inflam e aquecem o debate.

A mulher é vítima ou delinquente? É protagonista ou explorada? Afinal, como a opressão e agência são percebidas pelos diferentes setores? Considerar sobre tais questões é partir do pressuposto de que elas estão entremeadas. Os posicionamentos feministas subsidiam o trato com o assunto e atualizam sua discussão.

Nunes destaca a importância do movimento feminista para a reconfiguração do debate sobre a prostituição, pois a partir das problematizações levantadas acerca dos papéis de gênero, sobre escolha ou liberdade, sobre a objetificação dos corpos, violência entre outros assuntos, é que a prostituição começou a ser pensada por reflexões analíticas mais modernas (35). Isto difere daquele velho debate que tinham na regulação e no controle da atividade pautas centrais as quais visavam unicamente a organização dos espaços urbanos.

É explícito que existem pontos de vista opostos quando falamos em prostituição e, segundo Piscitelli, tais divisões são munidas pela forma como as diferentes correntes percebem não somente o trabalho sexual, mas a sexualidade de uma forma geral (69). Com o pensamento feminista não foi diferente. Wendy Chapkins, conforme menciona Piscitelli, acredita que estas visões dicotômicas acerca da sexualidade marcaram muitos momentos da trajetória feminista e divergências sobre o assunto aconteceram ainda nas discussões iniciais das sufragistas (69). A sexualidade era entendida, por alguns grupos, como elemento que servia para a objetificação das mulheres, já outros percebiam este elemento como um espaço potente para a libertação feminina.

Assim como a sexualidade, o sexo também era alvo de diferentes opiniões. De acordo com Chapkins, na discussão sobre as compreensões e funções deste elemento, tanto a prostituição quanto a pornografia ocuparam uma posição central e serviram de pontos de reflexão. A prostituta assumia o lugar tanto de escrava sexual quanto de ser subversivo, ou seja, de um lado temos a prostituição como opressão e de outro lado temos a atividade como uma forma de empoderamento (69) (24).

Piscitelli coloca que também existem linhas de pensamento que percebem o sexo como participante de uma dinâmica de poder e como “um terreno de disputas” (69). Tais ponderações

reconhecem a ordem sexista, entretanto não acreditam que ela é totalmente determinante. Nestas correntes a prostituta é entendida não como uma vítima ou agente inteiramente passivo, mas sim como um ser que possui agência, que é ativo e que subverte a ordem sexual existente.

Este é um debate que se relaciona diretamente com a questão da prostituição ser ou não considerada um trabalho. De acordo com Pasini esta discussão mobiliza dois grandes grupos. O primeiro deles é formado por militantes que possuem afinidade com as perspectivas do feminismo radical (70). Para Ribeiro, o feminismo radical considera a sexualidade elemento importante na desigualdade de gênero (24). A prostituição seria, neste caso, uma forma de legitimar a dominação masculina sobre os corpos das mulheres. Ribeiro nos conta ainda que uma autora chamada Caroline Pateman afirmou que a prostituição não é uma relação que se tenha o livre contrato entre os sujeitos envolvidos, pois é, essencialmente, uma escravidão (24). Afirma que o *self* e o corpo da mulher que se prostitui são intercambiados nestas relações, pois, segundo Pateman, não é possível uma separação real entre sexualidade e sujeito. Sendo assim, para a autora, este fato inviabiliza a ideia de consentimento neste tipo de atividade, já que a pessoa estaria necessariamente vendendo parte essencial de si, além de também estar trazendo efeitos danosos no momento em que tenta se proteger e se afastar emocionalmente do cliente ou “de seu uso sexual” (p.39) (49). De acordo com Piscitelli, nestas leituras “a prostituição conduz a um auto estranhamento, na medida em que a mulher desenvolveria uma relação instrumental quanto ao seu sexo e, portanto, a si própria, dividindo-se em sujeito e objeto” (p.39) (49).

No outro polo do debate estão os defensores da noção de escolha. A ideia de consentimento é defendida por grande parte do movimento de trabalhadoras sexuais e por feministas ligadas a este movimento, como disse Ribeiro (24). A autora ressalta que o uso da palavra “escolha” não se dá acriticamente, mas sim com base no reconhecimento da atividade sexual como espaço que pode ser contraditório, no qual pode existir a exploração assim como a agência e protagonismo dos sujeitos. Pasini nos lembra que essa escolha é possibilitada dentro de um campo singular de oportunidades (70). Aqui se é criticada a ideia que coloca a prostituta como vítima em qualquer contexto pelo simples fato dela estar no trabalho sexual. Ribeiro explicitou que as feministas ligadas à *Human Right Caucus* nos alertam que nem toda prostituição é exercida à base da coação ou da violência, assim como nem toda migração realizada com o objetivo de trabalho sexual se constitui tráfico sexual (24).

Pensando nas ideias da não-separação entre sexualidade e sujeito e venda do *self* no ato do trabalho sexual, colocadas por Pateman, cabe mencionar que, de acordo com Piscitelli as pessoas que defendem a prostituição como um trabalho pontuam que o processo de alienação

não é característica única do trabalho sexual, mas sim elemento presente e fundamental em todo e qualquer trabalho produtivo no contexto capitalista (49). A autora traz ainda que as sustentações teóricas dos pesquisadores demonstram que a ideia da separação das emoções não é exclusiva da prostituição e que também outros profissionais, como enfermeiros, terapeutas ocupacionais ou psicoterapeutas, precisam criar mecanismos de distanciamento emocional em muitos momentos do exercício das respectivas profissões. Tais defensores acreditam que seja necessário a desnaturalização e a não romantização tanto do sexo quanto da emoção (49).

Este é um debate que está longe de ser superado, pois observamos que ele se atualiza à medida que são trazidas à tona questões paralelas, como o já mencionado tráfico de pessoas. Kempadoo explicita que a tema do tráfico de pessoas para fins de prostituição ganhou visibilidade ao final do século (71). Notícias sobre o tráfico clandestino de mulheres da Europa eram constantemente veiculadas no Brasil em noticiários sobre a prostituição, demonstrando o processo de divulgação e crescente vinculação entre prostituição e tráfico (62).

A partir da pressão de movimentos reformistas ocidentais compostos majoritariamente por mulheres de classe média e euro-americanas, foi possível ver o surgimento de uma corrente feminista que tinha como foco central o abolicionismo e o posicionamento contra o “tráfico de escravas brancas”, termo cunhado no final do século XIX e atualizado, a partir do final dos anos 70, como “escravidão sexual feminina” (71). Tal corrente originou-se de uma perspectiva do feminismo radical e entende a prostituição como uma violência à mulher, fazendo uma vinculação direta entre tráfico e trabalho sexual. As abolicionistas lutaram contra as arbitrariedades às quais eram submetidas as prostitutas a partir de meados do século XIX e, segundo Piscitelli consideravam-se “libertadoras de escravas” (p.36) (49). A partir disto o abolicionismo foi se atualizando e favorecendo algumas narrativas presentes até os dias de hoje.

Kempadoo comenta também sobre outra perspectiva chamada por ela de feminismo transnacional ou do “terceiro mundo”, que considera o patriarcado como mais uma condição que influencia e interfere na vida das mulheres, embora entenda que não seja a única nem a principal (71). Neste meio existem além do patriarcado, a classe, raça, capitalismo entre outros elementos. Tal corrente não considera *a priori* a prostituição como degradante e opressora. Ao contrário dos abolicionistas, o trabalho sexual aqui não é vinculado à ideia de tráfico. Não se deixa de prestar atenção nas relações de violência e exploração que também existem no trabalho sexual, mas, segundo esse pensamento, os caminhos e causas da opressão não foram apreendidos adequadamente por aqueles que somente vinculavam o trabalho sexual ao tráfico de pessoas (49).

Juma, participante deste trabalho, fazia questão de se afirmar feminista e trabalhadora sexual pois, para ela, tais posicionamentos não eram excludentes. Ela, junto às suas companheiras de luta, participava de marchas e caminhadas onde hasteava uma grande bandeira com o escrito: “Putá Feminismo”.

Sobre este assunto, Leanora Volpe<sup>38</sup> escreveu um texto chamado “Você pode ser feminista e trabalhadora sexual<sup>39</sup>”. Nele, trouxe à luz inquietações e tensões que unem estas duas temáticas: feminismo e prostituição. Segundo a estudante, a prostituição “é apenas um trabalho com sexo e, independentemente de quais circunstâncias econômicas e sociais cercam a opção de uma mulher de entrar para a indústria do sexo, deve-se permitir a ela a dignidade de sentir-se fortalecida por sua escolha, e não catalogada como vítima das circunstâncias” (72). Na mesma linha de pensamento, Monique Prada<sup>40</sup>, prostituta e ativista dos direitos das trabalhadoras sexuais, em reportagem para a revista Carta Capital<sup>41</sup>, diz que é possível, sim, ser feminista e prostituta e que a prostituição pode representar, para algumas mulheres, uma condição mais empoderadora. Estes elementos demonstram a complexidade do debate e continuamente refazem a pergunta: “Existe agência na prostituição?”. Seja qual for a resposta, é de suma importância a análise do contexto e, sobretudo, das falas das prostitutas.

Estas perspectivas esquentam o debate entre as feministas abolicionistas e muitas profissionais do sexo acerca da regulamentação/legalização da atividade. Nesta pesquisa, Juma comentava que a regulamentação representaria um grande passo para as profissionais do sexo ao acesso aos direitos mais básicos. Ela era a favor da “descriminalização simbólica” da prostituição aqui no Brasil. Digo “simbólica”, pois em nosso país o trabalho sexual não se constitui um crime. Segundo Rodrigues, a prostituição em si não é objeto do Código Penal Brasileiro, mas sim as atividades correlatas a ela, o que pode levar a uma marginalização destes sujeitos que, trabalhando e tendo contato com a ilegalidade, acabam por vincular-se ao ilegal (45).

Algumas instituições acreditam que a descriminalização do trabalho sexual seja um importante passo. Em agosto de 2015 a Anistia Internacional disse publicamente ser a favor da despenalização de todos os aspectos das relações sexuais consentidas entre adultos (73). Na

<sup>38</sup> Estudante de Oxford, na Inglaterra e escreveu para o The Independent.

<sup>39</sup> Texto está online e traduzido no site: [mundoinvisivel.org](http://mundoinvisivel.org). Volpe, L. “Você pode ser Feminista e trabalhadora sexual”, 2013.

<sup>40</sup> Monique Prada é uma ativista brasileira, profissional do sexo, integrante da Central Única das Trabalhadoras Sexuais. Monique participa de diversas rodas de conversas e palestras, além de ser ativista dos direitos humanos das trabalhadoras sexuais.

<sup>41</sup> Reportagem realizada por Fernanda Morena e publicada em 24/06/2015. Publicada online na revista “Carta Capital”, no site: [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br).



página online brasileira da organização, em texto intitulado “Os direitos de trabalhadores e trabalhadoras sexuais são direitos humanos<sup>42</sup>”, é pontuado que a decisão da Anistia não diz respeito à proteção da exploração de trabalhadores sexuais ou no favorecimento de “cafetões”, mas à proteção aos direitos humanos dos sujeitos que se prostituem. Ainda sobre o assunto, a organização coloca que também existem outros grupos que são partidários da descriminalização do trabalho sexual, como por exemplo “a Organização Mundial da Saúde (OMS), ONU Mulheres, ONUSIDA, a Organização Internacional do Trabalho, a Aliança Global contra o Tráfico de Mulheres, a Rede Global de Projetos de Trabalho Sexual, a Comissão Global sobre HIV e Direito, as Fundações para uma Sociedade Aberta e Anti-Slavery International”<sup>42</sup>.

À vista desse cenário e tomando por base a realidade brasileira acerca do assunto, a regulamentação citada por Juma como uma necessidade representaria uma mudança nos modos como encaramos o trabalho sexual atualmente. Além de Juma, essa visão era compactuada com as demais participantes da pesquisa, muito embora algumas delas tenham se mostrado resistentes à ideia de ter em suas carteiras de trabalho o registro da profissão, imaginando os possíveis constrangimentos em situações em que esse documento fosse apresentado. No campo de Planaltina, numa oportunidade em que encontrava-me reunida à dona do cabaré, Iris, e algumas das mulheres que lá trabalhavam (sendo que duas delas não fazem parte do rol de entrevistadas desse trabalho), abri o questionamento sobre o registro em carteira de trabalho, aproveitando que o assunto havia surgido no dia em que estava lá, conforme registrado em diário de campo:

Expliquei um pouco sobre o que poderia mudar se tivesse esse registro, mas afirmei que não estava achando nem bom nem ruim, que estava ali colocando apenas os fatos. Malu logo disse: “Ai, você me desculpa Carol, mas eu não ia querer ter um registro de puta, não.” Melissa e a de olhos azuis [que não foram entrevistadas nesse trabalho] concordaram. Falaram que estavam ali fazendo um trabalho, mas um dia iriam casar ou ter filhos. Orquídea [que também não era uma das entrevistadas no trabalho] ainda disse: “Imagine chegar na escola do seu filho e falar que você é puta.” Para elas esse é um estigma pesado demais para ser carregado o resto da vida e que o registro em carteira seria um registro também de um estigma para toda a vida delas. Rosa já disse que em algumas casas as pessoas têm o maior respeito pela mulher, que muitas vezes até chegam a registrar, mas não como prostituta e sim como cozinheira, faxineira. Dessa forma, ela aceitou e não viu como problemático.

---

<sup>42</sup> Acesso pelo endereço: <https://anistia.org.br/os-direitos-de-trabalhadores-e-trabalhadoras-sexuais-sao-direitos-humanos/>. Dia 20/04/2018.

Ao contrário do que pensam as participantes da pesquisa, a ONG Sempre Viva Organização Feminista, representada por Nalu Faria, Sonia Coelho e Tica Morena, acredita que a regulamentação da prostituição diz respeito, na verdade, à regulamentação de exploradores sexuais e empresários do sexo, e ainda que os projetos de lei que objetivavam regulamentar a prostituição, até agora apresentados, em nenhum momento visaram assegurar direitos para as mulheres ou a mudança em sua realidade social (50). Também com a perspectiva abolicionista, a Pastoral da Mulher Marginalizada se posiciona firmemente contra qualquer perspectiva de regulamentação da atividade (74).

A primeira vez em que um projeto de Lei foi apresentado no Brasil com a pretensão de completa descriminalização da prostituição foi no ano de 2003. Tratava-se do PL número 98/2003, apresentado pelo então deputado Fernando Gabeira e construído em conjunto com alguns membros da Rede Brasileira de Prostitutas. Segundo Olivar, o projeto dispunha sobre a exigência de pagamento pelo serviço sexual contratado e suprimia os três artigos relacionados ao tema presentes no Código Penal (artigos 228, 229 e 231). Estes artigos tratam respectivamente sobre a criminalização: do favorecimento da prostituição, da manutenção de casa de prostituição e do tráfico de mulheres (4). A intenção era, além de descriminalizar totalmente a atividade, desvinculá-la do debate do tráfico de pessoas, criando um cenário favorável para avanços subsequentes, como, por exemplo, tirá-la do Código Penal e introduzi-la em regulamentações laborais (4). O projeto, no entanto, foi continuamente barrado no Congresso, recebendo parecer negativo do então relator Antônio Carlos Magalhães Neto (DEM/BA), em 2007 (4).

Recentemente, outro Projeto de Lei foi apresentado à Câmara com o objetivo de regulamentar a atividade das profissionais do sexo. O PL 4211/2012 veio através do deputado Jean Wyllys (PSOL/RJ) e ficou popularmente conhecido como “PL Gabriela Leite”. Segundo Olivar o projeto tinha como objetivo conceituar o termo “exploração sexual” e diferenciá-lo da prostituição. Pretendia com isso, assim como o PL 98/2003, avançar na perspectiva da regulação laboral do trabalho sexual (4).

No polo contrário está o também deputado João Campos (atualmente PRB/GO), o qual propôs alteração do Código Penal Brasileiro com o objetivo de “tipificar criminalmente a conduta descrita como ‘contratação de serviço sexual’, cuja pena para o contratante é fixada como de detenção e pode variar de um a seis meses” (75). O deputado justifica a necessidade da aprovação do PL para a proteção das pessoas e o combate à opressão. Segundo seus

argumentos, a sociedade não tolera a “venda do corpo” e a prostituição está ligada a outros aspectos que negativam mais ainda tal prática, como por exemplo, crime organizado, exploração sexual infantil entre outros (75).

Olivar nos conta que a proposta de Campos faz parte de um conjunto de elementos que, de certa forma, mantem o “tolerantismo político brasileiro” com relação à prostituição (4). Além disto, a proposta do deputado vai na mesma linha do que o autor coloca como “novo abolicionismo do século XXI”, o qual tem a criminalização do cliente como atitude a ser tomada para a inibição do trabalho sexual (p. 257) (4).

\*

Os debates nacionais e internacionais estão expostos aos jogos de forças, que fazem uma dinâmica entre perspectivas abolicionista, liberal, transnacional e trabalhista. Estas perspectivas atualizam os debates e fornecem subsídios para a reflexão sobre o tema. Sobretudo, servem como elemento fundamental para a discussão e construção de políticas públicas. Cabe questionar, é claro, a quem serve tais políticas e se, de fato, a população “beneficiada” tem possibilidades de trocar saberes e ser escutada durante o processo.

Falar de prostituição e de mulheres engajadas nesta atividade implica também em falar sobre a militância destes sujeitos no que diz respeito à luta pelos seus direitos. A seguir, trago uma pequena discussão sobre os movimentos nacionais e internacionais de prostitutas e os percursos trilhados por elas na exigibilidade de segurança, respeito e contra os abusos do Estado e de segmentos da sociedade.



Figura 9- “Muriel”. Laerte Coutinho, 2016 <sup>43</sup>.

<sup>43</sup> Tirinha retirada do livro “Se eu fosse puta”, da escritora Amara Moira, publicado em 2016.

#### 4.4. *“Aí foi um rebu. A prostituta falou”*: As movimentações políticas. O ser político<sup>44</sup>

O movimento de prostitutas vem como uma ação coletiva nascida das ruas e representa o grito da categoria que antes era totalmente abafado pelo estigma e, sobretudo, pela violência. Elas fizeram (e fazem) valer sua voz, promoveram (e promovem) novas reflexões, discursos e subverteram (e subvertem) a ideia de que “a prostituta não fala” (40).

O movimento de prostitutas se desenvolve em conjunto com a luta pelos direitos das mulheres. Em 1973, apesar de haver muitos coletivos organizados realizando trabalhos voltados para os direitos das mulheres em geral, não havia nenhum que lidasse diretamente com a questão do trabalho sexual. Foi nesse cenário que Margo St. James idealizou e fundou a primeira organização de prostitutas do mundo, chamada COYOTE (Call Of Your Old Tired Ethics), na Califórnia, Estados Unidos (59). Piscitelli chama a atenção para um importante fator: este grupo tinha uma composição particular e bastante homogênea, no sentido de que foi composto por pessoas majoritariamente brancas, que ocupavam estratos médios e com elevada educação formal (49). Após o aparecimento da primeira instituição, outras mais foram surgindo em vários locais do país, e muitas também desapareceram por conta da falta de recursos para se manterem. Apesar disso, a ideia de uma ação coletiva se disseminava não só pelos Estados Unidos, mas por outros locais do mundo (59) (4).

No seio deste primeiro movimento, novos olhares surgiam e com ele a criação de novos elementos, como por exemplo, o termo “trabalho sexual”. Segundo Piscitelli a palavra “prostituição” estava imbuída de estigma, logo a criadora do termo “trabalho sexual” tinha como intenção de criar uma categoria ocupacional à atividade e construir uma nova conotação à prática (49).

Um segundo marco do movimento internacional aconteceu 1974, na França. Naquele país começava uma forte articulação na luta contra a violência, tendo como estopim o assassinato brutal de duas prostitutas. Em resposta a este fato houve um protesto que reuniu por volta de cinquenta mulheres que se prostituíam, jornalistas, ativistas e advogados que se juntaram para pensar numa declaração das demandas do grupo. Eles denunciavam a repressão policial e falta de segurança sentida principalmente por prostitutas que trabalhavam na rua.

---

<sup>44</sup> “Aí foi um rebu. A prostituta falou” corresponde a um fragmento do livro de Gabriela Leite “filha, mãe, avó e puta”, 2009.

Pouco tempo após o protesto outra mulher foi assassinada e um segundo protesto foi organizado (59).

Segundo Roberts o “boom” da confusão aconteceu quando Ulla, porta-voz das prostitutas, se utilizou da mídia televisiva para falar sobre as demandas do grupo (59). As prostitutas, então, quiseram fazer um ato que gerasse o máximo de visibilidade e denunciasses as situações enfrentadas. Entre as pautas do protesto estavam: as repressões policiais, as desigualdades sociais e legais sofridas, a falta de proatividade do Estado no que dizia respeito à resolução de crimes contra prostitutas e o reconhecimento do trabalho sexual como um trabalho. Foi então que, no dia 2 de junho de 1975, aproximadamente cento e cinquenta prostitutas ocuparam a Igreja St Nizier, localizada no centro da cidade de Lyon, em sinal de protesto. Roberts mostra ainda que o movimento se expandiu e diversos outros locais também foram ocupados, como igrejas em Grenoble e Marselha, por exemplo. Em decorrência disso houve a criação de uma Associação de Prostitutas Francesas e, o mais importante, a semente de um movimento que iria se espalhar por outros locais do mundo dando luz a uma ação social feminina (59). A data deste protesto marca o dia internacional da prostituta e o início do movimento pelos direitos das trabalhadoras sexuais (76).

Já na década de 80, ainda no marco internacional, ocorreram dois eventos de considerável porte para o movimento. Amsterdã e Bruxelas foram a sede dos dois primeiros congressos mundiais de prostitutas. Com isso, outros grupos começaram a se organizar e surgir em diversos cenários e locais do mundo, inclusive no Brasil.

#### **4.4.1. As vozes brasileiras**

O primeiro ato político realizado por prostitutas que ganhou repercussão no país teve como palco a cidade de São Paulo. Este fato aconteceu no final da década de setenta, no qual um grupo de prostitutas (travestis e não travestis) realizou uma mobilização como resposta a violência policial a que estava submetido cotidianamente na “Boca do Lixo”, local famoso pelo trabalho sexual (77) (60). Eram tempos de repressão e policiais extorquiam, espancavam e proibiam mulheres de permanecerem nas ruas após às 22h. Leite, em seu livro, relembra situações vivenciadas naquela época: “Durante o dia a situação também estava muito complicada. Os policiais entravam nos prédios, exigiam documentos dos clientes e baixavam a porrada sem nenhum motivo.” (p. 74) (40)

O estopim se deu após a morte de três mulheres, sendo que uma delas era travesti e outra estava grávida. A manifestação aconteceu na praça da Sé por meio da organização das pessoas

que utilizavam aquele espaço para trabalhar (donos de bares, cafetinas, prostitutas, garçons, entre tantos outros) (40). Este ato contou com a participação ativa de Gabriela Leite, um expoente para o movimento de prostitutas dentro e fora do, e serviu de ponta pé inicial para a possibilidade e gestação de um movimento social que mais tarde lutaria de forma mais concreta pelo fim da violência, estigma e por dignidade a todas as pessoas que tinham a prostituição como uma das esferas de sua vida. Apesar desta manifestação ter resultado no afastamento de um delegado em plena ditadura militar, a mobilização entre as prostitutas logo se desfez. Como coloca Leite, “voltou a vida ao normal, no que tinha de bom e de ruim” (p. 76) (40).

Após tudo isso e com a ideia de uma organização política fervilhando em sua mente, Gabriela Leite começa a participar de eventos, falar sobre prostituição e a se identificar como prostituta. Uma dessas participações foi em Salvador, em um encontro organizado pela Pastoral da Mulher Marginalizada, onde conheceu outra ativista chamada Lurdes Barreto (também trabalhadora sexual). Gabriela Leite reforçou diante de todos a necessidade de se assumir a terminologia “prostituta”, uma das grandes questões (e tensões) ainda hoje pontuadas pelo movimento.

Foi somente em 1987, porém, que se formalizou um movimento organizado. O primeiro Encontro Nacional de Prostitutas contou com a presença de mulheres de onze Estados do Brasil. Aconteceu na cidade do Rio de Janeiro e foi bastante divulgado pela imprensa nacional. Assuntos como escolaridade, profissão, preconceito, moralidade, estigma faziam parte da proposta de reflexão, porém o assunto violência centralizava as discussões (40) (77) (10). A violência a que todas se referiam era violência policial, que foi e ainda é bastante recorrente. A partir deste evento houve o começo de uma articulação a nível nacional e a criação de associações pelos diversos Estados do Brasil, além do surgimento da Rede Brasileira de Prostitutas.

Ao final deste encontro, além de uma nítida ampliação dos olhares para este grupo antes apagado, foi concebida a ideia do jornal “Beijo da Rua”, que só foi lançado no primeiro Encontro de Prostitutas do Nordeste, em Recife. Um jornal pensado para a cobertura e divulgação de atividades referentes ao movimento, que conversaria com outras esferas da vida dessas mulheres e colocaria em primeiro plano suas vozes, negando, sobretudo, a vinculação entre prostituição e criminalidade (77). A articulação do movimento estava cada vez maior e mais aprimorada e culminava com o nascente discurso dos direitos humanos, advindo do recente processo de redemocratização do país (78).

Em 1989 aconteceu o segundo Encontro Nacional de Prostitutas, também no Rio de Janeiro. Foi perceptível um maior interesse e aprofundamento na temática dos direitos

humanos, assunto que estava em destaque no momento político do Brasil e que começava a ocupar um espaço mais firme na pauta principal do movimento (78) (77). Segundo Olivar, a reflexão sobre o sujeito de direitos que está na prostituição não era o ponto central do movimento, mas a luta por questões que abrangiam a categoria “mulher” como um todo e seus direitos fundamentais (77). O assunto sobre as nomenclaturas volta a emergir e, segundo Leite, “ninguém queria ser chamada de prostituta” (40).

No terceiro Encontro Nacional, que aconteceu em 1994, registrou-se a mudança do nome “prostituta” para “profissional do sexo”, nomenclatura mais aceita e sugerida pelo deputado Fernando Gabeira logo após o segundo Encontro, para que fossem abrangidos os diferentes gêneros. Pautas vinculadas aos direitos trabalhistas tomaram o cenário de reflexões, marcando uma maior especificidade para a categoria. Falava-se da trabalhadora sexual, não de uma mulher genérica. Entretanto, em 2004 há a retomada do termo “prostituta” por Gabriela Leite e outras mulheres do movimento, principalmente daquelas pertencentes à Rede Brasileira de Prostitutas, na tentativa de ressignificação do nome e na criação do “sujeito prostituta” como um sujeito de direitos. A ideia central era a luta pela regulamentação da atividade (77). O foco na ideia de “profissionalização”, porém, não é defendida por todos e existe aí um ponto de debate dentro do próprio movimento.

Um fator comum no movimento de prostitutas é a alusão ao empoderamento presente na fala dessas mulheres. Elas lutam contra os estigmas e imagens depreciativas que são direcionadas a este segmento, havendo a tentativa de algumas delas em positivar estas imagens. Um exemplo disto é a visão explicitada pela Rede Brasileira de Prostitutas, na fala de Gabriela Leite, a qual levou o vocábulo “puta” para dentro da discussão como uma palavra positiva, de identidade e de luta. A prostitutas estão, inclusive, apontando, para além de nomenclaturas, as vulnerabilidades e marginalização a que estão expostas e propondo reflexões sobre as possíveis soluções (40).

É impossível não notar que a luta contra a violência policial foi um marco essencial na origem do movimento brasileiro e, apesar de ser um ponto de partida importante, tais mobilizações, num primeiro momento, demonstraram maior efetividade localmente. Somente a partir do final dos anos 1990 e nos anos 2000, seguindo a evolução das pautas e da dinâmica dos próprios coletivos de prostitutas, foi perceptível visualizar importantes parcerias, rupturas e mudanças dos discursos que se destacaram a nível local e nacional, trazendo a abertura de possibilidades de articulação com o Estado para a efetivação de políticas públicas (79) (77).

O advento da epidemia do HIV/AIDS, que num primeiro momento reforçou o quadro de preconceito contra profissionais do sexo, veio a ser também uma oportunidade de articulação

política entre movimentos sociais de prostitutas e Estado brasileiro. Neste contexto, o tema do HIV/AIDS, tomado agora como parte da agenda do movimento social, possibilitou o desenvolvimento de projetos específicos para esta população e conversas mais estreitas com o Ministério da Saúde. A política brasileira adotada, voltada ao enfrentamento da epidemia, foi de algum modo positiva, pois possibilitou um espaço para a participação de prostitutas no cenário político e uma maior visibilidade da realidade deste segmento (60). Embora a prostituição ainda hoje esteja relacionada à marginalização, podemos escutar as vozes advindas do movimento social de quem pratica esta atividade. Vozes que alertam sobre a necessidade de ações mais abrangentes, que contemplem a promoção dos direitos humanos, cidadania, superação dos estigmas, promoção da autoestima, de melhores condições de trabalho e, sobretudo, de ações que transcendam a ideia de doença e criminalidade (60).



Figura 10- “Vozes brasileiras”. Passos, 2018.



\*

A reflexão detalhada acerca do contexto social e histórico da prostituição é necessária para que seja compreendido o pano de fundo das situações vivenciadas pelas profissionais do sexo no que diz respeito à sua saúde e vislumbrar melhores políticas públicas. Estas formas de intervenção devem transcender às abordagens exclusivamente biomédicas numa direção a ações baseadas na promoção de direitos sociais (80).

Essas mulheres, em seus contextos (não raramente de precariedade e abandono), se reinventam e desenvolvem estratégias de cuidado. Nos termos discutidos por Foucault elas cuidam de si quando se fazem “atentas ao que pensam e ao que se passa no pensamento” (81). Diz respeito à forma como olham e assumem uma construção crítica e autônoma de si mesmas, ao modo como estão no mundo e em como se relacionam com o outro. Esses modos de cuidado desenvolvidos por elas levam em consideração os diversos aspectos de suas vidas, envolvendo a dimensão sociocultural, biológica, psicológica, espiritual e subjetiva.

#### 4.5. *Caminhando por entre o cuidado e a saúde*

Frequentemente o cuidado pensado no âmbito da saúde relaciona-se à ideia de procedimentos técnicos ou, ainda, é atrelado à imagem de um profissional da área que, de alguma forma, orienta tecnicamente um tipo de tratamento. Todavia, a ideia de cuidado aqui abordada é mais abrangente e envolve, sobretudo, a necessidade do homem de voltar-se para si ou seja: “ocupar-se de si mesmo”.

Segundo Foucault, *epiméleia heautoû* (cuidado de si) figura como sendo atitudes de um sujeito direcionadas a ele mesmo (81). É um modo de estar no mundo e encarar as situações, de praticar ações e, sobretudo, de ter relações com outros indivíduos. Pensando nisso, o cuidar de si se conecta com o “outro” e com o mundo, no sentido de ser uma atitude que contempla não somente a própria pessoa, mas também o contexto no qual ela está inserida. A ideia de ocupar-se consigo mesmo é entendida não como uma conduta que isola o indivíduo do mundo numa movimentação egoísta ou narcisista, mas como um distanciamento que gera o recolhimento necessário e abre a possibilidade do agir. De acordo com Galvão “é o cuidar de si para cuidar do outro” e para agir sobre o mundo (82). Foucault fala ainda que o cuidado de si requer o direcionamento do olhar, que antes estava voltado para o exterior, para “o si mesmo”, a partir de ações “exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e, por fim, nos transfiguramos” (p. 9-10) (81).

A *epiméleia heautoû*, desta maneira, constitui-se a partir de muitas formas como, por exemplo, a de atitude, de procedimentos, práticas e comportamentos, as quais também podem figurar através de trocas interindividuais. A partir disso, vemos a elaboração de um saber que permite ao sujeito, a partir de uma relação consigo mesmo, fundar-se em sua subjetividade e ter como possibilidade a liberdade (83) (84).

Pensando no campo da saúde, sabe-se que há a circulação de conhecimentos, práticas e uma infinidade de maneiras de engendrar o cuidado. Os sujeitos dispõem de diversas formas de lidar com situações que se interpõem ao seu “estar com saúde”, como por exemplo, se utilizar de medicamentos, remédios caseiros, médico, curandeiro, vizinhos, parentes, meditação, esporte, entre tantos outros elementos disponíveis para o cuidado de si. Segundo Helman, este “pluralismo nos cuidados de saúde” que marca nossa sociedade aponta para a necessidade de um olhar que compreenda outros aspectos, que não somente o da saúde, mas também aqueles de ordem religiosa, econômica, política entre tantos outros (85).

Os diferentes modos de cuidado desenvolvidos e as respostas ao processo saúde-adoecimento fazem parte de aspectos culturais e sociais que se inter-relacionam e produzem singulares maneiras de respostas por parte dos grupos. Portanto, torna-se necessário pensar tais questões a partir de contextos socioculturais específicos.

Helman nos diz que é nesse lugar de complexidade que a sociedade apresenta os seus setores de cuidados à saúde (p. 80) (85). O autor menciona ainda que Kleinman, um conceituado psiquiatra, identifica três deles: o setor informal, popular e profissional.

De acordo com o Kleinman, o setor denominado como informal figura como o local real dos cuidados primários de saúde, tem a família como protagonista e inclui caminhos terapêuticos diferentes daqueles dos especialistas ou profissionais. A utilização de auto tratamento (automedicação) é bastante visível neste segmento, assim como as trocas de conhecimentos entre pessoas próximas, como vizinhos e parentes. Esta pesquisa, por exemplo, nos mostra um pouco destas trocas de saberes entre prostitutas, que em muitos momentos formavam uma rede por onde as informações sobre os cuidados eram compartilhadas. Já o setor popular é extenso em sociedades não-industrializadas, mas também está presente naquelas que são. Neste, certos indivíduos qualificam-se em formas de cura e ocupam o papel de “curandeiros”, permanecendo em posição intermediária entre o setor informal e profissional. Os curandeiros espirituais, por exemplo, lidam com adoecimentos que, segundo eles, são causados por feitiçaria ou por questões ligadas à espiritualidade. O sistema profissional, por sua vez, abrange profissões de cura legalmente validadas, como é o caso da medicina. Além da medicina, diversas outras especialidades estão incluídas na categoria como os terapeutas ocupacionais, enfermeiros, fisioterapeutas dentre outras profissões (85).

Em geral, as pessoas caminham por entre estes setores, muitas vezes concomitantemente, na busca de melhores formas de cuidar de si e de lidar com a saúde-adoecimento. As suas escolhas são influenciadas pelo contexto em que estão e que são feitas pelas construções e significações acerca do fenômeno de saúde-adoecimento-cuidado e pela disponibilidade real de cada auxílio (85).

\*

Os próximos capítulos serão destinados a uma exploração do conceito de cuidado de si, das práticas e dos setores de cuidado à saúde explorados pelas mulheres que participaram da pesquisa. Junto a estes, as ideias de saúde, adoecimento, uso de drogas, espiritualidade,

engajamento político, violências e redes de apoio compõem o cenário de análise. Neste momento, significados e conhecimentos são misturados numa dinamicidade própria do cotidiano dos indivíduos. A partir de suas narrativas e das observações feitas por mim, estabelecerei uma conversa com estes saberes costurando pontualmente com aqueles trazidos pela academia.

## 5. “Quero entrar um pouco nessa saúde<sup>45</sup>”: dimensões do processo saúde - adoecimento

Quando um indivíduo experimenta problemáticas relacionadas à saúde é possível ver o seu caminhar por entre diferentes ações. Estes atos figuram como práticas de cura que os atendem nas mais diversas desordens físicas e emocionais. Durante a pesquisa fui percebendo as estratégias que cada mulher utilizava em seu cuidado e seu caminhar pelas trilhas da prevenção e promoção à saúde. O que eu via ali era a agência! Isto é, elas iniciavam práticas de cuidado, envolviam-se em negociações, conflitos e compartilhamentos para lidarem com a saúde.

Neste transitar em meio às práticas de saúde, a fim de resolver os eventos que lhe acontecem, os sujeitos entram em contato com as mais diversificadas ideias e conceitos acerca de adoecimento, saúde, cuidado, corpo e bem-estar. Fleischer, Tornquist e Medeiros pontuaram o protagonismo dos indivíduos no momento em que tanto terapêuticas quanto personagens são acionados, sendo que, estes são recorridos a partir das influências e dos sentidos que possuem para a pessoa (86). O “sentido” movimenta a ação específica. Ou seja, não é somente por “uma suposta falta de escolha, falta de acesso, de infraestrutura, informações ou de esperança” (p.14) que determinadas práticas de saúde são escolhidas em detrimento de outras, mas estas são sim estratégias conscientes e articuladas que por vezes misturam saberes biomédicos e populares, sem qualquer contradição (87). Um exemplo dessa situação foi registrado em meu diário de campo:

Hoje conversei com Melissa, uma mulher que encontrei no bar-cabaré de Planaltina. Em uma conversa descontraída, ela me contava sobre os cuidados e estratégias que utilizava no cotidiano do trabalho sexual. Calmamente, mencionava que se cuidava bastante e se utilizava de recursos para isso. Como convive com o sexo o tempo todo disse que além de usar os preservativos nas relações, vai de seis em seis meses fazer todos os exames e ao fim do ciclo, usa uma garrafada. Em sua fala, todos esses recursos tinham igual importância e faziam seu papel no processo de cuidado de si (diário de campo, 04/08/17).

Assim como Melissa, outras mulheres do núcleo Planaltina também utilizavam garrafadas e outros recurso da saúde popular. Camélia, em seus trabalhos como redutora de

---

<sup>45</sup> Frase proferida por Violeta.

danos, relatou a busca de uma profissional do sexo de Planaltina por uma terapêutica para a resolução da sua enfermidade:

Existia um fato: a tal da garrafada. A menina chegou e passou muito mal, e ela tomou a garrafada. Mas até então ela não queria me relatar, por vergonha ou medo do que eu iria falar, não sei. Essa relação de mãe e filha que construí com elas é tão interessante que eu cheguei lá um dia e uma delas estava passando muito mal, mas não falou nada. Eu achei estranho. Ela tava com corrimento e alguém indicou uma tal da garrafada, entre elas mesmas. Uma passa receita e automedicação para outra. Lá é assim. Isso eu também enfatizava muito com elas. Porque eu sabia que elas não queriam ir pro médico e começavam a colocar receitinha e se automedicar. Isso eu observei muuuuito. [...]. Esse dia elas não quiseram me falar, e só uma das meninas me falou. O pior não foi isso, além dela tomar garrafada ela foi na farmácia. Passaram um antibiótico, um farmacêutico qualquer da vida. Ele passou um antibiótico de 800 mg, e ela quase teve uma parada cardíaca por se auto medicar. Nós conseguimos, graças a Deus, que ela fosse socorrida a tempo. Mas você vê? Começou na garrafada e terminou na farmácia. Você tá entendendo, Carol? (diário de campo, 02/10/17)

Neste caso, houve uma lógica de cuidado que consistiu na identificação do problema e no posterior acionamento de redes de apoio. Dentre estas, estavam as próprias companheiras de trabalho da profissional do sexo (que recomendaram o uso da garrafada), a farmácia local (onde comprou o antibiótico para se automedicar) e por fim, a redutora de danos que a encaminhou para um serviço de saúde mais próximo. Claramente, essa sucessão de acontecimentos, neste pequeno exemplo, demonstrou uma forma de engajamento do sujeito em uma dada situação de saúde típica daquelas vistas nos estudos sobre itinerários terapêuticos (IT). Segundo Alves, IT diz respeito a atividades desenvolvidas pelos sujeitos na busca de um tratamento para uma aflição ou problema do dia a dia, sobretudo no que se refere à procura de cuidados em saúde (88). Dizem respeito à “ação” ou movimentos que mobilizam recursos caseiros, religiosos ou biomédicos para a preservação ou recuperação da saúde. Os caminhos escolhidos pelos sujeitos não obedecem a fluxos protocolados ou determinados, pois estas escolhas se firmam através de elaborações subjetivas tanto individuais quanto coletivas (89). A forma como o indivíduo se coloca com relação ao processo saúde e adoecimento se comunica com o campo de interações sociais, com o contexto em que está e com os saberes culturalmente construídos (90). Camélia falou sobre isto no momento em que mencionou e interpretou as formas de cuidado das profissionais do sexo que orientava:

Existe muito essa questão de chás entre as meninas. Elas resolvem ali mesmo. Até porque elas falam ‘ah, minha mãe falou que é bom determinada coisa pra isso que eu tô sentindo’ ou então ‘ah, minha vizinha disse que é bom’, aquelas coisas do mito, tradicional de roça e de fazenda [...]. Existe propriedade delas com essa história de “ah, minha mãe tem uma história de que tomou uma garrafada e curou isso e aquilo”, sabe? Curandeira, essas coisas (diário de campo, 02/10/17).

É sempre significativo salientar a importância do contexto cultural no processo de cuidado de si. A valorização das ações construídas socialmente abre a possibilidade de um olhar mais cuidadoso acerca do compartilhamento de experiências em saúde. Na situação acima, a troca de saberes que são passados principalmente por entre as mulheres da família fala sobre uma ideia de saúde que, apesar de popular, não exclui o discurso tido como oficial. Não somente não exclui como atravessa e circunda estruturas e saberes hegemônicos (91).

\*

A partir do conceito de itinerários terapêuticos é necessário o entendimento das ideias que formam a estrutura das escolhas dos sujeitos de pesquisa. Para se tomar determinados caminhos no cuidado em saúde, significamos e tomamos para nosso entendimento, a priori, conceitos relativos a este universo. A seguir, apresentarei as significações acerca dos conceitos de saúde e adoecimento que foram retratados ao longo desta pesquisa e que se destacaram nas falas pela repetição de certas ideias. Saúde popular, religiosidade e rede de sociabilidade também perpassam as construções destas mulheres. É válido pontuar que não podemos destacar as ideias sem explicitar também os contextos em que as mulheres falaram e como realizaram os cuidados em saúde. Segundo Fleischer “o fazer e o falar são indissociáveis do contexto em que aconteceram” (p. 09) e para que possamos falar sobre todas as temáticas que nos propusemos se faz de extrema importância retomar os pormenores do acontecido, como o cenário, pessoas, figurinos, silêncios, entre outras “práticas comuns” (91) (92).

Outro assunto de alta relevância, evidenciada pela frequência em que apareceu nas falas das mulheres desse estudo, foi o da violência.

### **5.1. Os terrenos que possibilitam ressignificar saúde, adoecimento e cuidado**

As ideias sobre saúde e adoecimento, construídas por uma dada população, constituem-se socialmente e dizem respeito também a valores e crenças. Tendo em vista este fator, Leite e Vasconcelos pontuam que elas estão vinculadas a visão de mundo do sujeito e relacionadas ao contexto em que estão inseridos (90). Estes elementos são de extrema importância nas decisões tomadas no cuidado de si e do outro.

Diante disto, para entender o trânsito que as participantes da pesquisa fizeram por modos de cuidar de si, dois temas centrais surgiram. Eles foram pontos-chaves que demarcaram as várias singularidades de cada grupo presente nesta dissertação.

Um destes pontos importantes foi a espiritualidade. Esteve presente majoritariamente no campo de Planaltina, mas pôde ser percebido também em algumas falas das mulheres do campo Asa Norte. Frases, como: “se Deus quiser”, “vai com Deus”, “axé” ou ainda referentes a conexão delas com figuras divinas e espirituais, adquiriam notas intensas que inspiravam autenticidade.

A figura de Deus tinha uma grande importância como aquele que era o “pai” e o cuidador supremo da vida delas. Assim também era com Maria Padilha. Ela era presente e protagonista no cotidiano e trajetória desses sujeitos, agindo ativamente nos seus cuidados. Aqui, uma outra imagem, que não a do médico ou de qualquer outro profissional presente em sistemas oficiais, tomava destaque. Uma figura que compunha, de acordo com Soraya o rol de “outros personagens geralmente esquecidos pelas bordas das cenas terapêuticas” (91).

Padilha era figura que aconselhava, afagava, cuidava, conversava, sugeria e, quando era preciso, corrigia aquilo que percebia como incorreto na conduta de alguma de suas “filhas”. As mulheres se consideravam “filhas de Padilha” e ressaltavam a fidelidade que devotavam a esta entidade. Sobre isto, Amarílis comentou: “A velha é muito importante para mim e eu só tô aqui ainda por causa dela. Eu nunca vou abandonar minha velha.” Desde que chegou ao cabaré, Amarílis e Padilha construíram uma relação próxima e era somente na presença da Velha, no momento da incorporação em Íris, que Amarílis conseguia contar os acontecimentos mais íntimos de sua vida. Por sua vez, Íris, a interface entre o mundo espiritual e a realidade viva daquele ambiente, certo dia comentou: “Se não fosse ela a gente não estava aqui hoje. Primeiro de tudo é Deus, mas depois vem ela. Ela ajuda demais. Abre os caminhos para as coisas acontecerem.”



Havia, naquele local, uma fusão do clima espiritual com as situações mundanas, entrelaçando crenças e rituais aos acontecimentos cotidianos de ofício, lazer e relações interpessoais. As fronteiras estavam em meus olhos, fictícias. Tudo acontecia em paralelo, sem polaridades, tão naturalmente. A religião funcionava como uma espécie de ancoramento para aquelas mulheres. Suas entidades ofertavam um modo especial e personalizado de cuidado e afetividade.

Outras figuras espirituais também foram citadas. A chegada de Lis ao bar-cabaré, por exemplo, foi interpretada por ela como um ato promovido por algumas entidades importantes em sua caminhada, como registrado em diário de campo:

Aqui eu cheguei... primeiro neste cabaré do lado [apontando para a casa vizinha que também era um ponto no qual prostitutas trabalhavam]. Eu tenho uma amiga que ela é espírita e eu tenho um amigo que também é. E ele me falou de uma amiga dele que tinha um cabaré e tal e que estava precisando de menina. Eu não queria mais vir para o cabaré. Só que o espírito desceu nele e falou que eu teria que vir, porque eu estava na sarjeta... e eu realmente estava! E agora o que iria suprir minhas necessidades para que eu não passasse fome era o cabaré. E nisso eu não estava mais trabalhando como garota. Eu estava fazendo outras coisas. Arrumando uns cabelos e olhe lá quando arrumava. Conheci um pessoal que fazia umas coisas erradas, entende? Coisas que eu não estava enxergando que estava errada. Dinheiro fácil... [...] Aí eu vim [...] então assim, eu cheguei aqui através de uma entidade chamada Seu João Caveira, Dona Maria Mulambo e Padilha das Almas, porque foram eles que me trouxeram para cá. Hoje eu vejo que se não fosse eles na minha vida eu não saberia o que seria de mim. Deus em primeiro lugar, porque ele é o pai da nossa vida. Mas eles me ajudam muito, muito, muito, muito (diário de campo, 03/10/17).

A ideia de gratidão sempre esteve muito presente em seu discurso. Segundo Lis, as entidades a protegiam em todos os momentos de sua vida: “Eu fui despejada esses meses atrás, se não fosse eles perto de mim eu tinha ido a morte. Antes eu não acreditava, mas hoje eu acredito mais que nunca”. As explicações para os fatos que lhe aconteciam começavam a obter sentido fazendo com que ela “acreditasse mais que nunca” em fenômenos espirituais. A dimensão espiritual emergia como um fator organizador e explicativo de elementos contidos em sua própria maneira de agir que antes não eram refletidos (93).

Hortênsia também demonstrou sua gratidão ao contar o momento em que foi acolhida por Maria Padilha no cabaré e sobre os caminhos que a levaram a este encontro:

Quando todos me abandonaram e me negavam, Maria Padilha me acolheu. Quando eu perambulava pela rua sem saber o que fazer, foi ela que me deu orientação. Foi ela que me acolheu, me deu amparo e me dá amparo até hoje. Que dá meu sustento, me dá um teto, me dá o que vestir, o que comer, entende? É o meu tudo. E eu preciso dar honra à Velha neste processo, porque foi ela que me trouxe, que me capacitou a estar aqui hoje. Foi ela que me tirou das drogas, me tirou da rua, da mutilação sexual. E se hoje eu sou a mulher que sou, e me orgulho de ser a mulher que me tornei, foi em função dela. Quando eu cheguei no cabaré eu já estava “esbagaçada” e não me importava com o resto. Foi então que, quando cheguei aqui, Íris e a sua companheira não me aceitaram como garota de programa e Maria Padilha inclusive disse que não me aceitaria como garota de programa na casa e que se eu quisesse era para eu criar vergonha na cara, trabalhar e estudar e só assim ela me daria caminho. Mas eu teria que parar de usar drogas, parar de beber, parar de fumar, parar de fazer a bagaceira toda, porque dentro da casa dela isso não seria aceito. Disse que se eu quisesse consertar que fosse por inteiro e tão somente acreditasse, entende? Que eu era capaz, que eu podia sim e que ela me ajudaria sim. Então foi assim. Maria Padilha acreditou em mim, coisa que nem eu acreditava. Ela acreditou e me fez acreditar que eu seria capaz de vencer, de modificar, de passar por isso, de transformar, de me tornar uma mulher livre, independente, de cabeça erguida, capacitada e não uma simples drogada, uma “zé nóia”, entende? Ela me fez acreditar que eu era capacitada a me transformar, a abandonar as drogas e a me corrigir e a me formar, a ter minha habilitação e meu carro como ela me deu! (diário de campo, 05/02/18)

Também sobre Padilha, Amarílis salientou a “proteção” como fator relevante nesta relação. Relembrou o que chamou de “livramento (da morte)” vivida certa vez junto a um antigo namorado. Em conversa informal com aquele que agora era um amigo, relatou o acontecimento de anos atrás: “Esse meu ex-namorado é espírita agora, e ele disse que o guia espiritual dele enfatizou que era para a gente ter morrido naquele acidente. A Velha já tinha me falado isso.” Segundo ela, tanto seus guias espirituais quanto os do ex-companheiro intercederam, a partir de “muita oração”, para que eles não morressem. Fez questão de enfatizar que não só estes guias estiveram presentes nesta oração, mas também anjos e outras entidades. Amarílis relatou sobre o cuidado de Maria Padilha: “A Velha me acompanha desde criança. Eu até me arrepio de falar disso.”, mostrando o braço e demonstrando como aquilo era verdadeiro para ela.

A proteção se misturava ao cuidado; a comunicação era a via de efetivação destes. Geralmente vinha em forma de conselhos ou avisos, como nos mostrou Rosa: “Sabe... Eu tenho um anjo que me conta tudo que vai acontecer. Eu consigo ver ele claramente. Ele senta do lado da minha cama e fala. Ele que me falou que iriam me procurar para me matar. Logo eu saí da minha cidade e o que aconteceu? Ele estava certinho!” Já aqui em Brasília, no bar de Íris, ela

mencionou que a Velha havia aconselhado a não mais fazer uso de seu telefone celular: “Ela disse para eu desligar o celular porque eles iriam me rastrear. Eu segui [...]”.

Violeta, que devotava total confiança à figura de Maria Padilha, enfatizou a questão da proteção e cuidado que a entidade direcionava a ela. A gratidão também foi peça fundamental em suas falas. Em entrevista comentou: “Conversei bastante com ela. Ela me dá bastante conselho e eu sou muito fiel a ela; e se ela fala “pode ir” eu vou, e se falar “não pode, não faz isso” eu não faço. Até porque ela tá me ajudando muito, me livra de muitas coisas e eu agradeço muito. Isso de alguma forma me ajuda no cuidado espiritual e físico, um pouco né? Porque... se acontecer alguma coisa aqui ela vai afastar, não vai permitir, né? É isso!”

O respeito a uma figura divina também foi presente nas falas de algumas mulheres do núcleo da Asa Norte. Juma, criada na doutrina católica, relatou uma situação em que sua religiosidade guiou seus atos:

Já era de madrugada e eu fui para o lugarzinho que eu sempre dormia. Era ano novo, eu tava com aquele medo do mundo acabar igual o povo vivia falando. Então peguei minha filha e fomos dormir lá. Apareceu um cara do nada, estacionou o carro e eu acordei com ele tirando a fralda da minha filha. Isso é absurdo! Gente, eu tinha um pau, que a gente sempre dormiu com um pedaço de pau. Acordei, eu dei tanta paulada nele. Mas eu sempre fui muito devota que na hora que eu vi o sangue escorrendo eu parei, que eu fiquei com medo. E eu falei “eu vou com tudo que é pecado, mas eu não vou com a morte nas costas”. Gente, não adianta, eu fui criada dentro de uma doutrina católica. E eu acredito muito nisso (diário de campo, 25/08/17).

Juma reconhecia os benefícios de suas crenças e do positivismo em sua saúde física e mental: “A fé, uma energia ou ser supremo é uma tradição que quando usada com moderação faz um bem danado. [...] O otimismo e a gratidão são energias que fazem as pessoas, às vezes, nunca chegarem a adoecer.” Comentou que a fé a auxiliou em diversos momentos “em que a morte parecia o melhor caminho”. Entretanto, fez questão de pontuar que a fé, quando usada de maneira irrefletida, “pode ser uma grave doença e muitas das vezes uma daquelas incuráveis”, apontando para as situações em que a religiosidade cerceia o outro em suas possibilidades.

Jasmim também deixava claro a força de sua fé. Durante nossas conversas mencionava o esteio que encontrava em Deus para seguir em frente e enfrentar o dia a dia como profissional do sexo, conforme trecho abaixo, retirado do diário de campo:

A minha fé em Deus me ajuda. Me ajuda.... Eu peço muita sabedoria a Deus, para ele me tirar logo disso daqui. Peço para ele me ajudar nos planos que eu faço, porque quanto mais eu conseguir atingir meus objetivos, quanto mais eu colocar meus objetivos em prática no dia a dia, eu vou sair mais rápido disso daqui (diário de campo, 23/08/18).

A partir daquilo que experimentavam na religião, as mulheres de Planaltina e da Asa Norte ressignificavam os acontecimentos de sua vida e buscavam, com o auxílio da fé, melhores condições para o enfrentamento das adversidades do dia a dia. A espiritualidade era vista como um acolhimento, como o livramento, força, forma de cuidado, proteção, limite, segurança, como um conselho certo e, sobretudo, como saúde.

Uma das concepções sobre saúde identificada na pesquisa foi a que ter saúde era “estar bem espiritualmente”. Para Lis, o espiritual a mobilizava e constituía-se como uma espécie de termômetro o qual mostrava a qualidade de sua relação com os eventos que lhe aconteciam. Nesta mesma linha, quando questionada sobre a ideia de adoecimento, complementou seu pensamento anterior:

Estar adoecida é quando eu estou fraca espiritualmente. Quando eu acho que tudo tá difícil. Isso para mim é uma doença muito grave, porque adoecer mesmo, a gente só adocece quando a gente tá fraca, né? Você pode ver, a gente pega uma gripe e se a gente tiver fraca espiritualmente a gente cai numa cama. Aí a gente fala assim ‘aí, tô gripada, tô ruim’. Às vezes você acha que é uma gripe que tá te deixando ruim e não. É o seu espiritual que tá tão abalado que você não consegue. Para mim doença é isso! (diário de campo, 07/08/18)

Sem entender ao certo o trecho que Lis falou sobre o adoecimento físico, como por exemplo, a afecção por uma gripe e a relação desta com o espiritual, questionei-a se o primeiro estava necessariamente ligado ao segundo; ela calmamente respondeu: “Não, não é que uma gripe possa ser causada por algo espiritual. Porque assim... você pode muito bem pegar uma chuva forte e ficar resfriado. É a questão de que às vezes você está sensível aquela hora e aquela hora você pega uma carga negativa”.

Segundo Santos o “corpo aberto” ou vulnerável pode ser, em algumas religiões, como o candomblé, um dos fatores responsáveis por desequilíbrios do corpo físico, o que pode ser traduzido em adoecimento físico (94). Lis fala justamente desta “sensibilidade” ou “vulnerabilidade” que pode ser a porta de entrada para alguma desordem que afete aspectos físicos, mas também espirituais do ser. Esta interpretação do adoecimento, o qual o localiza de forma ampliada na relação entre o sujeito e o sagrado, é típico daquelas fornecidas pelos

sistemas religiosos. De acordo com Rabelo, *et al*, “trata-se de uma interpretação que organiza os estados confusos e desordenados que caracterizam a experiência de aflição em um todo ordenado e coerente” (95).

Para Violeta uma das formas de cuidar de sua saúde está ligada ao cuidado com a dimensão espiritual, sobre isso mencionou um fato de quando ainda frequentava a igreja católica: “Minha família é católica. Ih, quando eu frequentava a igreja era outra vida. Quando a gente tá no lugar de Deus, falando com Deus, orando e tudo mais parece que a gente sai aliviada. Parece que, não os pecados, porque pecado todo mundo comete, né? Mas a gente sente aliviada das coisas que a gente erra e sai mais livre. A gente tem que sempre cuidar, né? É bom, né? Cuidar espiritualmente e cuidar da saúde.”

A relação entre cuidado espiritual e a saúde apareceu aos poucos em nossa conversa. A ideia de “alívio” e do “sentir-se livre” ao sair da igreja estava costurado ao seu “sentir-se bem” na vida. Para ela “ter saúde é simplesmente cuidar” e esta mistura entre cuidar da saúde e cuidar do espiritual é muito significativo para entender as várias dimensões e ressignificações que os próprios conceitos de saúde e adoecimento podem suscitar. Violeta acreditava existir uma conexão entre o adoecimento e a mudança do tempo: “Eu adoço quando o tempo muda, tem hora que o tempo muda de uma hora para a outra e com isso às vezes vem até uma gripe.” A ideia de sensibilidade corporal às nuances do dia a dia é presente para Violeta e para ela pode ser causadora de um possível problema de saúde.

Ainda refletindo sobre o campo de Planaltina, a cada semana percebia as formas peculiares de explicação dos fatos relacionados a saúde. Por vezes escutei algumas ideias de feitiço perpassando a de adoecimento. Abaixo transcrevo um trecho em que Amarílis exemplifica isto:

Amarílis contou, neste dia, um fato envolvendo sua saúde. Mencionou que recentemente fizeram um feitiço contra ela. Enquanto falava apontou para seu pé. Este estava ressecado e com grandes rachaduras, aparentando estar bastante sensível. Perguntei como isso havia acontecido e ela, ora olhando para o pé ora para mim, relatou que uma mulher com a qual havia se relacionado havia colocado este feitiço para que ela amputasse os dois pés. Disse que seu pé, de uma hora para outra, começou a rachar e a ficar com muitas feridas. Quem vinha fazendo o cuidado dela era a Velha. Padilha preparou água com ervas e fumo. Ela tinha que ficar com os pés dentro dessa água por alguns períodos. Nesta conversa, Amarílis disse ainda que sempre teve medo de “boró”, e que tinha medo que naquela água preparada aparecesse algum, entretanto, garantiram para ela que o fumo espantava o boró. Porém, em um determinado dia, quando foi pela manhã no “quarto de santo” e colocou

o pé dentro da água, percebeu que estava cheia de bichos. Ela comentou com Íris e logo despacharam a água, porque aquilo com certeza era algo que tinham feito para ela. Amarílis tratou o pé durante muitas semanas e ainda hoje trata com pomadas e ervas indicadas pela Velha. Atualmente o pé já está melhor, mas ela chegou a demonstrar como acordava [fazia gestos como se se arrastasse no chão]. Não conseguia andar. E a velha disse que quem fez isso para ela a queria aleijada (diário de campo, 20/06/17).

Devido a minha inserção no mundo biomédico, *a priori* fiquei preocupada com a situação do pé de Amarílis. Logo fiz questão de encaminhá-la aos profissionais específicos. No ato de desta indicação percebi o quanto nós, profissionais de saúde e acadêmicos temos dificuldade de entender e aceitar que o saber popular pode sim ser efetivo. E no caso de Amarílis foi resolutivo. Ela já havia procurado ajuda médica em algum momento, mas nada havia sido tão eficaz quanto o tratamento realizado pela velha Padilha. Esta pequena história trazia também uma reflexão sobre a dependência que temos de sistemas que especializam o saber e fragmentam o olhar. Sobre isso, Tornquist e Franzoni pontuam que para Giddens “os sistemas especializados põem entre parêntese o tempo e o espaço, dispondo de modos de conhecimento técnico que tem validade independente dos praticantes e dos clientes que fazem uso deles” (96). A entidade Maria Padilha, ao contrário, fizera um remédio personalizado para as necessidades de Amarílis naquele contexto, diferenciando e, ao mesmo tempo, tratando um adoecimento espiritual e “material” (97) .

Nesta ocasião a busca pela “cura mágica” não apareceu como algo que tinha complementariedade com o tratamento médico, mas sim como elemento que tomou seu lugar e que, naquele contexto, a substituiu, “seja porque a medicina fracassou ao tentar resolver os problemas do paciente, seja porque a medicina desconsiderou suas queixas como sendo pertinentes a descrição de alguma entidade mórbida” (p. 130) (93).

Em outro momento, quando estava conversando com as mulheres em frente ao bar de Íris, este assunto sobre feitiços e amarrações apareceu novamente.

Rosa sentada disse que o pé estava descascando e que isso não havia acontecido antes. Que ela já havia feito de tudo, mas que nada fazia parar. O pé dela, de fato estava aparentemente seco. Íris deu uma olhada e depois de analisar disse que era feitiço. E disse que era o mesmo que Amarílis havia pego. Relatou que haviam jogado casca de cobra no caminho dela e que isto tinha de ser desfeito com cuidado. Amarílis, que também estava conosco, disse para Rosa colocar hidrante e não recomendou lixar o pé, porque poderia abrir as feridas. Rosa disse então que iria colocar azeite de oliva e só depois tentaria lixar, assim que o pé tivesse bem hidratado.

Todo o aparato de cuidado naquela localidade era criado a partir das visões de Padilha e Íris. As teorias e análises se baseavam naquilo que já haviam experienciado e, sobretudo, naquilo que a religião trazia como significados e conceitos. O contexto religioso no qual as mulheres estavam inseridas fornecia sentidos para o processo de adoecimento, saúde e cura. Mota e Trad destacam que no candomblé um significado espiritual atribuído a um caso de sofrimento segue uma série de explicações que diferenciam doença espiritual e doença material (97). Claro que essa separação entre elas não era um obstáculo insuperável, mas sim uma fronteira dinâmica que também podia sumir em determinados momentos.

Destaco aqui um trecho de conversa que tive com Amarílis e Hortênsia, registrado em diário de campo, que chama a atenção pela forte atribuição da esfera espiritual à noção de saúde:

Sentadas, como de costume, em frente a porta principal do bar, eu, Amarílis e Hortênsia conversávamos enquanto observávamos o cair da noite. Falando sobre o medo de gravidez e dos ‘vacilos’ que já havia cometido na hora do programa, Amarílis demonstrou o seu medo em vacilar e “pegar” uma doença. Ao falar de HIV/AIDS novamente explicita seu medo, mas acrescentou também uma nova informação. Ela achava que a AIDS era uma questão espiritual “assim como a depressão”. Hortênsia, sentada ao nosso lado, concorda. Amarílis continuou dizendo que só de ler o exame de qualquer um que tenha como resultado “positivo para HIV” que já começava a “dar aquela negatividade”. Fiquei muito curiosa e perguntei “como assim uma questão espiritual?” Na explicação contou que um dia uma prostituta do cabaré ao lado havia feito um teste para saber se estava ou não com a doença. Ao visualizar o exame da “puta ali da outra casa” começou a ficar mal, que pediu para a “mãe” terminar de ler. Ela disse que começa a dar uma coisa que ela não sabe explicar, ‘uma negatividade’, e por isso acredita ser uma questão espiritual. Hortênsia concordou com o fato de ser uma questão espiritual e disse que câncer também era. Contou ainda que teve leucemia. Mas não discorreu muito sobre o assunto (diário de campo, 28/04/17).

Determinadas doenças, como o HIV/AIDS e câncer, eram capazes de causar extremo mal-estar, até mesmo em quem não era diretamente afetado por elas. A “negatividade” sentida por Amarílis no ato de ler o exame de uma conhecida foi o suficiente para a interpretação sobre aquela patologia não ser pautada unicamente por uma afecção viral, mostrando que a noção de adoecimento ultrapassava às explicações de origem puramente biológica alcançando a esfera espiritual.

De forma similar, Tavares e Trad observaram em sua pesquisa com famílias de pacientes diagnosticados com câncer, que existiam algumas explicações para a etiologia desta enfermidade que também ultrapassavam à visão essencialmente biomédica (98). Na explicação espiritual trazida pelos participantes de tal pesquisa, por exemplo, havia ênfase na ideia de predestinação, pecado e vontade de Deus. Da mesma forma que Hortênsia, os familiares traziam explicações que explicitavam os sentidos singulares da enfermidade na medida que esta era interpretada pelas mais diferentes pessoas. Nota-se que o contexto, as crenças e os valores adquiridos ao longo da vida influenciam diretamente na maneira como experimentamos aquilo que nos acontece.

Já Dália, do núcleo da Asa Norte, trouxe uma visão que corroborava com o que Tavares e Trad mencionaram, a partir da fala dos participantes, como sendo a “explicação psicossomática” do câncer, na qual se destacavam o sofrimento guardado, amargura ou excesso de rancor como principais motivos de deflagração da enfermidade (98). Sobre isso trago o trecho da entrevista de Dália:

Eu acredito que a doença venha de fora mesmo e se você deixar ela toma de conta. Você já ouviu a história do câncer? Que o câncer é ressentimento? Eu acredito piamente nisso, sabe? Porque estraga a gente, uma raiva estraga, o rosto muda, a pele, o sistema nervoso, você começa a tremer, tudo vem! (diário de campo, 28/07/17)

De um modo geral, Dália acredita que a doença podia “começar no pensamento, no coração e no sentimento”. Estar adoecida advém de uma situação negativa e representa um desequilíbrio. Sobre isso explicou: “Se eu passar (por) uma situação negativa, ou algum conflito, uma discussão com alguém, qualquer coisa e eu não tomar conta de mim, não tentar me preservar... se eu não fizer esse trabalho comigo mesma, eu adoço. Eu tenho um monstro aqui (apontou para o peito neste momento) que se eu não tomar cuidado a raiva toma de conta... Se isso acontecer eu fico com dor no corpo, eu me enfraqueço, eu tenho crises de enxaqueca, entendeu?” Dália significava os desconfortos no corpo e as crises de enxaqueca que por vezes tinha. Segundo ela “a enxaqueca vem quando estou nervosa ou preocupada com algumas coisas, ou quando passo raiva. Você está vendo meu filho sentado no sofá? Pois é, ele as vezes surta. Um dia ele tentou colocar fogo na casa. Então aqui em casa a gente sempre vive em clima de tensão. Então isso tudo vai para cima de mim”. Ao refletir acerca destes episódios de dores e sobre sua situação de saúde lembrou que precisava fazer um check-up e ir a um médico para



saber se estava tudo bem, demonstrando que os recursos biomédicos também faziam parte de seu campo de possibilidades.

Dália enfatizou bastante a ideia de que o corpo tem uma forma singular de se comunicar conosco e que a partir do momento em que não sabemos lidar com alguma situação estressora, ele é o primeiro a anunciar. Sobre isso ressaltou trecho de nossa entrevista:

Eu tenho um papelzinho que tá escrito assim “quando a boca cala o corpo fala”. Quando você não se expressa vai tudo para o corpo, tudo para o corpo! Eu acredito muito nisso, então, se eu tô com raiva e deixar ela tomar conta de mim, ela vai me comendo, vai me corroendo, sabe? Ela vai me machucando e a doença aparece. Se eu tiver menstruada, minha menstruação vai vir com uma cólica triplicada, se eu tiver com uma dor de cabeça, ela vai triplicar (diário de campo, 28/07/17).

Os sentimentos possuem força sobre o corpo. Dália não nega os sintomas físicos, mas acredita que algumas de suas emoções podem potencializá-los. Para ela, até mesmo as infecções sexualmente transmissíveis possuem relação com os sentimentos, mas acredita grandemente na importância do cuidado e na prevenção com o uso de recursos disponíveis, como o preservativo.

Comentou também sobre sua fé. Já fora espírita kardecista em algum momento de sua vida e, na ocasião da entrevista, vinha frequentando um centro espírita. Afirmou que já curou um filho neste ambiente e que, através de fervorosas orações, seu outro filho atingiria a cura espiritual. Sobre isso, Mota e Trad destacam que a terapêutica religiosa começa a ser uma alternativa de cura e a ter influência na adesão por parte de seguidores também por conta de experiências individuais ou coletivas de sua eficácia (97). Dália já havia visto a cura de um filho e isto a fazia acreditar que este fato poderia acontecer de novo.

Como Dália, muitas pessoas seguem esse caminho. De acordo com Mota e Trad diversos estudos que investigam a interface entre saúde e religião explicitam que a busca pela solução de aflições e enfermidades, tanto de si quanto do outro, estão entre as grandes motivações que mobilizam a conexão religiosa (97).

Após a explicação de como entende o adoecimento, Dália resolveu emendar com a ideia que tinha acerca da saúde. De acordo com ela, saúde é a constante procura por um equilíbrio e os meios de alcançá-los. Em suas palavras:

Saúde é qualidade de vida, antes de mais nada. Eu acho que é dormir bem, se alimentar bem, não beber; eu não bebo, graças a Deus. É procurar não deixar nada dentro de você, nada de dor, de raiva, de mágoa. Hoje em dia eu aprendi que se eu tiver alguma coisa eu tenho

que soltar, eu não vou deixar aqui dentro. Isso é saúde [...] tentar buscar o equilíbrio de alguma forma (diário de campo, (diário de campo, 28/07/17)

Rosa, do campo de Planaltina, traz uma concepção de saúde que também faz menção ao equilíbrio entre os vários aspectos da vida do sujeito, como o psicológico, corporal e espiritual. Sua fala tem vários pontos em comum com Dália. Em entrevista ela contou mais sobre suas percepções:

Saúde... Em primeiro lugar tu tem que tá em paz contigo mesmo, né? Espírito, espiritual, emocional, a emoção, tranquilidade. Porque se tu não tem isso, você já tá desequilibrada, e já desequilibra a tua psicologia, teu psicológico, tu desequilibra teu corpo. Aí tem várias pessoas que ataca por vômito... enfim, de várias maneiras. E o psicológico também, acho que esse é o primeiro lugar. Tu precisa tá bem contigo, né? Se você está bem espiritualmente você pode tá em qualquer buraco. Você estando bem, o resto vem tudo.... Saúde! Aí tudo fica no lugar! (diário de campo, 07/08/18)

Para Rosa, assim como a saúde possuía dimensões a serem consideradas o adoecimento também tinha significados diferenciados a depender do contexto. Ela mencionou a diferença entre “estar doente” e “estar adoecido” no dia da entrevista. “Estar doente” era quando: “você tá doente e não consegue levantar da cama para trabalhar”. Segundo ela, existiam cabarés onde os donos não entendiam esta condição e obrigavam a mulher a trabalhar, como registrado neste trecho: “A mulher vai queimando de febre para o salão porque tem lugares que eles não entendem e não aceitam isso. Tem lugar que eles falam ‘Bora, puta! Bora melhorar essa cara! Bora me dar dinheiro hoje!’, tem lugar que é assim.”

O “estar doente” tinha, em sua designação, uma ideia mais ligada ao físico, relacionava-se a “queimar de febre” e “não conseguir levantar da cama”. Já o “estar adoecida” parecia possuir um aspecto mais ligado ao emocional, como registrado neste trecho:

“É quando você não está se sentindo bem, você está triste. Como no meu caso, tem dois dias que eu tô assim. Aí baixa a imunidade. Eu tô com umas coisas que não tão dando certo... meus documentos... aí eu ligo pra minha filha e escuto a voz dela [...]. Ela foi criada longe de mim, mas é a filha que mais tem ligação comigo [Rosa neste momento está com a voz embargada e ar de tristeza]. Aí, isso pra mim me dá uma adoecida. Eu fico adoecida. Eu fico triste, meu olhar fica triste. Nem trabalhar, quando você tá adoecida, você consegue. Aí cada um afeta de um jeito. No meu caso, afeta as vias respiratórias. No meu caso, eu já

tive bronquite e asma psicológica e depois foi aliviado, porque minha asma era psicológica” (diário de campo, 07/08/18).

Jasmim, assim como Rosa, citou o fato de não conseguir trabalhar e realizar as atividades que comumente estava engajada como algo atrelado ao adoecimento. Segundo ela: “Estar doente é quando eu não consigo fazer nada e fico só querendo ficar deitada na cama. Tipo isso, né... acho que o corpo sobrecarrega e tem uma hora que a gente quer ficar só e não quer ver ninguém, quer ficar quieta no canto e tomar um remédio”.

Estar triste e não ter disposição para o trabalho eram vistos como sintomas do adoecimento, fatores que de alguma forma desequilibravam a saúde e as atividades cotidianas. A redutora de danos Camélia percebia essa relação entre o adoecimento e o trabalho nas profissionais do sexo. De acordo com ela, na situação das mulheres, “estar doente é não trabalhar<sup>46</sup>”, pois sentir-se assim afetava o funcionamento de suas vidas e de seus compromissos.

Camélia pontua que, para aquelas trabalhadoras, o significado de “estar adoecido” apenas convergia para a esfera biológica em casos mais extremos: “Estar doente para elas é pegar um HIV, pegar uma sífilis, ficar acamada e não se cuidar. Isso sim é ficar doente na situação delas<sup>47</sup>”. A redutora de danos entendia que existiam dois aspectos no cuidado da saúde dessas mulheres: em um primeiro momento ligado ao “cuidado e vaidade”, no qual explicou que “apesar de [...] não ser vaidosa,[...] falava que era importante ter que ficar cheirosa, ter que tomar um banho, ter que ter uma higiene íntima muito boa pelo fato delas estarem ali o tempo todo”; e o outro ligado ao autocuidado biomédico, que exemplificou como “fazer uma intervenção, uma prevenção,[...] umas testagens”, em vista de evitarem a contaminação “principalmente (d)o HIV”, mas também “gonorreia e sífilis”.

Cabe ressaltar que não é porque as mulheres enfatizavam a questão da espiritualidade que os outros saberes, como o biomédico, estavam ausentes. Eles se complementavam e eram acionados a depender do sentido que adquiriam no contexto e momento em que os sujeitos estavam. Eram usos estratégicos e articulados com modos de pensar específicos (86). De acordo com Helman os sujeitos utilizam todos os saberes disponíveis para explicarem um episódio de saúde debilitada a partir de indagações sobre “o que aconteceu, porque aconteceu” e por meio de reflexões acerca do que fazer com aquilo que aconteceu (99) .

---

<sup>46</sup> Diário de campo, 02/10/2017.

<sup>47</sup> Diário de campo, 02/10/2017.

Rosa, logo de sua descoberta que o tema de minha pesquisa tinha relação com a “saúde”, começou falando: “Carol, eu fui saber que era saudável quando tive um câncer de mama. Daí fizeram todos os exames e eu descobri que era uma pessoa saudável porque não tenho nem colesterol alto, nenhum tipo de doença venérea, nem diabetes, nem triglicerídeos, nem nada”. Lis, no início de sua entrevista, disse “ter saúde e evitar de pegar doença”. Justificou: “Eu me considero saudável porque não sinto nem uma dor na unha. Mesmo quando eu pego uma gripe, no outro dia tô boa.”

Violeta, para se referir ao adoecimento, também utilizou alguns termos presentes no cenário biomédico, como “gripe, febre, dor de cabeça, colesterol e diabetes”. A saúde, em sua fala, também esteve relacionada à ausência destes agravos.

A ideia de uma alimentação saudável perpassou pelo entendimento de boa saúde das mulheres que, por sua vez, atrelava-se ao bom funcionamento dos órgãos e a maior probabilidade de não ser afetado por alguma patologia.

Para Violeta, alguém tipicamente saudável era aquela pessoa que usufruía de uma “alimentação saudável”, comia pouco sal e não se alimentava “de porcarias”. Jasmim, ao discorrer sobre sua ideia de saúde, relacionou-a a formas de viver que incluíssem a boa alimentação, citando a ingestão de verduras e sucos naturais. Lis diz ser necessário um comer balanceado enquanto Dália e Rosa da importância de comer verduras para o alcance de uma vida saudável.

A alimentação saudável era uma meta a ser atingida por elas, mas que necessitava de determinados pressupostos para se tornar realidade, como tempo e condições financeiras. De acordo com minhas observações em campo, o trabalho cotidiano na prostituição parecia dificultar essa prática já que a rotina agitada quase sempre as impedia de se alimentarem nos horários regulares. Elas estavam sempre a cargo de suas atividades, deixando com que o “ato de comer” e a qualidade das refeições se tornassem uma preocupação secundária. Chegavam a passar muitas horas em jejum. Na minha visão como redutora de danos, percebia que a ingestão de água também não era frequente, tendo como agravante o consumo de bebidas alcoólicas, especialmente no campo de Planaltina.

Aquino, Nicolau e Pinheiro também perceberam em seus estudos a dificuldade de manutenção de uma boa alimentação por parte das participantes da pesquisa (12). Para as autoras, existe uma série de fatores que colaboram para um hábito saudável, como por exemplo, a acessibilidade física ao alimento, variedade, segurança sanitária, acessibilidade financeira, entre outros que geralmente não fazem parte da realidade das prostitutas.

\*

Além dos saberes biomédicos, alimentação e espiritualidade, outro ponto fundamental na ideia de saúde-adoecimento e cuidado foi o movimento político encontrado em campo. Como o acesso às mulheres entrevistadas no núcleo da Asa Norte ocorreu por meio do coletivo Tulipas do Cerrado, todas as mulheres entrevistadas deste núcleo possuíam um maior engajamento político no movimento das profissionais do sexo. Entretanto, essa dimensão política também foi percebida no núcleo Planaltina, ainda que de uma forma mais tímida. Íris, a dona do bar, possuía fortes vínculos com o movimento LGBT e negro e participava ativamente da discussão e criação de eventos para a visibilidade desta pauta. Sempre que havia uma oportunidade, também falava sobre a situação das prostitutas de Planaltina e fazia reflexões sobre as condições de trabalho e o preconceito que ainda hoje era direcionado a tais mulheres.

A partir das experiências nos dois campos, com destaque para o da Asa Norte, pude conhecer as pautas trazidas pelo Movimento Brasileiro de Prostitutas e adentrei algumas discussões acerca do tema, entendendo as interfaces, muitas vezes tensas, deste com os demais atores sociais como, por exemplo, as feministas e a universidade.

Juma ocupava um protagonismo no movimento que ainda era novo no Distrito Federal. Ela inclusive, a partir de sua história com a Redução de Danos e com o trabalho sexual, se colocou nesta posição justamente por não conhecer outros grupos que se vinculassem ao movimento nacional de prostitutas ou que fizessem um trabalho mais próximo com as profissionais do sexo da capital. Segundo ela, “em Brasília, o movimento de trabalhadoras sexuais nasceu da RD”, mostrando a relação desta história política do movimento de prostitutas de Brasília com sua própria história de vida. Juma, como liderança, possuía uma agenda bastante movimentada. Praticamente todos os dias havia eventos, como encontros, palestras, rodas de conversa, congressos, entre outros, dos quais fazia questão de participar para dar visibilidade ao coletivo Tulipas do Cerrado e à luta da mulher profissional do sexo.

A interlocução entre as mulheres era facilitada pela utilização de diversas mídias sociais. Grupos no *WhatsApp* e *Facebook* serviam para a comunicação interna, divulgação do que estava acontecendo no coletivo e para encontros e conversas casuais que não necessariamente envolviam o movimento. No grupo do *WhatsApp*, por exemplo, as mulheres justificavam as ausências nas reuniões ou mandavam mensagens desejando “bom dia” ou “boa noite” para as outras participantes. Mandavam fotos de seus rostos, falavam o que estavam fazendo entre outras questões cotidianas.

Enquanto estive em campo, percebia a grande dificuldade de reunir as mulheres<sup>48</sup> do Tulipas do Cerrado para discussão e planejamento das ações do grupo. Juma explicava que era compreensível, pois “as meninas precisam sobreviver, precisam trabalhar”. Sobre isso, disse:

Eu não tenho condições de tirar alguém do trabalho para vir na reunião. Eu entendo que é difícil. Para muitas mulheres falta o dinheiro da passagem. Eu tenho que tirar do meu bolso muitas vezes, mas eu também não tenho todas as vezes. A Jasmim mesmo, ela tá no auge do trabalho dela, 26, 27 anos... Não tenho como cobrar que vá para a reunião. Se eu tivesse um projeto, que pagasse as meninas, que desse o dinheiro da passagem, aí sim eu poderia cobrar essa presença (diário de campo, 07/10/17).

Os desafios enfrentados pelas mulheres no que concerne a participação das reuniões eram visíveis. Dália, por vezes, mencionou que o único dinheiro que possuía era para comprar mantimentos para sua casa e que, nesta escolha, obviamente, escolhia comer. Além das dificuldades financeiras, outras relatavam estar trabalhando ou cuidando de questões pessoais. Em um dos registros em diários de campo observei a fala de uma das mulheres:

Amigas, estou meio afastada das atividades da Tulipas porque eu estou ralando de segunda a sábado. Só tenho domingo para ajeitar minhas coisas, mas estou acompanhando tudo de longe e continuo sendo Tulipas (diário de campo, 04/02/18).

Para além do movimento social, existia ali uma vinculação entre as mulheres. Por mais que não estivessem participando das atividades e reuniões, ou ainda que não estivessem em contato diário, semanal ou mensal umas com as outras, era visível a rede de cuidado estabelecida. Aquele coletivo representava um ponto de apoio para muitas delas. Inclusive, se utilizavam disto frequentemente quando precisavam tirar suas dúvidas com relação a rede de saúde, questões de direitos ou somente para conversar acerca dos acontecimentos e desafios diários. Nesta rede, havia trocas afetivas, havia o compartilhamento de informações e saberes que estendia a ideia de saúde para a dimensão social. A saúde vinculava-se à ideia de cidadania para aquelas trabalhadoras. Os direitos e o “empoderamento” eram enfatizados, mobilizados principalmente por aquelas que estavam na “linha de frente” deste movimento, como Dália e Juma.

---

<sup>48</sup> O coletivo, como já mencionado, era composto por várias outras mulheres (profissionais do sexo e outras que não eram). Juma, Dália e Jasmim eram parte fundamental deste grupo.

Observava-se que este coletivo, idealizado e concretizado por Juma, ainda orbitava em torno de seus esforços. Essa ideia de saúde que era passada ainda estava atrelada a sua fala e a fala de Dália, que eram as mais envolvidas com o movimento de prostitutas. Entretanto, observei que as outras integrantes aos poucos absorviam estes conhecimentos e compartilhavam com as respectivas redes e conhecidas.

Jasmim certa vez comentou sobre sua participação no Tulipas:

Entrei para melhorar a questão da saúde. Eu vejo que tem várias garotas que trabalham aqui e não se cuidam. Então, elas [mulheres da Tulipas] vêm e dão apoio, traz preservativo, pede para fazer o exame. Porque muita mulher fica com medo. Quando rasga a camisinha no programa, fala ‘não vou lá [no serviço de saúde]’, com medo de descobrir que tem alguma doença. Tem muitas que não tem objetivo nenhum! [...] então, elas [coletivo Tulipas do Cerrado] tão quebrando tabu, né? Para legalizar isso. Para as pessoas aceitarem a gente como pessoas normais [risos] que nós somos, né? Para acabar com a discriminação. É bom, eu gosto de participar, porque a gente fica sabendo mais dos direitos, né? (diário de campo, 23/08/17)

Falar sobre os direitos básicos das mulheres disseminava, mesmo que implicitamente, um entendimento do cuidado de si. O apoio ofertado pelo coletivo ultrapassava a dimensão física do cuidado em saúde. A fala dos direitos assumia protagonismo e se mesclava à fala da necessidade do preservativo ou exames periódicos, por exemplo.

Segundo Juma, a primordialidade de seu trabalho devia-se à preocupação com as outras mulheres, sua inquietação com a possibilidade de que vivenciassem o que ela mesma já havia passado na trajetória do trabalho sexual. Em suas palavras:

Eu passei por muita coisa, Carol! Por muita coisa que eu não queria que as outras passassem por isso. Por isso que eu tô na luta (diário de campo, 28/06/17).

Essa ideia de compartilhar informações e experiências de vida, colocada por Juma, foi pontuada também por Dália. Em uma de nossas conversas, em meio a muitos risos, ela se denominou “a puta véia”, como aquela figura que, por ter vivenciado anos como trabalhadora sexual, tinha a “autoridade” de conversar de uma forma mais realista com as mulheres mais novas ou menos experientes. Sobre a sua fala com profissionais do sexo mais novas Dália me contou:

Carol, a minha fala com elas é assim: que elas tenham metas, que elas saibam ser prostitutas; que elas não usem drogas para que elas não cheguem no ponto que eu cheguei. A mulher quando entra na prostituição tem que ter uma meta. Ela faz aquilo ali e pronto. E assim ela se dá bem. Eu não tive inteligência. Eu comecei usando droga e mais droga e o dinheiro foi todo embora. Então minha fala com elas é essa, que elas, paralelamente à prostituição, estudem, que tenham metas, porque essa não é uma profissão para a vida inteira (diário de campo, 12/09/17).

Juma, por ter vivenciado muitos anos na atividade de prostituição claramente se arrepende de algumas atitudes do passado e lamenta não ter encontrado alguém que a auxiliasse e a ajudasse a pensar em suas metas de vida. Relatou que ganhou muito dinheiro ao longo de sua trajetória, mas que, encantada com as possibilidades que se abriram para ela, gastou desenfreadamente suas economias. Sobre isso, pontuou: “Ah, seu eu tivesse a cabeça de agora eu teria ficado rica!”

A ideia de planejar-se, “ter meta”, como Dália e Juma se referiam, pareceu render frutos com Jasmim. Em uma de nossas conversas mencionou acerca conselhos recebidos por Dália: “Isso aqui tem data de validade... e é de 5 anos. Tem que ter meta, né? A Dália que disse, né? Ali ganhou dinheiro, viu? Mas gastou tudo com droga. Eu entrei tem nem um ano, mas tô doida pra sair já.”

Outros pontos importantes trazidos por Juma que tangiam a ideia de saúde e bem-estar daquelas mulheres eram a autoestima e o empoderamento. Juma dizia que saúde não era apenas a ausência de doenças, mas o estar bem “tanto fisicamente quanto mentalmente”, segundo ela, era preciso “você estar bem com você mesma”. Junto a isso defendia um despertar político, como registrado em entrevista:

Meu bem, hoje a gente fala muito sobre empoderamento dela mesma enquanto mulher, enquanto cidadã de todos os direitos. A fala que a gente leva, além de ser a fala de saúde, que é uma fala que deve ser reforçada, é a fala delas estarem se empoderando dos espaços que pertencem a elas, entendeu? Porque é muito fácil da gente se colocar como merecedora daquilo. Se um cliente espancar você e você enquanto trabalhadora sexual achar que é merecedora daquilo e ficar quieta... Não! Não pode! A gente não! A gente encaminha, conversa, faz palestra, fala “óh, tem uma delegacia ali. Isso é agressão física! Você é uma mulher, independente da sua profissão! Se apresente sim enquanto trabalhadora sexual nos serviços!” Se você foi agredida, vai à polícia e se alguém falar que você mereceu apanhar, pegue o nome! Vamos na defensoria pública, nos órgãos necessários. Esses espaços devem ser ocupados (diário de campo, 12/09/17).



A “ocupação dos espaços”, bem-estar, direito ao trabalho, segurança e empoderamento eram fatores que, na visão das integrantes do coletivo, produziam saúde física e mental. Tais assuntos eram conversados em todas as reuniões do Tulipas do Cerrado. Juma falava enfaticamente: “Sou mulher como as outras, como as feministas. Sou usuária de drogas. Se as outras tem os espaços delas, eu, trabalhadora sexual, também tenho o meu!”. Nestas reuniões, era comum sentarmos em roda e falarmos sobre questões cotidianas. Diversos assuntos eram tratados de maneira informal, como por exemplo o uso de drogas, feminismo, movimento de prostitutas, entre outros.

Nas ações realizadas na W3 norte também eram tratados assuntos que ultrapassavam a dimensão biológica da saúde, como visto no trecho abaixo, registrado em diário de campo:

Algumas integrantes do Tulipas do Cerrado, em meio a um tempo chuvoso, saíram para campo a fim de fazer a distribuição de kits de natal para as prostitutas. Era fim de ano, e tal período não poderia passar em branco. Nesta ação, falamos com muitas mulheres, explicamos um pouco sobre o trabalho que estávamos fazendo e sobre questões importantes acerca de saúde, segurança e palavras sobre empoderamento. Pouco antes de irmos embora, avistamos um grupo com cerca de seis ou sete mulheres em roda. Nos aproximamos. As mulheres ficaram pouco desconfiadas, mas logo depois de nos apresentarmos elas entenderam do que se tratava. Uma delas disse ter pensado que nós fazíamos parte de um grupo evangélico. Sorrimos. Em meio a um clima leve, conversamos sobre drogas, sobre rede de serviços de saúde e segurança. Juma falou sobre a importância da mulher se empoderar e ser dona do próprio corpo. Da importância da valorização do espaço que ela ocupava e da identidade da trabalhadora sexual. Ela falava que a profissional do sexo não poderia aceitar ser tratada com preconceito e que precisávamos denunciar qualquer abuso. Falou da importância da PEP, do uso do preservativo feminino e que o entendimento e uso destes recursos poderiam munir a mulher para ser um pouco mais dona de si. Todas prestavam atenção e riam em muitos momentos. Elas mencionaram que as mulheres tinham de se valorizar e estar sempre juntas na luta contra o preconceito.

Nestas ações, eram fornecidas informações sobre ISTs, distribuição de preservativos, encaminhamentos para os serviços e estímulo ao cuidado da saúde física na prevenção à doença. Procuravam, sempre que possível, acrescentar falas sobre os direitos humanos. Eu percebia que todas estas informações juntas ampliavam o significado de saúde. Em alguns momentos a saúde era o “não estar com doença”, em outros, era empoderamento, conscientização de direito e autoestima.

Esse tipo de ação possibilitava um contato mais integral com as profissionais do sexo que nos escutavam nas noites em que o coletivo Tulipas do Cerrado saía às ruas. Voltar a atenção não somente para os procedimentos que evitavam a infecção por doenças, mas sim para os aspectos que permitiam uma troca de informações de maneira leve e não impositiva, destacava outras dimensões do “ser prostituta” que ultrapassavam e desmistificavam a falácia da vinculação entre prostituição e doença.

Pensando, de uma maneira geral, nas ações realizadas com o público de prostitutas, Leite, Murray e Lenz destacam que tais intervenções devem avançar de ações que focalizam somente a saúde sexual (uso de preservativos e testagens, por exemplo) para ações que olhem para as redes de apoio e expandam para o contexto político da prática (80). As ações educativas precisam ser mais efetivas para que cada vez mais profissionais do sexo possam se utilizar dela como estratégias de cuidado e como núcleo pelo qual as experiências e informações tenham livre tráfego. Os efeitos benéficos das ações educativas são transversais aos processos de saúde-adoecimento e, sendo assim, se faz necessário ampliar estas ações de modo que elas sejam emancipatórias

\*

A espiritualidade e o movimento político-social das profissionais do sexo constituíram-se terrenos férteis para o encontro e construção dos significados acerca da saúde, adoecimento e cuidado. A partir destes dois pontos chaves, as prostitutas foram, aos poucos, mostrando as diversas dimensões do “ter saúde”, do “estar adoecido” e do “cuidar de si mesmo”.

Outra dimensão mostrada, ainda relacionada a estas temáticas, foi a da violência. Esta foi uma categoria que se repetiu nas conversas que tive com as mulheres da pesquisa e se mostrou como um fator de desigualdade na busca e acesso aos serviços de saúde.

## 5.2. *“Não adianta, a pessoa já te olha com outros olhos”: a violência e sua relação com a saúde*

A frase que abre este tópico é muito significativa. Proferida por Jasmim, em uma de nossas conversas, demonstra como a violência pode se materializar em um simples ato cotidiano: o olhar.

A pessoa já te olha de forma diferente se você falar que é garota de programa. Não dá, a sociedade é assim! [neste momento, com seus olhos baixos e pensativa, um pesar tomava conta de sua face] (diário de campo, 21/08/17)

Esta “boa sociedade” que segundo Simmel se constitui a “executora mais severa” (p.3), insiste em tratar mulheres que realizam o trabalho sexual de forma diferenciada (5). O olhar se constitui somente uma destas formas, mas veremos ao longo deste trabalho que as participantes da pesquisa vivenciaram outros tipos de materialização da violência e estigma. Essa reflexão é trazida ainda por Violeta que revela “mentir um pouco<sup>49</sup>” para evitar o preconceito por sua ocupação e os tais olhares da exclusão: “Eu invento outra coisa, né? Invento que trabalho em uma loja ou que eu trabalho para mim mesma vendendo roupa. Faço isso porque tem muito preconceito na cidade. Não é bom falar porque alguém sempre comenta: ah, aquela puta.”.

Rosa também precisou esconder sua atividade como prostituta logo quando começou a realizá-la, tanto para ter seus direitos garantidos quanto para evitar preconceitos direcionados a seu filho: “Antes eu negava que era puta. Jamais! Eu era cozinheira, doméstica, dona de casa. Jamais puta. Que eu via que não tinha resultado, sabe? Nenhum! Nem na saúde, nem na educação, nem na polícia, se precisasse. Vão dizer para os meus filhos ‘não, filho de puta não tem jeito aqui não.’ Tá me entendendo? Eu vi isso acontecer! E nem na própria justiça você não é nada sendo puta.”

O “estigma de puta” a perseguiu quando era apenas uma adolescente e precisou dormir na rua: “minha mãe me colocou para fora de casa, né? E me chamou de puta. Eu passei fome. Não tinha como sobreviver ali. Muito frio, eu corria de noite e me escondia nos matos porque os caras me seguiam para me estuprar. O povo da minha cidade era muito ordinário. Eles me negavam o que comer, porque para eles eu era puta, eu era suja”. Continuando a história de sua

---

<sup>49</sup> Diário de campo, setembro de 2017.

vida mencionou as ofensas que recebia de pessoas próximas a ela: “Minha sogra também me ofendia. Me humilhava. E eu grávida na época. Ela não me aceitava porque ela queria para o filho dela um outro tipo de mulher, né? Que não fosse prostituta, que não tivesse o passado sujo.”

Nesta linha, Lis também mencionou sua opinião acerca do preconceito social com relação à prostituta:

Eles te tratam diferente, eles te tratam mal. Mas quando eles vem no cabaré comer a gente, são maravilhosos. É desse jeito que tô falando! É cada situação que a gente passa (diário de campo, 03/10/17).

Todas estas situações falam de algo em comum: a violência. Uma temática corriqueira durante todo o processo da minha vivência e observação em campo e que se revelou também através das falas das mulheres entrevistadas. As mais diversas situações foram experienciadas por elas e tinham nos policiais, profissionais de saúde, no Estado (ou a ausência dele), clientes e familiares a figura de alguns dos principais agentes causadores desse processo.

Segundo Minayo a violência é um fenômeno sócio histórico, multifacetado e tem como característica a pluralidade (100). O desprezo, preconceito ou menosprezo com o outro, discriminações, exclusão e crueldade representam elementos que compõem as várias faces de sua manifestação. Torna-se evidente que a violência se comporta como uma questão social e, enquanto tal, desemboca nas várias dimensões do cotidiano das pessoas. Apesar de não ser considerada em si uma questão de saúde pública, ela afeta grandemente a vida dos indivíduos e é por isso, assumida tanto pelo plano nacional quanto internacional como um objeto social e de saúde (100) (101).

Por provocar agravos mentais, físicos e emocionais, diminuindo a qualidade de vida das pessoas e dos grupos sociais, nos últimos anos o setor saúde tem incluído o tema da violência em suas discussões para que haja uma prevenção deste fenômeno e um melhor acolhimento dos casos que, porventura, apareçam nas instituições de saúde (100). Entretanto, tomando por base alguns discursos proferidos pelas participantes, o manejo por parte da instituição tem muito a melhorar.

Para Jasmim é possível notar as reações de alguns profissionais de saúde quando ela diz ser prostituta “Eu acho que eles tratam mal a mulher que faz programa. Porque a gente vê no semblante deles, no jeito que falam com a gente [...] Se você for em algum posto aí, eles te tratam diferente, jogam gracinha pra você. Tipo isso!”.

Rosa mencionou não gostar do modo como os médicos a trataram nos momentos em que mais precisou e em uma das conversas relatou:

Um dia eu estava com um cliente, tendo uma overdose. Cheguei no hospital segurando a minha língua com um lençol. Eu estava pelada e não largava o lençol. E o médico me torturando: ‘Eu vou deixar você morrer. E ele sabia o que eu estava fazendo, né? E eu falando: não moço, pelo amor de Deus me salva! (diário de campo, 07/08/17).

Em outro trecho ela revelou de forma ríspida:

Bah, se tu for no médico e falar para a enfermeira, porque você é obrigado a falar, né? Se você falar que usa drogas, que você fuma ou que você trabalha na prostituição, se você fizer isso, médico nenhum te atende, nem olha para sua cara. É capaz de nem entrar no consultório para ser atendida. É muito difícil isso, de cem médicos salva só um por aí. Nem vou falar o que penso de médico, né? [falo para ela ficar à vontade e falar o que quiser]. Eu penso que eles são pagos para serem assassinos. [...] tem médico que se nega a olhar a vagina de uma mulher que é puta e porque estourou a camisinha. Eu já vi tanta coisa nessa minha vida. Você não tem noção! (diário de campo, 07/08/17).

Enquanto conversava sobre tais assuntos Rosa se exaltava. As palavras firmes, que vinham acompanhadas de baforadas de cigarro e goles de café, demonstravam plena insatisfação com os atendimentos em saúde. Ela era enfática em suas colocações, como se quisesse que sua fala extrapolasse o local que estávamos.

Já Dália, com suas calmas palavras, denunciava o mal atendimento que ela e suas amigas recebera ao longo dos anos em que trabalhou como prostituta:

Já acompanhei muitas mulheres no serviço público. É péssimo. Péssimo! São pouquíssimos, eu conto nos dedos, os profissionais que me ajudaram. Você chega com uma pessoa, uma trans, ou travesti, quando eles (os profissionais de saúde) sabem que é prostituta já tratam diferente. Se chega uma prostituta com doença venérea lá eles falam “procurou, foi você que quis”. Pode até atender, mas já joga na cara (diário de campo, 28/07/17).

O que as falas de Rosa, Dália e Jasmim têm em comum? A violência institucional! Todos os trechos citados falam sobre questões que se repetem nos diferentes serviços de saúde, nas mais diversas localidades do Brasil, que se repetem inclusive com muitas das participantes

desta pesquisa, confirmando a ideia mencionada por Azeredo e Schraiber a qual dispõe sobre este tipo de violência não ser pessoal ou pontual (101). A característica de “institucional” vem justamente dessa constância e da distribuição de tais episódios, que demonstra a existência de elementos na estruturação da relação entre sujeito e serviço de saúde que conduzem a tal realidade. Azeredo e Schraiber falam ainda que a violência institucional tem a ver com adequação de corpos, histórias e subjetividades de indivíduos, que possuem necessidades diferenciadas e se apresentam de formas diversas, à rotinas, burocracias e procedimentos técnicos do serviço de saúde (101). É a adequação deste indivíduo a uma lógica “dura” a qual não tem espaço para compreensão do outro, muito menos para o diálogo com o paciente. Pelo contrário, há uma imposição das perspectivas do profissional e uma tentativa do controle deste outro subsidiado por uma questionável verdade científica que, por vezes, valida e justifica seu ato. Falamos de uma imposição de um desejo pessoal que se direciona ao usuário do serviço.

Nessa tentativa de adequação do outro à lógica do serviço é percebida a não visualização da máxima “cada caso é um caso”, que era mais popular na medicina de antigamente quando o médico ainda “carregava uma pequena maleta rumo à morada de seus pacientes e conhecia sua família, trabalho e hábitos”. Nesse contexto, Rosa nos traz um acontecimento vivenciado em uma unidade básica de saúde e que nos oferta uma reflexão:

Essa semana Rosa disse ter ido à unidade de saúde com Lis. Ela esteve adoentada ao longo destes dias e queria ter uma consulta para descobrir qual era o problema. Rosa fez questão de me contar o ocorrido e exigiu que eu colocasse o trecho neste trabalho. Sorri, pois sabia que viria história. Em tom de voz alto e gesticulando, como era de costume, ela começa a reproduzir o que vivenciara no dia anterior. Ela começa falando: “Pois é Carol, fui ao postinho de saúde ali em cima. Já era de tarde, mas eu fui lá porque precisava me consultar. Cheguei no recepcionista, falei com ele. Ele disse que não poderia me atender porque não tinha vaga, com aquela cara de animação. Justifiquei dizendo que era profissional do sexo, cheguei até a gritar ‘Eu sou profissional do sexo! Você sabe que aqui tem a associação da profissional do sexo? É meu direito!’. E ele continuou falando que eu precisaria chegar às 6h da manhã e pegar a ficha. 6h da manhã? Eu tô bêbada, trabalhando, indo dormir! Eu e minha amiga aqui, a gente é puta. Fala pra ele que você é puta também, Lis! Todo mundo tava olhando a gente, Carol. Eu não tô é nem aí! Falei mesmo!” (diário de campo, 01/12/17).

Essa situação demonstra um pouco sobre a dificuldade de atendimento às diferentes realidades que chegam ao serviço. A negação inicial ao atendimento, sem ao menos uma conversa prévia e explicativa dos porquês deste tipo de conduta é no mínimo questionável.

Neste cenário, especificamente, Rosa foi atendida e ela mesma relatou conseguir por ter feito um “escândalo” e por ter citado os seus direitos enquanto profissional do sexo: “Eu falei Carol, o tempo todo da associação da profissional do sexo. E o homem (o servidor que estava na recepção) abriu um olho desse tamanho!”. Cabe-nos questionar sobre aquelas mulheres que não tem condições de voltar ao serviço, ou ainda sobre a população que trabalha no período noturno e não consegue chegar às 6h da manhã na unidade de saúde. Essas indagações podem ser úteis para uma reflexão acerca do atendimento que queremos e sobre os desafios que precisam ser vencidos para que haja um atendimento de qualidade para a população.

Lis mencionou que seria importante uma atenção mais cuidadosa a este grupo:

Eu acredito que seria bom ter um atendimento especializado, sim. Ajudar que elas se precavessem mais. Realmente mostrar as doenças que tem, os riscos que realmente muitas correm pelo fato de não se prevenir, não se cuidar. Igual, tem muitas doenças que você pega pela saliva, né? Umas doenças assim que são cabulosas e que as vezes não é mostrado e muita gente não sabe. [Você faria algo para mudar esta realidade?] Eu botaria pessoas para divulgar as doenças, falar, dizer: “Ó, se você fizer isso e isso e isso, vai acontecer isso e isso e isso”, entendeu? (diário de campo, 03/10/17).

Esta ideia colocada por Lis é semelhante àquilo que os redutores de danos faziam nas mais variadas regiões do Distrito Federal, inclusive em Planaltina. O PRD esteve presente no DF por pelo menos treze anos e realizava o trabalho de prevenção e promoção à saúde no campo da saúde mental, álcool e outras drogas. Segundo Passos e Souza, a redução de danos é uma proposta que tem como objetivo reduzir os danos individuais e sociais advindos do uso e abuso de drogas lícitas ou ilícitas, além de ser uma estratégia realista e pragmática (102). Os agentes redutores de danos se direcionavam aos locais em que havia consumidores de substâncias psicoativas ou em alguma situação de vulnerabilidade e faziam atendimentos daqueles sujeitos, utilizando um caminho semelhante aos que Lis refletiu no trecho de nossa entrevista. Atualmente este Programa não mais existe no DF e, até o presente momento, nenhuma outra equipe de redução de danos visitou ou atendeu especificamente aquela área na qual fiz campo.

Dália também opina que uma assistência específica para a população das prostitutas seria importante para o reestabelecimento dos direitos daqueles sujeitos. Em seu pensamento, um local que se assemelhasse a um centro de convivência seria o ideal para fazer um trabalho mais próximo destas pessoas. Dália refletiu, fez vários planos e comentou: “Se tivesse um lugar onde elas pudessem chegar, sentar, fazer aquela roda de conversa, tipo o AA ou o NA ou até

mesmo o CAPS, e elas pudessem comentar ‘Ah, hoje eu fui mal tratada!’ e outra ‘Eu também fui, então não vou querer mais esse tipo de cliente.’, ou também ‘Ai, eu tô doente.’ e tivesse alguém para falar ‘Vamos pro médico, vamos tratar.’ Um lugar onde tivesse uma assistência, elas se valorizando. Se tivesse isso elas não iam fazer tanta besteira e poderiam até pensar em um futuro. Como te falei já, a prostituição não é para vida inteira. E se existisse um lugar assim?”

Jasmim seguiu o pensamento de Dália e comentou que um local específico para o atendimento das profissionais do sexo ajudaria no cuidado deste seguimento e idealizou um lugar “que nem aquele posto que inauguraram para as travestis”, referindo-se ao primeiro ambulatório trans do DF, inaugurado em agosto de 2017.

Estas falas e desejos colocados pelas participantes da pesquisa trazem em si um conceito muito caro ao Sistema Único de Saúde: a equidade. Mais do que tratar todas as pessoas como iguais, o termo traz a ideia de justiça, ou seja, de fornecer uma atenção justa e diferenciada de acordo com as necessidades de cada pessoa ou população (103). Esta é uma tentativa de minimização das desigualdades em saúde e mais uma das tentativas de adequar as práticas aos interesses específicos dos sujeitos. A fala das mulheres explicita também essas dessemelhanças entre os diferentes grupos sociais, sentidas em seus próprios cotidianos.

\*

Moreira e Monteiro chamam a atenção para o ambiente de trabalho das prostitutas (104). Segundo as autoras, o ambiente que essas mulheres trabalham incide diretamente na vulnerabilidade à violência e agressões, tanto por parte de ações arbitrárias policiais, agenciadores e clientes, no que diz respeito ao contrato estabelecido pelo programa e o preço a ser pago.

Pensando nos locais de trabalho como fator que pode promover violências, Rosa mencionou algo significativo que marcou sua experiência na prostituição: “Quando fui trabalhar na rua foi que eu conheci a realidade, né? Corria de polícia. A realidade era outra... sofrida.”

Juma também atentou para os perigos de se trabalhar na rua:

O Estado deixa a gente completamente vulnerabilizadas. Ser prostituta não tem problema, mas se eu quiser me juntar com mais 4 amigas dentro de um apartamento para trabalhar eu não posso. Tenho que ficar na rua,



correndo risco de ser estuprada, colocada dentro de um carro e morta (diário de campo, 29/06/17)

As profissionais do sexo que trabalham na rua sofrem desigualdades de saúde e vivenciam altas taxas de estigma e violência (105). Estes são determinantes estruturais que afetam a saúde e as formas de cuidado de si promovendo à mulher alta vulnerabilidade à aquisição de doenças (106). Pensando nisso, trabalhar em ambientes fechados pode ser uma estratégia de ampliação da segurança pessoal (107). Sanders e Campebell apresentam a opinião de uma entrevistada que descreve o trabalho em ambientes internos como promovendo um maior senso de controle e proteção (107). Isto foi, de certa forma, apontado por Lis ao se referir ao bar de Planaltina:

Trabalhar aqui ajuda bastante. Os clientes são mais selecionados, pessoas que vêm na intenção de se divertir, arrumar uma pessoa para satisfazer eles. Não é igual aqueles loucos lá da rua não. Lá era muito cabuloso. Lá eles não têm dó (diário de campo, 03/10/17).

Estas são formas de gerenciamento da violência e implicam diretamente no aumento de possibilidades do cuidado de outras esferas da vida, como a saúde. De acordo com Lis, o fato de existir um gerenciamento do local, as transações sexuais como, por exemplo, a negociação do uso de preservativo, de alguma forma se tornaram mais facilitadas (106) (108).

Porém, em contraposição a isto Januraga, Somers e Ward atentam que ambientes fechados também podem ser, em essência, extremamente competitivos e hostis, principalmente para a mulher recém-chegada no local (109). Sobre isso Hortênsia me alertou no início da pesquisa acerca de outros cabarés: “A competição por cliente é grande em outros lugares. Lá as meninas dão garrafada na cara das outras por causa de cliente”.

Além disso, vale mencionar também que estas casas fechadas podem ser locais de bastante exploração por parte do “agenciador”, também conhecido como “cafetão/cafetina”. Rosa contou sua experiência em um dos cabarés de beira de estrada em que ficou quando estava a caminho de Brasília em que a cafetina lhe induzia ao uso do crack. Nessa linha, Juma mencionou que no DF “tem muita mulher que é explorada e algumas ficam na Asa Norte”. Completou: “Elas são trazidas lá do Norte para se prostituírem aqui [...]. A gente acaba acompanhando muitas mulheres que são exploradas, literalmente, em espaços de saunas.”

Dentre os riscos aos quais às mulheres estão expostas também podemos citar as agressões por parte de clientes. As participantes, sem exceção, relataram diversas experiências negativas com homens no ato do programa. De acordo com Moreira e Monteiro, uma pesquisa

realizada com profissionais do sexo na Inglaterra, em Leeds, Escócia, Glasgow e Edimburgo exemplifica em números situações colocadas por prostitutas (104). Tal pesquisa evidenciava que 11% das mulheres foram estupradas por clientes, 22% sofreram tentativa de estupro, 30% foram chutadas ou esbofeteadas e somente 34% delas fizeram algum tipo de denúncia à polícia.

Ameaças e retaliações são uma realidade na vida destas mulheres. Sobre isso, Jasmim exemplificou com uma história que vivenciou em sua quitinete:

Uma vez um cara chegou drogado aqui, aí eu comecei a fazer o programa, mas antes disso já havia pedido o valor adiantado como sempre faço. E o cara doidão. Aí ele virou para mim e falou “eu quero ver se você vai me fazer gozar”. Ele já sabia que não iria gozar, porque ele estava “cheirado”, você tá entendendo? E eu perguntei para ele se ele tinha usado alguma coisa, se ele tinha bebido, porque se tivesse feito ele não iria conseguir. Eu ainda falei que era melhor devolver o dinheiro e ele descer, mas ele só falou: “Não, gatinha. Relaxa!”. Eu já tinha tentado chupar ele de camisinha, brincando e nada. E o cara que estava com ele já estava chamando. Aí eu falei “olha, eu vou devolver a metade do seu dinheiro porque eu perdi o tempo com você aqui”. E ele: “Não, eu quero meu dinheiro de volta!” O amigo dele falou para ele parar com isso. Mas quando vi ele tinha “passado a mão” no meu celular. Quando fui ligar para polícia o amigo dele disse que não precisava. Esse cara então ficou me ameaçando, dizendo que ia me matar (diário de campo, 23/08/17).

Juma, com a consciência política latejando falou: “Já fui jogada de carro, já fui soqueada, já aconteceu muita coisa. Por quê? Pela falta de legalidade mesmo! Porque se fosse um trabalho legalizado eu não tinha passado por essas violências que eu passei”. Segundo Juliano, a falta de reconhecimento da prostituição como um trabalho aumenta a vulnerabilidade das mulheres que estão engajadas nesta atividade e as deixa, de certa forma, desprotegidas (110), como completa Juma: “Nós profissionais do sexo, por viver na clandestinidade, estamos expostas a muitas agressões.”

Lis, em suas divagações, diferenciou dois tipos de clientes: “Aqueles que vêm com amor” e “aqueles que vêm através do carnal, que vêm à base do agressor”. Estes, por sua vez, não respeitavam as mulheres e não honravam o contrato realizado antes do programa. Alguns deles, inclusive, faziam uso de objetos de ameaça, como contou em uma de suas experiências: “Saí com um cliente que ele rodava um revólver e falava ‘se você não me dar gostoso, você vai morrer’. E eu, com o cuzinho na mão, falando: não, meu amor. A gente vai gozar colorido, não se preocupe não!”

Juma explicou o que entendia por quebra de contrato:

Porque o cara as vezes faz o que bem quer com você. Você é literalmente “es-tu-pra-da” no seu local de trabalho, para ser exata. Eu acho que a palavra correta é essa. Em alguns momentos você é violentada por mais que você esteja recebendo pelo seu programa, porque o cara está fazendo coisas que não são contratuais ali, naquele momento (diário de campo, 12/09/17).

Jasmim descreveu suas razões para não confiar nos clientes: “Tem cliente que rasga a camisinha. Meu tio [que também realizava programas] falava para mim que eles furavam a camisinha, furavam o pacotinho da camisinha lacrado, entendeu? Furava! Abria na nossa frente, mas nunca se sabe, né? Se ele furou com alfinete ou com palito.”

Outra experiência negativa com relação ao cliente é a retirada do preservativo sem o consentimento da mulher que lhe presta serviços sexuais. Jasmim falou que mantinha-se atenta ao preservativo durante o ato sexual: “eu pego para ver se ele tá de camisinha, porque tem uns, minha filha, que arranca”. Da mesma forma, Rosa se protege das eventuais retiradas de preservativos.

Já Hortênsia comentou que era necessário ficar atenta ao cliente no momento em que estão sentadas à mesa com ele e me orientou dizendo: “nunca se deixa o copo ou a bebida na mesa, sempre tem que ter a mesma por perto, de preferência à mão. Se fosse ao banheiro, deveria levar a bebida também. Ela ainda disse que tinha muito homem que dopava a mulher e que deixava doidona para que ele pudesse ‘comer’ de todas as formas”. As frases proferidas e estratégias utilizadas tanto por Jasmim, Rosa e Hortênsia revelam a constante preocupação com a violação sexual em situações de trabalho.

Lia Machado pontua a importância do imaginário da sexualidade e do gênero na definição dos lugares do feminino e masculino em nossa sociedade, em se tratando das representações do estupro (111). Pensando neste imaginário, podemos observar que a sexualidade masculina é tida como aquela que detém a “iniciativa”, a ação ou a virilidade (p.233) e a sexualidade feminina como a que sempre se esquivava, aquela que “diz não para dizer sim” ou relacionada a fragilidade. O homem viril, portanto, precisa “aproveitar as situações”, conquistar sua dignidade em qualquer momento e a qualquer custo, elementos estes que o legitimam. Aquilo que Hortênsia traz, sobre alguns clientes doparem as prostitutas para terem relações sexuais com elas da forma como quisessem, parece se adequar a uma ideia de livre acesso ao corpo feminino por parte dos homens, afinal, eles são munidos simbolicamente da

iniciativa, sobretudo da iniciativa sexual e um “não” poderia ferir a sua virilidade, colocando em risco a sua “macheza” (111).

Em seu estudo com sentenciados pelo crime de estupro, Machado revela que a auto referência dos apenados com relação ao momento deste ato varia de “não sei o que me deu”, “fraqueza” ou tentação por “figuras do mal” (111). O “não saber” pontuado pelos homens com relação às motivações do crime traz um pouco a ideia de um conhecimento prévio e circulante que de alguma forma validava este homem no alcance do corpo da mulher, que se fazia a partir de uma oportunidade posta ou da produção dessa oportunidade. A oportunidade produzida podia ser o ato de dopar a mulher, como exposto por Hortênsia.

As diversas quebras de contrato por parte dos clientes, seja “dopando a mulher”, retirando o preservativo, entre tantos outros atos relatados, demonstram novamente uma tentativa de validação da virilidade do homem. Segundo Machado, há uma expectativa social e moral vigente a qual traz a ideia de um homem que transforma os “nãos” iniciais das mulheres em “sins” (111). Qualquer situação que escape a esta lógica pode, de certa forma, representar uma resistência ao estabelecido e, sobretudo, um questionamento à sua virilidade.

Em campo, chamou minha atenção uma situação em que um dos clientes conversou comigo e ele próprio denuncia as atitudes dos amigos, como registrado em diário de campo:

Estava sentada no banco, sozinha no momento. Um dos três clientes que entraram no bar saiu para conversar comigo e fumar. Ele falava sem parar sobre sua rotina e sobre conhecidos. Tempos depois confessou que estava lá comigo porque queria sair da mesa dos amigos. Continuou explicando: “Porque eles nunca vieram nesses lugares assim e acham que só porque estão pagando eles podem falar o que quiserem com as meninas. Aí o cara fica falando besteira, fazendo besteira”. Neste momento, mostrou um certo tipo de violência que acontecia ali naquele espaço, o que eu já havia percebido em outras visitas a campo (diário de campo, 20/11/17)

Muitas vezes, o homem, como na situação demonstrada, por estarem pagando pelos serviços sexuais ou companhia das mulheres, se sentiam legitimados a fazer e falar aquilo que quisessem com as prostitutas. Camélia, por exemplo, neste contexto relatou que haviam homens que não respeitavam as trabalhadoras: “Elas sentiam dor. Tinha homens assim, sabe, estúpidos! Machucavam elas (no momento do programa).” Juma também enfatizou situações desse tipo. Segundo ela, apesar de perceber que a prostituição em sua vida foi, de certa forma, “boa”, sinalizou para a exposição à violência por parte de homens: “A gente sofre muita agressão. A gente é submetida a coisas que a gente não gosta de fazer porque a gente tá dentro de um

ambiente... um carro, um quarto de motel... e o cara se sente no direito de fazer o que quer. Porque às vezes o cara tá fazendo o que bem quer ali com você.” Ela também colocou que o fato de ser prostituta funcionava para muitos homens como um fator que favorecia o estupro: “Às vezes o cara fala: Ah, é prostituta? Então vamos estuprar mesmo!”.

Ser estúpido, forçar uma relação, ser agressivo, impor sua vontade, entre outros, são elementos que remetem à ideia que Lia Machado traz de “macho social”, a qual é subsidiada pelo lugar simbólico ocupado pela masculinidade na sociedade (111). O macho social é aquele que impõe sua vontade no plano social e que se constitui como o “agente do poder de violência” (112). Desta forma, aqueles elementos são valoradas positivamente porque manifestam força, iniciativa, dão continuidade e reforçam a ideia de virilidade. A mulher, por sua vez, é submetida à passividade e a rotulações que auxiliam na construção da imagem e atitudes socialmente esperadas por aquele grupo. Seguindo esta ideia, são trazidas à luz a concepção de mulheres “de família” e as “prostitutas”, categorias dinâmicas que se concebem a partir do imaginário dominante ou patriarcal. A ideia de prostituta, como mostrado na fala de Juma, circula atrelada a percepção de “permissividade”. Por ser prostituta não há nenhuma culpa ou resistência.

O cabaré explicita aquilo que é visto na estrutura da sociedade: um sistema patriarcal que ainda hoje subjuga as mulheres. Juliano, inclusive, chama a atenção para a interligação entre os diversos fenômenos (110). Segundo a autora, quando nos referimos à prostituição parece que estamos falando sobre uma esfera separada das demais condutas sociais, como se essa estivesse à parte das condições econômicas e morais da sociedade que as produz. Juliano diz ainda que a prostituição deve ser considerada como um ponto estigmatizante dentro do cenário no qual estão presentes papéis sociais, laborais, familiares, entre outros assumidos por mulheres e que são aceitos ou rejeitados a partir de uma avaliação social (110). A violência de gênero, nesse contexto, se fez presente na atividade realizada pelas participantes da pesquisa, mas não somente lá, atingindo muitas outras esferas do cotidiano.

Este é um assunto que não está sendo mostrado somente em pesquisas nacionais, mas de acordo com Piscitelli a produção internacional, em particular, tem dado atenção às relações de poder e às violências presentes na prostituição feminina (49).

Como disse Alvarez, a violência “se reflete no ‘ar de família’ entre os símbolos que orientam o cotidiano destas mulheres” (p. 196) (37). Tais mulheres tem como pano de fundo esta condição, o que me leva a refletir: qual é o papel da violência na construção do cotidiano e como ela influencia a saúde mental destas mulheres? Camélia relata que a saúde mental das mulheres é prejudicada por conta tanto da rotina de trabalho quanto como resultado da violência que são submetidas. Esta condição pode, inclusive, favorecer o uso de drogas. Sobre isso

comentou: “Elas ficam naquela coisa de beber. Desde cedo. Aí quando chega mais tarde para aguentar o que ela já bebeu e principalmente para aguentar os clientes, elas usam cocaína, porque se não elas não seguram a onda.” Juma complementou enfatizando que de fato o consumo de substâncias é utilizado como estratégia para lidar com as dores vivenciadas:

O uso de drogas acaba entrando aí nesse contexto das vulnerabilidades que passam as trabalhadoras sexuais. O uso da droga acaba entrando na vida! E deixa eu deixar bem claro que o uso da droga está no contexto de todas as trabalhadoras sexuais, porque dificilmente a trabalhadora sexual não se envolve inicialmente com o uso do álcool, porque dentro das boates você acaba sendo obrigada (diário de campo, 12/09/17).

Tais contextos claramente aumentam a vulnerabilidade psicológica da prostituta. Para Vidal, *et al*, mulheres que se prostituem possuem uma maior predisposição sociobiológica para o desenvolvimento de transtornos mentais comuns (113). Os autores falam ainda que especificamente as profissionais do sexo, devido ao contexto de grande vulnerabilidade, parecem apresentar uma saúde pouco mais debilitada que o restante da população. Sendo assim, vale o questionamento sobre qual é a funcionalidade da droga no cotidiano da prostituta e se, de alguma maneira, este consumo não representa uma maneira de cuidado de si.

\*

Todos estes elementos citados ao longo do texto demonstram o tema da “violência” que se destacou na fala das mulheres que participaram da pesquisa. Esta temática subdividiu-se em outras formas de violência como a institucional, de gênero e por parte dos clientes, todas vivenciadas ao longo da trajetória das mulheres no trabalho sexual. Estas manifestações constituem-se fatores que afetam diretamente a saúde, tanto física quanto mental, destes sujeitos. A seguir explicito um pouco mais sobre as estratégias de cuidado de si utilizadas pelas participantes desta pesquisa nas esferas de suas vidas, elucidando com se dá essa agência e os elementos participantes.

## 6. Protagonizando e socializando o cuidado

Sábado, oito horas da noite. Eu e Amarílis estávamos sentadas do lado de fora do bar. Ela tinha em sua mão uma lata de cerveja. No chão, muitas outras, vazias, resultado de um dia animado com um cliente. Enquanto olhávamos o céu escuro e as luzes dos carros que subiam e desciam a pista, eu explicava [mais uma vez] um pouco sobre os objetivos da pesquisa. No meio da conversa falei: “Ah, Amarílis, esqueci de te perguntar semana passada. Nessa pesquisa que tô fazendo pretendo entrevistar algumas mulheres pra entender um pouco sobre como elas protagonizam o cuidado e entender algumas questões vinculadas à saúde e adoecimento. Meu trabalho é bem na linha da antropologia da ‘saúde’. Daí queria saber se você toparia bater um papo sobre isso [...]. Antes de me deixar terminar, ela logo respondeu: “Ih, Carol. Mas eu me cuido muito! Esse negócio de doença não tenho, não. É igual o que te contei, se eu vacilo, vou na farmácia, tomo uma pílula. Acho que não vai ter muita coisa para falar, não. Não tenho nenhuma doença. Minha saúde tá bem” (diário de campo, 06/05/17).

O comentário de Amarílis nos mostra diversos elementos que formam um caminho inicial na discussão deste tópico do trabalho. Um destes elementos diz respeito à imediata vinculação entre saúde e ausência de doença. Para explorar um olhar mais amplo acerca das práticas de cuidado no campo da saúde, a observação do cotidiano e as várias conversas com as profissionais do sexo foram extremamente importantes, servindo inclusive como estratégias para compreender melhor a ideia de cuidado de si.

Em sua pesquisa, Mota e Trad também tiveram de melhor direcionar os olhares para os significados e falas da população estudada (97). Foi necessário transcender a vinculação entre saúde e sistemas oficiais ou entre saúde e paradigma biomédico que, no primeiro momento, eram trazidos nas respostas dos sujeitos da pesquisa destes autores.

De maneira análoga, Amarílis, por exemplo, contou-me diversas situações e ações nas quais cuidou de si, entretanto, sempre quando perguntada formalmente acerca das práticas de cuidado, sua fala girava em torno da ideia biomédica de saúde-adoecimento-cuidado. O “uso de preservativo” e a “realização de testagem para HIV” eram alguns dos focos das primeiras respostas que eu recebia quando questionava sobre como elas se cuidavam. Percebi, contudo, que tanto Amarílis quanto as outras mulheres desta pesquisa tinham muitas coisas para falar sobre o cuidado de si no cotidiano, sobre as estratégias que utilizavam e, sobretudo, a rede que era acionada para isto. Estas estratégias eram aprendidas, reinventadas, repassadas, criadas e adaptadas. Aqui nos deparamos com um universo em que os modos de operação exclusivamente

baseados na ciência ‘biomédica’ não eram suficientes para o cuidado da saúde, apesar de serem extremamente citados.

Protagonizar o cuidado diz respeito às ações que são produzidas pelos próprios sujeitos no ato cuidarem de si. Refere-se a reflexões e práticas que acontecem não são somente de “fora para dentro”, mas transitam por múltiplas dimensões da vida social e da vida psíquica. Assim, também são práticas cujos focos vão além das relações sexuais, de evitar uma gravidez ou qualquer sorte de patologias, mas falam muito acerca do alcance do bem-estar biopsicossocial e espiritual do sujeito (84).

Nesta pesquisa, os cuidados com a saúde e a potencialização do estado de bem-estar puderam ser compreendidos a partir da distinção entre cuidados realizados e aprendidos no contexto da prostituição e cuidados do corpo físico, psicológico e espiritual, que foram trazidos a partir da prática de cada uma (biografia, relação com os amigos, família, entre outros).

\*

As estratégias narradas para concretizar o cuidado consigo mesma, no cotidiano da prostituição, foram diversas. Jasmim relatou que os meses como profissional do sexo foram importantes para criar os próprios caminhos que lhe ofertassem mais segurança em seu trabalho: “A gente vai adquirindo mais experiência trabalhando, né? A gente usa lubrificante para camisinha não estourar. E no caso de estourar, a gente vai lá e toma coquetel. E assim vai indo...”. Os “pequenos truques”, os modos de lidar com o cliente e as melhores estratégias são aprendidas no decorrer do tempo de trabalho, dado este também pontuado por França em sua pesquisa com prostitutas. Jasmim também mencionou sobre suas táticas para acelerar o programa e para evitar alguns pedidos realizados pelos homens (114). A seguir destaco uma situação registrada em diário de campo:

Por volta de 21h30 fui até a quitinete de Jasmim, na Asa Norte. Hoje marquei com ela de realizarmos a entrevista, mesmo em seu horário de trabalho. Jasmim chegou do primeiro turno de trabalho e logo foi se arrumar para fazer os programas. Após isto, sentamos nos sofás de sua quitinete e começamos a conversar sobre sua história de vida. Era o início da entrevista. Dez minutos depois, um cliente lhe telefonou. Ele já estava estacionando o carro e logo subiria para o programa, que já estava previamente agendado. Ela disse para eu entrar para o quarto ao lado e ficar quieta que logo continuaríamos a conversar. Sem jeito e sem saber bem o que fazer, esperei no quarto ao lado enquanto ela realizava o programa. Pouco tempo depois, um gemido. A porta do



quarto de Jasmim se abriu, algumas palavras foram trocadas com o cliente, a porta de entrada se fechou. O cliente havia ido embora. Jasmim logo correu para o quarto em que eu estava, acendeu a luz e perguntou sorrindo: “Amiga, eu te matei aí dentro nesse calorzão, né?”. Eu, mesmo com o suor descendo na testa, disse que nem estava com calor, ainda sem jeito. Ela logo foi tirando a roupa e entrando no banheiro para tomar seu banho. Enquanto isso contava sobre as estratégias para o programa acabar mais rápido: “É só dar um gritinho que eles gozam logo.” E continuou: “Ah, esses caras também querem chupar a gente. E eu não gosto não, não deixo! Sempre falo que estou no fim da menstruação.” E reproduziu sua fala: “Ai, amor, é porque estou no finzinho da menstruação, sabe? E não vai dar.” Ou então: “Ah, eu tava menstruada e foi embora ontem, então eu tenho que cuidar de você. Porque o sangue da gente pode passar alguma bactéria para você... tipo isso.” Ou então eu falo também que tô usando creme vaginal. Assim eles não insistem. (diário de campo, 23/08/17)

Jasmim afirma que trata os clientes com muito “carinho” e tenta sempre fazer com que eles se sintam cuidados por ela. Também Gabriela Leite discutiu como era utilizado o conversar e o “ser gentil” como uma maneira de sensibilizar o cliente, o que poderia ser útil na maneira como ele lhe retribuiria o tratamento ou também para voltar a procurá-la (40). Essa era a estratégia de cuidado utilizada por Jasmim no momento em que não queria realizar as vontades do cliente, mas também pretendia seguir com o programa. Ainda sobre o assunto comentou:

Eu também coloco um esparadrapo na bunda e falo “Não, amor. É que eu tomei injeção hoje.” Não dá para falar que eu não gosto que eles me chupem, porque se não perde o programa, né? Aí eles vão falar: “Ah, tá com frescura, é?” Eu coloco sempre esse band-aid na bunda, porque aí eles acham que eu fiz alguma coisa ali na região... Essa do esparadrapo na bunda é um truquezinho mesmo que eu aprendi. Que aí a gente se cuida e eles veem que a gente tá querendo cuidar deles também (diário de campo, 23/08/17).

A aprendizagem de técnicas de trabalho vem do cotidiano, da prática, mas pode também ser adquirida por meio do contato com outras companheiras e por meio de mídias sociais. França pontuou que através da oralidade as suas interlocutoras aprimoravam suas práticas. Já outras, utilizavam os vídeos pornôns para incorporarem cenários e terem ideia de como agir em dados momentos (114).

Outros recursos como folders, mídias sociais (*facebook* e *WhatsApp*, por exemplo) também são utilizados pelas mulheres para o aprendizado e aprimoramento do trabalho sexual. Juma, em suas idas à Asa Norte, distribuía folhetos e folders que continham conhecimentos de

saúde e informações sobre direitos sociais. Não raramente estes eram a única fonte de informação de algumas prostitutas. O coletivo Tulipas do Cerrado utilizavam das mídias sociais para socializar noções e práticas de cuidado. Neles eram divulgadas notícias sobre saúde, lazer, movimento social e feminismo. Em consonância com o que fala Oliveira, neste contexto, os canais de comunicação por meio de mídias estão se transformando em potenciais construtoras de redes já que possuem o poder de penetrar espaços que muitos equipamentos ou agentes de saúde não conseguem (115). Tal fato mostra-se como um importante apontamento para a criação de políticas públicas que englobem novas tecnologias de prevenção e novas formas de produzir cuidado.

Independente do meio de comunicação, o contato entre essas mulheres mostra-se útil no aprendizado e elaboração das estratégias para o cuidado de si. O diálogo pode servir como um instrumento transformador de práticas e extremamente válido para construção de novos saberes (116). Juma e Dália, quando estavam em campo, enfatizavam sempre para as profissionais do sexo a necessidade do cuidado com a própria segurança, como um modo de cuidarem de si. Ofereciam alguns caminhos, como o estímulo para que as profissionais do sexo formassem uma rede de apoio umas com as outras, para que elas pudessem alugar juntas um espaço para trabalhar sem qualquer tipo de exploração, além do incentivo a ampliação da rede de apoio no sentido de incluírem outras pessoas de fora do trabalho sexual, como profissionais da área saúde, assistentes sociais e policiais.

Rosa contou que logo no início de sua prática na prostituição aprendeu com “*as travestis*” que se prostituíam há mais tempo, alguns elementos que poderiam ajuda-la em sua proteção pessoal. Esta aprendizagem se dava pela fala e observação comportamental. Com as travestis, Rosa aprendeu a maneira correta de se vestir, se portar e de se manter segura. Sobre isso, colocou:

Meus saltos são muito finos, sempre com a ponta arrebetada de tanto andar [risos]. Eu nunca tiro a minha roupa na hora dos programas, só a calcinha. Meus vestidos são sempre rodados. Por exemplo, eu vou assim de frente [demonstrou a posição que ficava no momento do programa]. Eu nunca tiro meu vestido, porque se tiver que correr, eu não vou correr pelada. Aí num dá! Então eu nunca tiro meu vestido. Abaixo a parte de cima e levanto a parte de baixo. Sempre tento usar “tomara que caia” que é fácil. Isso eu aprendi com as travestis que as vezes precisam sair correndo. No caso eu uso isso para me defender mesmo, sabe? (diário de campo, 07/08/17).

Em conversas informais com as prostitutas, pude perceber a rede de saberes que era formada pelas mulheres. O conhecimento que circulava que lá circulava era fruto dos aprendizados pessoais e familiares e diziam respeito às experiências adquiridas ao longo das trajetórias profissionais e pessoais. Dália exemplificou isto com uma história:

Engraçado que teve uma época e que teve alguém, não lembro quem foi... teve alguém que falou que “sempre antes de transar você lava bem [a vagina] com sabão de coco [risos], porque o sabão de coco não deixa pegar as doenças venéreas. Aí uma vez eu tava transando com um cara e começou a espumar, mulher! Excesso de sabão de coco e ele ficou louquinho “para, para! O que que é isso?”. Eu não sabia se eu ria ou se eu chorava sabe, na hora, você tá entendendo? Aí eu fui explicar para ele: “É sabão de coco, pra não pegar doença.” Quem me falou isso foi uma das meninas, minhas amigas, companheiras (diário de campo, 28/07/17).

Rosa contou que, em suas andanças pelos diversos locais de prostituição, já topou com muitas mulheres que não se preveniam e não sabiam os passos básicos para a proteção de si em um programa, como por exemplo, o ato de colocar um preservativo. Segundo ela, no bar-cabaré de Planaltina as mulheres repassavam conhecimentos umas para as outras. Em um dia de trabalho comentou:

Chegou uma menina aqui que nem sabia como colocar um preservativo! Nós tivemos que ensinar. Para fazer um programa ela estourou umas 20 camisinhas. Acho que o cara tava tentando tirar dela, não é possível. Aí nós chamamos ela e ela disse que não sabia como colocava [...]. Então nós ensinamos ela como coloca, falamos sobre o gel lubrificante. Falamos que se tiver secando o preservativo é pra ela trocar, tirar mesmo a camisinha e falar: “Peraí, meu amor. Vamos começar tudo de novo?” Se tiver seco é pra trocar. Tira, coloca outro! Falamos também pra higienizar o cara. Ele vai até gostar e vai pensar: “Ó, vou dar duas fodas.” E aí a gente tenta se cuidar, né? Tenta se ajudar uma a outra, tenta explicar (diário de campo, 07/08/17).

Os programas exigem diferentes habilidades da mulher que os executa, que deve desenvolvê-las e aprimorá-las para uma prática mais segura (114). O universo da prostituição envolve regras e aprendizados que são corporificados ao longo de sua realização e a “observação do cliente e da situação” pode ser parte destes aprendizados que muitas vezes são movidos por racionalizações e por emoções como o medo (117). Este medo, que pode envolver o risco de ISTs ou de violência, por exemplo, funciona como mobilizador e alerta da necessidade de ampliação da leitura da realidade (117). Rosa, na situação supracitada, demonstra

que esta modalidade de atenção – seja para higienizar o cliente, para saber o momento correto de trocar o preservativo ou até mesmo para saber se o preservativo foi retirado ou não – é um aspecto fundamental para o cuidado de si. Já Jasmim relatou que é preciso “prestar atenção” no momento do programa. Para ela, o cuidado equivale a ter uma atenção sempre atuante no cotidiano do trabalho “porque qualquer vacilozinho você pode pegar alguma coisa”. Da mesma forma, Violeta relatou veementemente que é “preciso estar bastante atenta” porque “não vai estar escrito na testa da pessoa se ela tem ou não alguma coisa”.

Ao serem perguntadas sobre as estratégias de cuidado no ambiente de trabalho, todas as mulheres desta pesquisa mencionaram o uso do preservativo masculino como principal método. Vale mencionar que existe uma grande quantidade de pesquisas que investigam o uso destes no cotidiano de trabalho das profissionais do sexo. Esta notável quantidade de investigações que fazem menção ao uso de preservativo masculino, assim como o fato de ser o foco das políticas públicas nacionais e internacionais, podem ser explicadas pela eficácia deste recurso na redução da transmissão de ISTs aliado ao seu baixo custo. Estudos colocam que o uso consistente diminui em 80% a incidência de HIV e que ele é o mais eficiente método estudado e recomendado em contextos de prostituição (118) (80). Entretanto, Dourado, *et al*, que aponta para o surgimento de biotecnologias de prevenção e estratégias comportamentais diferenciadas que questionam se o preservativo masculino é de fato a estratégia mais adequada de prevenção em todos os contextos e situações (119). Dourado, *et al*, também traz em revisão narrativa que a combinação de estratégias de prevenção é mais efetiva do que a concentração em uma prática específica, temática tratada pelo Ministério da Saúde nos termos da prevenção combinada (119).

O uso de preservativos com parceiros românticos, no entanto, é mais difícil de acontecer e torna-se um desafio para a saúde pública. Hortênsia comentou que muitas prostitutas não fazem uso de preservativo com namorados ou com aquele cliente “que ela gosta” ou com aquele “que é mais gostoso”. Já Amarílis relatou que já fez programa sem o uso de preservativo com clientes mais antigos.

Pensando nisso, Malta, *et al*, identificou, em revisão sistemática, que é maior o uso de preservativos com clientes do que com parceiros estáveis (120). O não uso, pode representar uma necessidade de diferenciação da relação entre o parceiro daquelas vivenciadas no cotidiano do trabalho sexual, como uma “quebra de contrato” (121). Pode indicar a possibilidade de o preservativo afetar negativamente a relação ou representar o machismo que permite ao homem escolher a forma como irá se relacionar sexualmente. Essa diferença de uso mencionada por Malta, *et al*, corrobora com estudos tanto nacionais quanto internacionais (80). Apesar de ser

uma estratégia de cuidado bastante utilizada pelas profissionais do sexo, nota-se que ainda há uma lacuna no uso consistente desse elemento e que fatores estruturais interferem. Dentre esses fatores podem ser citados: desconhecimento de algumas ISTs, dificuldades financeiras, acesso restrito ao preservativo, status de ilegalidade do trabalho sexual em ambientes fechados, entre outros aspectos (122).

Uma prática relatada por algumas mulheres da pesquisa foi a de não beijar na boca dos clientes. Sobre o assunto, Lis relatou: “Eu não beijo na boca porque pela saliva passa muita doença. Não beijo na boca e não fico com muito grude. Porque quem vê cara não vê coração.” O beijo na boca era ressignificado como ato de extremo valor, o qual demonstrava um tipo diferenciado de vinculação com o outro. O “beijar” transcendia a relação trabalhista, como pontuou Amarílis quando me explicou que “só é traição quando beija na boca”. Rosa também falou sobre isso, como registrado em diário de campo:

No cotidiano do trabalho, beijar na boca a gente não beija. Só beija se casar... porque pode pegar vírus, doença. Você não sabe o tanto de tipo de doença que tem na boca. Primeiro: cárie... e não sei mais quantas! Eu nem sei te explicar. É aquela coisa... Jamais beijar na boca (diário de campo, 03/10/17).

Esta restrição ao beijo pode ser entendida como uma estratégia de cuidado utilizada tanto para a preservação da saúde quanto para estabelecer limites simbólicos de diferenciação de uma relação com o cliente e com o parceiro romântico.

Além de não beijar na boca, outra prática socializada entre as prostitutas é a de “se lavar” ou “se duchar” antes e após realizar o programa, gesto que também se repete com o cliente. Rosa me explicou o que deve ser feito: “Sempre duchar bem o cliente, deixar bem lavado e se lavar também na frente dele, para ele saber que você é uma pessoa higiênica. Porque ele fala: ‘Nossa, eu vou me lavar e você tá aí!’ Se duchar bem, se lavar bem, antes e depois, entendeu?”. Jasmim ia além ao utilizar água oxigenada e álcool para realizar a higienização do corpo: “[...] quando eu vou atender eu passo álcool na mão dos clientes. Tá ali a garrafinha [apontando para o frasco e sorrindo]. Eu uso o preservativo com eles e uso água oxigenada. Eu me lavo, né? Quando vou tomar banho eu passo ela [água oxigenada] aqui [apontando para as partes genitais e mostrando como fazia]”. Amarílis também comentou que sempre gostou de tomar um banho com o cliente antes e após o programa, pois desta forma evitava levar consigo qualquer sujeira ou cheiro do outro. As concepções de limpo e sujo estão cercadas de simbolismo e a

preocupação com a limpeza do corpo ou de partes dele podem refletir o afastamento da ideia de impureza, um dos estigmas direcionados a prostitutas (123).

De forma mais detalhada Bonadiman, Machado e Lópes exploram essa prática de cuidado através de um estudo qualitativo com profissionais do sexo residentes em Santa Maria-RS, Brasil (124). As autoras puderam verificar que a higienização é uma técnica de saúde corriqueira entre as trabalhadoras sexuais. Pasini, inclusive, a coloca como uma das principais preocupações entre as mulheres que se prostituem (121). Assim como o “não beijar na boca”, a higienização pode ser entendida como uma maneira de diferenciar simbolicamente as relações entre o companheiro e o cliente, assim como pode representar também um reforço de uma postura profissional (124). Estas posturas demarcam fronteiras e representam relações que, segundo Pasini, “são regidas por outros valores”.

No entanto, outro estudo brasileiro cita a ducha vaginal como prática comum entre os diversos grupos de mulheres, não somente entre as profissionais do sexo (125). Juma relatou sobre isso:

Nós [profissionais do sexo] temos um cuidado mesmo. Se camisinha estourou... Pá! Nós vamos ao médico. Ah, mas você não vai lá pegar aquela ervinha e dar uma lavadinha? Vai minha amiga! A gente pega e faz aquelas lavagens também! Nós, mulheres profissionais do sexo, não somos diferentes das outras. Muitas donas de casa fazem isso, fazem lavagens com os seus maridos, né? Não somos diferentes! (diário de campo, 12/09/17)

Ela fazia o papel de sempre trazer as profissionais do sexo como um grupo que não se diferenciava de outros grupos de mulheres e fazia questão de mostrar a igualdade entre todas. Isto foi de grande relevância, pois me fazia, ao longo do trabalho, refletir e repensar minhas perguntas e até mesmo minha postura enquanto pesquisadora

Juma também trouxe uma importante informação sobre a automedicação e sobre mulheres cis e trans:

A gente vai ao ginecologista, principalmente mulheres cis. [...] a profissional do sexo trans acaba se automedicando mais, né? Os hormônios, essas coisas. Só vai ao médico se tiver uma coisa muito séria (diário de campo, 12/09/17).

Segundo Lima e Cruz tanto homens quanto mulheres trans tem feito uso de hormônios sexuais, prescritos por profissionais de saúde, ou não (126). Para aqueles sujeitos que não procuram serviços de saúde formais, o compartilhamento de informações é de suma importância neste processo, seja por meio da visualização da prática do outro ou através de páginas na internet. Juma chamou a atenção para os obstáculos da mulher trans em ir aos serviços de saúde e, nesta linha, Roncon, *et al.*, pontua que as inúmeras dificuldades enfrentadas por estes sujeitos nos equipamentos do SUS deve-se ao preconceito destinado a esta população (transfobia), desrespeito ao nome social, patologização das identidades de gênero travesti e transexual, dentre outros fatores (127). Desta forma, uma mulher trans e profissional do sexo carrega consigo uma dupla estigmatização.

A automedicação, no entanto, ocorre também em outros grupos de mulheres. Esta prática pode ser pensada como uma forma de cuidado em saúde e se utiliza da fusão de saberes da medicina científica e do conhecimento popular para o encontro de caminhos que façam sentido para a resolução dos problemas (89). Gerhardt, em seu estudo que investiga os itinerários terapêuticos de famílias de baixa renda, coloca que a automedicação pode revelar dificuldades no acesso a serviços de saúde, fator este gerador de desigualdades (128). Isto, de algum modo, se assemelha ao estudo de Ngo, *et al.*, (2007) (108), que faz menção a profissionais do sexo em situação de dificuldade financeira e com acesso restrito a serviços de saúde formais. Sobre este assunto Dália comentou:

Eu tenho pavor a tomar remédio. É até meio... [...] É um paradoxo. Não combina muito porque eu tomo todo dia. [...] eu acordo de manhã eu tomo o remédio de pressão que não é passado por nenhum médico, que ela que me dá os dela [apontou para a direção do quarto da filha mais velha, que havia acabado de levar um café para nos duas], que ela que foi no médico e eu tomo. Isso já é uma irresponsabilidade, ela vive falando e brigando comigo. [...] tenho pressão alta. Aí eu tomo 2 AAS infantil, que ajuda no sangue e no peso das pernas, e tomo Dorflex todos os dias... todos os dias eu tomo. Porque se eu não tomar, no decorrer do dia parece que é um peso, assim [aponta para as pernas], não é dor, é peso. Quando eu deito chega a incomodar [...], entendeu? O Dorflex é para dor no corpo. Eu sinto muita dor no corpo. Crises de enxaquecas horríveis. Sabe? E... [pausa na fala]. [Pergunto a ela se alguém receitou esses medicamentos em algum momento e como acontece este uso] Ah, trabalhando nas comunidades terapêuticas, vendo, então isso eu tô me auto medicando, até porque eu não tenho paciência de ir pro posto e pedir uma consulta que vai durar 6 meses, 1 ano pra eu ir [...]. Mas agora eu vou atrás de uma consulta para mim, eu preciso! (diário de campo, 28/07/17)

Lis também relatou que no processo de cuidado ela se utilizava de vários recursos, sendo um deles o uso de remédios para prevenir problemas de saúde. Segundo ela:

Eu uso camisinha quando vou ter relação com os clientes. Tomo anticoncepcional pra evitar gravidez. Tô sempre me cuidando. Eu uso pomada vaginal, porque querendo ou não você usa muita camisinha e fica com mal cheiro. E eu tomo também frutametazol, acho que é esse nome, que é um remédio pra tirar mal cheiro, pra limpar por dentro. Esse eu tomo uma vez por mês ou de 15 em 15 dias. E tem também a garrafada que quando tem eu tomo, mas eu ainda não tô achando a pessoa certa pra fazer, mas quando eu achar eu vou mandar fazer uma pra mim que é muito bom! [...] eu vou me cuidando, nunca sou aquela que deixa rolar solto (diário de campo, 03/10/17).

É importante notar que os caminhos percorridos pelas profissionais do sexo, não são aqueles pré-determinados pelos equipamentos formais de saúde. Nestes caminhos, se fazem presentes suas crenças, conhecimentos compartilhados por pessoas próximas e a prática de automedicação (108) (122). Neste contexto, essas mulheres circulam por entre âmbitos populares e biomédicos construindo seu próprio modo de cuidado à saúde, de acordo com as possibilidades que lhes são apresentadas (129).

Dentre as práticas de âmbito popular, a espiritualidade ocupava um espaço especial como estratégia de cuidado à saúde. Em Planaltina as mulheres utilizavam o banho energético e espiritual sugerido pela entidade Maria Padilha a pessoas que estavam “carregadas” ou que, por algum motivo, precisavam. Segundo Rosa os banhos ajudavam a purificar o espírito e “ajudavam [...] a adquirir o seu axé”. O axé, de acordo com Hortênsia, era uma espécie de aura que deixava a pessoa mais bonita. Ela contou que “tem pessoas que tem naturalmente esse dom de chegar e tornar o ambiente mais bonito, mas que tinha pessoas que tinha este dom menos a florado”. Comentou ainda que existia um “trabalho” específico para adquirir este axé e que a entidade auxiliava nesse processo. “Era o axé da Velha”, completou. Rosa mencionou que o axé poderia ser um mecanismo de proteção para as mulheres. Íris, na mesma linha, falou que era uma segurança e um “tranca rua”.

Violeta logo quando chegou no bar-cabaré sentia-se “pra baixo” e “mal”. De acordo com ela, com os cuidados da Velha começou a melhorar o humor. Assim como os banhos espirituais, as mulheres do núcleo Planaltina se utilizavam dos conselhos e do afeto da entidade para dar vazão a algum problema ou tristeza.

Lis comentou que a espiritualidade era a sua medida do bem-estar físico e psicológico: “O que me segura é a fé, porque eu já passei por tantas coisas e eu me surpreendo quando penso



que consegui superar.” Para isso, ela frequentava os rituais de sua religião e orava ao Deus que acreditava, além de manter contato com as entidades que a guiavam. Dessa forma voltava o olhar para si e adquiria a resiliência necessária para o enfrentamento das adversidades.

Já para Rosa, o orar funcionava como um remédio caseiro e foi colocado no mesmo patamar do uso de chás para cura do corpo. Segundo ela, “tem que dobrar no pé da cama e quando for dormir pedir perdão a Deus por cada coisa que você tá fazendo.” Continuou: “Também tem um chazinho de gengibre, de alho... Limão sempre tem. Tem gente que toma camomila, chá preto. Comer natural, verduras. Tudo isso funciona como remédio caseiro para mim.”

Assim como Rosa, Dália comentou sobre o uso de ervas e chás medicinais como estratégia de cuidado aos agravos de saúde que vez ou outra a atingia. Ela adquiriu este saber em uma clínica de reabilitação na qual ficou internada e a partir disso utilizava em seu dia-a-dia e compartilhava com a família e com as outras profissionais do sexo. Certa vez comentou:

Lá onde fiquei internada tinha uma horta medicinal, então lá a gente fazia secagem, colheita das folhas, limpeza. Fazia secagem, colocava nas gavetas, passava no triturador. E ali eu aprendi um pouco, muito pouco. Mas o bastante que já me ajuda. Por exemplo, uma inflamação... Eu já peço pros meninos [seus filhos] irem atrás de folha de algodão. Na época que eu tô menstruada, meus filhos já sabem, eles vão atrás de folha de amora. Tem uma flor chamada 7 dores, que ajuda na enxaqueca. E tem também casca de batata que ajuda na enxaqueca. Tem o chá de alface pra dormir. A hortelã e o agrião para mim, que fuma, é maravilhoso tomar um chá de vez em quando. De vez em quando eu faço um xarope que é muito bom pra mim que fuma e pros meninos também, que é abacaxi. E eu vou trás de guaco, que é um antibiótico, daí tem de colocar abacaxi, colocar hortelã, limão, tá entendendo? Faço muito essas misturadas. Quando vejo algum remédio natural que é mais barato, tem dois tubos ali [apontou para seu armário], um de Senna, que limpa o intestino que eu tomo todo dia, e tem um que chama “37 ervas”. Eu nem sei se presta, eu sei que eu vi comprei e tô tomando. E eu falei pra minha madrinha, a cápsula é transparente e você vê verde lá dentro. Agora num sabe se colocaram coco de cavalo seco ali, a gente não sabe o que tá tomando. Mas eu tô tomando e tá me fazendo bem. Eu acredito que esteja me fazendo bem porque eu não tive enxaqueca. Tem um mês que não tenho crise de enxaqueca, e isso pra mim já é uma benção [...]. Eu repasso esse conhecimento pra todo mundo, mulher! Todo mundo que quer (diário de campo, 28/07/17).

Dália comentou que compartilhava tais conhecimentos com as outras profissionais do sexo, com conhecidos que estavam em situação de rua, com pessoas que estavam na comunidade terapêutica em que trabalhou por um período, além, é claro, de utilizar para o seu

próprio cuidado. Ela, se tornava, uma propagadora dos saberes populares e, muitas vezes, parte fundamental da rede de apoio das pessoas que conhecia.

Lá na clínica eu usava muito isso. Quando tinha briga entre as residentes de lá, ou alguém com ferimentos, eu usava a entrecasca da mandioca. Sabe aquela casquinha branca? Você bate no liquidificador com azeite, você macera, põe no machucado e é cicatrizante. Óleo de andiroba que é muito bom, eu uso. Tem óleo de cobra, óleo que fede, tem um pouquinho ali ainda [apontou para um armário]. Fede, fede a cobra, eu nem sei que cheiro que tem cobra, mas deve ser esse [risos]. Mas é ótimo para machucado. Então eu gosto de muitas coisas naturais. Tem também as folhas de antibióticos. Quando quero vou lá em Luziânia, que é minha amiga que tem lá. Tem lavanda, que é bom, um calmante natural. Então, a lavanda, quando eu quero tem uma moça que tem bem ali embaixo. Ela até já me conhece e fala: “quando você quiser você já traz uma faquinha e já tira”. É bem enorme atrás da casa dela. Eu vou lá, pego. Semente de algodão. De vez em quando eu pego uma semente de algodão, eu bato ela, boto na água quente, tomo. Eu sempre vou inventando essas coisas... Tudo me automedicando. Vou virar um pajé qualquer hora dessas [risos]. Você sabe que nosso sistema de saúde é péssimo, né? Conseguir uma consulta é triste, né? Ah, tem também o mastruz, vira e volta eu peço pros meninos pegar... e obrigo eles a tomar. Todo mundo fica revoltado que eu obrigo (diário de campo, 28/07/17).

Violeta contou que quando estava “adoentada” consumia por sua conta algum medicamento comprado em farmácia ou fazia uso de chás medicinais. Além disso, mencionou também que tinha o costume de se recolher para que pudesse dar mais atenção à sua condição, caso contrário “poderia pegar pneumonia e não sei o que mais. Aí vai vindo outras coisas, né?” Um dos momentos de recolhimento que a levou a olhar para si e refletir sobre sua condição de vida foi quando percebeu o atraso de sua menstruação. Neste momento decidiu que precisava cuidar de si:

Menina, e a minha menstruação não vinha... e eu ficando nervosa achando que estava grávida. Fiquei tão nervosa que até buchinha eu tive que tomar. O problema é que passei mal demais com aquele negócio e nada da menstruação descer. Fui na Velha [entidade espiritual] e falei que eu não poderia mais ter filho, que não tinha condições [Violeta já tinha uma filha]. Eu queria estudar primeiro, ajeitar a minha vida. Falei que deixava tudo nas mãos dela [Maria Padilha]. Tomei a buchinha, passei mal, passei muito mal, mas depois desceu e fiquei aliviada (diário de campo, 01/09/17).

\*

Os modos de cuidar de si são variáveis e singulares. Variáveis porque podem comportar, como vimos, o uso de ervas, medicamentos, banhos espirituais, preservativos, plantas medicinais, oração, abortivos, entre tantos outros elementos. Todos dão significados a um modo de resistência e de existir. Eles se mesclam e se complementam.

O “olhar para si”, desta maneira, envolve as mais diferentes formas de consciência e de crítica acerca do seu ser-no-mundo.

## 7. Considerações finais

Essa dissertação não tem a pretensão de ser uma obra finalizada que ofereça a verdade absoluta sobre a vida das mulheres presentes na pesquisa, ou ainda, uma verdade generalizável a todos os sujeitos que estão inseridos no trabalho sexual. Mas, assim como em uma fotografia, contem fragmentos de situações vivenciadas em um bar-cabaré em Planaltina e em locais na W3 norte.

Ao longo desse processo fui percebendo quantos desafios ainda estão presentes quando o assunto é prostituição. A prostituta é ao mesmo tempo “um mal necessário”, transgressora e vítima. São muitas as teorias sobre como deve ser a vida desta mulher e o que é melhor para ela. Medicina, grupos feministas, justiça, universitários e tantos outros se empenham em construir argumentos comprovando suas teorias e a validade de seus pensamentos.

Em minhas viagens pelos textos científicos pude verificar que as produções acadêmicas ainda carregam consigo a típica visão reducionista que considera, mesmo que implicitamente, a prostituta como um ser “da cintura pra baixo”, como ressaltado por Gabriela Leite.

Fala-se muito sobre ISTs e preservativos como se estas mulheres fossem prostitutas em tempo integral e como se existisse somente a dimensão puramente sexual na prostituição. Não. Estas mulheres possuem uma história e diversos outros papéis ocupacionais. Além disso, utilizam-se dos mais diversos recursos para “existir” no trabalho sexual. Claro que, dada a extensão do tema, esta pesquisa não explorou todas estas maneiras de existir nem tampouco todos os grupos presentes na atividade.

Uma lacuna nesta dissertação é o fato de não ter escutado as transexuais que encontrei em campo, além de não ter aprofundado em elementos como, por exemplo, a transfobia vivenciada por aquelas mulheres em seus percursos como trabalhadoras sexuais. Outro ponto a ser destacado é que, apesar de ter encontrado prostitutas negras, também não examinei questões referentes à raça nem tratei sobre o racismo presente nas relações estabelecidas em locais de prostituição.

Para a conclusão do mestrado em tempo hábil tive de optar por trilhar alguns caminhos. Entretanto, ao longo da pesquisa percebi que assuntos referentes ao racismo e à transfobia eram, de certa maneira, silenciados pelas produções acadêmicas. O fato de ter sido mais uma pesquisadora a reproduzir estes silêncios me incomodou neste processo final de reflexão e retomada dos passos que fiz durante o “estar lá” e o “estar aqui”. Esse incômodo, porém, tem se apresentado como um mote para pesquisas futuras ou para um possível doutorado. A

inquietação com os silêncios acadêmicos e com o meu próprio sobre determinadas temáticas levanta reflexões sobre as violências estruturais que alguns grupos ainda sofrem e que não podem ser ignoradas.

Apesar do engajamento de trabalhadoras sexuais na luta pelos seus direitos e de alguma visibilidade adquirida desde quando começaram a se posicionar politicamente, percebo que ainda é necessário adentrar e compreender as vidas, os contextos e as necessidades destes sujeitos. Aqui ressalto a importância da pesquisa científica como potente recurso para a construção de intervenções em promoção e prevenção à saúde.

Para se pensar em ações com um público específico é fundamental o conhecimento da realidade social deste grupo e, sobretudo, sua escuta. Esta pesquisa, por sua vez, revela sua importância exatamente neste aspecto.

As palavras e reflexões trazidas por cada mulher neste trabalho nos conduzem pelas trilhas das ressignificações e alargam o nosso olhar para o protagonismo de cada uma delas. Digo protagonismo porque este elemento costuma ser deixado de lado no momento em que ações são elaboradas para este segmento. Pensando especificamente no campo da saúde, observamos que estas ações são pautadas pelo conhecimento biomédico hegemônico, que por vezes nega as subjetividades e sentidos atribuídos pelos diversos grupos sociais. Não rejeito aqui a importância de um conhecimento mais objetivo acerca de determinados fenômenos, nem tampouco o valor da medicina, mas quero pontuar suas falhas e a necessidade de repensar determinadas práticas que abdicam do singular.

As situações de vida e experiências destas mulheres as conduzem por diversos caminhos na tentativa de resolução dos seus problemas em saúde. Por vezes estas criam suas próprias tecnologias alternativas. Sobre isso, o campo de Planaltina foi cheio de histórias para contar. A partir da saúde popular e da espiritualidade as mulheres ressignificaram modos de cuidar da própria saúde. Embora não abrissem mão de recursos oficiais, em muitos momentos utilizavam explicações espirituais para justificar questões de saúde física ou mental. As mulheres do campo da Asa Norte, embora com notáveis diferenças, também se utilizavam de recursos de saúde popular para o cuidado de si.

De maneira geral, a saúde significou mais que a ausência de doença, era o empoderamento, a auto estima, a segurança, a rede de apoio, a conversa nos momentos de descontração, as entidades espirituais entre outros elementos. Tudo isso relacionava-se à promoção da saúde, porque em todos os espaços em que as mulheres se reuniam, informações sobre as melhores formas de se cuidar eram trocadas, mesmo que os nomes “cuidado” e “saúde” não aparecessem de maneira explícita.

As formas de cuidado de si também eram diversas. Usavam ervas, chás, orações, reuniões políticas, uso de recursos biomédicos, a escolha de um local seguro para trabalharem, o uso de determinados tipos de roupa e várias outras estratégias. Desta maneira, é de grande importância que as políticas públicas deem atenção às singularidades e os sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos aos processos de saúde-adoecimento-cuidado de si que vivenciam.

Ainda que a pesquisa tentasse focalizar em aspectos de como as mulheres cuidam de si, não pude deixar de lado a violência institucional, policial e mesmo a violência da “sociedade de bem” (5). É preciso uma reflexão sobre os estigmas que circundam a atividade sexual e seus protagonistas. Reflexos desses estigmas são notórios nos desafios enfrentados por essas mulheres no acesso aos serviços de saúde.

Pareceu-me evidente a necessidade de treinamento dos profissionais do serviço de saúde para a conscientização do sentido do artigo 196 da constituição que pressupõe que “a saúde é um direito de todos e dever do Estado”. As prostitutas também têm direitos e impressiona saber que ainda no século XXI temos que voltar a discussões tão básicas. Não somente o campo da saúde precisa dar vazão a esta discussão, mas o serviço público como um todo.

A insistência e focalização em métodos únicos de prevenção que não olhem para a construção de redes de solidariedade, para a construção política dos sujeitos, nem para a construção de pensamentos reflexivos acerca das condições de vida e trabalho destas mulheres estão fadados a serem eternamente ações de tutela, seja por parte do Estado, da Universidade ou dos profissionais, direcionadas às profissionais do sexo.

Todos esses fatores demonstram que, apesar dos tímidos avanços nesse campo, o debate ainda precisa amadurecer e caminhar para ações mais horizontalizadas e em sintonia com as percepções de cuidado das próprias prostitutas.

É preciso avançar.

## 9. Referências Bibliográficas

1. Fleisher SR, Bonetti A. Introdução. In Fleisher SR, Bonetti A. Entre saias justas e jogos de cintura. Florianópolis: EDUNISC; 2007. p. 370.
2. Peirano M. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos. 2014 Jul/dez;(42).
3. Araújo R. Prostituição: artes e manhas do ofício Goiânia: UCG; 2006.
4. Olivar JMN. Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes Rio de Janeiro: UERJ; 2013.
5. Simmel G. Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro (1892). In A filosofia do amor. São Paulo ; 2006. p. 1-17.
6. Barreto LC, Prado MAM. Identidade das prostitutas em Belo Horizonte: as representações, as regras e os espaços. Pesquisas e Práticas Psicossociais. 2010 agosto/dezembro; 5.
7. Meihy JCSB. Prostituição à brasileira São Paulo: Contexto; 2015.
8. Skackauskas A. "Sou filha da pastoral, sou filha da P."- desigualdades, rebeldia e afetos nas relações entre prostitutas e a Pastoral da Mulher Marginalizada. In Simões SS, Silva HRS, Moraes AF. Prostituição e outras formas de amor. Niterói: UFF; 2014. p. 499-528.
9. Silva AP, Blanchette TG. Amor por um minuto: A prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In Correa Pe. Sexualidade e política na América Latina: histórias, intersecções e paradoxos. Rio de Janeiro: SPW; 2009. p. 192-233.
10. Lenz F. O estado da saúde e da doença das prostitutas: uma análise das representações da prostituição nos discursos do SUS e do terceiro setor. 2011. Monografia (Especialização em Comunicação e Saúde). Instituto de comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz.
11. Malinowski B. Argonautas do pacífico ocidental: Abril Cultural; 1976.
12. Aquino PS, Nicolau AIO, Pinheiro AKB. Desempenho das atividades de vida de prostitutas segundo o modelo de enfermagem de Roper, Logan e Tierney. Revista Brasileira de Enfermagem. 2011 janeiro/fevereiro; 64(1).
13. Nakamura E. O método etnográfico em pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica. Saúde e Sociedade. 2011; 20(1).
14. Turato ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos. Revista de Saúde Pública. 2005; 39(3).
15. Minayo MC, Destantes SF, Neto OC, Gomes R. Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade. 21st ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2002.
16. Oliveira RC. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia. 1996; 39(1).

17. Peirano M. A teoria vivida e outros ensaios de antropologia. 1st ed.: Zahar; 2006.
18. Simões SS. Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca Niterói: Universidade Federal Fluminense; 2010.
19. Geertz C. A interpretação das Culturas Rio de Janeiro: LTC; 2008.
20. Geertz C. Obras e Vidas - o antropólogo como autor Rio de Janeiro: UFRJ; 2009.
21. Silva HRS. Prefácio. In Simões SS. Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca. Niterói- Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense; 2010.
22. Nunes AIF. Prostituição feminina negra: uma análise da violência racial e de gênero na trajetória de vida. 2015. Dissertação de mestrado (programa de pós graduação em Sociologia).
23. Gaspar MD. Garotas de programa: prostituição em copacabana e identidade social. 2nd ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1985.
24. Ribeiro F. Táticas do sexo, estratégias de vida e subjetividades: mulheres e agência no mercado do sexo e no circuito do turismo sexual em Fortaleza/Ceará.. 2013. Dissertação de mestrado.
25. Holanda AF. Fenomenologia e humanismo: reflexões necessárias Curitiba: Juruá; 2014.
26. Favret-Saada. Ser afetado. Cadernos de Campo. 2005.
27. Losso JCM. Dos desregramentos da carne: um estudo antropológico sobre os itinerários urbanos, territorialidades, saberes e fazeres de profissionais do sexo em Florianópolis/SC. 2010. Dissertação de mestrado (programa de pós graduação em Antropologia Social).
28. Silva KC. O poder do campo e o seu campo de poder. In Fleisher S, Bonetti A. Entre saias justas e jogos de cintura. Florianópolis: EDUNISC; 2007.
29. Cordovil D. Casos e acasos: como acidentes e fatos fortuitos influenciam o trabalho de campo. In Fleisher S, Bonetti A. Entre saias justas e jogos de cintura. Florianópolis: EDUNISC; 2007.
30. Park RE. A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano. In Velho OG. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar; 1973. p. 25-66.
31. Silva JM. Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades Ponta Grossa-PR: Toda Palavra; 2009.
32. Rago M. Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinarBrasif. 4th ed. São Paulo: Paz e Terra; 1985.
33. Rodrigues MT. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? Revista Katálysis. 2009; 12(1).
34. Silva CCC. Narrativas sobre a prostituição feminina na W3 Norte: construindo um dispositivo. 2016. Dissertação de mestrado (pós graduação em Sociologia na Universidade de Brasília).
35. Nunes AIF. Violência racial e prostituição: um debate para além do gênero. 2017. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 e 13° Women Congress (Florianópolis).



36. Banuth RF, Santos MA. Vivências de discriminação e resistência de uma prostituta negra. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2016 Julho/setembro; 36: p. 763-776.
37. Alvarez GO. Gilberto Velho e os desvios: prostitutas em sociedades complexas. In Moura CP, Coradini L. *Trajetórias antropológicas: encontros com Gilberto Velho*. Natal, RN: Edufrn; 2016. p. 238.
38. Melino H. P(a)utas em disputas: propostas legislativas sobre prostituição, discursos feministas e ativismos em direitos humanos. De que lado efetivamente estamos? 2017. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress.
39. Blanchette TG, Silva AP, Camargo G. Idealismo alemão e o corpo alienável: repensando a "objetificação" no contexto do trabalho sexual. In Simões SS, Silva HRS, Moraes AF. *Prostituição e outras formas de amor*. Rio de Janeiro: UFF; 2014. p. 145-181.
40. Leite G. *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. 1st ed. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009.
41. Murillo AL. O uso das biografias nas pesquisas antropológicas. *Revista Perspectivas Sociais*. 2013 março; p. 2-10.
42. Kamerlin SCL. Where are female professor? A personal perspective. 2016. [artigo de opinião].
43. Santos BS. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Novos Estudos- CEBRAP*. 2007 Novembro.
44. Nucci GS. *Prostituição, lenocínio e tráfico de pessoas: aspectos constitucionais e penais* São Paulo: Revista dos Tribunais; 2014.
45. Rodrigues MT. sistema de justiça criminal e a prostituição no Brasil contemporâneo: administração de conflitos, discriminação e exclusão. *Sociedade e Estado*. 2004 Janeiro/Junho; 19: p. 151-172.
46. Piscitelli A. Feminismos e prostituição no Brasil: uma leitura a partir da antropologia feminista. *Cuadernos de Antropologia Social*. 2012; p. 11-31.
47. Rodrigues R. *Marcha das mulheres*. [Online].; 2012 [cited 2018 março 30. Available from: <https://marchamulheres.wordpress.com/2012/09/21/prostituicao-reconhecimento-e-outras-coisas/>].
48. Moraes AF. Corpos normalizados, corpos degradados: os direitos humanos e as classificações sobre a prostituição de adultas e jovens. In Simões SS, Silva HRS, Moraes AF. *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: UFF; 2014. p. 119-144.
49. Piscitelli A. *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo* Rio de Janeiro: UERJ; 2013.
50. Nalu Faria SCTM. *Prostituição: uma abordagem feminista*. 2013 Dezembro..
51. Wijers M. Delicente, victima, mal social o mujer trabajadora: perspectivas legales sobre la prostitución. In Osborne R. *Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI*. Barcelona: Edicions Bellaterra; 2004.

52. Acero MT. El debate entre prostitución y trabajo sexual: una mirada desde el socio-jurídico y la política pública. *Revista de relaciones internacionales, estrategia y seguridad*. 2011 Enero/Junio; 6: p. 127-148.
53. Fonseca C. Feminismos e estudos feministas: com as trabalhadoras sexuais na mira. *Cadernos Pagu*. 2016 Março 01: p. 17.
54. Figueiredo R, Peixoto M. Profissionais do sexo e vulnerabilidade. *BIS*. 2010; 12: p. 196-201.
55. Aquino PS, Ximenes LB, Pinheiro AKB. Políticas públicas de saúde voltadas à antecção à prostituta: breve resgate histórico. *Enfermagem em Foco*. 2010; 1: p. 18-22.
56. Rodrigues MT. Polícia e prostituição feminina em Brasília - um estudo de caso. 2003. Tese (doutorado)—Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia.
57. Mattos P. A dor e o estigma da puta pobre. In Souza J. *O Brasil além do mito: quem é e como vive a ralé brasileira*. Belo Horizonte: UFMG; 2009. p. 173-202.
58. Becker H. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio* Rio de Janeiro: Zahar; 2008.
59. Roberts N. *As prostitutas na história* Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; 1998.
60. Corrêa S, Pimenta C, Makusud I, Deminicis S, Olivar JMN. Sexualidade e desenvolvimento: a política brasileira de resposta ao HIV/AIDS entre profissionais do sexo. *Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro: ABIA; 2011.
61. Engel M. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. 1st ed. São Paulo: Brasiliense; 1989.
62. Carmo PS. *Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil*. 1st ed. São Paulo: Octavo; 2011.
63. Souza RLD. *Sexualidades brasileiras: práticas e imaginários*. 1st ed. São Paulo: Ícone; 2015.
64. Costa JF. *Ordem médica e norma familiar*. 3rd ed. Rio de Janeiro: Graal; 1989.
65. Priore MD. *Histórias Íntimas*. 2nd ed. São Paulo: Planeta; 2014.
66. Foucault M. *A história da sexualidade: vontade de saber*. 13th ed. Rio de Janeiro: Graal; 1988.
67. Sousa FR. Educação popular em saúde e participação de prostitutas: contribuições para gestão participativa do SUS. *Interface*. 2014;: p. 1559-1568.
68. Guimarães K, Merchán-Hamann E. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. *Estudos feministas*. 2005 Setembro/Dezembro; 13: p. 525-544.
69. Piscitelli A. Apresentação: gênero no mercado do sexo. *Cadernos Pagu*. 2005 Julho/Dezembro;: p. 7-23.
70. Pasini E. Prostituição e a liberdade do corpo. 2005 Apr 15. CLAM-AMB.

71. Kempadoo K. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. Cadernos Pagu. 2005 Julho/Dezembro;; p. 55-78.
72. Volpe L. Independent. [Online].; 2013 [cited 2018. Available from: [Você pode ser Feminista e trabalhadora sexual](#).
73. Coêlho TF, Cunha AM. Dis(PUTAS) entre jornalismo e ativismo: (Des)criminalização simbólica da prostituição no Brasil. 2017 Setembro 09. Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação [40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação].
74. Rocha JLC. "Situação de prostituição": o discurso sobre prostituição da Pastoral da Mulher Marginalizada frente à organização de prostitutas nas décadas de 1980 a 200 no Brasil. 2017 Julho. Simpósio- Contra os preconceitos: história e democracia.
75. Brasil. Tramitação do Projeto do projeto de lei nº 377/2011, de 10 de fevereiro de 2011. 2011..
76. Bates J, Berg R. Sex workers as safe sex advocates: Sex workers protect both themselves and the wider community from HIV. AIDS Educ Prev. 2014 Junho; 26: p. 191-201.
77. Olivar JMN. Prostituição feminina e direitos sexuais. diálogos possíveis? Sexualidad, Salud y Sociedad. 2012 Agosto;; p. 88-121.
78. Lenz F, Andrade ABP, Aquino HP. Beijo da rua, um jornal com a voz das prostitutas. 2015 Setembro. Anais [Oral] do 7º Congresso Internacional de Design da Informação/Proceedings [Oral].
79. Leite G, Lenz F. A trajetória do movimento de prostitutas e sua relação com o Estado. In ABIA. Análise do contexto da prostituição em relação a direitos humanos, trabalho, cultura e saúde no Brasil- Levantamento nacional e contexto internacional. Rio de Janeiro; 2013. p. 41-49.
80. Leite G, Murray L, Lenz F. O par e o ímpar: o potencial de gestão de risco para a prevenção de DST/HIV/AIDS em contextos de prostituição. Revista brasileira de Epidemiologia. 2015;; p. 7-25.
81. Foucault M. A hermenêutica do sujeito. 2nd ed. São Paulo: Martins Fontes; 2006.
82. Galvão BA. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. Intuitio. 2014 Junho;; p. 157-168.
83. Foucault M. A história da sexualidade3: o cuidado de si. 8th ed. São Paulo: Graal; 2005.
84. Junior IGC. O cuidado de si: por uma hermenêutica mais próxima do sujeito. F@p Ciência. 2008; 2: p. 1-9.
85. Helman CG. Cultura, saúde e doença. 5th ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
86. Fleisher S, Tornquist CS, Medeiros BF. Ensaios de Antropologia e saúde popular. 1st ed. Florianópolis: UDESC; 2010.
87. Guimarães SMF. Olhares diversos sobre pessoas e corporalidades: os saberes e práticas de terapeutas populares na região do DF e entorno In:. In Dias C, Guimarães SMF. Antropologia e Saúde: diálogos indisciplinados. Juiz de Fora: UFJF; 2017.

88. Alves PC. Itinerário terapêutico e os nexos de significados da doença. *Revista de Ciências Sociais*. 2015 Janeiro/Junho;; p. 29-43.
89. Cabral ALLV, Martinez-Hemáez A, Andrade EG, Cherchiglia ML. Itinerários terapêuticos: o estado da arte da produção científica no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2011; 16: p. 4433-4442.
90. Leite SN, Vasconcelos MdPC. Negociando fronteiras entre culturas, doenças e tratamentos no cotidiano familiar. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. 2006; 13: p. 113-128.
91. Fleisher S. Saúde popular: esforços etnográficos para definir o conceito. *PÓS*. 2013; 12: p. 7-16.
92. de Certeau M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3rd ed. Petrópolis: Vozes; 1998.
93. Montero P. *Da doença à desordem: a magia na umbanda Rio de Janeiro: Graal ; 1985*.
94. Santos AO. Saúde e sagrado: representações da doença e práticas de atendimento dos sacerdotes supremos do candomblé JEJE-NAGÔ. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. 1999 Outubro; 9(2).
95. Rabelo MC, Schaeppi P, Mota S, Rocha J, Rubens M. Comparando experiências de aflição e tratamento no candomblé, pentecostalismo e espiritismo. 1998 Outubro 31. Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da ANPOCS Caxambu.
96. Tornquist CS, Franzoni TM. Saberes de cura: relatos sobre uma tensa interação entre saberes locais, saberes oficiais e pesquisa antropológico. In Fleisher S, Tornquist CS, Medeiros BF. *Ensaio de antropologia e saúde popular*. Florianópolis: UDESC; 2010. p. 27-49.
97. Mota CS, Trad LAB. A gente vive pra cuidar da população: estratégias de cuidado e sentidos para a saúde, doença e cura em terreiros de candomblé. *Saúde e Sociedade*. 2011; 20(2): p. 325-337.
98. Tavares JSC, Trad LAB. Metáforas e significados do câncer de mama na perspectiva de cinco famílias afetadas. *Cadernos de Saúde Pública*. 2005; 21(2): p. 426-435.
99. Helman CG. Doença versus enfermidade na clínica geral. *Campos*. 2009; 10(1): p. 119-128.
100. Minayo MC. *Violência e saúde*. 2nd ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006.
101. Azeredo YN, Schraiber LB. Violência institucional e humanização em saúde: apontamentos para o debate. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2017; 22: p. 3013-3022.
102. Passos EH, Souza TP. Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de "guerra às drogas. *Psicologia & Sociedade*. 2011; 23: p. 154-162.
103. Souza RR. Políticas e práticas de saúde e equidade. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 2007; 41: p. 765-770.
104. Moreira ICC, Monteiro CFS. A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. 2012.

105. Tan SY, Melendez-Torres GJ. A systematic review and metasynthesis of barriers and facilitators to negotiating consistent condom use among sex workers in Asia. *Culture, Health and Sexuality*. 2015 September;; p. 1-17.
106. Sou J, Shannon K, Li J, Nguyen P, Strathdee S, Shaveller J, et al. Structural Determinants of Inconsistent Condom Use with Clients Among Migrant Sex Workers: Findings of Longitudinal Research in an Urban Canadian Setting. *Sex Transm Dis*. 2015 June; 42(6): p. 312-316.
107. Sanders T, Campbell R. Designing out vulnerability, building in respect: violence, safety and sex work policy. *The British Journal of Sociology*. *The British Journal of Sociology*. 2007; 58(1): p. 1-19.
108. Ngo AD, Ratliff EA, McCurdy SA, Ross MW, Markham C, Pham HTB. Health-seeking behaviour for sexually transmitted infections and HIV testing among female sex workers in Vietnam. *AIDS care*. 2007 August; 19(7): p. 878-887.
109. Januranga PP, Mooney-Somers J, Ward PR. Newcomers in a hazardous environment: a qualitative inquiry into sex worker vulnerability to HIV in Bali, Indonesia. *BMC Public Health*. 2014;; p. 1-12.
110. Juliano D. El trabajo sexual en la mira: polémicas y estereotipos. *Cadernos Pagu*. 2005 Julho/Dezembro;(25): p. 79-106.
111. Machado LZ. masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. *Cadernos Pagu*. 1998;; p. 231-273.
112. Machado LZ. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. *Série Antropológica*. 2001.
113. Vidal CEL. Preditores de prováveis transtornos mentais comuns (TMC) em prostitutas utilizando o Self-Reporting Questionnaire. *J. bras. psiquiatr*. 2014; 63: p. 205-212.
114. França M. Práticas e sentidos de aprendizagem na prostituição. *Horizontes Antropológicos*. 2017 Janeiro/Abril; 23: p. 325-349.
115. Oliveira VC. Media communication and the Single Healthcare System. *Interface- Comunicação, Saúde e Educação*. 2000; 4: p. 71-80.
116. Santos MJ. Dialogicidade no pensamento de Paulo Freire e de Hans George Gadamer e implicações na cultura escolar brasileira. *Cadernos do PET filosofia*. 2014 Julho/Dezembro; 5: p. 1-11.
117. Sousa FR. Entre o medo e a ousadia: educando-se na prática da prostituição. *Artémis*. 2014 Julho/Dezembro;; p. 61-68.
118. Weller SC, Davis-Beaty K. Condom effectiveness in reducing heterosexual HIV transmission (review). *Wiley*. 2012;; p. 1-25.
119. Dourado I, MacCarthy S, Reddy M, Calazans G, Gruski S. Revisitando o uso de preservativo no Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. 2015 Setembro;; p. 63-88.

120. Malta M, Magnanini MMF, Mello MB, Pascom ARP, Linhares Y, Bastos FI. Prevalence among Female Sex Workers, Drug Users and Men who have Sex with Men in Brazil: A Systematic Review and Meta-analysis. *BMC Public Health*. 2010;; p. 1-16.
121. Pasini E. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *Cadernos Pagu*. 2000;; p. 181-200.
122. Handlovsky I, Bungay V, Kolar K. Condom use as situated in a risk context: women's experiences in the massage parlour industry in Vancouver, Canada. *Culture, Health & Sexuality*. *Culture, Health and Sexuality*. 2012 December; 14(9): p. 1007-1020.
123. Minnaert CST, Freitas MCS. Práticas de higiene em uma feira livre da cidade de Salvador (BA). *Ciência e Saúde Coletiva*. 2010 Junho; 15: p. 1607-1614.
124. Bonadim PODB, Machado PS, Lopez LC. Práticas de saúde entre prostitutas de segmentos populares da cidade de Santa Maria-RS: o cuidado em rede. *Physis*. 2012; 22: p. 779-801.
125. Giraldo PC. Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*. 2013; 35: p. 401-406.
126. Lima F, Cruz KT. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. 2016 Agosto;; p. 162-186.
127. Roncon PC, Alessandro R, Zamboni J, Pedrini MD. dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao sistema único de saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*. ; 21: p. 2517-2526.
128. Gerhardt TE. Itinerários terapêuticos em situações de pobreza: diversidade e pluralidade. *Cadernos de Saúde Pública*. 2006 Novembro; 22(11).
129. Guerin GD, Rossoni E, Bueno D. Itinerários terapêuticos de usuários de medicamentos de uma unidade de Estratégia de Saúde da Família. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2012; 17: p. 3003-3010.

## 10. Anexos

### 10.1. Anexo A- Manuscrito submetido à revista *Ciência e Saúde Coletiva*

#### PRÁTICAS DE CUIDADO ENTRE PROFISSIONAIS DO SEXO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

##### Resumo

**Introdução:** Existem determinantes estruturais que interferem diretamente no cuidado de si e na prevenção e promoção à saúde. As profissionais do sexo mesmo em contextos de precariedade e abandono se reinventam e desenvolvem diferentes estratégias de cuidado.

**Caminho metodológico:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. Para isso, realizou-se uma busca nas bases de dados Medline e PsycINFO. **Resultados:** Foram encontrados dezesseis artigos e identificadas dez categorias.

**Discussão:** Faz-se necessária a reflexão acerca dos métodos de prevenção e cuidado que estão disponíveis para as profissionais do sexo e se de fato eles estão sendo eficazes. Cada vez mais os fatores estruturais devem aparecer no contexto da promoção de cuidados à saúde. **Conclusões:** O debate ainda precisa amadurecer e caminhar para ações que sejam horizontalizadas, emancipatórias e que conversem com as percepções das próprias profissionais do sexo.

**Palavras chaves:** Profissionais do sexo; promoção da saúde; Conhecimentos, Atitudes e Prática em Saúde.

#### CARE PRACTICES AMONG SEX WORKERS: AN INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

##### Abstract

**Introduction:** There are structural determinants that directly interfere with self-care and prevention and health promotion. Sex workers, even in contexts of precariousness and

abandonment, reinvent themselves and develop different strategies of care. **Methodological path:** This is an integrative literature review. Therefore, it was made a search in the Medline and PsycINFO databases. **Results:** Sixteen articles were found and ten categories identified. **Discussion:** It is necessary to reflect on the prevention and care methods that are available to sex workers and whether they are actually being effective. Increasingly, structural factors must appear in the context of promoting health care. **Conclusions:** The debate still needs to mature and move towards actions that are horizontal, emancipatory and that converse with the perceptions of the sex workers themselves.

**Key words:** Sex workers; health promotion; Health Knowledge, Attitudes, Practice

## INTRODUÇÃO

A prostituição é observada no imaginário social ou senso comum como a troca de sexo por dinheiro, todavia representa uma diversidade de relações que não são puramente econômicas nem somente sexuais, abrange uma heterogeneidade de locais de trabalho, tipos de ambientes e riscos<sup>1,2</sup>. Existe uma condenação moral desta prática e, conseqüentemente, de quem a exerce. O estigma que recai sobre as profissionais do sexo é construído numa sucessão de fatos históricos de uma sociedade que não aceita nem tolera expressões diversas de sexualidade e que relega esses indivíduos à marginalidade<sup>3</sup>.

Sousa coloca que o advento das doenças venéreas pode ser citado como exemplo de um fato histórico que contribuiu para a percepção e representação desses sujeitos como os principais disseminadores de doenças sexualmente transmissíveis<sup>4</sup>. Como exemplo, pode-se citar o enquadramento das profissionais do sexo, logo no início da epidemia de HIV, na categoria de “transmissores centrais” e “vetores da doença”, fato esse que colaborou para o aumento do estigma com relação a essas mulheres<sup>5</sup>.

A reflexão detalhada acerca do contexto social, político e econômico é necessária para que seja compreendido o pano de fundo da vulnerabilidade enfrentada pelas profissionais do sexo no que diz respeito à sua saúde e vislumbrar melhores formas de intervenção. Estas formas de intervenção devem transcender às abordagens exclusivamente biomédicas numa direção a ações baseadas na promoção de direitos sociais<sup>6</sup>.

Estima-se que trabalhadoras sexuais enfrentem maiores probabilidades de infecção pelo HIV em comparação com o grupo de mulheres que não trabalham no mercado do sexo<sup>5</sup>. Existem dificuldades enfrentadas com relação à violência no cotidiano da atividade e nos locais



escolhidos para o trabalho (estabelecimentos fechados ou rua)<sup>7,8</sup>. Além do estigma presente em serviços de saúde e na atitude dos profissionais, o status de ilegalidade que se faz presente em alguns países colabora como mais um elemento estressor no contexto do trabalho sexual<sup>9</sup>. Essas mulheres, mesmo em contextos de precariedade e abandono se reinventam e desenvolvem estratégias de cuidado. Nos termos discutidos por Foucault, elas cuidam de si quando se fazem atentas ao que pensam e ao que se passa no pensamento<sup>10</sup>. Diz respeito à forma como olham e assumem uma construção crítica e autônoma de si mesmas, ao modo como estão no mundo e em como se relacionam com o outro. Esses modos de cuidado desenvolvidos por elas levam em consideração os diversos aspectos de suas vidas.

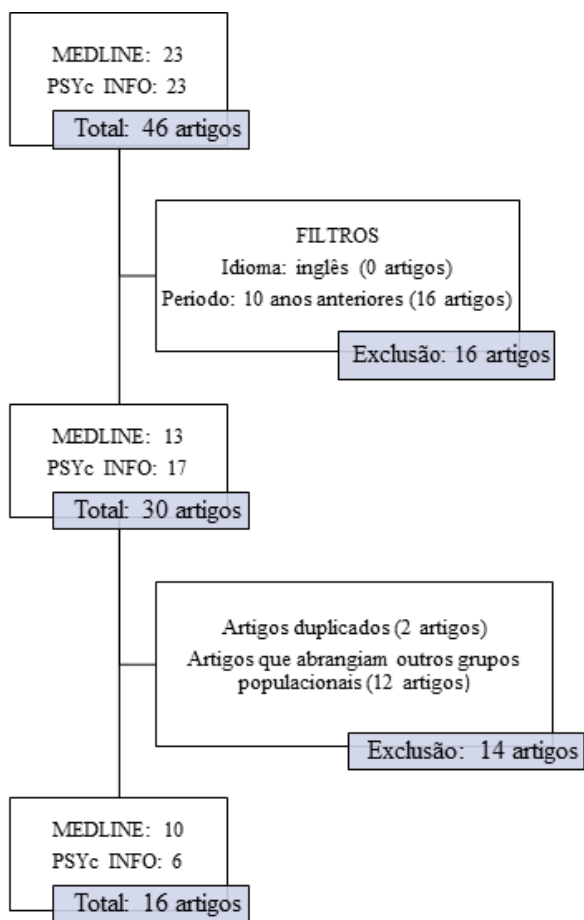
Diante da reflexão sobre esse cenário surgem alguns questionamentos: como que as profissionais do sexo agenciam o cuidado de si e quais os caminhos que são percorridos por elas no processo de saúde-adoecimento? Quais estratégias de cuidados são utilizadas por essas mulheres? Além dessas questões, pretende-se também investigar como essa temática tem sido tratada e explicitada nas produções científicas e quais as percepções sobre o assunto.

## **CAMINHO METODOLÓGICO**

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura cujo objetivo foi identificar as estratégias de cuidado utilizadas pelas profissionais do sexo no cuidado de si no campo da saúde. Realizou-se uma busca nas bases de dados Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e American Psychological Association (PsycINFO).

Foram utilizados descritores somente em língua inglesa com a seguinte sequência de pesquisa: “profissionais do sexo” AND (“conhecimentos, atitudes e prática em saúde” OR “atitude frente à saúde”) AND “promoção da saúde” AND “mulheres”. Utilizou-se como critério de inclusão artigos em português, espanhol e inglês e publicados nos referidos bancos de dados nos últimos dez anos. Foram excluídos aqueles que continham em sua amostra outros grupos populacionais que não eram de profissionais do sexo mulheres. Dos quarenta e seis estudos encontrados, dezesseis atenderam aos critérios de inclusão, sendo os outros excluídos por estarem fora do período estabelecido, abranger mais grupos populacionais, estudos duplicados e por tratarem de temáticas diferenciadas da escolhida (figura 1).

A etapa seguinte consistiu na leitura de todos os artigos selecionados e análise crítica e qualitativa que identificou pontos em comum e permitiu o agrupamento de significados em eixos temáticos (figura 2).



**Figura 1:** Fluxograma. Critérios de exclusão e artigos selecionados de acordo com a estratégia de busca.



**Figura 2:** Categorias identificadas a partir da leitura crítica dos artigos selecionados.

## RESULTADOS

A amostra final foi constituída por dezesseis artigos científicos selecionados. Destes, dez artigos foram encontrados na base de dados MEDLINE e seis na Psyc INFO.

A partir da leitura crítica dos estudos selecionados, dez categorias que fazem menção às estratégias de cuidado foram identificadas. Vale mencionar que a distribuição dos estudos para cada uma delas não se deu de forma linear, pois muitos deles foram inseridos em mais de uma categoria.

A primeira: “busca de serviços de saúde”, na qual foram identificados quatro artigos. Esta categoria engloba serviços de saúde públicos (hospitais, centros de saúde) e privados (clínicas particulares). A segunda: “uso de preservativos”, com dez estudos. Os preservativos citados podem ser tanto femininos quanto masculinos. A terceira: “negociação com o cliente”,

com quatro artigos. A quarta categoria identificada como: “uso de recursos para informação em saúde”, com três; engloba mídia de massa (televisão, rádio, internet), folders explicativos (propagandas de rua), recursos humanos (profissionais de saúde ou educadores, por exemplo). A quinta: “participação de atividades educativas”, com cinco artigos. Tal categoria refere-se oficinas educativas, projetos de pesquisa e programas de intervenção (realizados pelo governo ou por Universidades).

A sexta: “trabalhar em locais fechados”, com dois estudos; refere-se a estabelecimentos os quais as profissionais trabalham, como por exemplo: bordéis, casas de massagem, karaokê, casas de show, entre outros. A sétima categoria: “busca por testagem”, com três; referindo-se tanto a testes HIV, como de sífilis e hepatite B e C. A oitava diz respeito à “automedicação”, com apenas um artigo. A nona: “higienização pós programa”, com um artigo e finalmente, a décima categoria “observação do cliente”, também com um artigo. Esta categoria diz respeito a atenção plena aos gestos e corpo do cliente no momento da realização do programa. O quadro 1 apresenta, de uma forma compilada, as especificações de cada artigo selecionado.

A maioria dos artigos encontrados são estudos realizados no continente asiático com cinco artigos da China, dois do Vietnã, dois na Índia, um da Indonésia, um das Filipinas e um do Camboja. Os outros quatro estudos são divididos entre Canadá (2), Austrália (1) e Quênia (1). Grande parte dos estudos foram realizados nos últimos cinco anos (10) e são de cunho quantitativo (9).

Todos os artigos encontrados tinham objetivos que abrangiam questões vinculadas a saúde sexual das participantes, como por exemplo: o uso de preservativos com clientes ou companheiros, conhecimento sobre HIV e ISTs, comportamento de risco, busca de serviços de saúde sexual, entre outros temas afins.

**Quadro 1:** Artigos levantados nas bases de dados sobre as estratégias de cuidado utilizadas pelas profissionais do sexo.

Titulo	Ano	País	Objetivos	Categorias	Considerações sobre o artigo
Factors associated with establishment-based female sex workers accessing health care services in Shanghai	2015	China	Examinar os padrões e fatores associados à utilização de serviços de saúde relacionados ao HIV e serviços de saúde em geral pelas profissionais do sexo	"Busca por serviços de saúde". "Busca por testagem".	Os serviços de saúde gratuitos e baseados na comunidade são altamente exigidos pelas trabalhadoras do sexo. Além da promoção do teste gratuito de HIV também os outros serviços de saúde em geral devem ser mais acessíveis.
The Effect of a Structural Intervention for Syphilis Control Among 3597 Female Sex Workers: A Demonstration Study in South China	2012	China	Examina o efeito de uma intervenção estrutural integrada do HIV/DSTs no incidente de infecção da sífilis e HIV em 6 cidades do sul da China.	"Participação de atividades educativas". "Uso de preservativos".	Existe uma grande eficácia e potenciais benefícios para a saúde pública na prevenção e controle da sífilis através do fornecimento de amplas intervenções estruturais. Deve-se estar atento aos diferentes contextos e riscos aos quais as profissionais do sexo estão expostas e melhorar o contato entre indústria do sexo e serviços de saúde.
Promoting Female Condoms in the sex industry in four towns of Southern China: context matters.	2014	China	Explorar os fatores individuais e contextuais relacionados ao uso de preservativos femininos em 4 locais do sul da China.	"Participação de atividades educativas". "Uso de preservativos".	A adição de intervenções que visam a promoção do uso de preservativos femininos pode aumentar as taxas de sexo desprotegidos. É importante entender o papel dos fatores contextuais que influenciam o uso destes preservativos.
Assessment of attitudes and practices of providers of services for individuals at high risk of HIV and sexually transmitted infections in Karnataka, south India	2010	Índia	Compreender a qualidade dos serviços prestados no projeto. Avaliar as atitudes e práticas dos prestadores de serviços e compreender as percepções e o nível de conforto das profissionais do sexo no acesso a serviços que contribuíram para a qualidade geral do trabalho.	"Busca por serviços de saúde".	Apesar das entrevistas terem mostrado que os programas e os prestadores de cuidado foram relativamente bem aceitos pelas profissionais do sexo, ainda há uma lacuna com relação ao treinamento desses profissionais. Se fazem necessárias vias para melhorar suas atitudes e práticas.
Structural Determinants of Inconsistent Condom Use with Clients Among Migrant Sex Workers: Findings of Longitudinal Research in an Urban Canadian Setting	2015	Canadá	Examinar os determinantes estruturais do risco de DST/HIV medido com o uso inconsistente pelos clientes entre trabalhadores sexuais migrantes em Vancouver, British Columbia.	"Trabalhar em locais fechados"	Os achados destacam que a falta de acesso a preservativos nos locais de trabalho mina sua negociação e sua utilização e estes locais podem se tornar fatores de proteção ou risco para a prevenção ao HIV. Vale mencionar que estabelecimentos fechados foram relacionados com o uso mais consistente de preservativos.
Newcomers in a hazardous environment: a qualitative inquiry into sex worker vulnerability to HIV in Bali, Indonesia.	2014	Indonésia	Explorar as práticas de prevenção do HIV de profissionais do sexo que são "recém-chegadas" no trabalho sexual, a fim de compreender os impactos da política e destacar áreas para novas ações.	"Negociação com o cliente". "Participação de atividades educativas". "Busca por testagem".	É necessário que as políticas públicas e programas de prevenção olhem para as profissionais do sexo de forma mais holística, com vistas à construção de redes sociais e de solidariedade dentro da comunidade das trabalhadoras sexuais.
Working to Prevent HIV/STIs Among Women in the Sex Industry in a Rural Town of Hainan, China	2006	China	Avaliar um estudo de intervenção comportamental de duas fases conduzido entre 1997 e 2000 para as trabalhadoras do sexo em uma cidade rural da província de Hainan.	"Uso de preservativos". "Participação de atividades educativas".	Foi identificado o aumento da conscientização sobre DSTs e o HIV/AIDS, a motivação para o uso de preservativos e o seu aumento associado à participação da intervenção. Sendo assim, pelo menos uma parte das mudanças pode ser atribuída a ela.
Listening to female sex workers in Vietnam: influences on safe-sex practices with clients and partners Doreen.	2006	Vietnã	Identificar, por meio de entrevistas qualitativas aprofundadas, a extensão das práticas sexuais não seguras, bem como as barreiras à prática de sexo seguro entre as profissionais do sexo em Khanh Hoa.	"Uso de preservativos".	As necessidades financeiras urgentes desempenham um papel importante no comportamento de risco das profissionais do sexo. Destaca-se também a necessidade da concentração de estratégias preventivas para os clientes, já que ele possui papel fundamental na relação.

Título	Ano	País	Objetivos	Categorias	Considerações sobre o artigo
Partners and Clients of Female Sex Workers in an Informal Urban Settlement in Nairobi, Kenya	2012	Quênia	Comparar e contrastar o número de parceiros e o comportamento do uso de preservativos de profissionais do sexo e uma amostra de mulheres que trabalham em outras atividades econômicas, com ambas as amostras extraídas do grande assentamento informal de Kibera, Nairóbi, Quênia	"Uso de preservativos".	Os parceiros românticos podem ser vistos como uma fonte de apoio econômico e social para as profissionais do sexo Kiberas, representando um fator de proteção e não somente de risco.
Condom negotiation and use among female sex workers in Phnom Penh, Cambodia	2014	Camboja	Examinar: 1- As características do trabalho sexual que podem influenciar o uso do preservativo. 2- A negociação e o uso do preservativo diferenciados pelo tipo de parceiro. 3- A percepção de eficácia e vontade de usar diferentes estratégias de negociação de preservativos.	"Negociação com o cliente". "Uso de preservativos".	Os futuros esforços de prevenção devem contemplar ações que capacitem e ajudem as profissionais do sexo a melhorar suas estratégias de negociação com os clientes e principalmente com parceiros regulares. Destaca-se que a não-negociação de preservativos foi significativamente associada ao uso inconsistente de preservativo para o sexo com parceiros regulares.
A retrospective case note review of sex worker attendees at sexual health clinics in the western suburbs of Sydney.	2010	Austrália	Investigar as características sociais e demográficas, as práticas sexuais e a saúde sexual das mulheres que frequentam as clínicas de saúde sexual nos subúrbios ocidentais de Sydney.	"Busca por serviços de saúde".	Intervenções baseadas em evidências, culturalmente e linguisticamente apropriadas e voltadas para a promoção da saúde beneficiariam potencialmente grupos étnicos diversificados que estão no trabalho sexual.
Female sex worker client behaviors lead to condom breakage: A prospective telephone-based survey in Bangalore, South India.	2013	Índia	Examinar as taxas de ruptura de preservativos e os fatores pessoais, parceiros e situacionais associados entre as profissionais do sexo em Bangalore.	"Uso de preservativos".	A violência e o sexo ríspido são um fato difuso ano cotidiano das profissionais do sexo em Bangalore. São necessários mais esforços com a polícia, o reforço do empoderamento, o uso de linhas de ajuda e aconselhamento para as mulheres mais vulneráveis.
Promoting HIV Testing and Condom Use Among Filipina Commercial Sex Workers: Findings from a Quasi-Experimental Intervention Study	2009	Filipinas	Examinar os efeitos de uma intervenção de teoria baseada em ação social de múltiplos níveis para aumentar o teste de HIV e o uso consistente de preservativo entre as profissionais do sexo. Examinar também se as alterações nos atributos individuais e no ambiente de trabalho influenciam os padrões de testes de HIV e no uso consistente de preservativos.	"Uso de preservativos". "Busca por testagem". "Participação de atividades educativas".	Os achados sugerem que fatores (individuais, sociais) em vários níveis (gestão, processos de trabalho) estão ligados a mudanças nos comportamentos protetores.
Mass Media and HIV/AIDS Prevention Among Female Sex Workers in Beijing, China	2015	China	Analisar se a exposição à informação sobre a prevenção do HIV em várias formas de comunicação de massa está associada ao conhecimento e às atitudes relacionadas com o HIV em relação à prática sexual protegida entre as profissionais do sexo chinesas.	"Uso de recursos para informação em saúde".	O estudo destaca que a exposição à mídia de massa (folders e propagandas em papel na rua, mídia televisiva) pode promover comunicações interpessoais sobre HIV/AIDS.
Health-seeking behaviour for sexually transmitted infections and HIV testing among female sex workers in Vietnam	2007	Vietnã	Explorar o comportamento de busca de saúde para infecções sexualmente transmissíveis e teste de HIV entre as profissionais do sexo nas cidades de Hanoi e Da Nang, no Vietnã.	"Busca por serviços de saúde". "Negociação com o cliente". "Uso de recursos para informação de saúde". "Trabalhar em locais fechados". "Automedicação". "Higienização pós programa". "Uso de preservativos"	O desafio de prevenir e promover políticas públicas visando o gerenciamento das DSTs não diz respeito simplesmente a criação de novas intervenções, mas sim a compreensão das barreiras existentes e a elaboração de estratégias para garantir que programas eficazes de controle das DSTs sejam implementados no futuro.
Condom use as situated in a risk context: women's experiences in the massage parlour industry in Vancouver, Canada	2012	Canadá	Avaliar as experiências das mulheres com o uso do preservativo e como elas estão situadas dentro da dinâmica social de seu trabalho na indústria do sexo indoor em Vancouver, Canadá	"Uso de preservativos". "Negociação com o cliente". "Uso de recursos para informação em saúde". "Observação do cliente".	O estudo identificou a necessidade de explorar mais a fundo as experiências de mulheres imigrantes pois, como apontam os resultados, este grupo enfrenta uma dinâmica restritiva única no que diz respeito ao uso do preservativo em encontros de sexo comercial.

## DISCUSSÃO

### **Categoria 1: Busca de serviços de saúde**

Três artigos desta categoria citam o medo do preconceito como um impedimento na utilização dos serviços de saúde por parte das profissionais do sexo<sup>11,12,37</sup>. Isso vai de encontro a um estudo realizado na Rússia com 139 trabalhadoras sexuais, no qual mais da metade (58%) não foram ao serviço de saúde quando precisaram por estarem preocupadas no tratamento que iriam receber do profissional médico<sup>13</sup>. Esse medo pode ser explicado pela experiência pessoal prévia com algum discurso estigmatizante realizada tanto por profissionais da saúde quanto de outra área<sup>14</sup>. Diante disso, se faz necessário o treinamento, capacitação e organização de processos de trabalhos que atendam integralmente as demandas das profissionais do sexo<sup>15</sup>.

Elas enfrentam cotidianamente o estigma por conta de sua ocupação e muitas vezes o status de ilegalidade de sua prática, que é visto em diversos países, pode ser um fator que impossibilita a procura por esses serviços<sup>16,6,11</sup>.

Faz-se necessária a criação de políticas de saúde específicas e que contemplem as singularidades das profissionais do sexo e que levem em consideração contextos e situações que estão além da infecção sexualmente transmissível (IST)<sup>17</sup>. Deve-se ter uma escuta atenta para identificação de possíveis riscos à saúde física e psicológica<sup>18</sup>.

### **Categoria 2: Uso de preservativos**

A grande quantidade de estudos que fazem menção ao uso de preservativo masculino pode ser explicada pela sua eficácia na redução da transmissão de ISTs. Investigações colocam que o uso consistente diminui em 80% a incidência de HIV e que ele é o mais eficiente método estudado e recomendado em contextos de prostituição<sup>19,06</sup>. Porém, um contraponto a esta afirmativa é colocado por Dourado, et al., que aponta para o surgimento de biotecnologias atuais de prevenção e diferentes estratégias comportamentais as quais colocam em questão se o preservativo masculino é de fato a estratégia mais adequada de prevenção em todos os contextos e situações<sup>20,21</sup>.

Importante notar que nenhum estudo mencionou o uso contínuo de preservativos com clientes e alguns falaram sobre o não uso com parceiros românticos, como demonstrado por

Pan, et al., Januraga, Somers e Ward e Rosenthal e Oanh<sup>11,22,23</sup>. Estes achados vão de encontro com os destacados por Malta, et al., em uma revisão sistemática, o qual identifica que é maior e mais provável o uso de preservativos com clientes do que com parceiros estáveis<sup>24</sup>. Esse não uso, pode ser explicado pela necessidade de diferenciação da relação entre o parceiro daquelas vivenciadas no cotidiano do trabalho sexual, como uma “quebra de contrato”<sup>25</sup>. Pode indicar a possibilidade de o preservativo afetar negativamente a relação ou representar o machismo que permite ao homem escolher a forma como irá se relacionar sexualmente. Essa diferença de uso verificada nesta revisão corrobora com estudos tanto nacionais quanto internacionais<sup>6</sup>.

Ao mesmo tempo em que não usar preservativo com o parceiro sexual pode indicar uma possível problemática para o uso consistente de preservativos Nigugi, et al., coloca que a relação romântica e regular atua como uma espécie de redução de danos, já que reduz o número de clientes e consequentemente, o sexo desprotegido<sup>26</sup>. Este resultado vai de encontro com os achados de Chiao e Morisky os quais sugerem que viver com um parceiro regular é um fator de proteção contra ISTs<sup>27</sup>.

Apesar de ser uma estratégia de cuidado bastante utilizada pelas profissionais do sexo, nota-se que ainda há uma lacuna no uso consistente desse elemento e que fatores estruturais interferem. Dentre esses fatores podem ser citados: desconhecimento acerca das ISTs, dificuldades financeiras, acesso restrito ao preservativo, status de ilegalidade do trabalho sexual, entre outros aspectos<sup>28</sup>. Diante disso, uma saída seria a combinação de métodos preventivos que oferecessem possibilidades e autonomia a essas mulheres de pensar no seu cuidado de uma forma mais realista<sup>29</sup>. É válido mencionar que outros métodos podem ser tão eficazes quanto o uso de preservativos e que isso deve ser explorado pelos gestores.

### **Categoria 3: Negociação com o cliente**

Os estudos apresentados nesta revisão mostraram e, Tan e Torres mencionaram, que existe uma série de barreiras e facilitadores que afetam a negociação do uso consistente de preservativos entre profissionais do sexo e clientes<sup>30</sup>. Uma das barreiras encontradas foi a falta de habilidade das mulheres para lidar com a rejeição do sexo protegido por parte dos parceiros românticos e com clientes regulares<sup>31</sup>. Esse fato pode ter vinculação com desigualdades de gênero e vulnerabilidade à violação enfrentadas por mulheres<sup>32</sup>. Ou também com a percepção do cliente como alguém livre de doenças<sup>33</sup>. Tan e Torres ainda colocam que na maioria dos



países da Ásia as trabalhadoras sexuais não tem poder para negociar o uso do preservativo, fato esse que é associado a quebra de direitos fundamentais experimentados por essas mulheres, como por exemplo a violência que estão submetidas<sup>30</sup>.

O fato da profissional do sexo ocupar um espaço de marginalização facilita o estabelecimento de uma hierarquia tanto com o cliente quanto com o parceiro romântico a partir da qual predomina a subordinação sexual e econômica<sup>17</sup>. Vale notar que isso vai de encontro às dificuldades na negociação, já que a falta de habilidade para tal encontra solo fértil na dificuldade econômica encontrada por muitas nos locais diferenciados e vulneráveis que ocupam, entre outros aspectos<sup>22,34</sup>.

#### **Categoria 4: Uso de recursos para informação em saúde**

É importante notar que os canais de comunicação em massa são ferramentas potentes para a educação em saúde e são utilizados pelas profissionais do sexo para o cuidado de si<sup>35</sup>. Um estudo de Li, et al., com uma amostra de 3.716 trabalhadores de mercado demonstra que os meios de comunicação como televisão, revistas e jornais eram mais frequentemente identificados como fontes de informações acerca do HIV do que fontes de informações interpessoais (por exemplo, profissionais de saúde), corroborando com o que Ngo et al., e Xiao, et al., pontuaram<sup>36,37,38</sup>. Esses achados são importantes como apontamentos para a criação de políticas públicas que englobem novas tecnologias de prevenção e novas formas de produzir cuidado<sup>20</sup>.

Um artigo nesta categoria Ngo et al., também cita a educação pelos pares como uma fonte de informação<sup>37</sup>. Em revisão de literatura Medley, et al., confirma que, de fato, esta é uma estratégia que tem efeito global positivo nos resultados comportamentais, como, por exemplo, no aumento do uso de preservativos e até mesmo na diminuição do compartilhamento de materiais para uso de drogas, porém no que diz respeito à redução de prevalência de HIV/ISTs não há efetividade quando implementada de forma isolada de outras intervenções<sup>39,6</sup>.

#### **Categoria 5: Participação em atividades educativas**

É importante notar que os efeitos benéficos das ações educativas são transversais aos processos de saúde-adoecimento e, sendo assim, se faz necessário ampliar estas ações de modo

que elas sejam emancipatórias, participativas e dialogue com as subjetividades dos sujeitos<sup>40</sup>. Em consonância a isto Wang et al., aponta em seu estudo que a intervenção realizada se utilizou também de tecnologias leves como a criação de vínculo, confiança mútuas e conexões sustentáveis entre os estabelecimentos sexuais e clínicas que oferecem serviços voltados para ISTs e não somente da abordagem tradicional que preza unicamente pela distribuição e uso de preservativos<sup>41,42,43</sup>. A utilização única de informações técnicas nas atividades educativas, sem que sejam despertadas atitudes reflexivas, não garante a construção de práticas mais saudáveis.

Leite, Murray e Lenz destacam que as intervenções com o público de profissionais do sexo devem avançar de ações que focalizam somente a saúde sexual (uso de preservativos e testagens) para ações que olhem para as redes de apoio e expandam para o contexto político da prática<sup>6</sup>. As ações educativas precisam ser mais efetivas para que cada vez mais profissionais do sexo possam se utilizar dela como estratégias de cuidado.

### **Categoria 6: Trabalhar em locais fechados**

As profissionais do sexo que trabalham na rua sofrem desigualdades de saúde e vivenciam altas taxas de estigma e violência<sup>30</sup>. Estes são determinantes estruturais que afetam a saúde e as formas de cuidado de si promovendo à mulher alta vulnerabilidade à aquisição de doenças<sup>44</sup>. Pensando nisso, de acordo com os estudos, trabalhar em ambientes fechados poderia ser uma forma de resistência e uma estratégia de ampliação da segurança pessoal<sup>45</sup>. Sanders e Campebell apresentam a opinião de uma entrevistada que descreve o trabalho em ambientes internos como promovendo um maior senso de controle e proteção<sup>45</sup>. Estas são formas de gerenciamento da violência e implicam diretamente no aumento de possibilidades do cuidado de outras esferas da vida, como a saúde. Os estudos desta categoria apresentam dados que relacionam trabalho em ambiente fechado à maior possibilidade de comportamentos de busca de recursos de saúde (exames, testagens), por exemplo. O fato de existir um gerenciamento do local, as transações sexuais (como a negociação do uso de preservativo) se tornam mais facilitadas<sup>44,37</sup>. Porém, em contraposição a isto Januraga, Somers e Ward atentam que ambientes fechados como bordéis podem na realidade, ser em essência, extremamente competitivos e hostis, principalmente para a mulher recém-chegada no local<sup>22</sup>. Além disso, vale mencionar também que estas casas fechadas podem ser (e são muitas vezes), em países como o Brasil,

locais de bastante exploração por parte do “agenciador” também conhecido como “cafetão/cafetina”.

### **Categoria 7: Busca por testagem**

Chiao, et al., demonstra que um melhor conhecimento das IST's se relaciona a maiores possibilidades de busca por teste de HIV<sup>46</sup>. Esta relação pode ser ampliada para a utilização dos serviços de saúde, como clínicas<sup>12</sup>. Além da relação entre busca de testagem *versus* conhecimento de condições de saúde, é importante notar que compreender variáveis contextuais e oferecer intervenções de ordem comunitária se fazem necessárias para a promoção estratégias de saúde como por exemplo, os testes de HIV<sup>11,46</sup>.

Segundo Ngo, et al., a busca por testagem é influenciada por fatores macro e microsociais como o estigma associado ao HIV ou o próprio medo a mulher de ser diagnosticada com alguma patologia<sup>37</sup>. Todos estes fatores servem de impedimento para o acesso à testagem. Olhando pelo prisma da dificuldade que as profissionais do sexo têm do ingresso ao serviço de saúde e do medo do preconceito que muitas vezes minam a vontade de realização do teste, Stevens coloca que auto teste de HIV poderia ser uma alternativa para este tipo de situação<sup>47</sup>. Menciona ainda que poderia ser mais uma ferramenta para o melhoramento das taxas de testes e para ampliação das possibilidades de cuidado à saúde.

### **Categoria 8: Automedicação**

Um artigo foi inserido nesta categoria. Ele mencionou que a prática da automedicação parece ser comum entre as profissionais do sexo quando elas experimentam sintomas de IST's. Não foi explorado detalhes acerca desta prática, porém ela pode ser pensada como uma forma de cuidado e de resolução rápida dos problemas de saúde<sup>48</sup>. Gerhardt, em seu estudo que investiga os itinerários terapêuticos de famílias de baixa renda, coloca que a automedicação pode revelar dificuldades no acesso a serviços de saúde, fator este gerador de desigualdades<sup>49</sup>. Isto de algum modo se assemelha ao estudo de Ngo, et al., que faz menção a profissionais do sexo em situação de dificuldade financeira e com acesso restrito a serviços de saúde formais<sup>37</sup>.

É importante notar que os caminhos percorridos pelas profissionais do sexo, não são aqueles pré-determinados pelo sistema de saúde. Nestes caminhos, se fazem presentes suas crenças, conhecimentos compartilhados por pessoas próximas e a prática de automedicação<sup>37,28</sup>. Neste contexto, essas mulheres circulam por entre âmbitos populares e biomédicos construindo seu próprio modo de cuidado à saúde, de acordo com as possibilidades que lhes são apresentadas<sup>50</sup>.

### **Categoria 9: Higienização pós programa**

Apenas um artigo foi inserido nesta categoria<sup>37</sup>. Os autores não discorreram sobre esta estratégia, apenas mencionaram de maneira superficial.

De forma mais detalhada Bonadiman, Machado e Lópes citam esta prática de cuidado através de um estudo qualitativo com profissionais do sexo residentes em Santa Maria- RS, Brasil<sup>51</sup>. As autoras puderam verificar que esta é uma técnica de saúde corriqueira entre as trabalhadoras sexuais. Pasini também destaca em seu trabalho a higienização dos corpos como a principal preocupação entre essas mulheres<sup>25</sup>. Este ato pode ser entendido como uma forma de cuidado assim como uma maneira de demarcar fronteiras entre as diferentes relações (entre companheiro e cliente)<sup>51</sup>. As concepções de limpo e sujo estão cercadas de simbolismo e a preocupação com a limpeza do corpo ou de partes dele podem refletir o afastamento da ideia de impureza, um dos estigmas direcionados à trabalhadoras sexuais<sup>52,22</sup>. As autoras ainda colocam que essa postura de higienização pós programa pode representar em um reforço de uma postura profissional<sup>51</sup>.

Outro estudo brasileiro cita a ducha vaginal como prática comum entre os diversos grupos de mulheres não só as profissionais do sexo<sup>53</sup>. Aponta, porém que, se frequente, esta prática pode trazer riscos, como por exemplo, aumentar a susceptibilidade das mulheres a agentes sexualmente transmissíveis<sup>54</sup>.

### **Categoria 10: Observação do cliente**

Um artigo foi inserido nesta categoria. É visualizada como mais uma técnica de cuidado utilizada pelas profissionais do sexo para evitar que o cliente retire o preservativo durante a relação sexual.

Esta preocupação por parte das mulheres pode ser explicada por conta da violência de gênero sofrida por elas. Tal violência se constitui como qualquer ato que seja capaz de causar dano físico, psicológico ou sexual e envolve desigualdades de poder entre homens e mulheres<sup>55</sup>. Um estudo realizado por Sanders e Campbell demonstra esta violência em forma de violação do contrato sexual no momento em que o cliente tenta remover o preservativo durante o programa<sup>45</sup>. Situação não tão incomum para essas mulheres.

O universo da prostituição envolve regras e aprendizados que são corporificados ao longo da prática e a “observação do cliente” pode ser parte destes aprendizados que muitas vezes são movidos por racionalizações e por emoções como o medo<sup>56</sup>. Este medo, que pode envolver o risco de ISTs, por exemplo, funciona como mobilizador e alerta da necessidade de ampliação da leitura da realidade<sup>56</sup>.

Vale mencionar também outro artigo encontrado nesta revisão que mencionou a observação do cliente no momento da decisão de fazer ou não sexo com preservativo<sup>28</sup>. Este tópico foi atrelado ao desconhecimento que a mulher tinha das infecções sexualmente transmissíveis. Achados parecidos foram colocados por Lian, et al., os quais pontuaram que as profissionais do sexo, por não perceberem lesões no pênis do cliente, refletiam a possibilidade do sexo desprotegido<sup>57</sup>. Esta reflete uma técnica interessante no que tange a atenção plena à prática e ao cliente, porém se faz necessária uma melhor oferta de informações para a trabalhadora sexual acerca dos diversos assuntos sobre saúde para que tenham autonomia de fazerem escolhas saudáveis.

### **Continuando a conversa**

Atualmente, o continente asiático se defronta com um desafio epidêmico semelhante ao encontrado na África Subsaariana. Em alguns países como Camboja e Índia, o sexo desprotegido é a forma principal de transmissão do HIV, na China, o sexo heterossexual, também desprotegido tem se tornado a forma primária de infecção<sup>31,41</sup>. Todos esses países identificam o grupo das profissionais do sexo como “grupo de risco” e como “força motriz”

importante na transmissão de IST's<sup>30</sup>. Talvez isso explique a grande produção de pesquisa científica sobre essa temática nos países asiáticos e o grande número de artigos deste continente encontrados para esta revisão.

Apesar de haver uma tendência atual das investigações de englobar as múltiplas variáveis e as complexidades do fenômeno do trabalho sexual, muitas produções científicas ainda concentram o foco nas patologias e saúde sexual das profissionais do sexo<sup>35</sup>. Isto pode explicar o fato desta revisão, apesar da pequena amostra, concentrar todos os seus achados na temática “saúde sexual”. Tais enfoques colaboram para a manutenção de uma visão simplista, discriminatória e desempoderante da mulher que está inserida no trabalho sexual e demonstram também uma visão fragmentada do conceito de saúde<sup>4,35</sup>.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A insistência e focalização em métodos únicos de prevenção, que não olhem para a construção de redes de solidariedade, para a construção política dos sujeitos, nem para a construção de pensamentos reflexivos acerca das condições de vida e trabalho destas mulheres, estão fadados a serem eternamente ações de tutela por parte do Estado/Universidade/profissionais direcionadas às profissionais do sexo<sup>6</sup>.

Todos esses fatores demonstram que, apesar dos tímidos avanços neste campo, o debate ainda precisa amadurecer e caminhar para ações que sejam horizontalizadas, emancipatórias e que conversem com as percepções de cuidado das próprias prostitutas.

É preciso avançar.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- 1- Barreto LC, Silveira CD, Grossi MP. Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis: entre o trabalho, o afeto e a sexualidade. Rev Ciênc hum. 2012; 46(02): 511-534.

- 2- Aquino PS, Nicolau AIO, Pinheiro AKB. Desempenho das atividades de vida de prostitutas segundo o modelo de enfermagem de Roper, Logan e Tierney. *Rev. Brasil. enf.* 2011; 64(1): 136-44.
- 3- Figueiredo R, Peixoto M. Profissionais do sexo e vulnerabilidade. *Bolet Instt Saúde-BIS.* 2010; 12(2): 196-201.
- 4- Sousa FR. Educação popular em Saúde e participação de prostitutas: contribuição para a gestão participativa do SUS. *Rev. Interface.* 2014; 18(2): 1559-1568.
- 5- Kerrigan D, Wirtz A, Baral S, Decker MR, Murray L, Poteat, T, et al. *The Global Epidemics Among Sex Workers.* Washington DC: World Bank; 2012.
- 6- Leite, GS. Murray, L. Lenz, F. O Par e o Ímpar: o potencial de gestão de risco para a prevenção de DST/HIV/AIDS em contextos de prostituição. *Rev Bras Epidem*, 2015: 7-25.
- 7- Penha, JC. et al., Caracterização da violência física sofrida por prostitutas do interior piauiense. *Rev Bras Enferm*, Brasília 2012 nov-dez; 65(6): 984-90.
- 8- Maher, et al., Selling sex in unsafe spaces: sex work risk environments in Phnom Penh, Cambodia. *Harm Reduction Journal* 2011.
- 9- Zhang, C. et al., Psychological Stressors in the Context of Commercial Sex Among Female Sex Workers in China. *Health Care Women Int* July, 2015, 36(7): 753–767.
- 10- Foucault M. *A hermenêutica do sujeito.* São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- 11- Pan, R. et al., Factors associated with establishment-based female sex workers accessing health care services in Shanghai. *AIDS Care*, 2015, 27(6), 688–692.
- 12- Jayanna, K. et al., Assessment of attitudes and practices of providers of services for individuals at high risk of HIV and sexually transmitted infections in Karnataka, south India. *Sex Transm Infect* 2010; 86:131-135.
- 13- King, LJ. Et al. The Influence of Stigma and Discrimination on Female Sex Workers' Access to HIV Services in St. Petersburg, Russia. *AIDS Behav*, 2013; October; 17(8).
- 14- Feijó, MEV. Pereira, JB. Prostituição e preconceito: Uma análise do projeto de lei Gabriela Leite e a violação da dignidade da pessoa humana. *Ciências humanas e sociais*, Maceió, 2014, 2(1): 39-57.
- 15- Junior, NC. et al., Organização de Práticas de Saúde Equânimes em Atenção Primária em Região Metropolitana no Contexto dos Processos de Inclusão e Exclusão Social. *Saúde e Sociedade*, 2006, 15(3): 30-39.
- 16- Vilella, WV. Monteiro, S. Gênero, estigma e saúde: reflexões a partir da prostituição, do aborto e do HIV/aids entre mulheres. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, 2015 24(3):531-540.
- 17- Arboit, J. et al., Situações de vulnerabilidade à violência de mulheres profissionais do sexo: interfaces no campo da saúde. *Rev enferm UFPE on line.*, Recife, 2014, 8(2):3784-9.
- 18- Brasil. Ministério da Saúde. *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica.* Brasília: Ministério da Saúde; 2012.

- 19- Weller, SC. Davis-Beatty, K. Condom effectiveness in reducing heterosexual HIV transmission. 2012.
- 20- Dourado, I. et al., Revisitando o uso do preservativo no Brasil. *Rev Bras Epidemiol*, set 2015; 18: 63-88.
- 21- Li Nie, MS. et al., Promoting Female Condoms in the Sex Industry in Four Towns of Southern China: Context Matters. *Sex Transm Dis* . 2013 March ; 40(3): 264–270.
- 22- Januraga, PP. Somers, JM. Ward, PR. Newcomers in a hazardous environment: a qualitative inquiry into sex worker vulnerability to HIV in Bali, Indonesia. *BMC public health*, 2014, 14:832.
- 23- Rosenthal, D. Oahn, TTK. Listening to female sex workers in Vietnam: influences on safe-sex practices with clientes and partners. *Sexual Health*, 2006, 3, 21-32.
- 24- Malta M, Magnanini M, Mello M, Pascom AR, Linhares Y, Bastos FI. HIV. Prevalence among Female Sex Workers, Drug Users and Men who have Sex with Men in Brazil: A Systematic Review and Meta-analysis. *BMC Public Health* 2010; 10: 317.
- 25- Pasini, E. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *cadernos pagu*, 2000, (14):181-200.
- 26- Nugugi, E. et al., Partners and Clients of Female Sex Workers in an Informal Urban Settlement in Nairobi, Kenya, *Cult Health Sex*. 2012 ; 14(1).
- 27- Chiao, C. Morisky, DE. The Role of a Regular Sex Partner in Sexually Transmitted Infections and Reinfections: Results From the Study of Female Entertainment Establishment Workers in the Philippines. *Sex Transm Dis* . 2007 August ; 34(8): 534–540.
- 28- Handlovisky, I. Bungay, V. Kolar, K. Condom use as situated in a risk context: women’s experiences in the massage parlour industry in Vancouver, Canada. *Culture, Health & Sexuality* Vol. 14, No. 9, October 2012, 1007–1020.
- 29- Grangeiro, A. et al., O efeito dos métodos preventivos na redução do risco de infecção pelo HIV nas relações sexuais e seu potencial impacto em âmbito populacional: uma revisão da literatura, 2015. 18(1):43-62.
- 30- Tan, SY. Torres, GJM. A systematic review and metasynthesis of barriers and facilitators to negotiating consistent condom use among sex workers in Asia. *Culture, Health & Sexuality*, 2015.
- 31- Bui, T. C., C. M. Markham, L. T. H. Tran, r. P. Beasley, and M. W. ross. 2013. “Condom negotiation and Use among Female Sex Workers in Phnom Penh, Cambodia.” *AIDS & Behavior* 17 (2): 612–622.
- 32- UnAIDS. 2013. “United nations AIDS report on the Global AIDS epidemic”.
- 33- Wong, M. L., K. W. r. Chan, and S. Wee. “Sex Workers’ Perspectives on Condom Use for oral Sex with Clients: A Qualitative Study.” *Health Education & Behavior*, 2000, 27 (4): 502–516.



- 34- 35-Choi.SY, Holroyd.E. The influence of power, poverty and agency in the negotiation of condom use for female sex workers in mainland China. Cult Health Sex. 2007 Sep-Oct;9(5):489-503.
- 35- Oliveira, V. C. Media communication and the Single Healthcare System, Interface \_ Comunicação, Saúde, Educação, v.4, n.7, p.71-80, 2000.
- 36- Li, L et al., Mass media and HIV/AIDS in China. Rev. J Health Commun., 2009 Jul-Aug;14(5):424-38.
- 37- Ngo, AD. et al., Health-seeking behaviour for sexually transmitted infections and HIV testing among female sex workers in Vietnam. AIDS Care, August 2007; 19(7): 878-887.
- 38- Xiao, Z. et al., Mass Media and HIV/AIDS Prevention Among Female Sex Workers in Beijing, China. Journal of Health Communication, 2015, 20:1095–1106.
- 39- Medley, A. et al., Effectiveness of Peer education interventions for Hiv Prevention in developing countries: a systematic review and meta-analysis. AIDS education and Prevention, 2009, 21(3), 181–206.
- 40- Gazinelli, et al. Práticas educativas grupais na atenção básica: padrões de interação entre profissionais, usuários e conhecimento, 2015, 49(2): 284-291.
- 41- Wang, B. et al., The Effect of a Structural Intervention for Syphilis Control Among 3597 Female Sex Workers: A Demonstration Study in South China. JID 2012.
- 42- Merhy, EE. **Saúde:** a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2002.
- 43- Sonia, et al., As tecnologias leves como geradoras de satisfação em usuários de uma unidade de saúde da família, 2007.
- 44- Sou, J. et al., Structural Determinants of Inconsistent Condom Use with Clients Among Migrant Sex Workers: Findings of Longitudinal Research in an Urban Canadian Setting. Sex Transm Dis. 2015 June; 42(6): 312–316.
- 45- Sanders, T. Campbell, R. Designing out vulnerability, building in respect: violence, safety and sex work policy. The British Journal of Sociology, 2007, (58).
- 46- Chiao, C. et al., Promoting HIV Testing and Condom Use Among Filipina Commercial Sex Workers: Findings from a Quasi-Experimental Intervention Study. AIDS Behav. 2009 October ; 13(5): 892–901.
- 47- Stevens, DR. et al., A Global Review of HIV Self-testing: Themes and Implications. AIDS Behav, 2017.
- 48- Cabral, et al., Itinerários terapêuticos: o estado da arte da produção científica no Brasil, 2011.
- 49- Gehardt. Itinerários terapêuticos em situações de pobreza: diversidade e pluralidade, 2006.
- 50- Guerrin, Rossoni e Bueno, Itinerários terapêuticos de usuários de medicamentos de uma unidade de Estratégia de Saúde da Família, 2012.

- 51- Bonadiman, POB. Machado, PS. Lopez, LC. Práticas de saúde entre prostitutas de segmentos populares da cidade de Santa Maria-Rs: o cuidado em rede. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 2012, 22(2): 779-801.
- 52- Minnaert e Freitas. Práticas de higiene em uma feira livre da cidade de Salvador (BA), 2010.
- 53- Giraldo, Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais, 2013.
- 54- Pogetto, MRBD. et al., Características de população de profissionais do sexo e sua associação com presença de doença sexualmente transmissível. *Rev Esc Enferm USP* 2012; 46(4):877-83.
- 55- Moreira, ICC. Monteiro, CFS. A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 2012, 20(5).
- 56- Sousa, FR. Entre o medo e a ousadia: Educando-se na prática da prostituição. *Revista Ártemis*, Vol. XVIII nº 1; jul-dez, 2014. pp. 61-68.
- 57- Lian, WM. Chan, R. Wee S. Sex Workers' Perspectives on Condom Use for Oral Sex With Clients: A Qualitative Study. *Health Education & Behavior*, 2000, 27(4): 502-516.

## ***10.2. Anexo B – Normas de publicação da revista***

### **10.2.1. A revista**

A revista *Ciência e Saúde Coletiva* foi criada ao final de 1966 e se configura em um espaço científico para discussões, debates, apresentação de pesquisas e exposição de novas ideias. Desde sua criação a revista cumpre requisitos de periodicidade e de normalização para publicação científica seguindo as regras da Convenção de Vancouver.

Atualmente está classificada na área “interdisciplinar” da Capes com a categoria B1. Cabe ressaltar que em 2016 o seu fator de impacto chegou a 0,780.

### **10.2.2. Seções da revista**

**Editorial:** de responsabilidade dos editores chefes ou dos editores convidados, deve ter no máximo 4.000 caracteres com espaço.

**Artigos Temáticos:** devem trazer resultados de pesquisas de natureza empírica, experimental, conceitual e de revisões sobre o assunto em pauta. Os textos de pesquisa não deverão ultrapassar os 40.000 caracteres.

**Artigos de Temas Livres:** devem ser de interesse para a saúde coletiva por livre apresentação dos autores através da página da revista. Devem ter as mesmas características dos artigos temáticos: máximo de 40.000 caracteres com espaço, resultarem de pesquisa e apresentarem análises e avaliações de tendências teórico-metodológicas e conceituais da área.

**Artigos de Revisão:** Devem ser textos baseados exclusivamente em fontes secundárias, submetidas a métodos de análises já teoricamente consagrados, temáticos ou de livre demanda, podendo alcançar até o máximo de 45.000 caracteres com espaço.

**Opinião:** texto que expresse posição qualificada de um ou vários autores ou entrevistas realizadas com especialistas no assunto em debate na revista; deve ter, no máximo, 20.000 caracteres com espaço.

**Resenhas:** análise crítica de livros relacionados ao campo temático da saúde coletiva, publicados nos últimos dois anos, cujo texto não deve ultrapassar 10.000 caracteres com espaço. Os autores da resenha devem incluir no início do texto a referência completa do livro. As referências citadas ao longo do texto devem seguir as mesmas regras dos artigos. No momento da submissão da resenha os autores devem inserir em anexo no sistema uma reprodução, em alta definição da capa do livro em formato jpeg.

**Cartas:** com apreciações e sugestões a respeito do que é publicado em números anteriores da revista (máximo de 4.000 caracteres com espaço).

Observação: O limite máximo de caracteres leva em conta os espaços e inclui texto e bibliografia. O resumo/abstract e as ilustrações (figuras e quadros) são considerados à parte.

### **10.2.3. Recomendações para apresentação de manuscritos**

1. Os originais podem ser escritos em português, espanhol, francês e inglês. Os textos em português e espanhol devem ter título, resumo e palavras-chave na língua original e em inglês. Os textos em francês e inglês devem ter título, resumo e palavras-chave na língua original e em português. Não serão aceitas notas de pé-de-página ou no final dos artigos.

2. Os textos têm de ser digitados em espaço duplo, na fonte Times New Roman, no corpo 12, margens de 2,5 cm, formato Word.

3. Os artigos publicados serão de propriedade da revista *C&SC*, ficando proibida a reprodução total ou parcial em qualquer meio de divulgação, impressa ou eletrônica, sem a prévia autorização dos editores-chefes da Revista. A publicação secundária deve indicar a fonte da publicação original.

4. Os artigos submetidos à *C&SC* não podem ser propostos simultaneamente para outros periódicos.

5. As questões éticas referentes às publicações de pesquisa com seres humanos são de inteira responsabilidade dos autores e devem estar em conformidade com os princípios contidos na Declaração de Helsinque da Associação Médica Mundial (1964, reformulada em 1975, 1983, 1989, 1989, 1996 e 2000).

6. Os artigos devem ser encaminhados com as autorizações para reproduzir material publicado anteriormente, para usar ilustrações que possam identificar pessoas e para transferir direitos de autor e outros documentos.

7. Os conceitos e opiniões expressos nos artigos, bem como a exatidão e a procedência das citações são de exclusiva responsabilidade dos autores.

8. Os textos são em geral (mas não necessariamente) divididos em seções com os títulos Introdução, Métodos, Resultados e Discussão, às vezes, sendo necessária a inclusão de subtítulos em algumas seções. Os títulos e subtítulos das seções não devem estar organizados com numeração progressiva, mas com recursos gráficos (caixa alta, recuo na margem etc.).

9. O título deve ter 120 caracteres com espaço e o resumo/abstract, com no máximo 1.400 caracteres com espaço (incluindo palavras-chave/key words), deve explicitar o objeto, os objetivos, a metodologia, a abordagem teórica e os resultados do estudo ou investigação. Logo abaixo do resumo os autores devem indicar até no máximo, cinco (5) palavras-chave. palavras-chave/key words. Chamamos a atenção para a importância da clareza e objetividade na redação do resumo, que certamente contribuirá no interesse do leitor pelo artigo, e das palavras-chave, que auxiliarão a indexação múltipla do artigo. As palavras-chaves na língua original e em inglês devem constar no DeCS/MeSH.

10. As pessoas designadas como autores devem ter participado na elaboração dos artigos de modo que possam assumir publicamente a responsabilidade pelo seu conteúdo. A qualificação como autor deve pressupor: a) a concepção e o delineamento ou a análise e interpretação dos dados, b) redação do artigo ou a sua revisão crítica, e c) aprovação da versão a ser publicada. As contribuições individuais de cada autor devem ser indicadas no final do texto, apenas pelas iniciais (ex. LMF trabalhou na concepção e na redação final e CMG, na pesquisa e na metodologia).

11. O limite de autores no início do artigo deve ser no máximo de oito. Os demais autores serão incluídos no final do artigo.

12. As referências devem ser numeradas de forma consecutiva de acordo com a ordem em que forem sendo citadas no texto. No caso de as referências serem de mais de dois autores, no corpo do texto deve ser citado apenas o nome do primeiro autor seguido da expressão *et al.*

13. As referências devem ser identificadas por números arábicos sobrescritos,

14. As referências citadas devem ser listadas ao final do artigo, em ordem numérica, seguindo as normas gerais dos *Requisitos uniformes para manuscritos apresentados a periódicos biomédicos*.

### 10.3. Anexo C – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS / UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA / CAMPUS



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Terapeutas populares e tecnologias em saúde no DF e região do entorno

**Pesquisador:** Sílvia Maria Ferreira Guimarães

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 34150214.9.0000.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Ciências Humanas/UNB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 783.155

**Data da Relatoria:** 29/08/2014

##### Apresentação do Projeto:

Nas cidades do Distrito Federal e seu entorno encontram-se em plena atividade parteiras, rezadeiras, benzedadeiras, raizeiros, farmacêuticos populares, fitoterapeutas, massoterapeutas, entre outros, atuando com um universo de pessoas que não se satisfazem com a exclusividade dos modos de operação da biomedicina. A proposta deste projeto é mapear as tecnologias terapêuticas para promoção, prevenção e cura em processos de saúde-doença desenvolvidos por terapeutas populares que atuam nas cidades em tela. Para tanto, será realizada uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico, que pretende realizar uma descrição densa da realidade social em estudo. Serão utilizadas como técnicas de pesquisa, entrevistas semi-estruturadas e observação participante. Será mantido um diário de campo com as atividades que serão desenvolvidas ao longo da pesquisa. Nesse sentido, este trabalho pretende analisar as práticas e representações vividas por terapeutas populares, como pensam e vivem essas práticas relativas ao cuidado com o corpo, terapêutica e as tecnologias que criam. Em um projeto anterior, foi possível mapear e compreender

Continuação do Parecer: 783.155

a maneira como, ainda, atuam esses terapeutas na região em questão. Tal projeto sinalizou que mulheres terapeutas populares que atuam como parteiras e raizeiras acabam por desenvolver atividades de promoção e prevenção da saúde da mulher e da criança. Por sua vez, homens raizeiros atuam mais ativamente na promoção e prevenção à saúde dos homens. Essa inserção desses terapeutas em redes de cuidado e com especificidades revelou dimensões do processo de saúde-adoecimento-cuidado em classes populares de suma importância na maneira como criam estratégias de cuidado, especialmente, em uma região como do entorno do Distrito Federal, o qual não conta com a presença do Estado e de muitas políticas públicas. Diante de tal quadro, este projeto pretende analisar as tecnologias de cuidado criadas neste universo popular.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

- Mapear tecnologias desenvolvidas por terapeutas populares quando estão atuando em processos de saúde-adoecimento na promoção, prevenção e cura dos sujeitos.

**Objetivo Secundário:**

- Compreender os regimes dos saberes tradicionais/populares de terapeutas operando em cidades e como esses permitem a criação de técnicas de cuidado.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Para diminuir com qualquer tipo de constrangimentos ou riscos que possam ocorrer, pretende-se realizar as entrevistas nos locais que as pessoas indicarem e observando o tempo indicado pelas mesmas.

**Benefícios:**

Analisar as terapêuticas populares de cuidado e como criam tecnologias criativas e alternativas e que ocorrem paralelamente com os serviços públicos de saúde

INSTITUTO DE CIENCIAS  
HUMANAS / UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA / CAMPUS



Continuação do Parecer: 783.155

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é uma continuidade do projeto desenvolvido com apoio do Edital Universal 14/2011 do CNPq.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

apresentou todos os termos

**Recomendações:**

não há

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

não há pendências

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

aprovado

BRASILIA, 08 de Setembro de 2014

---

Assinado por:  
Livia Barbosa  
(Coordenador)